

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUANNA FERNANDA DA CRUZ BACH

AQUILO QUE CORROMPE O CORPO TENDE A CONTAMINAR A ALMA:
UMA HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO ADVENTISTA NO BRASIL A PARTIR
DO DISCURSO DA REVISTA VIDA E SAÚDE (1939-2000)

CURITIBA

2024

LUANNA FERNANDA DA CRUZ BACH

AQUILO QUE CORROMPE O CORPO TENDE A CONTAMINAR A ALMA:
UMA HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO ADVENTISTA NO BRASIL A PARTIR
DO DISCURSO DA REVISTA VIDA E SAÚDE (1939-2000)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História, Setor de Ciências Humanas, da Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção
do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Bach, Luanna Fernanda da Cruz

Aquilo que corrompe o corpo tende a contaminar a alma : uma história da alimentação adventista no Brasil a partir do discurso da revista Vida e Saúde (1939-2000). / Luanna Fernanda da Cruz Bach. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Kosicki Bellotti.

1. Adventistas do Sétimo Dia - Alimentação - História. 2. Análise do discurso. 3. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 4. Revista Vida e Saúde. I. Bellotti, Karina Kosicki, 1978-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LUANNA FERNANDA DA CRUZ BACH** intitulada: ***Aquilo que corrompe o corpo tende a contaminar a alma: uma história da alimentação adventista no Brasil a partir do discurso da revista Vida e Saúde (1939-2000)***, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 03 de Setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica
03/09/2024 14:20:08.0
ANA PAULA VOSNE MARTINS
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
04/09/2024 11:59:39.0
MARIA CECILIA BARRETO AMORIM PILLA
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO
PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
05/09/2024 07:57:25.0
PATRICIA RODRIGUES DE SOUZA
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO)

Assinatura Eletrônica
04/09/2024 14:50:11.0
MAGALI DO NASCIMENTO CUNHA
Avaliador Externo (INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIAO)

Assinatura Eletrônica
04/09/2024 14:18:02.0
ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Cursar um doutorado requer abrir mão de algumas coisas muito caras ao nosso bem-estar físico e mental, especialmente no período de escrita. Ao longo desses 4 anos e meio, dormi mal inúmeras noites, seja pela tensão dos prazos ou pelos gatos espaçosos com os quais divido minha cama. Recorri a remédios para aliviar as dores nas costas ocasionadas pelas incontáveis horas sentada em frente ao computador, para a rinite que toda primavera me visita e para a ansiedade que despertou em mim nos últimos anos. Diminuí os momentos de lazer e de exercícios físicos. Abri mão do tempo com a família e amigos, perdi pessoas muito amadas, uma que por sinal era uma ótima cozinheira (nas minhas melhores memórias alimentares você é a protagonista, tia Nena) e meu querido vô Jair (uma cuia de chimarrão e um prato de pinhão nunca mais serão os mesmos sem você aqui).

Apesar de alguns contratemplos, uma pandemia e um governo negacionista, não cheguei ao final desse ciclo sozinha. Por isso gostaria de agradecer algumas pessoas importantes, das tantas que de alguma forma fizeram parte da minha vida nesses últimos anos, e que entenderam e respeitaram esse tempo de afastamento, de formação e de escrita.

Agradeço primeiramente aos meus familiares: minha mãe Lúcia, meu pai Luiz Dionizio e minha irmã Kamila. Obrigada por todo apoio, pelo afeto e cuidado que temos um com o outro na nossa família. Amo vocês!

À professora Karina pela parceria ao longo de quase uma década! Obrigada pelo conhecimento compartilhado e pelo profissionalismo em toda nossa jornada de orientação, desde a iniciação científica até a conclusão da presente tese.

Aos professores e professoras que contribuíram para o desenvolvimento e melhoria desta pesquisa (e de mim mesma como pesquisadora): Dra. Ana Paula Vosne Martins, Dra. Priscila Piazzentini Vieira, Dr. Marcos Gonçalves; além dos membros da banca de qualificação e defesa, Dra. Maria Cecília Barreto Amorim Pilla, Dr. Kevin Kossar, Dra. Magali do Nascimento Cunha, Dra. Patrícia Rodrigues de Souza e Dra. Roseli Boschilia.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro em boa parte do período de pós-graduação. À Secretaria do PPGHIS e a Universidade Federal do Paraná como um todo, na qual pude concluir, com qualidade e gratuitamente, toda minha formação

acadêmica. Agradeço também a equipe da Biblioteca Pública do Paraná pela manutenção e disponibilidade do vasto acervo de periódicos.

Agradeço à Beatriz, que mais do que uma grande amiga, é uma irmã de coração para mim. Um muito obrigada para as minhas parceiras de trabalho voluntário na Crazy Cat Gang, aos colegas da pós-graduação, em especial à Carol Gonzaga, e ao pessoal da Museologia pela paciência e torcida.

Agradeço ao Bruno por todo amor compartilhado nesses anos ao seu lado, seu apoio e incentivo foi fundamental para que eu conseguisse chegar até aqui. E, por fim, agradeço pela companhia zelosa dos felinos Tobias, Olga, Mimi, Onça e Zeca ao longo de todo o período de escrita deste trabalho. Sou feliz pela vida compartilhada com vocês!

RESUMO

O discurso adventista sobre saúde é um dos traços mais distintivos dessa denominação, estando presente desde sua institucionalização na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos. Como uma igreja que surge num contexto de transformações sociais e culturais específicas, a doutrina adventista é resultado de influências de outros movimentos que ganharam força a partir do final do século XVIII, como a reforma da saúde. Entre os elementos importantes dessa reforma que inspiraram o adventismo estava a alimentação saudável. Um mecanismo que já era amplamente utilizado por esses religiosos para divulgar suas crenças era a mídia impressa. Por isso, este foi o meio pelo qual começaram a promover sua mensagem de saúde. No Brasil, a partir de 1939 a Igreja Adventista, por meio da editora Casa Publicadora Brasileira, começa a publicar a revista Vida e Saúde. Sendo a revista mais longeva sobre o tema publicada no país, ela revela as características mais distintivas da mensagem adventista sobre estilo de vida saudável, mostrando como a denominação adaptou seu discurso sobre alimentação para o contexto brasileiro e também promoveu, de forma mais ampla, os chamados oito remédios naturais. Nossa tese se desenvolve a partir desse panorama, buscando compreender como Vida e Saúde divulgou, atualizou e adaptou o discurso sobre alimentação saudável para o Brasil do século XX. No primeiro capítulo, de caráter introdutório, fazemos uma revisão teórico-metodológica sobre a intersecção dos estudos históricos sobre alimentação, mídia e religião. No segundo, traçamos a rota do adventismo dos EUA ao Brasil, apresentando como ele se inseriu e se consolidou no país, bem como suas principais crenças em torno da mensagem da saúde. No terceiro capítulo, exploramos a relação entre o pecado e a transgressão presentes nos discursos religiosos cristãos, em especial no adventismo, e analisamos o discurso da revista sobre produtos intoxicantes, como o álcool e o fumo. No quarto capítulo, continuamos a análise da retórica intoxicante relacionada a alimentos como o açúcar, o café e a carne, mostrando como a revista buscou oferecer alternativas consideradas mais saudáveis ao público brasileiro. Por último, no quinto capítulo, apresentamos como esse discurso associou o ideal de alimentação saudável como parte de uma vida plena, mantendo um corpo e mente sãos, além da possibilidade de maior longevidade. Discutimos ainda o papel da revista na promoção dos produtos da empresa alimentícia adventista Superbom. Percebemos que o que está em jogo é a manutenção de uma identidade consolidada nos princípios religiosos estabelecidos desde o século XIX, pautando-se pela confiança inquestionável na bíblia e também nas interpretações da profetisa Ellen G. White. Investigamos quais foram as zonas de tensão, bem como as negociações estabelecidas com a cultura alimentar brasileira, buscando promover o estilo de vida saudável adventista, sem com isso declarar-se abertamente como uma revista religiosa. Argumentamos que o discurso sobre alimentação saudável promovido por meio de suas mídias impressas, em especial Vida e Saúde, se tornou o ponto de contato com o mundo para além de suas fronteiras denominacionais, uma vez que é promovido sem necessariamente declarar-se religioso.

Palavras-chave: alimentação saudável; reforma da saúde; mídia impressa; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Revista Vida e Saúde;

ABSTRACT

The Adventist discourse about health is one of the most distinctive features of this denomination, having been present since its institutionalization in the second half of the 19th century in the United States. As a church that emerged in a context of specific social and cultural transformations, the Adventist doctrine is the result of influences from other movements that gained strength from the end of the 18th century, such as health reform. Among the important elements of this reform that inspired Adventism was healthy eating. One mechanism that was already widely used by these religious to spread their beliefs was the printed media. Therefore, this was how they began to promote their health message. In Brazil, from 1939 onwards, the Adventist Church, through the publishing house Casa Publicadora Brasileira, released the magazine *Vida e Saúde*. As the longest-lived magazine on the subject published in the country, it reveals the most distinctive characteristics of the Adventist message about a healthy lifestyle, showing how the denomination adapted its discourse about food to the Brazilian context and also promoted, more broadly, the called eight natural remedies. Our thesis develops from this panorama, seeking to understand how *Vida e Saúde* disseminated, updated and adapted the discourse about healthy eating for 20th century Brazil. In the first chapter we make a theoretical-methodological review on the intersection of historical studies about food, media and religion. In the second, we trace the route of Adventism from the USA to Brazil, presenting how it entered and consolidated itself in the country, as well as its main beliefs around the health message. In the third chapter, we explore the relationship between sin and transgression present in Christian religious discourses, especially in Adventism, and we analyze the magazine's discourse on intoxicating products, such as alcohol and tobacco. In the fourth chapter, we continue the analysis of the intoxicating rhetoric related to foods such as sugar, coffee and meat, showing how the magazine sought to offer alternatives considered healthier to the Brazilian public. Finally, in the fifth chapter, we present how this discourse associated the ideal of healthy eating as part of a full life, maintaining a healthy body and mind, in addition to the possibility of greater longevity. We also discussed the magazine's role in promoting the products of the Adventist food company Superbom. We realize that what is at stake is the maintenance of an identity consolidated in the religious principles established since the 19th century, guided by unquestionable trust in the Bible and also in the interpretations of the prophetess Ellen G. White. We investigated the areas of tension, as well as the negotiations established with Brazilian food culture, seeking to promote the healthy Adventist lifestyle, without openly declaring itself a religious magazine. We argue that the discourse on healthy eating promoted through its printed media, especially *Vida e Saúde*, has become the point of contact with the world beyond its denominational boundaries, since it is promoted without necessarily declaring itself religious.

Keywords: healthy eating; health reform; printed media; Seventh-day Adventist Church; *Vida e Saúde* magazine.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Capa da edição de janeiro de 1939.....	93
FIGURA 02 - Capa da edição de junho de 1940.....	93
FIGURA 03 - Capa da edição de abril de 1958.....	93
FIGURA 04 - Capa da edição de janeiro de 1971.....	94
FIGURA 05 - Capa da edição de janeiro de 1976.....	94
FIGURA 06 - Capa da edição de outubro de 1983.....	95
FIGURA 07 - Capa da edição de janeiro de 1991.....	95
FIGURA 08 - Ilustração da matéria “O Alcoolismo”.....	137
FIGURA 09 - Ilustração da matéria “O Álcool Como Nosso Inimigo”.....	141
FIGURA 10 - Ilustrações da matéria “A Batalha da Garrafa”.....	146
FIGURA 11 - Fotografia da matéria “A Batalha da Garrafa”.....	146
FIGURA 12 - Ilustração da matéria “O papel do lar na recuperação do alcoólatra”....	148
FIGURA 13 - Ilustração da matéria “O papel do lar na recuperação do alcoólatra”....	148
FIGURA 14 - Ilustração da matéria “Perturbações da digestão”.....	151
FIGURA 15 - Propaganda do livro “O Fumo e o Câncer do Pulmão”.....	155
FIGURA 16 - Propaganda da Cevada Superbom.....	173
FIGURA 17 - Ilustração do texto “Quando Joãozinho Comeu Demais”.....	179
FIGURA 18 - Capa da edição de janeiro de 1979.....	185
FIGURA 19 - Anúncio da Sojinha Superbom em Vida e Saúde.....	233
FIGURA 20 - Anúncio da Sojinha Superbom em Vida e Saúde.....	233
FIGURA 21 - Anúncio da “Vege-Sup” Superbom em Vida e Saúde.....	245
FIGURA 22 - Divulgação do <i>Trofeo Alimentación</i> recebido pela Superbom.....	249
FIGURA 23 - Anúncio da <i>New Life</i> na revista Vida e Saúde.....	253
FIGURA 24 - Anúncio da <i>New Life</i> na revista Vida e Saúde.....	253
FIGURA 25 - Propaganda da Superbom em Vida e Saúde.....	254
FIGURA 26 - Propaganda da Superbom em Vida e Saúde.....	254
FIGURA 27 - Propaganda da Superbom em Vida e Saúde.....	255
FIGURA 28 - Propaganda da Superbom em Vida e Saúde.....	257
FIGURA 29 - Propaganda da Superbom em Vida e Saúde.....	257
FIGURA 30 - Propaganda da Superbom em Vida e Saúde.....	258
FIGURA 31 - Propaganda da Superbom em Vida e Saúde.....	258
FIGURA 32 - Detalhe da matéria “Salada química”	265

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Alimentação e religião: uma perspectiva cultural.....	23
1.2 Relações entre mídia, religião e adventismo.....	33
1.3 Da estrutura.....	48
2. ADVENTISMO DOS EUA AO BRASIL.....	51
2.1 Do movimento millerita à Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	52
2.2 Da reforma da Saúde à <i>Ciência do Bom Viver</i>	68
2.3 A revista Vida e Saúde: em prol de uma vida sã e feliz.....	88
3. ENTRE O CUIDADO E A TRANSGRESSÃO.....	102
3.1 “Conhece-te a ti mesmo”: do pecado ao cuidado.....	104
3.2 Os oito remédios naturais e a alimentação saudável.....	117
3.3 A batalha da garrafa e do fumo	133
4. PECADOS CONTRA O ESTÔMAGO.....	157
4.1 A droga do cafezinho.....	159
4.2 O lado amargo do açúcar.....	174
4.3 Cuidado: esta carne pode matar!.....	193
5. PARA ADQUIRIR SAÚDE E GOZAR FELICIDADE.....	213
5.1 O Novo Maná para as donas de casa.....	217
5.2 Alegria e boa disposição com produtos Superbom!.....	239
5.3 Perseverantes obtêm recompensa.....	268
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	293
FONTES.....	297
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	303
ANEXO I - Tabela 1: Corpo editorial da revista Vida e Saúde.....	311
ANEXO II - Tabela 2: Dados sobre as edições de 1939 à 2000.....	318
ANEXO III - Ficha de batismo.....	347

1. INTRODUÇÃO

O regime vegetarianista não é uma novidade nem uma velharia. É com essa chamada que o médico adventista Galdino Nunes Vieira¹ abre uma matéria publicada na revista Vida e Saúde em janeiro de 1967, na qual argumenta que a alimentação de seu tempo se tornou “tóxica e não racional”, por conta de um “apetite depravado”, o que resultaria em doenças que antes não existiam ou eram casos isolados. O marco temporal para a transformação da alimentação é, de acordo com Nunes, o século XIX: “data dessa época a invasão violenta dos excitantes na mesa dos glutões. O café e as bebidas alcoólicas acompanhavam os pratos de aspecto apetitoso e condimentos esquisitos que, ao lado da carne deprava o apetite e conduz à intoxicação” (NUNES, 1967, p. 15).

Todos os elementos que compõem o conteúdo da matéria convergem para ilustrar a doutrina dietética adventista, que defende uma alimentação saudável como parte do programa de cuidados com o corpo e a mente representado pelos “oito remédios naturais”², são eles: alimentação saudável, ingestão regular de água, respiração de ar puro, exposição regular à luz solar, prática de exercícios físicos, fazer repouso, exercer a temperança e confiança em Deus. Abordaremos o assunto com maior atenção mais adiante. O marco temporal sugerido por Nunes também não é por acaso. O século XIX representou um período de transformação social, econômica, política e cultural sem precedentes, ao menos para o Ocidente. Diversos foram os grupos religiosos que surgiram nesse contexto³, acreditando que o fim do mundo estava próximo e que os adventos da modernidade eram prova disso. Em relação aos costumes alimentares, de fato há uma grande mudança em consequência das transformações da vida moderna no âmbito público e privado. Os alimentos

¹ Galdino Vieira Nunes (1896-1983) foi um médico adventista brasileiro que contribuiu para a difusão da mensagem da saúde promovida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Converteu-se ao adventismo já adulto, na década de 1930. Atuou como redator e supervisor médico da revista Vida e Saúde entre 1942 e 1973 (com algumas lacunas nesse intervalo temporal) e trabalhou ativamente nas instituições de educação e de saúde adventistas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Na matéria em questão, ele é identificado pelo editorial da revista como “Supervisor médico de Vida e Saúde, Gastrenterologista em Pôrto Alegre [sic]”. Trabalhou até o final de sua vida em torno da publicação de livros e artigos sobre os mais diversos temas. Veio a falecer em 31 de outubro de 1983. Essas e outras informações biográficas de Galdino Vieira Nunes podem ser consultadas em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGR8&lang=pt>. Acesso em: 05/05/2023.

² Para saber mais: <https://www.adventistas.org/pt/saude/8-remedios-naturais/>. Acesso em: 06/05/2023.

³ Para além dos adventistas, podemos citar também os mórmons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), em 1830, e as Testemunhas de Jeová, na década de 1870.

“excitantes” citados pelo autor passam a estar cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas; alguns desses acarretando, também, problemas sociais e de saúde. Nesse contexto é que surgem sociedades em prol da temperança, campanhas pela abstinência de álcool e em prol do vegetarianismo que, alinhadas à tendência cientificista da época, começam a desenvolver estudos que sustentam seus argumentos.

Trazendo dados produzidos pela Sociedade Vegetariana de Paris, mas garantindo que esta não era uma iniciativa isolada, Nunes reafirma os benefícios do regime vegetariano em detrimento daqueles regados a carnes e temperos, se bem planejado e pautado nas pesquisas científicas, utilizando um exemplo aplicado durante a Segunda Guerra Mundial. A dieta analisada, proposta pelo governo francês, chamou atenção pela ausência de produtos de origem animal, além do baixo índice de gordura - restrições forçadas muito mais pelo cenário de guerra do que pela intenção de promover uma reforma alimentar. Ainda assim, Galdino Nunes aproveita para evocar os pontos positivos demonstrados pela precária situação imposta: “a lição que se pode tirar desta experiência de guerra é que, podendo usar leite, ôvo⁴, queijo, castanhas e leguminosas, o cardápio vegetariano se torna perfeitamente exequível nos tempos normais” (NUNES, 1967, p. 15).

A defesa de uma reforma alimentar é presente ao longo de toda publicação do periódico adventista, em circulação até os dias atuais, condenando o “regime cárneo” e promovendo os benefícios presentes nos “bens da Natureza”. No artigo em questão, Galdino Vieira aponta uma contradição, já adiantada em sua chamada, afirmando que “o que coloca o vegetarianismo na pauta de antiguidade ou velharia é o mesmo fator que o situa como modernismo: o espírito apressado de quem não estuda a fundo o assunto” (idem, p. 14). Como uma religião fortemente pautada no estudo da Bíblia, mas que também instrumentaliza a ciência para a construção de narrativas para explicar suas doutrinas, não é de se estranhar o interesse do autor em buscar referenciais teóricos desde a antiguidade para desenvolver sua argumentação.

Os “médicos do passado”, como chama Nunes, teriam estabelecido os pilares da filosofia alimentar que influenciaram os médicos dos séculos XIX e XX, pois “chegaram à conclusão de que para curar certas doenças era preciso proibir a carne

⁴ Ao longo do presente trabalho, todas as citações diretas retiradas da revista serão reproduzidas conforme a grafia original.

e estabelecer um regime vegetariano atóxico e equilibrado” (idem, p. 15). Isso, de fato, não era uma novidade. A retórica cristã cedeu as bases para a condenação dos exageros e abusos mundanos por parte dos discursos higienista e cientificista dos séculos XIX e XX, que revelaram, entre outros dados, “a prodigiosa quantidade de bactérias patogênicas que pululam no aparelho digestivo do homem que come carne” (idem, p. 15). O que ocorre, a partir da Idade Moderna, é a transformação de uma condenação religiosa em um problema moral e ético.

O interesse pela intersecção alimentação e religião remete ao início de minha vida acadêmica. Os dois temas já eram bastante instigantes logo quando entrei no curso de História da UFPR, em 2013. Conhecer o universo da pesquisa, ainda tão novo para mim, pelas iniciações científicas de colegas, em conjunto com interesses e escolhas pessoais, me fizeram elaborar um projeto de monografia para a disciplina de Metodologia que propunha analisar a alimentação vegetariana dos Hare Krishna. O trabalho acabou não indo adiante por diversos fatores, entre eles a inconsistência das fontes elencadas por mim (alguns poucos livretos vendidos pelo grupo religioso), além de um incerto trabalho de campo e/ou História oral, metodologias às quais nunca tinha trabalhado e pouco conhecia. Eis que a professora Karina Kosicki Bellotti me sugeriu olhar com atenção para as publicações adventistas, as quais tinham uma enorme potencialidade e diversidade de problemáticas a serem questionadas.

Inicialmente, fui para o campo dos estudos de gênero e sexualidade, temas que protagonizaram minhas pesquisas de graduação e de mestrado. Mas a latência da alimentação e do “estilo de vida saudável” exaustivamente referenciado nos periódicos adventistas foram fermento para a elaboração do projeto de doutorado que, após muitos ajustes, resulta agora na pesquisa apresentada, ainda em produção. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa é compreender como se constituiu uma cultura alimentar adventista em contexto brasileiro a partir do periódico Vida e Saúde, levando em consideração as especificidades e os costumes nacionais e regionais, distintos daqueles aos quais os princípios alimentares adventistas foram inicialmente fundamentados - no caso, o contexto estadunidense do século XIX. A análise do discurso estabelecido sobre o tema, com suas continuidades e pontos de discordância, nos auxilia a entender como a mensagem de saúde adventista foi adaptada para o público brasileiro ao longo das décadas.

Além disso, buscamos investigar o que está em jogo na narrativa sobre alimentação para o adventismo, além de esmiuçar os pilares do estilo de vida adventista, conhecidos como os oito remédios naturais, dedicando especial atenção à alimentação saudável. Entendemos que a cultura de um grupo se constitui a partir de suas práticas e discursos, e que estes dois aspectos se complementam, mas tendo cada um funções e características específicas. Portanto, neste caso, analisaremos o discurso sobre alimentação saudável na revista conscientes de suas limitações, mas focalizando em suas potencialidades enquanto fonte histórica. Pretendemos lançar luz ao modo como esse discurso foi construído, alterado, discutido ao longo do tempo, buscando refletir um modo de vida idealizado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia aos seus fiéis que, quiçá, poderia agregar novos adeptos ao estilo de vida e à religião adventista.

A relação entre alimentação e religião é bastante próxima. Desde o tabu, sacrifício ou jejum, as religiões são permeadas pela cultura alimentar. Como salienta Meneses e Carneiro (1997, p. 43), “a própria expressão do religioso se faz comumente por intermédio dos fenômenos alimentares”, e isso é bastante presente no adventismo, uma vez que entre suas características mais distintivas em relação a outras denominações cristãs, estão suas orientações acerca dos hábitos alimentares, em conjunto com o discurso apocalíptico e a guarda do sábado como dia santo. Ao passo que se distinguem por suas interdições, isso se torna um fator identitário dessa religião. Essa afirmativa será, inclusive, norteadora ao longo de todo o trabalho, pois uma de nossas hipóteses é que, na contemporaneidade, o discurso sobre estilo de vida saudável torna-se cada vez mais um elemento central da identidade adventista, ao mesmo tempo que faz da alimentação saudável seu ponto de contato com o “mundo secular”.

Outra hipótese levantada é em relação a uma visão positiva da experiência religiosa por meio dos oito remédios naturais. Na narrativa religiosa cristã é comum nos depararmos com o discurso acerca dos sete pecados capitais, muito enfatizado pelo catolicismo. A ideia de “dominar a própria carne” por meio da moderação alimentar ou até mesmo do jejum foi reforçada pela retórica cristã por séculos, e como aponta Pilla (2018), isso se reproduziu de forma muito específica nos manuais de civilidade entre os séculos XVI e XX. De acordo com o historiador Florent Quellier (2011, p. 17), Evágrio do Ponto (séc. IV d. C) (em algumas literaturas, Pôntico) foi

aquele que primeiro elencou os “oito vícios ou maus pensamentos utilizados pelo diabo” para direcionar as pessoas à perdição. Dentre eles, os mais perigosos eram aqueles chamados “pecados da carne” - a gula e a luxúria. Contra as tentações humanas, o remédio era a privação e a abstinência, um autocontrole rigoroso para não se deixar cair em tentação. Desse modo, podemos notar uma ênfase negativa na experiência humana, invariavelmente pecadora.

Apesar dos pecados carnis terem passado por uma transformação em seu sentido ao longo dos séculos, especialmente a partir da Renascença (séc. XIV-XVI d. C.), ainda sim recai um peso negativo sobre eles. A retórica cristã acerca do pecado, da violação das regras de Deus e da natureza decaída do ser humano aparece de forma bastante enfática nos escritos de Ellen G. White (1827-1915), considerada um importante referencial teológico para os adventistas. Para alcançar o equilíbrio e o bem-estar, White elabora os oito remédios naturais, que seriam verdadeiros presentes de Deus oferecidos à humanidade por meio da Natureza. Para se beneficiar desses remédios, eles exigiriam uma vontade própria de cada sujeito. Portanto, nos perguntamos, esta seria uma forma de positivar a experiência humana e o controle sobre o próprio corpo? Percebemos, numa reflexão ainda inicial, que se utilizando desses bens da natureza, o indivíduo deixa de ser um pecador e torna-se um servo do Senhor, zelando pelo templo de Deus que é seu próprio corpo. O que o coloca à prova não é a tentação em pecar, mas sim a vontade de agradar a Deus. Ainda assim, devemos ter em perspectiva que adotam um controle dos corpos (seja por parte da igreja, seja por parte do próprio sujeito) que se guia pela observância bíblica e pelos conselhos de Ellen G. White.

Em trabalhos já produzidos sobre a noção acerca dos cuidados com o corpo e a alimentação adventista, percebemos que “mesmo que a dimensão religiosa seja evocada, a ideia de um disciplinamento dos corpos por meio do exercício do poder institucional dá espaço a uma forma de vida, a uma prática de si, a uma postura ética e moral refletida nos cuidados de si” (BACH, 2024, p. 252). À luz do pensamento de Foucault, notamos de antemão que os oito remédios naturais refletem um “privilégio-dever, um dom-obrigação” (FOUCAULT, 1985, p. 53) do indivíduo em relação à manutenção de um estilo de vida saudável. Por isso, exploraremos mais adiante essa relação dúbia entre o pecado e o poder, discutindo a partir da análise das fontes como o cuidado com o corpo sob a perspectiva adventista se relaciona com as noções de

poder pastoral e cuidado de si elaborada desde a Antiguidade, ressignificada ao longo dos séculos pelo pensamento religioso cristão.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia surge em 1863 nos Estados Unidos, fruto dos movimentos de reavivamento religioso que iniciaram na primeira metade deste mesmo século. Importantes relações também foram estabelecidas com outros movimentos que ganham força ou surgem no período do século XIX, como o de Reforma da Saúde, em prol da temperança e pela abstinência de álcool, os quais foram fundamentais para a formação da doutrina adventista. Abordaremos essas relações de forma mais aprofundada no próximo capítulo. No Brasil, a Igreja Adventista do Sétimo Dia chega ao final do XIX e logo inaugura uma editora, a Casa Publicadora Brasileira, no ano de 1900. Isso porque a principal ferramenta evangelizadora adventista eram as publicações impressas, e necessitava-se de material em língua portuguesa para auxiliar a empreitada missionária no país. Suas primeiras publicações foram livros religiosos, algumas traduções de livros de autoria de Ellen G. White, e o periódico *O Arauto da Verdade* (1900), seguido da *Revista Adventista*⁵ (1906).

Em análise da revista *Anuário das Senhoras* durante o período do Estado Novo brasileiro, Pilla (2016) mostra que o estilo de vida saudável era o ideal pregado pelos periódicos voltados às mulheres na época, uma vez que “as colunas, os anúncios e artigos traduziam padrões de comportamento, saúde e beleza desejados”, e ao lado de anúncios diversos “estavam conselhos úteis sobre o acondicionamento de alimentos, o exercício e a dieta visando a uma vida mais saudável” (idem, p. 382). A tendência em promover por meio da mídia impressa esses novos comportamentos e costumes em torno do cuidado com o corpo e com o lar era motivada por diversos fatores. Tanto por influência cultural, mas sobretudo por que, como afirma Bellotti (2020a, p. 496), esse discurso buscava alinhar-se “ao princípio da educação sanitária em curso no Estado Novo – levar ao povo as informações necessárias para o cuidado com o corpo, a prevenção de doenças por meio de hábitos de higiene e de boa alimentação, a adesão às vacinas, dentre outras medidas”.

⁵ Lançada em 1906 pela Casa Publicadora Brasileira e em circulação até os dias atuais. Trata-se de um periódico voltado prioritariamente ao público já iniciado na religião, uma leitura de mundo própria aos adventistas, além de dados informativos e estatísticos da Igreja Adventista do Sétimo Dia Brasil afora. Alguns pesquisadores como Furtado (2014) defendem que ela possui um perfil teológico-doutrinário-jornalístico, o que faria dela uma revista voltada a um público mais amplo do que somente os já iniciados.

Desse modo, podemos concluir que a Casa Publicadora Brasileira encontrou terreno fértil para lançar um periódico sobre saúde, não declaradamente voltado ao público feminino⁶, nem exclusivamente para o campo médico como as demais revistas até então em circulação, mas visando promover um estilo de vida saudável a um público diverso, carente de informações básicas sobre saúde e higiene, de acordo com os ideais pregados pela doutrina religiosa adventista desde o século XIX. Valores estes que também estavam em confluência com as demandas sociais e políticas do período. Na análise de Bellotti,

Tratou-se de um alinhamento estratégico – ao defender os princípios higiênicos do poder dominante, e da classe médica que possuía autoridade no campo da saúde, os adventistas, uma minoria religiosa, estariam em ‘boa companhia’, sem apresentar contestações nem desafios a quem pudesse lhe ameaçar. Isso se confirma nos exemplares da revista até mesmo após o período do Estado Novo. Mas também segue um ideal presente desde as primeiras revistas de saúde adventistas do século XIX e nas mensagens de saúde divulgadas por Ellen G. White em seus livros (BELLOTTI, 2020a, p. 494).

Apesar de politicamente conturbado, o discurso evocado pelo Estado Novo brasileiro era de desenvolvimento social e econômico, de modernização nacional, urbanização e industrialização. É nesse cenário que a Casa Publicadora Brasileira aposta no lançamento de Vida e Saúde, em 1939⁷, visando um público mais amplo do que a Revista Adventista, que em nossa interpretação era voltada a um público já iniciado na religião. Levando em consideração que o periódico brasileiro foi inspirado na *Life and Health*⁸ estadunidense, além de ser voltada ao público familiar e a todos aqueles que se interessassem pelo tema da saúde, isso pode ser compreendido como uma aposta para se diferenciar das “revistas femininas” contemporâneas a ela. E apesar de no início muitas das matérias serem importadas de textos produzidos pelos adventistas norte-americanos, gradativamente a revista vai se “abrasileirando”, contando cada vez mais com um corpo editorial nacional.

⁶ Ao menos até a década de 1980, como já demonstramos em estudos anteriores (BACH, 2016), revista Vida e Saúde mesmo que não nichada como uma revista para o público feminino, direciona boa parte de seu discurso para as mulheres, uma vez que elas eram as responsáveis pela gestão da infraestrutura da vida familiar, seja o alimentar, o cuidar, o vestir, o zelar.

⁷ Anteriormente, houve uma tentativa por parte da CPB de lançar um periódico voltado ao tema da saúde em 1914, chamado Saúde e Vida, sobre o qual não há muitos registros e se desconhece os motivos pelos quais foi descontinuado (BELLOTTI, 2020a, p. 490).

⁸ A *Life and Health* é uma revista sobre saúde publicada a partir de 1904 pela editora adventista estadunidense, a *Review and Herald Publishing Association*. Ela foi produzida como uma continuidade do periódico *Pacific Health Journal and Temperance Advocate*, em circulação desde 1885.

Sendo assim, para a produção da presente pesquisa, tomaremos como fonte principal revista Vida e Saúde, periódico produzido pela editora adventista Casa Publicadora Brasileira desde 1939 e em produção até os dias atuais, o que a torna a revista sobre saúde mais antiga ainda em circulação no país. Entendemos que a revista possibilita uma leitura diferenciada em relação aos livros sobre alimentação saudável produzidos pelos adventistas, uma vez que por conta do próprio formato, facilita a circulação de seus ideais sobre alimentação a um público mais amplo. Além dela, tomaremos como fontes auxiliares os escritos produzidos pela escritora Ellen G. White e alguns escritos pontuais produzidos pelos adventistas ainda no século XIX e início do século XX para elucidar algumas questões relacionadas ao estilo de vida saudável e à própria institucionalização do movimento adventista. Nosso objetivo é apresentar o amplo panorama que contribuiu para a consolidação de um estilo de vida saudável propriamente adventista, com ênfase na alimentação saudável, e que tem na mídia impressa seu principal meio de sistematização, divulgação e transformação.

Trabalhar com um periódico de tamanha longevidade tal qual Vida e Saúde requer traçar uma estratégia metodológica específica para que se possa dar conta do montante de fontes e possibilidades de caminhos, de forma quantitativa e qualitativa. Acessar um grande número de edições da revista ao longo das suas oito décadas de publicação só foi possível por meio do acervo de periódicos da Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Lá, estão salvaguardadas mais de 500 edições da revista Vida e Saúde, além de outros periódicos adventistas disponíveis para pesquisa local. Todas as edições de Vida e Saúde foram encadernadas - algumas por ano, outras acumulando biênios (em caso de anos com déficit de edições). A primeira edição da revista disponível na BPP é a de janeiro de 1940. Entre as décadas de 1950 e 2000, quase todas as edições foram preservadas. A partir do ano 2000, a revista não tem mais regularidade no acervo da BPP, possuindo diversas lacunas entre os exemplares de Vida e Saúde. Em relação às edições da revista do ano de 1939, elas foram compartilhadas para a pesquisa pela orientadora do presente trabalho, Karina Kosicki Bellotti, as quais foram consultadas em visita ao acervo de periódicos adventistas em Engenheiro Coelho-SP.

Apesar da Casa Publicadora Brasileira disponibilizar uma parcela de edições da revista em acervo digital próprio⁹, optamos por limitar nosso recorte temporal até o

⁹ De 2007 a 2022. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/vs>. Acesso em: 26/07/2024.

ano 2000 por dois motivos principais: o primeiro é a lacuna imposta pelos acervos disponíveis para a consulta, uma vez que tínhamos um déficit de cerca de 6 anos, o que equivale a cerca de 72 edições sequenciais. Devido ao cenário pandêmico no qual a pesquisa decorreu em seus dois primeiros anos, também não foi possível realizar visita a outros acervos físicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como a UNASP em Engenheiro Coelho-SP ou então a sede de sua editora, em Tatuí-SP. O outro motivo diz respeito à própria transformação da relação dos sujeitos com as mídias. A passagem do século XX para XXI foi marcada pelo advento e popularização da internet no Brasil, o que ressignificou a forma como as pessoas interagem com as tecnologias em um mundo cada vez mais globalizado.

Conforme elucidado por Carvalho (2006), apesar dos esforços governamentais ao longo da década de 1990 para a implementação e regulação da internet no Brasil, foi apenas na passagem desta década para os anos 2000 que ela engrenou, não sem o investimento do terceiro setor, e “seguiu seu caminho rumo à popularização [...] à medida que começou a ser assunto de TV, jornais e revistas” (idem, p. 124). Evidentemente, isso não quer dizer que se abdicou completamente das tecnologias de comunicação anteriores, mas que nesse contexto elas passaram a disputar espaço com as mídias digitais. Analisando a trajetória de Vida e Saúde, além do programa de TV iniciado em 2009 (disponível também em canal próprio no Youtube¹⁰), ela também se desdobrou em um portal da internet¹¹ e está presente nas principais redes sociais, como *Facebook*¹² e *Instagram*¹³. Apesar de replicarem parte das discussões presentes nas edições impressas, esses canais também produzem seus próprios conteúdos, expandindo assim os assuntos e, por conseguinte, o alcance da mensagem sobre estilo de vida saudável. Devemos considerar ainda que, para além da expansão da *marca* Vida e Saúde, houve uma alteração na forma como as pessoas acessam as informações, que com a internet trouxe certa autonomia dos sujeitos para buscar aquilo que os interessa.

Ainda assim, nosso recorte comporta um período extenso de mais de seis décadas. Para dar conta do montante, primeiramente fizemos a digitalização de todas as revistas que comportam o recorte temporal da pesquisa por meio de aplicativo de

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/@VidaSaudeNT>. Acesso em: 26/07/2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.revistavidaesaude.com.br/home/>. Acesso em: 26/07/2024.

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/vidaesaudecpb/>. Acesso em: 26/07/2024.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/vidaesaudecpb/>. Acesso em: 26/07/2024.

celular (*Tiny Scanner*). A ideia inicial era de registrar digitalmente apenas o conteúdo relacionado à alimentação. Mas para aproveitar o tempo dedicado nas inúmeras visitas à Biblioteca, optamos por digitalizar o conteúdo na íntegra, para poder futuramente consultar informações pertinentes e relevantes, mas que não necessariamente seriam encontradas apenas nas matérias temáticas (como sumário, textos de apresentação, ficha técnica, tiragem, entre outros). É importante reforçar que não pretendemos trabalhar na avaliação da recepção do público, ou mesmo alcance do periódico. Contudo, essas são informações relevantes e que podem ser melhor estudadas futuramente, seja por nós ou por outras(os) pesquisadoras(es).

Voltando ao levantamento das fontes, essa primeira etapa da pesquisa resultou em 49 volumes¹⁴ em PDF (*Portable Document Format*), cada um correspondendo a um volume físico de encadernação da revista (anual ou bienal), totalizando cerca de 15 mil páginas. À primeira vista pode ser espantosa a enorme quantidade de material a ser analisado. Contudo, durante o processo de pesquisa e digitalização, foi possível observar de antemão alguns dos interesses editoriais e também mudanças ao longo dos anos. Por exemplo, a questão da saúde mental, que se torna mais latente na década de 1980 em relação a períodos anteriores. O mesmo pode ser observado em relação à sexualidade, tema já trabalhado em pesquisas anteriores (BACH, 2016). Ao olhar em sua totalidade as publicações, é notável como o assunto vai se tornando relevante e, em muitas edições central, ao analisar as edições a partir da década de 1970. Desse modo, o processo de cópias das fontes, por mais que exaustivo, contribuiu para um panorama geral de temáticas e tendências em Vida e Saúde.

Em relação à alimentação saudável, este se mostrou um assunto prioritário na revista desde a primeira edição. Como veremos mais adiante, os cuidados relacionados à saúde, com ênfase à saúde física, sempre foi um tema central nos periódicos adventistas sobre saúde no século XX, e uma das principais preocupações em relação à doutrina adventista como um todo desde sua sistematização. Desse modo, falar sobre saúde é falar também sobre alimentação saudável, um dos oito remédios naturais essenciais para a preservação do corpo e da mente. É importante salientar que neste trabalho analisamos a cultura alimentar adventista a partir das representações e dos discursos apresentados na mídia impressa produzida pela

¹⁴ Além disso, também temos algumas edições físicas disponíveis para consulta que foram adquiridas em sebos, e as edições de 1939 que não estão computadas neste acervo referente à BPP.

Igreja Adventista do Sétimo Dia, em especial na revista Vida e Saúde, desde o início de sua publicação ao início do século XXI.

Sendo assim, a partir da digitalização das fontes, já conseguimos mapear alguns eixos temáticos em torno da alimentação e do estilo de vida saudável, que nortearam a organização dos capítulos do presente trabalho, que se guiam pelos binarismos entre os pecados e as virtudes em torno da alimentação; os alimentos permitidos e proibidos pela retórica cristã; o intoxicante e o revigorante ao corpo e ao espírito. Dessa forma, separamos as matérias em grandes grupos, dos quais foram selecionadas as matérias mais relevantes para a discussão e estrutura argumentativa: café e estimulantes; açúcar e mel; regime vegetariano; regime cárneo; proteínas; soja; receitas vegetarianas; identidade adventista; diversos. Nesta última categoria, listamos matérias que não necessariamente se enquadraram nas categorias anteriores, mas que se mostravam relevantes e poderiam ser utilizadas ao longo da pesquisa, tais quais “Combinação (boa e má) dos alimentos” (edição de agosto 1958) ou então “Gorduras: mitos e verdades” (edição de maio de 1988).

Percebemos ao longo da pesquisa que a alimentação saudável proposta na revista, partindo de uma perspectiva adventista não declarada explicitamente, defende uma dieta vegetariana e com uma série de restrições que partem de um modelo importado dos Estados Unidos, sob influência direta da reforma da saúde do século XIX. Contudo, essa dieta, que integra um estilo de vida saudável que visa um cuidado com o corpo e o espírito, precisava ser adaptada a um contexto alimentar específico, que é o contexto brasileiro do século XX. Nosso interesse é saber até que ponto o editorial da revista conseguiu elaborar adaptações, quais os atritos emergidos e as negociações possíveis em meio a um cenário tão diverso, tal qual a alimentação brasileira. Tomando como exemplo a carne, que se consumida moderadamente pode ser entendida como um alimento saudável, além de ser um símbolo de status, uma vez que seu alto custo é sempre reforçado em Vida e Saúde, como convencer os leitores da revista do contrário?

Nossa hipótese central é que, por meio de Vida e Saúde, a Igreja Adventista do Sétimo Dia conseguiu emplacar o tema da alimentação saudável como o principal ponto de contato com a cultura não-adventista no Brasil, promovendo seu estilo de vida saudável estabelecido ainda no século XIX, mas que foi transformado, adaptado e ressignificado ao longo do século XX através de sua mídia impressa. A partir dela,

os adventistas elaboraram um modo de vida ideal, este que pode ser identificado por meio da análise de fontes escritas produzidas pela denominação ao longo do tempo, uma vez que se difere das experiências vivenciadas pelos seus adeptos. Pretendemos com isso entender como o adventismo se apresenta à sociedade por meio da revista, ainda que de forma velada, e visualiza nos princípios sobre alimentação saudável um fator identitário muito importante, este que não apenas dá sentido à experiência religiosa para aqueles já pertencentes à denominação, mas que também pode aproximar outros públicos à doutrina adventista. Mensagem essa que se fortalece ao longo do século XXI com as novas mídias e a dinamização da circulação de informações, além do crescimento do interesse das pessoas no campo da relação entre alimentação, saúde e bem-estar.

É necessário dizer também que quando falamos em *adventismo*, estamos nos referindo especificamente àquele praticado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Temos ciência de que o movimento adventista oitocentista não se reduziu, posteriormente, somente à IASD. E nem mesmo ela se manteve centralizada e coesa a ponto de não gerar dissidências e rupturas institucionais ao longo do tempo. Desse modo, o Adventismo enquanto movimento religioso é composto não apenas pela IASD, mas também por outras denominações¹⁵. Contudo, como bem observado por Schünemann (2001, p. 03) ele “tem na Igreja Adventista do Sétimo Dia seu eixo principal, do qual diversos movimentos surgiram e que só podem ser compreendidos à luz da compreensão da IASD”. Desse modo, reforçamos, toda e qualquer menção ao adventismo ao longo desta pesquisa se refere exclusivamente à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Tendo apresentado o objeto central da nossa pesquisa, bem como os objetivos e hipóteses iniciais, seguimos agora para a apresentação das balizas teórico-metodológicas que guiam o presente trabalho que, como vimos, intersecciona alimentação e religião sob uma perspectiva cultural, além de explorar a relação entre mídia e religião na construção de uma identidade propriamente adventista no Brasil.

¹⁵ Como por exemplo, a Igreja Adventista da Promessa, Igreja Adventista do Sétimo Dia - Movimento de Reforma e Igreja de Deus do Sétimo Dia.

1.1 Alimentação e religião: uma perspectiva cultural

No campo historiográfico, nossa pesquisa se enquadra dentro da alçada da História Cultural, isso por que ela tem como objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002a, p. 16-17). Nesse campo de estudos, como mostra Dominique Julia, as religiões deixaram de ser algo inquestionável, intocável ou inexplicável, afinal de contas, o simples fato de se colocar a religião como objeto de pesquisa científica “já constitui uma confissão de que esta deixou de fundamentar a sociedade, significa defini-la como uma representação, tratá-la como um produto cultural despojado de todo privilégio de verdade com relação aos outros produtos” (JULIA, 1976, p. 117).

Ao pesquisar o universo religioso, Sérgio da Matta (2010) adverte que devemos buscar fazer uma historiografia reflexiva e crítica, sem com isso pretender “dizer às pessoas em quê e sequer se elas devem crer” (idem, p. 18). Em contrapartida, devemos também abdicar de uma análise pautada em juízos de valor ou de fé. Partindo da perspectiva de Bellotti, enquanto historiadoras e historiadores das religiões, devemos voltar nosso olhar não apenas para as instituições religiosas, “mas também considerar que o fenômeno religioso há muito ultrapassou os muros físicos e simbólicos de tais instituições” (BELLOTTI, 2011, p. 29-30). Desse modo, a historiadora alerta sobre a necessidade de ampliarmos nossa visão sobre conceitos que permeiam o universo religioso, buscando contemplar a diversidade cultural em um contexto global, e com isso, repensamos “valores éticos e morais ocidentais e não ocidentais à luz de novos dilemas, tais como as violências de gênero, religiosas, étnicas e a discussão sobre o conceito de tolerância no âmbito religioso e secular” (idem, p. 24).

Ao analisar a alimentação adventista e seus desdobramentos em contexto e no cenário religioso brasileiro, partimos portanto de uma perspectiva cultural. Nesse sentido, é importante aprofundarmos nossa noção sobre os conceitos de cultura e identidade, e como estes interagem com os estudos sobre alimentação, religiões e mídia na contemporaneidade. Queremos com isso analisar a Igreja Adventista do Sétimo Dia e sua doutrina religiosa partindo de um rigor teórico-metodológico, esforçando-se em apresentar uma análise crítica que contribua para estudos sobre

alimentação, mídia e adventismo futuras no campo da História, dialogando com outras áreas de estudos afins.

Em relação ao termo cultura, seus usos atualmente são bastante diversos, mas conforme mostrado por autores como Raymond Williams (2003, p. 87-88), a palavra cultura era inicialmente empregada em associação à natureza, paralela à noção de cultivar. Ao longo do tempo, o conceito foi “metaforizado”, agregando também o sentido de civilidade e em referência àquilo que é culto (idem, p. 90). Mas foi somente a partir do século XIX que se passou a falar de cultura de maneira autônoma. Ainda assim, cada área de estudo interpreta e instrumentaliza o conceito de cultura a seu modo. Encarando o termo como uma relação entre o material e o simbólico, Williams (2003, p. 91) elenca três categorias distintas de uso, e pensando em nosso objeto de pesquisa, ele melhor se enquadra no sentido mais recente: como um modo de vida determinado de um povo. Ou mais detalhadamente, como “todo um modo de vida material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, 2001, p. 15, tradução nossa).

Como falamos de antemão, cultura não se limita em apenas um sentido de aplicação. Na perspectiva do teórico Gordon Mathews (2002), a definição “modo de vida de um povo” utilizada sobretudo por antropólogos, apesar de ser eficaz em alguns contextos, é insuficiente uma vez que estamos inseridos em um contexto de globalização, no qual as fronteiras culturais encontram-se cada vez mais tênues. O argumento central de Mathews é que essa definição antropológica deve ser atualizada para “as informações e identidades disponíveis no supermercado cultural global” (MATHEWS, 2002, p. 15). Desse modo, conforme já analisado em trabalhos anteriores sobre a relação entre cultura e identidade, o que Gordon Mathews sugere é que nesse contexto de globalização “o que forma a cultura não são apenas as práticas, hábitos, costumes de um povo expresso na figura de uma nação, mas também aquilo que se formula a partir do que se encontra disponível e circulando no supermercado cultural” (BACH, 2022, p. 88).

Nesse sentido, as identidades culturais seriam formadas por uma convergência de influências que circulam em nível global. O autor, nesse quesito, nos convida a pensar em “até que ponto, de fato, a cultura determina o comportamento individual e até que ponto os indivíduos estão livres para usar a cultura para seus próprios objetivos?” (MATHEWS, 2002, p. 18). Na tentativa de responder à sua própria indagação, Mathews reconhece que as identidades do supermercado cultural global

se encontram muitas vezes em conflito com a força identitária nacional, mas não é por isso que elas estão menos condicionadas a influências diversas, incluindo aqui a cultura midiática. De fato, como aponta Mathews, “não há nenhuma sociedade no mundo hoje que escape do conflito entre Estado e mercado na moldagem do ‘modo de vida’ dos cidadãos” (idem, p. 35).

Para Stuart Hall, importante teórico dos estudos culturais britânicos, quando colocamos a cultura como enfoque central, consideramos que ela é substantiva e possui um peso epistemológico. Substantiva porque acolhemos seu lugar na “estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular” (HALL, 1997, p. 16), e seu peso epistemológico no que se refere à sua posição “em relação às questões de conhecimento e conceitualização” (idem), diz respeito a como a noção de cultura “é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo” (idem).

Sendo assim, centralizar a cultura em nossa análise é reconhecer que ela “penetra em cada recanto da vida social contemporânea” (idem, p. 22), se espalha pelos mais diversos âmbitos da vida e atua como mediadora das mais diversas relações. De acordo com Hall, ela age “na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social” (idem, p. 23-24). Tanto Hall quanto Mathews alertam para a necessidade de se pensar a cultura no plural, não apenas no singular, como algo único, universal e indivisível (MATHEWS, 2002, p.17-18). Ainda assim, dentro de cada cultura há singularidades e aspectos enraizados, “há padrões discretos de cognição, valores e comportamentos que os membros de cada um desses grupos compartilham entre si em contraste com os membros de outros grupos” (idem, p. 19).

No caso dos grupos religiosos isso é bastante evidente, uma vez que mesmo dentro das grandes tradições religiosas, como é o caso do Cristianismo, cada denominação constitui uma cultura e uma identidade próprias. No processo de formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, podemos notar que há aspectos e padrões muito específicos que fazem parte de sua identidade cultural e que a distingue das demais denominações cristãs, apesar de cultivarem uma mesma matriz comum. Assim, a identidade cultural abarca concepções individuais e coletivas, pois trata-se

tanto de “como o eu se concebe e se rotula” (idem, p. 47), quanto “a quem uma pessoa sente-se ser em comum com outras” (idem).

Uma reflexão interessante feita por Mathews diz respeito aos níveis de formação cultural do eu, que seriam três: (1) aquilo que é aceito sem questionamento, podendo se equiparar ao conceito de *habitus* forjado por Bourdieu; (2) o nível do “não há como evitar”, do qual temos certa consciência; e o (3) nível mais superficial que seriam nossas escolhas no supermercado cultural global, no qual teríamos maior autonomia de escolha. Em relação a este terceiro e último nível, Mathews argumenta que essas escolhas, apesar de parecerem livres, são condicionadas a referenciais sólidos na vida dos sujeitos, como classe, gênero, religião, etnia, entre outros fatores.

Ao refletir sobre essa proposta analítica de Mathews, nos questionamos onde a religião estaria inserida (BACH, 2022). No caso de sujeitos que nascem em uma família vinculada a uma crença específica, seu pertencimento estará comumente condicionado à ideia de que “Deus escolheu este caminho para mim” (MATHEWS, 2002, p. 44). Mas considerando o contexto de globalização a partir do final do século XX, no qual o trânsito religioso está cada vez mais acentuado, esse mesmo argumento poderia ser aplicado em associação às escolhas no supermercado cultural global. Tentamos agora aplicar essas reflexões ao movimento adventista, o qual, assim como diversas outras denominações religiosas, é formada tanto por pessoas nascidas na religião, como adeptos posteriores.

Ao pensarmos a cultura adventista a partir das reflexões feitas até aqui, podemos percebê-la tanto como o modo de vida de um grupo, como também condicionada às escolhas dentro do supermercado cultural e material. Isso porque todas as dimensões da vida passam pelo relacionamento do sujeito com o mundo e com aquilo no qual se acredita. A alimentação saudável é, para muitos, uma livre escolha dentro do supermercado cultural e material global. Mas, na ótica adventista, está condicionada a algo além de uma simples opção nas prateleiras dos costumes. Ainda que seja uma escolha individual, o cuidado com o corpo, com a saúde e com a alimentação está condicionado à ideia de agradar a Deus e manter-se de acordo com os princípios religiosos (BACH, 2022, p. 90).

A alimentação saudável é, inclusive, um aspecto compartilhado com a cultura de forma mais ampla e não exclusivamente adventista. Tanto que Vida e Saúde se mostra como um periódico não necessariamente religioso, fazendo pouquíssimas menções ao adventismo, à Igreja Adventista do Sétimo Dia e ao próprio cristianismo de forma mais ampla e direta. Ela se volta a toda a sociedade, uma vez que o estilo de vida saudável é cada vez mais um tema de interesse geral. Desse modo, ela se

configura como a “porta de entrada” das publicações produzidas pela Casa Publicadora Brasileira e para a doutrina adventista também.

No que diz respeito à alimentação adventista como objeto de pesquisa na História, os registros são escassos. Em outras áreas, cumpre citar o trabalho de dissertação na área de Ciências Sociais de Sandra Pacheco (2001), intitulado “Alimentação e religião: A influência da orientação religiosa na formação de hábitos alimentares de Adventistas do Sétimo Dia”, que tem por objetivo analisar as implicações das condições de classe social no tocante às práticas religiosas e hábitos alimentares, com foco na Igreja Adventista do Sétimo Dia; a dissertação de mestrado profissional em Teologia, “A influência da religião na formação dos hábitos alimentares: estudo do Adventismo do Sétimo Dia”, de Karla Campelo (2014), voltado mais à questão nutricional; a dissertação de mestrado em Ciências da Religião de Cleyton Ribeiro de Souza (2018), na qual o autor a faz uma análise da filosofia religiosa e um resgate histórico da empresa alimentícia *Superbom*, pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil; e, por fim, cito também a dissertação de mestrado em Ciências Sociais Aplicadas de Kevin Willian Kossar Furtado, intitulada “Representações escatológico - sabático - dietéticas de jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia”, de 2014, que analisa como um grupo de jovens adventista, inseridos em um contexto específico, interpretam as três mensagens centrais da doutrina adventista (em relação à escatologia apocalíptica, à guarda do sábado e à dieta alimentar).

Outros trabalhos foram localizados na área de saúde e nutrição, que procuram estabelecer paralelos entre a dieta alimentar adventista e o suprimento ou não de nutrientes essenciais, além de outras questões relacionadas ao fator biológico da alimentação¹⁶, o que não é o foco do presente projeto. O que todos esses trabalhos acima citados têm em comum é o fato de seus autores partirem de uma perspectiva interna à crença religiosa. Apresentar o ponto de vista do qual a pesquisa parte é fundamental para entender os interesses, bem como compreender os resultados de sua análise, os pontos de vista tomados, bem como a relação do(a) pesquisador(a)

¹⁶ Podemos citar aqui os trabalhos de CEOLIN, et al. (2012) intitulado “Avaliação do estado nutricional e hábitos alimentares de pré-escolares e escolares da escola modelo do Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP”; NOGUEIRA (2014), “Padrões alimentares, saúde e sustentabilidade na comunidade adventista”; FERREIRA, et al. (2011), “Estilo de vida entre brasileiros Adventistas do Sétimo Dia”; e SOUSA (2022), “Determinantes sociais da saúde e os oito remédios naturais: estudo piloto sobre as determinações sociais de hábitos saudáveis em adventistas do sétimo dia”.

com o próprio objeto, sem com isso abdicar da seriedade e do rigor teórico-metodológico que um trabalho acadêmico exige.

Apesar das subjetividades inerentes à qualquer pesquisa, como bem elucidado por Furtado (2014, p. 17), é necessário saber dosá-la no exercício de pesquisa acadêmica. Emprestando as palavras de Pierucci, devemos assim submeter-se “a um esforço de objetivação reflexiva sem complacência” (PIERUCCI, apud. FURTADO, 2014, p. 17), mas também sem levantar teorias infundadas e ofensivas. Como pesquisadora não-religiosa, mas que se interessa e respeita profundamente a diversidade religiosa, pretendo aqui apresentar uma análise comprometida com a teoria e a metodologia da História, sem negligenciar completamente as subjetividades que carrego em minha trajetória acadêmica e, de forma mais ampla, de vida.

Sendo assim, temos por objetivo preencher essa lacuna nos estudos sobre adventismo e alimentação nas ciências humanas, fator tão importante da cultura e identidade adventista, mas que pouco foi investigado, em particular pelo olhar da História. Para além dos fatores biológicos, filosóficos ou econômicos, cabe fazer um profundo estudo a partir de um enfoque cultural, um olhar que de acordo com Meneses e Carneiro, “não ignora a necessidade física da alimentação, mas desloca decisivamente a atenção dos alimentos para as formas de prepará-lo e, sobretudo, consumi-los como espaços de articulação de sentidos, valores, mentalidades, etc” (MENESES; CARNEIRO, 1997, p. 17).

A alimentação e os diversos desdobramentos que ela implica veio a se tornar objeto de estudo histórico a partir da chamada Escola dos *Annales*, particularmente a partir de sua segunda geração, com Fernand Braudel. Antes disso ela já suscitava o interesse de áreas das ciências sociais, como a antropologia, a arqueologia e a geografia. Esses estudos enfocavam questões como o consumo, a divisão social do trabalho doméstico e as identidades nacionais e regionais (MENESES; CARNEIRO, 1997). Apenas entre as décadas de 1960 e 1970 é que há uma institucionalização de um campo especializado em alimentação dentro da História. A partir daí, reivindica-se uma história a partir da cultura material e do que Braudel chama de “infra-história”, que trata de questões que fazem parte da “infraestrutura” da vida, como a alimentação, o vestuário e a habitação (idem, p. 29).

Massimo Montanari, que junto a Jean-Louis Flandrin organizou a volumosa coletânea *História da Alimentação* em 1996, afirma que “a alimentação e a mesa são,

em geral, espaços privilegiados em que se manifestam as particularidades culturais, as reivindicações nacionais e as querelas religiosas” (MONTANARI, 1998, p. 238). Para o autor, no tocante aos hábitos religiosos, o ato de “abençoar os alimentos com o sinal de sua fé é conferir-lhes uma identidade precisa e impedir que outros os consumam” (idem). A comensalidade, o ato de comer junto, conviver à mesa, é um exercício que envolve fatores culturais e sociais da alimentação, para além do biológico. A dinâmica em torno das práticas alimentares auxilia na compreensão do cotidiano, das hierarquias e das relações de poder, pois como salientado por Woortmann (1985, p. 03), “os hábitos de comer nos permitem entender diferentes dimensões da cultura”, uma vez que “a comida é uma ‘coisa’ que, para além de sua materialidade, fala da família, do corpo e de relações sociais” (idem, p. 04). Desse modo, a mesa torna-se um espaço – físico e simbólico – de comensalidade e também de cultivo de princípios morais e religiosos.

No campo dos estudos históricos brasileiro, a História da Alimentação passou a ser evocada com maior entusiasmo a partir da década de 1990. Antes disso, algumas obras pontuais foram publicadas tendo por foco principal a alimentação “tipicamente brasileira” ou a dinâmica sócio-econômica em torno de alimentos específicos, como é o caso da obra “Açúcar”, de Gilberto Freyre, publicada em 1933. Cumpre aqui destacar o livro “História da Alimentação no Brasil”, do historiador e antropólogo Câmara Cascudo, publicado em 1967 e considerado a obra mais completa sobre o tema, que já considera em alguns aspectos a dimensão cultural da alimentação.

Após quase três décadas, alguns trabalhos importantes e pioneiros são produzidos, inaugurando de vez o campo da História da Alimentação do Brasil. Em 1992, o historiador Carlos Roberto Antunes dos Santos apresentou a tese de livre docência para o Departamento de História na Universidade Federal do Paraná intitulada “Alimentar o Paraná Província” e em 1995 lançou o livro “História da Alimentação no Paraná”. Outro pesquisador que contribuiu para o estabelecimento desse campo de estudos foi o historiador e professor da Universidade de São Paulo Henrique Carneiro. Entre suas obras, cabe citar “Comida e Sociedade: uma história da alimentação”, lançado em 2003, e o artigo publicado nos Anais do Museu Paulista em 1997 em parceria com o professor Ulpiano Meneses, intitulado “A História da

Alimentação: balizas historiográficas”, no qual fazem um amplo levantamento acerca do estado da arte dos estudos sobre alimentação na História.

Passados alguns anos, o historiador Carlos Antunes manifesta grande otimismo com relação aos estudos sobre história da alimentação no Brasil, além do crescente interesse editorial no assunto, tanto para publicações originais quanto traduções de clássicos estrangeiros (SANTOS, 2005, p. 11). Porém, ainda hoje está longe de ser um tema dominante ou mesmo de destaque dentro dos estudos históricos. Refletindo sobre o papel da alimentação, que vai muito além do ato biológico, mas adentra ao campo econômico e está enraizado no plano social e cultural, Antunes ressalta ainda que:

Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais, como espelho de uma época e que marcaram uma época. Desta forma, uma comunidade pode manifestar na comida emoções, sistemas de pertinências, significados, relações sociais e sua identidade coletiva. Se a comida é uma forma de comunicação, assim como a fala, ela pode contar histórias e pode se constituir como narrativa da memória social de uma comunidade. Nesse sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come. Enfim, este é o lugar da alimentação na História (SANTOS, 2011, p. 108).

Inclinado a uma análise da alimentação partindo da perspectiva cultural, Antunes dos Santos afirma que esses estudos se assentam sobre uma “Santa Aliança”, que se reflete na tríade memória, tradição e identidade, “fazendo com que a comida seja constitutiva da identidade de um grupo, que se mantém viva nas tradições e na memória” (SANTOS, 2011, p. 110). Portanto, a alimentação é um ato cultural, faz parte de um sistema simbólico que dá significado a uma experiência para além dela, como é o caso religioso.

Como vimos, os hábitos e práticas alimentares são elementos que contribuem como formadores de identidades culturais. Quando a alimentação é permeada por características específicas do grupo ao qual a consome, ela se torna, de acordo com Maria Eunice Maciel (2004, p. 36), “símbolo de uma identidade (atribuída e reivindicada)”, por meio da qual aquele determinado grupo pode se orientar ou se distinguir. Para a historiadora, “mais que hábitos e comportamentos alimentares, as cozinhas implicam formas de perceber e expressar um determinado ‘modo’ ou ‘estilo’ de vida que se quer particular a um determinado grupo” (idem). Sendo assim, o alimento não supre apenas as necessidades fisiológicas, ele *alimenta* uma forma de

viver. Essa visão da alimentação *nutrindo* um modo de vida é bastante presente no adventismo, que possui uma série de recomendações em torno dos hábitos alimentares voltadas não apenas aos seus adeptos, mas a qualquer pessoa que tenha interesse em cultivar um estilo de vida mais saudável, incluindo aqui os leitores de Vida e Saúde. Entre as características norteadoras da dieta adventista, está a defesa de um regime vegetariano, que inclui o consumo moderado de ovos, leite e seus derivados.

De acordo com Azevedo, o vegetarianismo é originário da tradição filosófica indiana, sendo também registrado entre algumas correntes budistas há cerca de 5.000 anos. Durante a antiguidade clássica ele é importado pelo Ocidente. Azevedo comenta que o filósofo Pitágoras já na Grécia antiga estabeleceu “uma doutrina que incluía a imortalidade da alma e impunha a seus seguidores a proposta do vegetarianismo, opondo-se ao *status quo* da época que incluía o culto ao corpo e à força física, através da abundância alimentar e do alto consumo de carnes” (AZEVEDO, 2013, p. 282). Como bem observa Braga (2018), o vegetarianismo conquista o Ocidente somente no século XIX, quando se estabeleceu essa nomenclatura para aquilo que já vinha sendo cultivado por milênios nas culturas não-ocidentais com a criação da *Vegetarian Society*, cuja organização “teve como órgão de difusão das suas ideias o *The Vegetarian Messenger*, periódico em que muitos artigos enfatizaram os benefícios morais e espirituais de abstenção do consumo de carne” (idem, p. 660).

O debate em torno do vegetarianismo é introduzido no Brasil no início do século XX, sob influência europeia, em especial portuguesa, uma vez que os periódicos editados em terras lusitanas se disseminaram no Brasil como porta-vozes do vegetarianismo, como é o caso de *O Vegetariano* e *Almanaque Vegetariano* (idem, p. 663). Em 1913, surge a Sociedade Naturista Brasileira, importante organização na difusão do vegetarianismo no Brasil. Desse modo, o adventismo encontrou um terreno fértil para a promoção do seu estilo de vida saudável, com respaldo de diversos setores da sociedade, de intelectuais a médicos-higienistas, os quais integravam sociedades em prol do vegetarianismo. Vale mencionar que no Brasil, o debate sobre a dieta vegetariana ganhou novo fôlego a partir dos anos 1960, comumente associada aos grupos hippies e aos “novos movimentos religiosos”, como os Hare Krishna. Atualmente, os debates acerca do vegetarianismo agregam discussões que vão

desde as perspectivas socioambientais até algumas correntes feministas (idem, AZEVEDO, 2013, p. 283).

No que diz respeito à adesão à dieta vegetariana pelos adventistas, cumpre destacar que ela foi influenciada pelos ideais de reforma da saúde que circulavam no contexto estadunidense da primeira metade do século XIX, a qual foi adotada e amplamente difundida por Ellen G. White (1827-1915) e também por outras figuras importantes no adventismo, como Joseph Bates (1792-1872). Seus escritos sobre a reforma da saúde e alimentação saudável serviram de inspiração para a instituição da dieta vegetariana pela Igreja Adventista do Sétimo Dia como uma recomendação denominacional, defendida até os dias atuais pelos adventistas, além de ser uma das características culturais mais distintivas do adventismo. A apresentação do contexto de formação do movimento adventista e sua adesão à reforma da saúde será feita de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

Desde o início de sua publicação em 1939, há na Vida e Saúde uma ampla divulgação de informações sobre vitaminas, dietas “naturais”, alimentos e seus modos de preparo, sempre vislumbrando uma alimentação saudável. Diversos artigos são dedicados a informar sobre as propriedades nutricionais e vitamínicas de frutas, verduras, legumes, cereais e diversos outros alimentos. Mesmo tendo muito conteúdo importado de sua versão estadunidense, especialmente nas primeiras décadas de publicação, a revista busca adaptar-se ao contexto local e trazer informações sobre alimentos consumidos amplamente em território brasileiro, como o feijão, e também de alimentos populares a nível nacional, como é o caso do cará, da mandioca e da banana. Em contrapartida, dedicam-se em divulgar aos leitores e leitoras as desvantagens que o consumo de certos produtos pode acarretar, como o caso do tabaco, do álcool e das carnes. Nesse último item, especificamente, se encontra um grande dilema adventista no contexto brasileiro.

Como já observado por Woortmann (1985), Maciel (2004), Silva (2005) e tantos outros pesquisadores e pesquisadoras da alimentação, o consumo de carne constitui uma das bases da cultura alimentar brasileira. Para citar apenas um exemplo, um dos pratos mais populares do país, que de norte a sul se encontra, é a feijoada – que leva em seu feitiço uma boa quantidade de carnes cozidas junto ao feijão. Tantos outros pratos considerados representantes da alimentação a nível regional e nacional levam a carne como item indispensável. Logo, um dos pratos cotidianos dos brasileiros e

brasileiras é também composto por um alimento rejeitado pela dieta alimentar desse grupo religioso. Apesar do não consumo de carne ser uma recomendação, o desafio colocado aos adventistas é como contornar algumas contradições, não apenas no discurso proferido dentro da igreja, mas também em seus mais diversos materiais de mídia.

Portanto, procuro observar nas edições da revista Vida e Saúde e em outros materiais de mídia impressa como esse grupo religioso procurou adaptar suas recomendações dietéticas à cultura alimentar brasileira ao longo do século XX, em especial a partir da publicação deste periódico, buscando valorizar alimentos amplamente consumidos no país e maneiras de contornar aqueles que são considerados impróprios para consumo, como é o caso da carne, do café e do açúcar. Sendo uma revista destinada não apenas para o público adventista, seu discurso procura atenuar o trato de temas como o consumo de carne, colocando na balança os problemas acarretados por ela. Juntamente a isso, trazem opções alternativas em prol de uma alimentação mais saudável, pautando-se por uma dieta vegetariana e igualmente nutritiva àquelas permeadas pelo consumo de carne. Além disso, promovem alimentos como o mel e a soja, orientando sobre sua versatilidade e valor nutricional.

1.2 Relações entre mídia, religião e adventismo

A relação mídia e religião têm sido investigada de forma crítica desde pelo menos a década de 1980 no contexto brasileiro, tendo como um marco relevante a pesquisa do teólogo Hugo Assmann, “A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina” de 1986. Posteriormente, observamos o interesse em investigá-la nas áreas das Ciências Sociais, Comunicação e Ciências da Religião, com importantes trabalhos produzidos por Leonildo Silveira Campos, “Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus” de 1996; por Alexandre Brasil Fonseca, “Os Evangélicos e a Mídia no Brasil”, de 1997; e Magali do Nascimento Cunha, “Vinho novo em odres velhos. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil” de 2004, para citar apenas alguns exemplos. Contudo, trata-se de um campo ainda pouco investigado pela História. Por isso, o embasamento teórico-metodológico desta parte da pesquisa é bastante

interdisciplinar, visando estabelecer alguns parâmetros para a pesquisa histórica dessa relação.

Quando falamos em *mídia* com enfoque no âmbito religioso, a entendemos tal qual Bellotti (2010, p. 29) como um conjunto de fatores que envolve a produção, a difusão e a recepção pelos mais diversos meios, desdobrando-se em mídia impressa, audiovisual, digital e mídia alternativa, esta que abarca toda a cultura material produzida dentro e fora da institucionalidade denominacional, e com o intuito de transmitir a mensagem religiosa de forma proselitista ou não. É importante dizer que nosso objetivo aqui é refletir sobre a relação entre mídia, religião e identidade cultural partindo de uma reflexão crítica, para além da visão da mídia apenas como dominadora ou libertadora. Desse modo, entendemos as religiões como “representações culturais que aspiram à universalidade e são determinadas por aqueles que as elaboram e não são neutras, pois impõem, justificam, legitimam projetos, regras, condutas etc” (SILVA, 2011, p. 227). Eliane Moura ressalta que uma análise partindo da perspectiva cultural das práticas religiosas tem como compromisso “procurar entender a formação da categoria generalizante ‘a religião’ como um código cultural com sentidos variados” (Idem, p. 226), além de investigar dentro do universo religioso as “mediações, empréstimos, cruzamentos, difusões, hibridações e mestiçagens” (idem).

Apresentamos no tópico anterior o conceito de cultura e de supermercado cultural global. Dentro dessa dinâmica, está inserida a cultura da mídia. Para o teórico Douglas Kellner (2001, p. 11), a cultura em si demanda um alto grau de participação, modelando “os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade”. No caso da cultura da mídia, trata-se de um fenômeno mais recente, mas que se faz presente na vida cotidiana das pessoas de forma cada vez mais acentuada, seja por meio do rádio, da televisão, das revistas, dos jornais, do cinema, da música, das redes sociais e dos meios de comunicação de forma geral. Assim, a cultura da mídia se mostra também como uma importante fonte de informações sobre como as pessoas modelam suas identidades culturais. Como enfatiza Kellner, esses meios têm uma pedagogia cultural própria, contribuindo “para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar - e o que não” (idem, p. 10).

Entende-se, portanto, que a mídia se tornou um importante meio pelo qual os sujeitos forjam suas identidades culturais e são, de certo modo, educados. Para melhor compreender essa relação, Kellner tem por objetivos promover uma abordagem que seja crítica, ampla e multidimensional da cultura midiática. Uma crítica feita por ele é que, inicialmente, os trabalhos que versavam sobre o estudo das mídias e suas interrelações a encaravam como um instrumento de manipulação e dominação, partindo da visão “de que os meios de comunicação constituem forças onipotentes de controle social que impõem uma ideologia dominante monolítica a suas vítimas” (idem, p. 12). Em oposição a esses trabalhos, surgiram aqueles que encaram a mídia como espaço de resistência, com objetivo único e exclusivo de lutar contra essa suposta dominação.

Na visão de Kellner, a cultura da mídia é muito mais complexa do que esse binômio dominação-resistência, pois trata-se de um espaço de construção de significados, de discursos e de representações diversas. Ao passo que sustenta alguns valores e representações específicas, ela é reconfigurada dentro de cada grupo particular, consistindo em um terreno de disputas. Desse modo, cultura midiática interage com a formação de identidades, e no caso das identidades religiosas, está cada vez mais presente na adesão de sentido à vida religiosa e na formação de religiosidades, transformando o modo de ser, de se comunicar e de divulgar as religiões (idem, p. 13).

No caso da mídia impressa - que engloba os jornais, revistas, almanaques, panfletos, publicações periódicas das mais diversas - ela possui um grande potencial para entendermos diversas relações sociais, observar discursos oficiais e dissidentes, estabelecer modelos e padrões impostos a determinados grupos. Isso porque, como vimos, as mídias se configuram como um importante meio de interação social e cultural na modernidade. De acordo com o teórico da comunicação Stewart Hoover, “das mídias provém o rico simbolismo, cultura visual, contextos e práticas mais relevantes de participação social e identidade, e oportunidades de fazer e refazer identidades e relacionamentos sociais para ajustar padrões de ideias e de ação em evolução” (HOOVER, 2014, p. 51).

Nesse sentido, Hoover (2014, p. 42) enfatiza o papel das mídias como “fonte de informação sobre as religiões, sobre as tendências religiosas e sobre as ideias religiosas”. Para o comunicólogo, as interações cada vez mais intensas entre mídia e

religião estão trazendo mudanças para ambos os lados. Quando as religiões se apropriam das mídias, mais do que apenas um suporte, elas aderem sentido a experiência religiosa, e por esse motivo são “um indicador de mudança religiosa e espiritual e articulada em tendências religiosas e espirituais - transformando a religião por meio dessas interações e também sendo transformada por esse relacionamento” (Idem, p. 48).

Portanto, para além de encarar os estudos de mídia e religião como a análise da “mídia produzida por grupo religioso, ou indivíduo religioso com propósitos religiosos” (BELLOTTI, 2011, p. 20), pode-se também nos levar a pensar sobre as maneiras pelas quais os grupos religiosos “compreendem o papel da comunicação e de que forma se relacionam com sua produção e até seu controle” (idem). Aqui, assim como Bellotti, buscamos compreender como as religiões vêm incorporando as mídias em suas práticas e discursos, ainda que, em alguns casos, os marcadores religiosos não se façam presente de forma tão evidente.

Assimilando e processando essas interações a seu modo, de acordo com suas vivências, essa matriz religiosa plural vem, de forma crescente, produzindo suas expressões religiosas nos mais diversos canais de mídia, configurando-se um espaço de mediação e transformação do universo religioso. Com isso, buscamos superar a visão funcionalista e dominadora da relação entre mídia e religião, pois essas abordagens, como já indicado por Cunha (2016, p. 04), “não dão conta do sentido, do valor e do lugar da comunicação na prática dos grupos religiosos, nem das mudanças na natureza da comunicação religiosa que os meios produziam nas igrejas” (idem). Pretendemos, portanto, entender como a mídia é incorporada ao universo religioso e instrumentalizada a fim de divulgar sua mensagem e estabelecer um ponto de diálogo para além dos muros denominacionais.

Desse modo, é necessário olhar para além dos *usos* das mídias por parte das religiões, nesse caso pelo adventismo, mas principalmente, como através dela se promove o sentimento de pertencimento, a coesão, a manutenção do discurso religioso e a formação de uma identidade ligada ao estilo de vida saudável que estaria ao alcance de qualquer pessoa que estivesse determinada a conquistá-lo. É fundamental entender como a mídia aqui se configura como um instrumento evangelizador e transmissor de ideias, modelos e práticas. Follis e Cunha enfatizam que através da mídia o movimento vislumbra uma “forma de chegar até onde não se

poderia ir de outra forma” e para divulgar suas crenças, “é preciso mais do que um meio, é preciso todos os meios” (FOLLIS; CUNHA, 2010, p. 65-66). Com isso, as mídias se tornam uma rica fonte de investigação sobre o movimento adventista e sua visão de mundo. Ainda que alguns trabalhos foram e vêm sendo desenvolvidos sobre adventismo a partir das mídias, e particularmente as impressas, existem muitos temas pouco abordados e até mesmo inexplorados dentro desse universo religioso.

Ao analisar a mídia impressa produzida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, conseguimos perceber como a cultura da mídia, nas palavras de Kellner, “molda a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se vêem e vêem os outros e como constroem sua própria identidade” (KELLNER, 2001, p. 10). Isso porque, apesar da relação entre mídia e religião no adventismo abarcar as produções feitas fora da lógica institucional, a igreja ainda prevalece como a grande produtora de conteúdo midiático adventista. Como já visto em Bach (2022, p. 93):

No caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia, podemos observar um grande esforço em inserirem-se nos mais diversos canais de mídias e redes sociais. Ainda que o caráter missionário dos meios de comunicação tenha sido identificado ainda no século XIX, a comunidade adventista não mediu esforços para se adaptar aos “novos tempos”. Da produção de folhetos e periódicos no início do movimento às redes sociais e portais de entretenimento, do rádio aos *podcasts* e *youtubers*, os adventistas foram se atualizando dentro das mídias por conta das demandas de mercado do “mundo moderno”, ainda que o condenem em muitos aspectos.

Em oposição a essa análise reducionista da relação entre mídia e religião, David Morgan argumenta que a construção social de uma realidade ou visão de mundo específica não é influenciada apenas pela produção, mas, também, pela recepção: como as pessoas recebem, interpretam, ressignificam as mensagens, contribuindo “para a construção social da realidade, embora frequentemente seus indícios sejam silenciosos ou invisíveis” (idem, p. 244). Desse modo, Morgan defende a aplicação do termo “influência” ao analisar a relação entre mídia, religião e sociedade. Apesar de não trabalharmos com recepção, é importante termos em vista que nem sempre aquilo que a revista recomenda em suas páginas é absorvida de forma integral pelos seus leitores. Essa perspectiva se torna útil para compreender a relação que o adventismo estabelece com as mídias, e principalmente para entender que o discurso de Vida e Saúde estabelece um modelo ideal, que não necessariamente tem seu reflexo espelhado de forma nítida na realidade. Ainda mais

quando analisamos o discurso sobre alimentação saudável, uma vez que não se trata de uma imposição, mas sim uma recomendação da igreja em relação a um estilo de vida ideal.

Partindo disso, há um esforço por parte da cultura adventista em se adaptar ao supermercado cultural, sobretudo apoiando-se na mídia, conciliando seus princípios e doutrinas às demandas seculares. Isso é evidente quando observamos seu discurso sobre estilo de vida saudável. Pautando-se pelos oito remédios naturais sistematizados por Ellen G. White, a doutrina adventista consegue dialogar com o mundo e defender seus princípios, negociando valores por meio da interação com outras culturas. Desde sua institucionalização, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem publicado periódicos para divulgar a mensagem da saúde, desde *The Health Reformer* (1866) às publicações contemporâneas como Vida e Saúde. No caso desta, percebemos que o discurso acerca dos oito remédios naturais sempre está presente, mesmo que de forma indireta e diluída em suas páginas ao longo do tempo. Levando em consideração que eles não anunciam declaradamente que esse conjunto de elementos deriva da doutrina adventista, a menção a eles aparece até mesmo no slogan em seu site oficial, afirmando que o periódico “divulga a ciência com foco na saúde preventiva. Tem como filosofia editorial os “oito remédios naturais” e promove a saúde por meio da reeducação dos hábitos. Além disso, alerta a sociedade quanto aos riscos da destruição do planeta”¹⁷.

Nas últimas décadas, com auxílio da televisão, mas sobretudo com o advento da internet, observamos a expansão da comunicação sobre alimentação saudável e estilo de vida adventista por multimeios e a ênfase na produção de conteúdo não apenas em suporte impresso, mas também via sites, blogs, redes sociais e programas de televisão. A TV Novo Tempo, canal adventista brasileiro fundado em 2007, integra o que antes chamava-se Sistema Adventista de Comunicação, atualmente Rede Novo Tempo de Comunicação, que além da emissora de televisão, que também administra a emissora de rádio, a gravadora, os portais *web* e as redes sociais adventistas. De acordo com Sousa (2017), ela não foi a primeira iniciativa adventista em torno da televisão. Em 1962, a igreja começa a veicular via TV Tupi o programa Fé Para Hoje, (em vigência até hoje, na TV Novo Tempo), inspirado no programa adventista norte-americano *Faith for Today* e apresentado pelo pastor adventista Alcides Campolongo

¹⁷ Consultado em: <http://www.revistavidaesaude.com.br/home/>. Acesso em: 16/05/2023.

(1925-2019). Segundo seu verbete na Enciclopédia Adventista¹⁸, ele também foi orador associado do programa de rádio A Voz da Profecia, a primeira iniciativa adventista no rádio, lançado em 1943. Sabe-se ainda que, em 1981, a Igreja Adventista do Sétimo Dia lança outro programa de televisão, desta vez pela TV Manchete, sob o nome de Encontro com a Vida, tendo frequência diária e duração de 5 minutos (SOUSA, 2017, p. 32).

Desde 2009 é veiculado na TV Novo Tempo o programa Vida e Saúde, apresentado por Teru Gouveia. De acordo com o site da Novo Tempo, o programa tem por objetivo levar “ao telespectador informações essenciais para um melhor estilo de vida”, trazendo dicas sobre “alimentação saudável, atividade física, receitas, prevenção, mudança de hábitos, nutrição, entre tantas outras temáticas envolvendo o bem estar físico, mental e espiritual”¹⁹. Para tanto, o programa é composto por quadros e reportagens especiais, preparação de receitas e entrevistas com a participação de convidados especialistas da área de saúde e nutrição. Em sua dissertação, Gouveia (2023, p. 28) afirma que apesar de compartilharem o nome e objetivos semelhantes, revista e programa de televisão “seguem propostas de apresentação, modelos e pautas sem qualquer necessidade de vínculo entre si”. Ainda assim, não se sabe ao certo o porquê da “falta de interdependência entre os dois produtos midiáticos”, tendo em vista que ambos são ligados à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Desde 2015, Teru Gouveia colabora com a Revista Vida e Saúde, escrevendo esporadicamente textos para a coluna Vida Plena, e desde 2024 ela tem aparecido junto ao chef Ricardo Fioravanti, da seção de receitas, mas a revista não é anunciada no programa de TV.

Podemos sugerir ao menos um dos motivos que é a forma como a revista Vida e Saúde é comercializada: por meio da colportagem. Esse método de venda de assinaturas garante ao colportor um retorno financeiro que o programa de televisão abreviaria. O que é um problema tendo em vista que muitos colportores são jovens que financiam seus estudos nas instituições de ensino superior adventistas com esses valores arrecadados via colportagem. Independente das motivações para a falta de vínculo entre os dois meios de comunicação adventistas sobre saúde, percebemos tanto nas mídias impressas quanto digitais, em certa medida, a retomada da

¹⁸ Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=CGGK&lang=pt>. Acesso em: 27/09/2024.

¹⁹ Consultado em: <https://www.novotempo.com/programa/vidaesaude/>. Acesso em: 27/09/2024.

“vitaminomania”, onde os alimentos são gradativamente substituídos pelo seu caráter nutricional: as carnes são proteínas, verduras e frutas são vitaminas, arroz e batatas são carboidratos. Outro ponto também observado nos últimos anos é a adoção das dietas e slogans “seculares”, cada vez mais centrados nos sujeitos de forma individualizada, como o veganismo, “*low carb*”, “*glúten free*”, sucos “*detox*”, além da incorporação de conteúdos voltados ao público que possui intolerâncias ou alergias alimentares.

Nesse sentido, Bellotti afirma que a mídia impressa adventista sobre saúde, seja no passado ou no presente, aliou-se “a uma tendência conhecida da cultura norte-americana de promoção da saúde e da ciência, ligada a uma moral cristã de temperança, comedimento e autocontrole” (BELLOTTI, 2020b, p. 169) Assim, os periódicos adventistas sobre saúde, de modo geral, não trazem de forma evidente a retórica apocalíptica adventista, nem questões doutrinárias como a guarda do sábado tão característica do adventismo, mas conciliam valores compartilhados com outras correntes de pensamento. Nas palavras de Bellotti, “ainda que a defesa do cuidado como corpo e a preservação da saúde fossem feitas a partir de um ponto de vista religioso como dever moral, não traria a marca de uma denominação” (idem, p. 168-169).

Esse último aspecto, vale dizer, é uma preocupação mais recente no periódico, mas que revela seu alinhamento com os temas relevantes do tempo presente. Outras adaptações às demandas modernas podem ser observadas por meio da promoção de dietas “vegan”, “*gluten free*”, drinks sem álcool, sucos “*detox*”, receitas *light*, “*fits*” e hiperproteicas. Diversas são as matérias sobre alimentação publicadas na revista nos últimos anos que dão o indicativo dessa conciliação entre o discurso secular sobre alimentação saudável e o adventista, afinal de contas, elas de fato convergem em diversos pontos de interesse. Esses nichos alimentares têm ganhado destaque nas mídias seculares, como os veganos, celíacos, intolerantes e alérgicos a leite, dietas *fitness*, *low carb*, entre outras. Notando essa tendência, a denominação tem investido em torná-las pauta não apenas em Vida e Saúde impressa, mas também no seu site e programa de televisão homônimos, ainda que sejam abordadas por especialistas adventistas, nem sempre identificados como tal.

Vemos, portanto, uma constante renovação, acentuada na última década na revista Vida e Saúde, no sentido de atualização e diálogo com novas demandas em

torno da alimentação, como a rejeição à revolução verde, ao uso de transgênicos e agrotóxicos, sem com isso renunciar aos seus princípios norteadores. Por esse motivo, ao analisar a revista ao longo de todos os anos de publicação, podemos captar alguns pontos de tensão, de mudança de perspectiva e até mesmo de contradições. Ainda que por um longo período a revista Vida e Saúde tenha direcionado seu conteúdo para as mulheres, especialmente as colunas de receitas culinárias, nas últimas décadas seu editorial deixou de identificá-las como “página da dona de casa”. Atualmente, a seção de receitas passou a se auto-identificar como “vegana”, contando inclusive com um chefe especialista, apesar de terem dissidências relevantes com essa ideologia, sobretudo no que tange à ideia de igualdade entre seres humanos e outros animais.

Outro ponto que nos motiva a questionar a relação entre doutrina adventista e alimentação é a característica empreendedora do seu missionarismo religioso. Ao passo que o discurso condenatório dos alimentos ultraprocessados cresce, além da defesa da alimentação saudável e mais natural possível desde seus primórdios, a Igreja Adventista investiu na consolidação de indústrias alimentícias em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, com a empresa *Superbom*. Apesar de ter iniciado com a produção de sucos naturais integrais em 1925, ao longo dos seus quase 100 anos de existência, a empresa diversificou seus produtos, dentre os quais muitos se enquadram na categoria “ultraprocessada”, ainda que sejam livre de insumos de origem animal, de acordo com aquilo defendido pela doutrina alimentar adventista²⁰.

O mesmo é percebido sobre a crítica aos estabelecimentos *fast-food*. Apesar de amplamente condenados e apontados como um dos motivos para o aumento da obesidade dentre outras doenças a nível mundial (argumento este não exclusivo dos adventistas, mas pautado em estudos científicos), a própria Igreja Adventista do Sétimo Dia lançou uma franquia de lanchonetes ao estilo *fast-food* chamada *SuperVeg*²¹, que foi descontinuada, mas que evidencia esse esforço em atualizar-se

²⁰ Consultado em: <https://superbom.com.br/empresa/>. Acesso em: 02/06/2023.

²¹ A iniciativa limitou-se, num primeiro momento, à inserção em instituições de ensino adventistas. O link vinculado ao site da empresa Superbom que continha informações sobre como ser um franqueado foi desativado (<https://superbom.com.br/site/superveg/>), impossibilitando a consulta de informações sobre as lanchonetes SuperVeg. A primeira unidade, inaugurada em 19 de maio de 2015 em uma escola adventista em Brasília, foi tema de matéria no portal adventista de notícias. Segundo consta, a Superbom tinha interesse em abrir mais 13 unidades da franquia. Não foi possível identificar os motivos pelos quais o projeto não seguiu adiante. A matéria encontra-se disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/superbom-abre-lanchonetes-em-escolas-adventistas/#:~:text=%5BASN%5D%20A%20partir%20deste%20m%C3%AAs,balanceada%20a%20e>

às demandas da modernidade. Como já mostrado por Follis e Cunha (2010, p. 62), “o adventismo surge como um movimento de fronteiras”, que se apoia no racionalismo filosófico e científico para sustentar seus métodos e doutrinas. Ao passo que pregam a iminente volta de Cristo e o fim de todas as coisas mundanas, veem também a necessidade de se atuar em diversas áreas para a plena divulgação de sua mensagem e estilo de vida, investindo em empreendimentos de saúde, de educação, de alimentação, entre outros. Como mostra os autores, isso revela pontos paradoxais do pensamento e atuação adventista, “o qual, mesmo esperando para breve a volta de Jesus Cristo e o fim do mundo, é incentivado, provavelmente pela mesma razão, a desenvolver diversos hospitais, escolas, creches e empresas alimentícias” (idem).

Partindo desse panorama, entendemos assim como Douglas Kellner que “a cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes” (KELLNER, 2001, p. 11). Partindo da análise da cultura adventista, isso evidencia-se com seu amplo investimento no estabelecimento de diversas frentes de atuação dentro da lógica de mercado, de oferta e demanda. Ao passo que esses empreendimentos auxiliar os próprios adventistas a sustentar seu estilo de vida, também é uma via de diálogo com o mundo para além dos limites denominacionais. Constituindo uma rede de interação e transformação.

Além disso, conforme analisado, “é interessante notar como a própria Igreja Adventista do Sétimo Dia se coloca como agente histórico e reconhece o papel das mídias em sua formação e transformação, não apenas *usando-as* para fins proselitistas” (BACH, 2022, p. 94). Um exemplo dessa preocupação em promover a história adventista é a organização de uma enciclopédia sobre a denominação. Uma primeira versão já havia sido publicada em meados do século XX, trazendo dados sobre a história e atuação missionária do movimento. Nos últimos anos, a igreja vem trabalhando em uma versão virtual da enciclopédia, sistematizando um vasto acervo de informações e fontes que certamente auxiliarão pesquisas futuras sobre a igreja nas mais diversas áreas de interesse. Sob orientação e supervisão do *Office of Archives, Statistics, and Research* (ASTR), a Enciclopédia Adventista digital foi

[estudantes%20nas%20escolas](#).. Acesso em: 18/05/2023. O verbete sobre a Superbom na Enciclopédia Adventista também menciona brevemente a Supereve, informando que ela seria a “a primeira franquia de cantinas sustentáveis do Brasil”, possibilitando inclusive o acompanhamento da alimentação das crianças por parte dos pais via internet, ainda que não explique exatamente como isso aconteceria. Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=2GQ1&lang=pt>. Acesso em: 06/07/2024.

lançada oficialmente em 1º de julho de 2020 e é fruto do trabalho de adventistas de diversas partes do mundo, incluindo o Brasil. Atualmente, ela possui mais de 8500 artigos, compostos por conteúdo em texto, fotografias, vídeos e documentos originais. Outro acervo adventista relevante é o site Arquivos Adventistas, que disponibiliza para consulta em alta resolução um amplo acervo de materiais impressos publicados em diversas partes do mundo pela instituição desde o século XIX, além de trazer dados estatísticos, documentos oficiais, fotografias, entre outros arquivos.

No Brasil, a Casa Publicadora Brasileira mobilizou esforços para organizar um acervo digital dos principais periódicos publicados pela editora ao longo de mais de um século de sua existência, trabalho este que foi interrompido em 2022 por motivos desconhecidos até o presente momento. O acervo de edições da Revista Adventista encontra-se disponível para consulta²² da primeira edição em janeiro de 1906 até a edição de janeiro de 2022, o que possibilitou diversas pesquisas acadêmicas sobre o periódico²³. O acervo digital da revista Vida e Saúde, que é a fonte principal da presente pesquisa, tem as edições disponíveis apenas de janeiro de 2007 a junho de 2022²⁴, faltando assim a digitalização e disponibilização para pesquisa de boa parte das edições do periódico. Para o futuro, esperamos que a editora consiga não apenas retomar essa iniciativa, como também implementar o acervo digital de outros periódicos relevantes para a história e memória adventista no Brasil, como a *Nosso Amiguinho e Mocidade*.

Esse processo de mediação em torno da memória adventista auxilia no reforço de seus laços identitários que dá unidade ao adventista a nível mundial. Como elucidado por Michael Pollak (1989), a memória tem como uma das suas principais funções o reforço da coesão social de um grupo. Tanto para ele como para outros teóricos da memória como Halbwachs, cultivar a memória exige um processo de negociação e seletividade, na busca por conciliar memórias coletivas às memórias individuais, construindo para elas uma “base comum”. Partindo de uma perspectiva construtivista, ele analisa “como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem

²² Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 18/05/2023. Vale citar que nos anos iniciais a revista era publicada em frequência trimestral, passando para a periodicidade mensal em 1908.

²³ Para citar um trabalho de maior fôlego, a tese de Rodrigo Follis defendida em 2017 trabalhou com os conceitos de memória e transmissão religiosa por meio das mídias, tendo por fonte principal a Revista Adventista desde o início de sua publicação no Brasil, em 1906. O trabalho encontra-se disponível para leitura na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Metodista de São Paulo: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1650>. Acesso em: 18/05/2023.

²⁴ Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/vs>. Acesso em 18/05/2023.

eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (Idem, p. 4). Desse modo, na memória coletiva, essa perspectiva seria responsável por compreender os processos e atores que constroem as memórias. No adventismo, podemos estabelecer alguns fios norteadores da memória, como a figura de Ellen G. White e o dia 22 de outubro de 1844, quando ocorreu o grande desapontamento²⁵.

Analisando a relação entre memória e identidade, Pollak reitera o argumento de que a memória é um fenômeno que se manifesta social e coletivamente, estando submetida a transformações, flutuações e mudanças. Contudo, possui também “marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLAK, 1992, p. 202), como âncoras que fixam as memórias em um determinado lugar, fato, indivíduo. Seja individual ou coletiva, a memória possui três elementos constitutivos apontados pelo autor: os acontecimentos, as pessoas ou personagens e os locais. Os acontecimentos são divididos em dois tipos: aqueles vividos pela própria pessoa e aqueles “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (Idem), que a pessoa não vivenciou ou nem mesmo presenciou, mas tem tamanha importância para a coletividade que é como se o indivíduo tivesse participado de tal acontecimento, afinal, aquilo faz parte de sua identidade. Acerca desses acontecimentos, Pollak afirma que por meio da reprodução das histórias ocorre “um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar em uma memória quase herdada” (idem).

O outro elemento constituinte da memória também segue o mesmo formato. Trata-se de pessoas ou personagens com os quais o sujeito conviveu ou conheceu, e aqueles conhecidos indiretamente ou “por tabela”, que nem sempre viveram no mesmo espaço e tempo. E, por fim, os lugares da memória. Estes podem ser aqueles locais nos quais a pessoa esteve, viveu, visitou, frequentou, como também lugares nos quais o indivíduo nunca esteve, mas que constituem um lugar de memória para um grupo ao qual pertence (idem, p. 202-203). Esses três elementos sustentam fatos ou eventos que dão sentido à vida, à memória e à identidade individual e social. Considerando a característica seletiva da memória, ela se preocupa em construir uma representação de si para os outros e para si própria em sintonia com o espaço em que o indivíduo está inserido. Sendo assim, Pollak afirma que “a construção da identidade

²⁵ Evento no qual o não-retorno de Cristo à Terra conforme previsto a partir das interpretações bíblicas causou uma ruptura no movimento millenarista, e que posteriormente desencadeou o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia a partir da organização de um grupo remanescente desse momento.

é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (Idem, p. 205).

Ainda que prevaleçam as narrativas oficiais, seja na memória nacional ou de um determinado grupo, Pollak afirma que a memória está em constante disputa. O processo de coesão e organização da memória é o que Pollak chama de “enquadramento da memória” feito com o auxílio da própria história, e que incide na construção e manutenção de identidades individuais e coletivas (POLLAK, 1989, p. 10). Nesse sentido, histórias de vida são muito caras à preservação de memórias, atuando na reconstrução de identidades, ordenando acontecimentos e definindo o lugar social de um indivíduo dentro de determinados grupos (Idem, p. 13). Na própria narrativa adventista, não é difícil encontrar menções à trajetória de Ellen G. White em sua infância e juventude para justificar seus dons proféticos, sobretudo ao acidente que ela teria sofrido aos 9 anos, que a impossibilitou de continuar os estudos formais (LAND, 2005, p. 319), mas não impediu a mesma de tornar-se uma profícua escritora²⁶ e intérprete da Bíblia. Do mesmo modo, elabora-se uma narrativa estruturada para se explicar por que Jesus não retornou no fatídico dia 22 de outubro. Ou, ainda, refere-se à cidade de Battle Creek como o “berço” da denominação, impulsionando inclusive o turismo local em torno da “vila histórica adventista”²⁷. Esses elementos são ressignificados ao longo do tempo e integram a memória e a doutrina da igreja, dando coesão a uma identidade propriamente adventista.

Um conceito que nos auxilia a entender a relação entre memória e identidade é justamente o de representação, que nada mais é do que a busca por regularidades dentro de uma determinada cultura. Em seu clássico texto *O mundo como representação*, Roger Chartier já afirmava que “não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo” (CHARTIER, 2002b, p. 66). Para o

²⁶ É importante dizer, ainda assim, que ela contava com auxiliares no processo de escrita e organização de ideias. Além disso, algumas das obras atribuídas a ela são na verdade compilados de escritos de White em folhetos e periódicos adventistas, sermões e falas proferidas em assembleias.

²⁷ Rodrigo Follis, em seu artigo “Turismo religioso, adventismo e lugares de memória”, argumenta que apesar de a cidade ser um marco na história adventista, ela não configura o principal pilar da memória adventista. Contudo, reconhece a importância do local como um referencial importante no espaço geográfico, tendo em vista que “uma religião ligada a um evento ou pessoa tem uma fragilidade maior [...]. Pessoas e eventos, apesar de únicos e de não se repetirem (aspectos da formação da memória religiosa), são mais efêmeros se comparados a lugares geográficos” (FOLLIS, 2018, p. 54).

autor, ao lado do conceito de prática e discurso, a representação está no cerne das reflexões das ciências humanas e sociais nas últimas décadas (idem, p. 18). Ao abordar o conceito de representação, Chartier afirma que ela é produzida a partir de três questões distintas e ao mesmo tempo complementares: a construção da realidade por determinado grupo social, as práticas que legitimam a identidade social desse grupo e a existência de instituições que perpetuam essa identidade social (idem, p. 73).

Ao afirmar isso e aproximando ao nosso objeto de pesquisa, percebemos que o discurso que circula nos periódicos adventistas é em parte construído dentro da lógica teológica e doutrinária adventista, mas também compartilha em muitos pontos uma *representação* de mundo com outras denominações cristãs. Um exemplo é o próprio discurso sobre a sexualidade. Não se trata de noções exclusivamente adventistas, mas em grande parte compartilhadas com uma matriz cristã conservadora mais geral e que circula em diversos níveis sociais e culturais. Em contrapartida, dentro das próprias mídias adventistas essa dimensão se mostra algumas vezes conflitante. Como visto em pesquisas anteriores, o fio que conduz o discurso é compartilhado entre vários autores, mas ainda assim alguns escapam a ele, como por exemplo o tema da igualdade entre os gêneros e violência contra as mulheres (BACH, 2020, p. 178-193).

Essa reflexão pode ser aplicada também à dimensão alimentar. Os princípios adventistas e os oito remédios naturais não apenas estabelecem um modo de cuidado de si, mas *alimentam* uma forma de viver muito específica. Isso fica bastante nítido quando tentamos aproximar os princípios do veganismo e do adventismo. Apesar de convergirem em pontos comuns em relação ao consumo de carne e produtos de origem animal, há diferenças expressivas no modo como isso é feito, o sentido ao qual ele adquire para a vida dos seus sujeitos e a retórica construída em torno desse discurso. Isso pode ser percebido seja pelos escritos de Ellen G. White, seja pela mídia impressa institucional ou seja por manifestações de seus fiéis e leitores nos periódicos. É importante também salientar que o veganismo, ainda que tenha raízes em tradições antigas, popularizou-se nas últimas décadas, adquirindo uma dimensão política atrelada a esse estilo de vida bastante específico, e que não diz respeito ao consumo somente alimentar, mas de toda a cadeia produtiva que se sustenta por meio

do sofrimento animal - tema este que não aparece na retórica adventista sobre alimentação.

Assim como Foucault, Chartier nos motiva a olhar para a *diferença* que se manifesta em nossos objetos de estudo. No caso do adventismo, ele se reafirma no mundo seja pela institucionalidade - não só da igreja em si, como pelos diversos empreendimentos missionários; seja pelas configurações teológicas e doutrinárias pautadas tanto pela Bíblia quando pelas visões e escritos de White; seja pelas práticas que, como sugere Chartier (2002b, p. 73), exibem “uma maneira própria de estar no mundo”, como a guarda do sábado, que “marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo”. Ele não resulta de uma simples imposição de uma identidade social fixa e imutável estabelecida desde o século XIX, mas é composto também por sua representação social que fazem de si mesmos, mostrando “sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade” (idem) e pelas estratégias simbólicas de reformulação das identidades ao longo do tempo.

Quando Chartier chama a atenção para o fato de que “não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir) e que não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 2002a, p. 71), ele nos faz refletir sobre os processos de produção como um todo. Entre o texto, o livro (ou a revista!) e a leitura há um processo de construção de sentido(s). Nas palavras do autor, “aquilo que é real, efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita” (idem, p. 63). Devemos então tratar o discurso veiculado nas mídias impressas adventistas tanto em sua manutenção e estabilidade, como também em suas discontinuidades e suas discordâncias, levando em consideração seu contexto de produção e os agentes envolvidos. Para tanto, a análise do discurso empregada na presente investigação parte do que Rosalind Gill aponta como “uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (GILL, 2008, p. 244)

Ao refletir sobre os usos da mídia como fontes históricas, Tania Regina de Lucca (2008) destaca que há muito tempo já se observava preocupação por parte de

historiadores em escrever a História da Imprensa, mas relutavam em escrever uma história *por meio da imprensa*. Considerar os periódicos enquanto fonte de análise foi uma demanda fomentada a partir da década de 1970, com os *Annales*. Para De Luca, é importante estarmos atentas a todas as características que compõem um periódico, sua materialidade, sua inserção dentro de uma série e não como produto isolado, os valores empregados e agentes envolvidos em sua produção e difusão, entre outros aspectos fundamentais que permeiam sua existência. Entre as sugestões práticas oferecidas pela autora e que nos auxiliaram na análise das fontes estão: o levantamento de uma série representativa em termos quantitativo e qualitativo; localização da fonte dentro do contexto histórico de sua produção; observação das características materiais e iconográficas da fonte; disposição e variação do conteúdo ao longo do tempo; revisão dos agentes responsáveis por sua produção; público-alvo; fontes de renda, entre outros (idem, p. 142).

1.3 Da estrutura

Apresentado o quadro teórico-metodológico norteador, explicamos agora como será organizada a estrutura da presente tese. O Capítulo 2, “Adventismo dos EUA ao Brasil”, tem por objetivo apresentar historicamente o movimento adventista, suas raízes nos movimentos religiosos do século XIX estadunidense, o movimento millerita e seus desdobramentos, bem como a consolidação institucional da Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1863. Mostramos ainda como se estabeleceram relações entre o reavivamento religioso adventista e outros movimentos sociais da época, como a reforma da saúde e as associações em prol da temperança. Neste mesmo capítulo, apresentamos algumas figuras importantes para a formação da denominação religiosa e do estilo de vida saudável promovido pelo adventismo, dedicando especial atenção aos escritos de Ellen G. White.

No Capítulo 3, “Entre o pecado e a transgressão”, aprofundamos nossa análise acerca dos “oito remédios naturais” como parte fundamental da doutrina adventista em seu projeto de vida saudável, prezando pelo cuidado com o corpo e o autocontrole, a fim de preservar o “templo de Deus”. Relacionamos a sistematização desses elementos com outras teorias ético-religiosas, a fim de demonstrar que, no caso adventista, preza-se pela valorização do sujeito como agente transformador de sua própria experiência de vida, objetivando seu alinhamento com a vontade de Deus e

sua obra, sem com isso abdicar completamente de um controle institucional sobre esses corpos. Também nos debruçamos sobre as noções de cuidado de si e poder pastoral, para estabelecer essa relação entre o adventismo com um repertório teológico-filosófico mais amplo. Neste capítulo, já apresentamos algumas fontes para discutir como o tema é abordado em Vida e Saúde, focando no elemento “alimentação saudável”.

O Capítulo 4, “Pecados contra o estômago”, tem por objetivos discutir como a Igreja Adventista do Sétimo Dia adaptou sua doutrina ao contexto nacional brasileiro por meio da revista Vida e Saúde, criando assim uma cultura alimentar adventista “à brasileira”. Buscamos compreender sua capacidade de adaptação e ressignificação através do tempo ao tratar de assuntos conflitantes com a dieta idealizada pelo adventismo. Da doçura do açúcar, do estímulo do cafezinho ao potencial intoxicante das carnes, entendemos como a Igreja Adventista do Sétimo Dia propôs a substituição de alimentos “problemáticos” por alternativas mais saudáveis, como o mel, a “cevadinha” e a soja, esta última que será melhor desenvolvida no capítulo seguinte. Em relação às carnes, é importante dizer que nesse ponto percebemos uma diferença entre discurso e prática, uma vez que na literatura adventista, comumente encontramos a recomendação de um regime ovo-lacto-vegetariano²⁸ ou então vegetariano estrito²⁹, enquanto que, na prática, há uma diferenciação entre carnes que seriam permitidas e aquelas consideradas “imundas”, pautando-se por Levítico 11.

Por fim, no capítulo 5, “Para adquirir saúde e gozar felicidade”, damos continuidade à análise de como se constituiu uma proposta de dieta alimentar adventista por meio do periódico, suas especificidades e dissidências ao longo do tempo. Se a dieta brasileira é permeada de alimentos impróprios ao consumo e prejudiciais à saúde, cabe à Vida e Saúde educar seus leitores para a tomada das corretas decisões. Para tanto, promove-se a soja como alimento milagroso, tanto em termos nutricionais quanto econômicos, o que é bastante decisivo em um contexto de baixo poder aquisitivo e notáveis problemas de saúde relacionados à precariedade alimentar e sanitária.

²⁸ Que se abstém de todo tipo de carne, mas consome ovos, leites e derivados.

²⁹ Não consome - enquanto alimento - nenhum tipo de produto de origem animal.

Neste último capítulo, fazemos também a análise mais aprofundada da *Superbom*, empresa alimentícia adventista que foi criada no Brasil para produzir alimentos industrializados “saudáveis”. A partir dela, observamos tanto a perseverança do ideal “por um mundo adventista”, onde tudo é possível por meio das obras de Deus e da própria igreja, mas também percebemos algumas contradições, pois a mesma crítica feita aos alimentos ultraprocessados da “indústria secular” acaba por esbarrar na própria indústria alimentícia da IASD. O que nos leva a questionar, entre outras indagações, o que diferencia o produto adventista e como ele se insere em um contexto mercadológico cada vez mais competitivo. Mostramos como a dieta vegetariana foi promovida em Vida e Saúde, como resposta ao regime cárneo, associando-a a benefícios como o bem-estar e a longevidade. Apresentamos assim como a saúde se coloca como missão e a alimentação saudável torna-se cada vez mais um pilar da identidade adventista, ao mesmo tempo que se consolida como o ponto de diálogo com o mundo para além das fronteiras denominacionais.

Em certa passagem do livro *A Ciência do Bom Viver*, Ellen G. White retoma narrativas bíblicas para explicar as interdições alimentares sustentadas pelo adventismo. Ao discutir os hábitos de higiene entre os israelitas, a autora defende que o que era a eles proibido se justifica pelo seu potencial nocivo. Sendo assim, “o fato de serem declaradas imundas ensinava a lição de que as comidas prejudiciais são contaminadoras” (WHITE, 2013 [1905], p. 197). Por conseguinte, a autora conclui que “*aquilo que corrompe o corpo tende a contaminar a alma*” (idem, grifo nosso), incapacitando a pessoa a entrar em “comunhão com Deus”, tornando-o “inapto para serviço elevado e santo” (idem). Essa frase sintetiza toda a retórica adventista em torno do tema da alimentação e saúde de modo mais amplo, justificada sempre pela interpretação bíblica. Por esse motivo, a adotamos como título para o presente trabalho. Partindo dessa explanação, seguimos agora para uma reflexão sobre a formação e sistematização de doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, com ênfase na mensagem da saúde e na alimentação saudável.

2. ADVENTISMO DOS EUA AO BRASIL

Para compreender o meio denominacional no qual a revista Vida e Saúde surge, é necessário investigar a formação do movimento adventista e a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, o que se apresenta como um duplo desafio. Por um lado, há certa resistência acadêmica pautada na ignorância sobre a denominação, que ora a classifica como “apenas” uma seita, ora a coloca como “mais uma” das igrejas protestante ou evangélica que se inseriram no contexto brasileiro entre os séculos XIX e XX, sem se atentar às especificidades tão distintivas e únicas que distinguem o adventismo das demais religiões cristãs. Por outro lado, como mostrado por diversos pesquisadores do adventismo como Schünemann (2002) e Furtado (2014), apesar de a denominação ter uma estrutura ampla e consolidada mundialmente, que se estende aos mais diversos empreendimentos missionários no campo da saúde, alimentação, educação e meio de comunicação, há pouco referencial bibliográfico desenvolvido com o devido rigor teórico-metodológico dentro das Ciências Humanas e Sociais.

Não que haja uma escassez de produções sobre o tema, pelo contrário, os próprios adventistas têm se dedicado a uma extensa produção sobre sua própria história, problematizando e relativizando-a em muitos casos. Contudo, como já indicado por Schünemann (2002, p. 01-02), parte dessa produção feita por adventistas “tende a glorificar o crescimento da IASD no mundo e no Brasil, como evidência de seu destino manifesto”, tendo intenção devocional e apologética. E no caso de pesquisas sob uma perspectiva “de fora” da crença, estas muitas vezes são permeadas por uma série equívocos e reprodução de estereótipos acerca do adventismo. Isso quando não são declaradamente contrárias à doutrina adventista, focadas em “‘proteger’ os fiéis católicos ou protestantes dos ‘ismos’ perigosos que tentam desviar os indoutos da fé bíblica” (idem).

Ao propor um estudo sobre cultura alimentar adventista no Brasil, precisamos compreender o contexto histórico no qual o movimento surgiu. A história da Igreja Adventista do Sétimo Dia já foi contada por diversos autores, seja partindo de uma perspectiva confessional ou não. Contudo, faz-se aqui necessário uma revisita crítica à história adventista para compreendermos como o adventismo se relacionou com outros movimentos contemporâneos ao seu surgimento. Movimentos estes que, de certo modo, influenciaram as revelações proféticas de Ellen G White e,

consequentemente, a doutrina adventista como um todo. Apresentaremos, também, outros personagens que contribuíram para a formação da Igreja Adventista tal qual a conhecemos, além de analisar algumas fontes que serviram de pontapé inicial para as publicações adventistas sobre alimentação saudável.

2.1 Do movimento millerita à Igreja Adventista do Sétimo Dia

O século XIX estadunidense foi um período de intensa transformação cultural, social, econômica e política, considerando um país havia pouco tempo independente (1783), ainda em processo de ocupação territorial e organização burocrática. Nesse contexto, também se observam acontecimentos e mudanças significativas no cenário religioso nacional. Mendonça (1984, p. 73) indica que na primeira metade do século XIX surge “um movimento misto de nativismo e anticatolicismo”, que vai fortalecer a expansão das igrejas protestantes históricas em território americano. Nesse mesmo contexto, ocorre o que ficou conhecido como o Segundo Grande Despertar, um movimento de reavivamento religioso iniciado no final do século XVIII e que se estendeu até meados do século seguinte, composto por crentes dissidentes de diversas denominações institucionalizadas que questionavam as crenças tradicionais e acreditavam no iminente retorno de Cristo à Terra e, consequentemente, o fim dos tempos.

Desse modo, de acordo com o historiador Gary Land (2005), a primeira metade do século XIX assistiu não apenas o crescimento das denominações já institucionalizadas, como as igrejas Metodista e Batista, mas também de movimentos reformistas e restauracionistas que defendiam um retorno ao estudo da Bíblia, com ênfase no Novo Testamento. Apesar de aglutinarem-se em diversos grupos distintos, esses movimentos de reavivamento religioso e seus convertidos tinham em comum uma “expectativa pós-milenarista³⁰ de que o despertar estava preparando o caminho para o estabelecimento do reino de Deus” (LAND, 2005, p. 02, tradução nossa). Tratava-se de pessoas comuns, não eram até então grandes líderes religiosos, mas cultivavam um profundo interesse na leitura e interpretação bíblica, especialmente em seus trechos proféticos.

³⁰ De forma resumida, a diferença entre pré e pós-milenismo diz respeito à ordem dos acontecimentos de retorno de Cristo à Terra e seu reinado de mil anos. Para os pré-milenistas, Cristo voltará de corpo e alma para então iniciar seu reinado de mil anos na Terra. Já para os pós-milenistas, esse reinado se dará de forma espiritual, antecipando o retorno de Cristo, que após mil anos de reinado, retornará à Terra. Para saber mais, ver: SILVA, 2020.

Em meio a estes crentes destacam-se algumas figuras, entre elas a de William Miller, uma importante figura para entender como surge a escatologia adventista. Nascido em 1782, segundo Gary Land, Miller era um fazendeiro da pequena cidade de Low Hampton, na divisa entre os estados de Nova York e Vermont. Como ex-deísta convertido posteriormente à Igreja Batista, ele tinha um profundo interesse na leitura e interpretação própria da Bíblia, o que, nas palavras de Land, “contribuiu para esta mistura do Segundo Grande Despertar de revivalismo, milenarismo e restauracionismo com sua surpreendente previsão, apresentada publicamente pela primeira vez em 1831, de que Jesus voltaria por volta do ano 1843” (idem). Ao analisar o millerismo e os movimentos que dele derivaram, tal qual os adventistas do sétimo dia, tanto Land (2005, p. 02) quanto David Morgan mostram que esses grupos:

tinham como premissa a noção revolucionária de que o indivíduo possuía o direito inerente e a capacidade de decidir por si mesmo em que consistia a verdade espiritual. A crença evangélica no acesso à Bíblia supunha que a Bíblia poderia ser interpretada com sucesso por qualquer pessoa que tentasse genuinamente entendê-la (MORGAN, 1999, p. 123, tradução nossa).

A diferença em relação aos outros movimentos contemporâneos está justamente na previsão pré-milenarista em relação ao retorno de Jesus à Terra feita por Miller. Ou seja, diferente da interpretação pós-milenarista propagada pela maioria dos avivalistas da época, os adventistas acreditam que Jesus voltaria antes do milênio, de forma literal, pessoal, visível e universal. Essa interpretação do milênio marcou de forma decisiva os rumos do *millerismo* e do movimento adventista do sétimo dia e foi fundamental para explicar, posteriormente, o Ministério de Cristo no Santuário Celestial, que teria se iniciado após o grande desapontamento em 1844. Assim, como parte da doutrina do santuário, o período de juízo investigativo serve como preparativo para o Segundo Advento, no qual os justos serão encaminhados para o Céu para viver em companhia com Deus, e os impuros serão exterminados (NISTO CREMOS, 2018, p. 391).

Destacamos o termo millerismo porque gostaríamos de explicar mais a fundo esse movimento que se originou em torno da figura de William Miller, que ficou conhecido também como movimento millerita. A previsão lançada pelo evangelista em 1831 era fruto de um extenso estudo bíblico iniciado em 1818, sobretudo das passagens proféticas dos livros de Daniel e Apocalipse (LAND, 2005, p. 195). Convencido de que havia chegado às respostas de suas indagações em torno do

retorno de Cristo à Terra, Miller começou a divulgá-la por meio de reuniões campais, uma prática comum aos outros movimentos religiosos da época. Apesar de ousada, de acordo com Gary Land, a previsão de Miller só teve alcance regional durante a década de 1830, ganhando maior projeção a partir de 1839, quando o pastor Joshua V. Himes começa a promover a mensagem de Miller e publica a primeira edição de *The Signs of the Times*, fazendo do millerismo um movimento (idem, p. 133).

A popularização da mensagem de William Miller fez com que ele fosse pressionado a estabelecer uma previsão mais exata em torno do segundo advento. Apesar de Miller não querer projetar-se como líder, nem mesmo organizar um novo grupo religioso, isso foi inevitável. Segundo Land, ao firmar uma datação mais precisa com auxílio da interpretação bíblica de um de seus pregadores auxiliares, Samuel S. Snow, seguidores entusiasmados passaram a abandonar suas igrejas e acreditar piamente no iminente retorno de Cristo. (LAND, 2005, p. 03) Ainda que O Grande Desapontamento tenha resultado no retorno de boa parte desses seguidores às suas denominações religiosas de origem, isso não fez com que o millerismo acabasse.

Gary Land afirma que as estimativas do número de adeptos ao millerismo no início da década de 1840 gira em torno de 50 a 250 mil pessoas. Mesmo considerando a estimativa menos otimista, conforme mostrado pelo historiador, “o movimento teve um impacto muito além de seus verdadeiros crentes” (idem), isso porque muitas denominações cresceram com fiéis conciliando a interpretação de Miller, mas não deixando de se filiar às igrejas institucionalizadas. Os anos que se seguiram ao Grande Desapontamento foram de contínuo crescimento de igrejas como a Metodista e Batista, mas também do surgimento de outras denominações religiosas, ainda que não institucionalizadas na época. Entre aqueles que persistiram em uma ressignificação da previsão millerita surgem os adventistas sabatistas, que segundo Land “se consideravam os verdadeiros descendentes da fé millerita, pois continuaram acreditando que o santuário havia sido purificado a partir de 22 de outubro de 1844” (idem, p. 04).

Nesse ponto, é importante levar em consideração a reflexão de Schünemann (2001, p. 04), que afirma ser “necessário demonstrar a grande distância do pensamento de William Miller e da IASD”. Apesar de os adventistas sabatistas serem uma minoria no movimento que se formou no entorno da figura de William Miller, foi a Igreja Adventista do Sétimo Dia que, nas palavras de Schünemann, “garantiu a fama

ao millerismo” na posteridade, por meio do cultivo da memória da pessoa e da mensagem de Miller. Ainda assim, para o autor, é preciso pensar a história do movimento adventista para além do movimento millerita, pois algumas características singulares ao adventismo estão vinculadas a outros elementos influentes do contexto histórico no qual a Igreja Adventista se organiza.

Logo após O Grande Desapontamento, emerge nesse movimento remanescente a figura central da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen G. White (1827-1915). Em 1840, a jovem e ainda Ellen *Harmon* acompanha junto à sua família uma pregação de William Miller, que aceita a previsão do retorno de Cristo em 1843 (LAND, 2005, p. 219). Um fato que sempre é evocado nas biografias de White é o acidente que ela teria sofrido ainda na infância, o que a impossibilitou de frequentar a escola formal por anos (LAND, 2005; DOUGLASS, 2003). Apesar disso, ela se mostrou uma profícua leitora e escritora ao longo de toda a vida, creditando essa capacidade à sua genuína fé em Deus. Uma afirmação de White replicada exaustivamente em diversas obras, tanto de sua autoria quanto em suas biografias e documentos institucionais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi a seguinte: “Cedo, em minha juventude, foi-me perguntado várias vezes: Sois uma profetisa? Tenho respondido sempre: Sou a mensageira do Senhor, Sei que muitos me têm chamado profetisa, porém eu não tenho feito nenhuma reclamação desse título” (WHITE, 2013, p. 31).

Essa referência à White como profetisa é explicada pelas visões proféticas que ela teria recebido ao longo de toda a sua vida, a partir de dezembro de 1844 - logo após o Grande Desapontamento. De acordo com Land, uma semana depois ela recebe uma segunda visão “dizendo-lhe para relatar aos outros o que tinha visto, Ellen começou a falar a pequenos grupos de crentes milleritas, dizendo-lhes que, de acordo com sua primeira visão, eles estavam no caminho certo e deveriam permanecer fiéis” (LAND, 2005, p. 319, tradução nossa). Desse modo, um grupo de remanescentes passou a acreditar profundamente nos dons proféticos de White e começaram a seguir as recomendações que Deus enviava por intermédio dela.

No ano seguinte, Ellen conhece por meio de suas palestras o professor e pregador também millerita James White, com quem se casa em 1846 (idem). Os dois anos que se seguiram, de acordo com Gary Land (2005, p. 320), foram de intensa dedicação em torno da divulgação da mensagem adventista. Agregando-se a outros

remanescentes milleritas, o movimento adventista vai ganhando forma e, nesse período, começa a observância do sábado a partir da leitura do panfleto divulgado por Joseph Bates, *A Perpetual Sign*.

Esse panorama histórico sobre White é fundamental para entendermos o por que suas recomendações e ensinamentos foram absorvidos pelo movimento adventista e posteriormente pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, que a reconhece, de fato, como uma mensageira do Senhor. Além da mensagem da saúde, que será melhor abordada no tópico seguinte, a utilização massiva da mídia impressa para a divulgação do movimento adventista também é explicada partindo desse mesmo contexto. De acordo com David Morgan, no período anterior à Guerra Civil Americana, grupos pautados pela benevolência religiosa apostaram em novas formas de evangelização e missionarismo, visando atingir seus objetivos “não somente pelos meios tradicionais da cultura oral (sermões, ressurgências e evangelismo pessoal), mas também pela nova cultura de massa de material impresso” (MORGAN, 2014, p. 241).

Por cultura de massa, Morgan entende como “um sistema sociocultural de produção e consumo” (idem, p. 237), feito em ampla escala e de forma padronizada, no qual nem sempre o consumidor entra em contato de forma direta com o produtor. Desse modo, ela se baseia na ideia de *circulação*, demandando oferta e demanda, além de uma estrutura sólida para seu pleno funcionamento (idem, p. 239). Levando em consideração o contexto de desenvolvimento socioeconômico no período pós-independência, Morgan afirma que:

As empresas de publicação em massa floresceram devido à base material providenciada por meio da venda pelo correio, por um sistema postal confiável, pela moeda uniforme, pela alfabetização difundida, e pelo transporte seguro através de uma infraestrutura de estradas em franca expansão, estradas de ferro, canais e embarcações fluviais a vapor (idem, p. 241).

Sendo assim, o trabalho evangelista dos grupos religiosos que surgiram no período podia contar com essa facilidade na circulação de suas mensagens. Entre os movimentos surgidos no contexto do Segundo Grande Despertar, os materiais impressos já eram amplamente utilizados, e não foi diferente no caso do millerismo. Seja para divulgar reuniões campais ou sua mensagem profética, o movimento ganhou força a partir da publicação do já citado *Signs of the Time*, por intermédio de

Himes. Além deste, outros periódicos foram publicados pelo movimento millerita: *The Western Midnight Cry*, que dura entre 1843 e 1845, sendo que o último ano passa a se chamar *The Day-Star*; *The Midnight Cry*, de 1842 a 1843; e *Advent Herald*, que tem um período incerto de publicação, mas é classificada como periódico millerita pelo Escritório de Arquivos, Estatística e Pesquisa adventista³¹.

Foi por meio de uma de suas visões, que teria ocorrido em novembro de 1848, que Ellen G. White recebe a orientação para a publicação de um material para divulgar a mensagem adventista do tempo do fim. Com auxílio de seu marido, é publicado no ano seguinte o primeiro periódico adventista: *The Present Truth* (LAND, 2005, p. 319). Posteriormente, outros diversos periódicos começaram a ser publicados pelo movimento com supervisão de Ellen e James White, que no início da década de 1860 já contava com uma Associação de Publicações Adventistas do Sétimo Dia (idem, p. 06). Conforme Ellen G. White recebia suas visões, ela orientava o movimento na publicação das mensagens e orientações divinas. Foi assim que o primeiro periódico sobre saúde foi lançado pelos adventistas em 1866, *The Health Reformer*, do qual falaremos no próximo tópico.

A consolidação do movimento adventista enquanto denominação religiosa ocorreu somente em 1863, com a institucionalização da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sua formação e desenvolvimento institucional tem sido estudada por diversos pesquisadores dentro e fora da academia, e também em diferentes áreas de interesse das Ciências Humanas e Sociais. Apesar dos poucos trabalhos produzidos na área de História, uma pesquisa pioneira nos estudos sobre o adventismo no Brasil preocupou-se com a perspectiva histórica da formação da Igreja Adventista. Trata-se da tese de doutoramento de José Jeremias de Oliveira Filho, intitulada “*A Obra e a Mensagem: Representações simbólicas e organização burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia*”, defendida no Departamento de Sociologia da FFLCH-USP em 1972. Apesar de não ser nossa referência principal no resgate histórico adventista no presente trabalho, cumpre citar que a leitura do artigo “*Formação histórica do movimento adventista*”, publicado por Oliveira Filho em 2004, foi fundamental para

³¹ *Office of Archives, Statistics, and Research* é o órgão responsável pela manutenção do *Adventist Archives*, site mantido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e no qual podemos consultar os arquivos dos periódicos citados, entre diversos outros. Disponível na aba *Magazines and Journals > Millerite Periodicals* em: <https://documents.adventistarchives.org/>. Acesso em: 25/05/2023.

elucidar para nós, anos atrás, um primeiro panorama sobre a institucionalização da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

De acordo com o historiador adventista George Knight (2000, p. 81), inicialmente não se tinha a pretensão missionária mundial, nem de se formalizar a formação de uma igreja a partir do movimento. Foi, de certo modo, uma pressão dos novos convertidos ao longo dos primeiros anos que, por conta, começaram a sair em missão para pregar a mensagem adventista pelo país. Eles tinham a visão de que o próprio surgimento do movimento era o cumprimento de uma profecia, e desse modo, “aliada ao senso da proximidade do fim do tempo deste planeta, os impulsionou a um dos mais vigorosos programas missionários da História” (idem, p. 06). Demonstraremos mais adiante, ainda que de forma breve, a expansão do adventismo para além das fronteiras estadunidenses, tomando por foco sua inserção missionária no Brasil.

Assim, Knight (2000) divide a história adventista em 7 fases: a era do desenvolvimento doutrinário (1844-1848); a era do desenvolvimento organizacional (1848-1863); a era do desenvolvimento institucional e do estilo de vida (1863-1888); a era do reavivamento, reforma e expansão (1888-1900); a era da reorganização e da crise (1901-1910); a era do crescimento mundial (1910-1955) e a era dos desafios e possibilidades de maturidade, que se iniciou a partir de 1955. Entendemos seus recortes e concordamos com parte deles, uma vez que é possível dizer que uma nova fase se inaugurou ao final do século XX com a facilidade de transmissão de informações possibilitada pelo advento da internet, mas aproveitamos os mesmos para explicar o percurso histórico formativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia a seguir.

Essa primeira fase entre 1844 e 1848, ainda que curta em termos temporais, foi importante para alicerçar um movimento adventista específico a partir do millerismo, distanciando-se de outros setores de remanescentes que, também, organizaram-se em pelo menos outros dois grupos distintos de acordo com Knight (2000, p. 25-27). Para o grupo remanescente que posteriormente fundou a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a previsão millerita do dia 22 de outubro de 1844 estava correta, mas a interpretação do que ocorreria no dia é que estava equivocada. Não tratava-se do retorno de Cristo, mas sim do dia da expiação, no qual se instaurou o

Tempo do Fim³². Desse modo, ressignificaram a ideia de “purificação do Santuário” amplamente divulgada pela mensagem adventista - não se tratava da Terra, mas sim do santuário celestial (idem, p. 28-29) no qual Jesus adentrou naquela data. Assim, para Knight,

A nova maneira de entender a purificação do santuário tornou-se um dos principais blocos de construção no desenvolvimento do que viria a ser a teologia adventista do sétimo dia. Junto com a crença na breve vinda de Jesus, herdada de Miller, o ministério celestial bifásico de Cristo tornou-se um ensino fundamental para a denominação que se formaria durante as duas décadas seguintes (idem, p. 30).

Vale lembrar que, concomitante às releituras do dia 22 de outubro de 1844 por diversos “desapontados”, emerge a figura de Ellen G. White e a confiança do movimento em seus dons proféticos. Nessa fase de desenvolvimento doutrinário, esse mesmo grupo começa a observar o sábado³³, passando a serem reconhecidos como os *adventistas sabatistas*. De acordo com Knight, se estabelece nesse contexto dois pontos centrais e distintivos da teologia adventista: “a volta pessoal, breve e pré-milenista de Jesus - crença herdada dos mileritas; e (2) o ministério de Cristo em dois compartimentos, abrangendo o juízo pré-advento” (idem, p. 31), a partir da reinterpretação das passagens dos livros de Daniel 8:14 e Apocalipse 14:7³⁴.

A sistematização das doutrinas elencadas nos primeiros quatro anos, bem como o despertar do senso de dever missionário no movimento adventista ocorreu sobretudo a partir de 1848, compreendendo a segunda fase de expansão estabelecida por Knight. Nesse contexto, além das duas doutrinas já estabelecidas pelos adventistas sabatistas, outras três foram determinadas coletivamente pelo movimento: a autenticidade do dom profético de Ellen G. White; a obrigatoriedade de

³² Ainda que não seja o foco central de nossa pesquisa as passagens proféticas, bem como o evento de purificação do santuário, esses temas foram amplamente panfletados por meio dos periódicos adventistas tanto pela literatura, mas também pela cultura visual, conforme analisado por David Morgan na parte II: “*Adventism and images of the end*” de seu livro *Protestants and pictures*” (1999).

³³ Após um minucioso estudo das passagens bíblicas, definiu-se que o sétimo dia da semana se inicia e se encerra com o pôr-do-sol. Sendo assim, começa-se a observar ao pôr-do-sol na sexta-feira e finda ao pôr-do-sol de sábado (KNIGHT, 2000, p. 35). Para uma explicação mais minuciosa sobre a inserção da discussão sobre a observação do sábado ainda no movimento millerita, ver KNIGHT, 2000, p. 36-39.

³⁴ Cito Daniel 8:14: “E ouvi a resposta: Tudo isso vai acontecer depois de duas mil e trezentas tardes e manhãs, e durante esse tempo não serão oferecidos os sacrifícios. Depois disso o Templo será purificado” e Apocalipse 14:7: “Ele disse com voz forte: Temam a Deus e louvem a sua glória, pois já chegou a hora de Deus julgar a humanidade. Adorem aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas!”.

se observar o sábado à espera do conflito final previsto em Apocalipse; e a imortalidade condicionada à genuína fé em Cristo e seu iminente retorno (idem, p. 41). Esse ano também é divisor de “eras” pelo fato de que, a partir de 1848, os adventistas sabatistas abandonam a doutrina da “porta fechada” e passam a focar na divulgação da mensagem acerca do santuário celestial e da tríplice mensagem angélica (idem, p. 45).

Portanto, após o ajuste de suas doutrinas fundamentais entre aqueles que acreditavam em uma explicação alternativa para o dia 22 de outubro, estes passaram a focar na divulgação de suas crenças entre os remanescentes mais céticos, além de expandir suas doutrinas em um círculo mais amplo nos anos que se seguiram. Conforme indicado por Schünemann (2001, p. 05), “na mentalidade adventista encontramos um elemento importante em sua ação proselitista: integrar este comportamento como um traço da fé genuína do indivíduo”, e é nesse contexto que essa característica aflora. Valendo-se das estratégias milleritas para a divulgação de suas mensagens, os adventistas sabatistas investiram na organização de reuniões, conferências e na publicação de periódicos, ações lideradas sobretudo por Ellen G. White, James White e Joseph Bates (KNIGHT, 2000, p. 50-52). Desse modo, nas palavras de Knight, “as primeiras publicações serviram para convocar, informar e unir um grupo de crentes nas mensagens dos três anjos a partir das fileiras dispersas dos ainda confusos adventistas mileritas” (idem, p. 54).

No ano seguinte, começa a ser publicado o primeiro periódico adventista com pretensão de alcance nacional, *The Present Truth*. Um fato destacado por pesquisadores da mídia impressa religiosa adventista, entre eles George Knight e David Morgan³⁵, é que o material impresso poderia chegar em lugares antes mesmo de qualquer pregador ou instalação de templos. Como bem destaca Morgan (2014, p. 251), em muitos lugares a imprensa compensou a falta de pastores e missionários no trabalho de evangelização e, no caso adventista, na divulgação de sua mensagem. Contudo, a precariedade financeira era o principal problema enfrentado pelo movimento adventista sabatista, tanto para a publicação de seus materiais, como para a remuneração de seus missionários.

³⁵ É importante dizer que, diferentemente de Land, Knight e Schünemann, Morgan não é adventista, apesar de todos os estudiosos referenciados fazerem uma análise crítica da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Essa motivação, somada à necessidade de maior controle acerca de quem prega em nome do movimento, foi o principal motor para a decisão de se organizar oficialmente em 1863, sob o nome de Igreja Adventista do Sétimo Dia (KNIGHT, 2000, p. 57-58). De acordo com Gary Land (2005, p. 07), a denominação registrou cerca de três mil membros em sua primeira Conferência Geral, ocorrida entre 20 e 23 de maio de 1863 em Battle Creek, Michigan. Nela, reuniram-se representantes de seis conferências estaduais, na qual foram eleitos representantes de comitês e produzidos os documentos norteadores para a gestão denominacional, supervisão de ministros e do trabalho missionário, além de direcionar o levantamento de fundos (idem, p. 108).

Como elencado por Knight, esse foi o ano que se inaugurou uma nova fase na história adventista, focada no desenvolvimento institucional e da formação de um estilo de vida propriamente adventista - este último aspecto é marcado, também, pelo ano de 1863, uma vez que Ellen G. White teria recebido sua primeira visão sobre a mensagem da saúde. Esse ponto em questão será aprofundado nos tópicos seguintes, pois trata-se de um amplo guarda-chuva que abarca nosso tema de interesse central que é a alimentação saudável promovida pelo adventismo.

A expansão adventista a nível estadunidense iniciou na região nordeste, onde se localiza o estado de *New York* - no qual emergiu o movimento millerita - e seu entorno (Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts e Connecticut). Posteriormente, motivados pela própria institucionalização do movimento, missionários adventistas seguiram para o oeste do país, que passava por um recente processo de expansão territorial e consequente ocupação. Schunemann aponta que a primeira missão adventista rumo oeste mirou o estado da Califórnia, em 1868, encontrando um terreno relativamente fértil para a promoção de suas mensagens que possibilitou o estabelecimento de algumas igrejas e o trabalho missionário em alguns estados vizinhos (SCHÜNEMANN, 2001, p. 126-127). Pela inclinação pró-abolicionista de alguns representantes do movimento adventista, a denominação teve dificuldades na inserção em estados ao sul dos Estados Unidos. Como bem destaca Schünemann, a institucionalização da igreja ocorreu em plena Guerra Civil, e o Sul pós-guerra não era um lugar convidativo, nem mesmo tinha estrutura socioeconômica que favorecesse a inserção de uma nova religião, ainda mais proveniente do Norte (idem, p. 128).

Apesar da organização e expansão no território nacional ter levado algumas décadas para acontecer, o alcance da mensagem adventista para além das fronteiras estadunidenses não demorou tanto. Mas ainda que a consolidação de uma estrutura organizacional possibilitou e incentivou o missionarismo em outras regiões do país, fora dele iniciou-se com empreitadas individuais sem inicialmente contar com o financiamento por parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Um ex-padre convertido ao adventismo, Michael B. Czechowski, ao levar literatura adventista para a Europa, mais precisamente para a Suíça, acabou despertando o interesse de algumas pessoas que solicitaram um representante oficial da igreja para instruí-los. Desse modo, a partir de 1874 inicia-se a expansão adventista na Europa, com o envio do missionário John Nevins Andrews (SCHÜNEMANN, 2001, p. 128-129; LAND, 2005, p. 07).

Durante as décadas seguintes, a Igreja Adventista do Sétimo Dia esteve em franca expansão fora dos Estados Unidos, alcançando já naquela época boa parte dos países que contam com a presença adventista até os dias atuais. Um argumento apresentado por Schünemann é que o contexto de neocolonialismo favoreceu a expansão adventista em regiões da África, Ásia, Oceania e Caribe, isso porque “o dólar não era a moeda de troca universal, mas se sobrepunha sobre boa parte das moedas da época, principalmente a dos países colonizados” (SCHÜNEMANN, 2001, p. 150). Além da vantagem monetária, a Igreja Adventista contava com outro elemento aliado que era a migração voluntária de missionários para as mais diversas partes do mundo (idem, p. 147).

Cumprir citar que, nesse meio tempo, ocorreu um marco importante na trajetória histórica adventista que foi a Conferência de Minneapolis, em 1888, a qual marcou uma reforma doutrinária no interior da denominação³⁶. Outra mudança considerável ocorrida no final do século XIX diz respeito à estrutura organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Pensada inicialmente para gerir um diminuto grupo de crentes e num espaço limitado, a expansão para além das fronteiras estadunidenses demandou uma maior centralização e hierarquização das funções e deliberações em nome da igreja (idem, p. 150). A reestruturação da denominação em 1901 a “departamentalizou”, mantendo a Associação Geral como instância máxima

³⁶ O debate se deu em torno, sobretudo, do conceito de justificação pela fé. Ver: LAND, 2005, p. 248-250.

dentro de sua estrutura organizacional (idem, p. 151). Como aponta Schünemann, essa “estruturação com uma rígida centralidade na Associação Geral permitiu a IASD ser uma igreja sempre comandada a partir ‘do topo’. Com certeza, esta característica fornece a IASD um traço empresarial, bem definido e marcante” (idem).

Conforme elucidado por Schünemann (2001), ao passo que a expansão adventista auxiliou no crescimento e consolidação da Igreja a nível mundial, ela também acarretou alguns problemas administrativos e doutrinários, culminando em movimentos dissidentes. A ruptura mais significativa ocorreu na Alemanha na década de 1920 e deu origem à chamada Igreja Adventista do Sétimo Dia - Movimento de Reforma (IASD-MR). Uma figura central nessa cisão foi Ludvig Richard Conradi, imigrante alemão que se converteu ao adventismo em 1878, estudou no Battle Creek College e ganhou espaço dentro da estrutura organizacional, chegando a se tornar ministro e administrador de igreja (LAND, 2005, p. 70). Em 1886, Conradi foi enviado como missionário para a Europa, passando pela França, Suíça, Itália, até estabelecer-se na Alemanha, onde obteve maior sucesso em sua empreitada (LAND, 2005, p. 70; SCHÜNEMANN, 2001, p. 133-134).

Um ponto importante no missionarismo de Conradi foi o fato dele ter sido um profícuo escritor e tradutor dos escritos adventistas para as línguas germânicas. Isso fez com que a literatura adventista tornasse acessível não apenas no contexto europeu, mas também nas nações para as quais imigrantes europeus rumaram. Contudo, isso também levou a interpretações pessoais de Conradi sobre a doutrina adventista, fazendo com que se produzisse um “Adventismo alemão” (SCHÜNEMANN, 2001, p. 136). O aspecto mais problemático do pensamento de Conradi era sua descrença no dom profético de Ellen G. White. Esse fato, somado à sua simpatia em relação ao regime nazi-fascista em ascensão na Alemanha (idem), fez com que ele entrasse em conflito com as lideranças adventistas, levando à sua destituição do cargo de presidente da Divisão Européia e, posteriormente, à sua expulsão da denominação, em 1939 (LAND, 2005, p. 71).

A chegada da literatura adventista ao Brasil ocorreu de forma difusa. Em sua tese, Schünemann (2001) indica que principal porta de entrada foi, justamente, as comunidades de imigrantes alemães ao sul do país, no final do século XIX³⁷, e

³⁷ A entrada via comunidade alemã também é atestada por outros teóricos do adventismo como Gary Land. Segundo o historiador: “O adventismo do sétimo dia entrou primeiramente no Brasil por meio de documentos enviados a imigrantes alemães. A partir de 1893, Albert B. Stauffer, um colportor-

posteriormente deu-se a chegada de missionários enviados pela igreja dos Estados Unidos para os grandes centros urbanos que se formavam no início do século XX: São Paulo e Rio de Janeiro. O fato de o adventismo se desenvolver inicialmente e de forma mais ampla entre os imigrantes alemães acendeu um alerta à Associação Geral da IASD, que então priorizou o Brasil na rota missionária. Ainda que o Movimento de Reforma dentro da igreja ainda não tivesse eclodido, ela era iminente, tendo em vista que alguns problemas já eram enfrentados em relação à liderança missionária de Conradi na Alemanha.

Os primeiros anos de inserção adventista no Brasil foram marcados pelo rápido estabelecimento de parte de seu “trio evangelizador”, representados por meio de empreendimentos voltados à educação (escolas e universidades), à produção de publicações (editora) e instituições de saúde (clínicas, hospitais, lancha médica) (SCHÜNNEMANN, 2001; KNIGHT, 2000). É importante comentar que as primeiras duas décadas de inserção no Brasil foram comandadas pelos missionários e nas colônias alemãs, o que acaba, ou ao menos perde seu protagonismo, ao final da Primeira Guerra Mundial (SCHÜNNEMANN, 2001, p. 201). Levando-se em consideração um gradativo aumento da influência americana do Brasil no início do século XX, que se acentua com a emergência da Segunda Guerra Mundial, inaugura-se um período de apreço e simpatia pela cultura estadunidense, fazendo com que o “*American way of life*” se disseminasse não só em território brasileiro, mas em toda América Latina (MOURA, 1986). Como indica Moura,

Proclamava-se naquela época a idéia de uma política de boa vizinhança entre os Estados Unidos e os demais países americanos. Essa boa vizinhança significaria um convívio harmônico e respeitoso entre todos os países do continente. Significaria também uma política de troca generalizada de mercadorias, valores e bens culturais entre Estados Unidos e o restante da América (idem, p. 08).

Desse modo, o adventismo estadunidense encontrava um contexto no mínimo amigável às influências culturais americanas, conseguindo nesse período superar a influência alemã no missionarismo no Brasil. O que conflui, inclusive, para o início da publicação de um periódico sobre saúde, nos moldes da estadunidense “Life and

evangelista, passou a vender livros em alemão e inglês e logo outros livreiros se juntaram a eles. Em 1895, eles batizaram 35 pessoas, todas alemãs, na Igreja Adventista do Sétimo Dia” (LAND, 2005, p. 44, tradução nossa).

Health”. Apesar do cenário promissor, outros fatores trouxeram algumas dificuldades para as empreitadas missionárias adventistas em território brasileiro.

Schünemann (2001, p. 204) elenca pelo menos três desafios: a dificuldade financeira da Associação Geral conseguir manter seus missionários em terras estrangeiras após a Quebra da Bolsa de Valores em 1929, instaurando um período de grave crise econômica nos Estados Unidos. Em seguida, a necessidade de desassociar a imagem do adventismo da comunidade alemã num contexto pós-guerra e ascensão nazista (idem, p. 205). E a última, que para nós é a mais instigante, reforça o argumento do estabelecimento de uma cultura adventista propriamente brasileira, que inclui aspectos da mensagem da saúde e da alimentação. De acordo com o autor, o esforço em superar a influência alemã no missionarismo no Brasil não obteve tanto sucesso, uma vez que não reconheciam a autoridade de diversos “nativos” que já vinham expandindo o adventismo no Brasil antes da chegada de missionários estadunidenses no país, em 1916 (idem, p. 201). O que exige, ao longo dos anos seguintes, uma certa flexibilização desses representantes em aspectos organizacionais e culturais.

De todo modo, adaptando-se ao cenário local, a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil esteve em franco desenvolvimento nas décadas seguintes. Conforme mostrado por Land (2005, p. 44-45), já em 1895 os adventistas inauguram seu primeiro templo, em Gaspar Alto-SC. No ano seguinte, estabelecem a primeira escola adventista em Curitiba-PR, atualmente chamado Colégio Curitiba Adventista Bom Retiro; e em 1900, começa a funcionar a editora adventista Casa Publicadora Brasileira. Dos pilares missionários adventistas, o que demorou mais tempo para se concretizar foi o estabelecimento dos empreendimentos relacionados à saúde. Foi em 1931 que se iniciou no estado do Amazonas o trabalho com um barco médico-missionário, a lancha Luzeiro, por meio do ministério de Leo B. Halliwell. Mas faltava, de acordo com Schünemann (2001, p. 212), “o estabelecimento de uma clínica onde pudessem ser aplicados os tratamentos hidroterápicos, na época, marca do sistema de saúde adventista, em diversas partes do mundo”. Somente em 1942 é que o Hospital Adventista de São Paulo, na época Casa de Saúde Liberdade, abriu suas portas³⁸.

³⁸ Consultado em: <https://hasp.org.br/institucional/nossa-historia/>. Acesso em: 26/05/2023.

O período compreendido entre a segunda metade da década de 1930 até 1970 foi de franco desenvolvimento institucional da Igreja Adventista no Brasil. A Superbom, empresa adventista de produtos alimentícios, aumentou seu leque de produtos, chegando ao conhecimento do então presidente Getúlio Vargas, em 1936. As instituições de saúde adventista ganham espaço e público, ampliando-se em novas empreitadas, como mostra Schünemann, “entre 1942 e 1959, foram abertos os quatro hospitais que permanecem praticamente até hoje, como as únicas instituições médicas da IASD no Brasil” (idem, p. 258). Um aspecto destacado pelo autor é a “americanização” da cultura brasileira no pós-guerra, ainda que não tenha sido um projeto completamente bem-sucedido. Em termos organizacionais, o período é marcado pela transição das lideranças estadunidenses para brasileiras nas principais instituições adventistas. Essa transição se deu, de acordo com o autor, muito mais “por demanda da política local”, que “fez a diferença para a formação de um adventismo brasileiro, não tão marcado pelo traço da gestão americana” (idem, p. 408).

A partir da década de 1960, a Igreja Adventista do Sétimo Dia assiste ao crescimento de sua rede educacional no Brasil. Conforme mostrado por Schünemann (idem, p. 302), em 1961 a Igreja Adventista inaugurou em Belém-PA sua primeira escola de educação básica regular, sem estrutura de internato. Nas décadas seguintes, observa-se a continuidade da ampliação da rede educacional adventista por todas as regiões brasileiras, seja de educação básica regular ou internato, seja instituições de nível superior. É importante lembrar que o contexto político compreendido entre as décadas de 1960 e 1980 era de uma ditadura civil-militar no Brasil. Tendo em vista esse cenário, devemos considerar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia procurou manter-se distante de embates e envolvimento com questões políticas, e seu completo silêncio acerca das violações de direitos praticadas pelos militares favoreceu as empreitadas adventistas, fazendo com que a igreja “buscasse apoio do governo militar para manter serviços de assistência social e também expandir o sistema educacional adventista” (idem, p. 335).

Portanto, à margem do discurso político, este período foi de crescimento para a denominação, seja nas áreas da saúde, da educação, das mídias e, ainda, do número de adeptos ao adventismo em todas as regiões do país (idem, p. 315-317). Ainda assim, a partir da década de 1970, a Igreja Adventista passa a competir em

crescimento numérico com as igrejas neopentecostais, como Igreja Universal do Reino de Deus, e também com a Renovação Carismática Católica. Mesmo com a diversidade de alternativas surgindo no campo religioso brasileiro, somado a conflitos teológicos internos à denominação, as décadas de 1980 e 1990 são apontadas por Schünemann como a “era dourada” da Igreja Adventista se olharmos a nível mundial. No contexto nacional, a denominação prosperou economicamente, e adaptando-se às novas demandas, investiu fortemente nas estratégias de marketing para impulsionar sua mensagem evangelística (idem, p. 356).

Destacamos aqui os chamados “planos evangelísticos”, elaborados pela Conferência Geral adventista, que estabeleciam metas de expansão, batismos e evangelização a nível global, como “Mil Dias de Colheita”, de 1982 a 1985; “Colheita 90”, de 1985 a 1990; e “Missão Global”, a partir de 1990 (idem, p. 357). Em 2007, a Divisão Sul-Americana lançou o projeto Impacto Esperança³⁹, vigente até os dias atuais e que consiste na distribuição gratuita de um material impresso diferente a cada ano, sobre temas relacionados à mensagem e missão adventista.

No que diz respeito ao crescimento da membresia brasileira, observamos um expressivo crescimento ao longo das décadas no desenrolar do século XX. De acordo com as estatísticas adventistas, disponibilizadas pelo *Office of Archives, Statistics and Research*, o ano de 1915 (primeiro do qual se tem registro disponível para consulta) findou com a soma de 32 igrejas e 2.197 membros da denominação⁴⁰. Passando para o ano de início da publicação de Vida e Saúde, 1939, neste ano a Igreja Adventista brasileira já era dividida em três regiões (*East Brazil Union Mission, North Brazil Union Mission e South Brazil Union Mission*), que juntas totalizavam 95 igrejas e 12.871 membros batizados⁴¹. Se avançarmos para o ano 2000, último analisado neste trabalho, veremos uma expansão ainda maior da denominação, que passa a ser dividida em 5 regiões (*South, Northeast, North, Central e East*), registrando um total de 3.841 igrejas e 993.876 membros⁴².

³⁹ As edições dos livros da campanha podem ser consultadas em: <https://impactoesperanca.com.br/>.

⁴⁰ Consultado em: https://www.adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldID=D_SAD&Year=1900&submit=Change. Acesso em: 25/09/2024.

⁴¹ Consultado em: https://www.adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldID=D_SAD&Year=1939&submit=Change. Acesso em: 25/09/2024.

⁴² Consultado em: https://www.adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldID=D_SAD&Year=2000&submit=Change. Acesso em: 25/09/2024.

Atualmente, conforme a divisão organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o Brasil é composto por 8 Uniões⁴³ (instâncias administrativas regionais), que por sua vez integram a Divisão Sul Americana, da qual fazem parte, também, Uniões de outros países latino-americanos nos quais a IASD têm inserção: Uruguai, Argentina, Chile, Paraguai, Bolívia, Peru e Equador. De acordo com os dados estimados em 2022 pelos órgãos oficiais da instituição⁴⁴, a Igreja Adventista do Sétimo Dia na América Latina possui 2.612.639 membros, sendo que cerca de 67,5% desse número são brasileiros, o que corresponde a 1.764.770 membros batizados no país. Vale dizer que apesar de expressivo, o número corresponde a menos de 1% da população brasileira, que em 2022 era de cerca de 215 milhões de pessoas. Outro levantamento revela também uma maioria jovem em sua membresia, com menos de 35 anos (52,65%), e também uma maioria feminina, com mulheres representando 56,5% da membresia latino-americana⁴⁵. Partindo do panorama histórico do adventismo até a sua chegada ao Brasil, passamos agora para uma análise mais detalhada da relação entre a reforma da saúde e o movimento adventista.

2.2 Da reforma da saúde à *Ciência do Bom Viver*

No início, a reforma da saúde não era uma preocupação latente para o movimento adventista. Apesar disso, já tinham certa proximidade com os movimentos em prol da temperança e do vegetarianismo, seus contemporâneos na segunda metade do século XIX. Como bem destacado por Martha L. Finch no prefácio do livro *Religion, Food, and Eating in North America*, “as instituições religiosas com seus mandatos doutrinários nunca existiram em um vácuo cultural”, mas estão “continuamente adotando e rejeitando aspectos das normas sociais em que estão

⁴³ São elas: a União Sul Brasileira, União Central Brasileira, União Sudeste Brasileira, União Leste Brasileira, União Nordeste Brasileira, União Norte Brasileira, União Centro-Oeste Brasileira e União Noroeste Brasileira.

⁴⁴ Consultados em:

https://www.adventiststatistics.org/view_Summary.asp?FieldID=D_SAD&Year=2022&submit=Change. Acesso em: 26/09/2024.

⁴⁵ É importante dizer que essa estatística de gênero não se replica no perfil dos delegados que foram representar a Divisão Sul Americana na 61ª Conferência Geral adventista, ocorrida entre 6 a 11 de junho de 2022 em Saint Louis. Dos 272 delegados, apenas 28 eram mulheres, correspondendo a cerca de 10% do total de delegados. Consultado em: <https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/o-perfil-dos-delegados-sul-americanos/>. Acesso em: 01/06/2023. Situações como essa não são limitadas à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar do protagonismo feminino estar crescendo dentro das igrejas cristãs, a ocupação dos espaços de liderança e, principalmente, de representatividade nos espaços burocráticos ainda é um desafio para as mulheres religiosas, vistas muitas vezes com desconfiança por parte da membresia para responder em nome da igreja e para tomadas de decisões.

inseridos, bem como respondendo aos desejos de seus membros” (FINCH, 2014, p. xii, tradução nossa). Isso faz com que as religiões estejam em constante readaptação, reorganização e ressignificação de ideais e doutrinas, a serviço de seus crentes.

Podemos dizer então que a reforma da saúde já circulava no entorno do movimento que se aglutinava em torno de algumas lideranças e que viria a ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia, antes mesmo de Ellen G. White ter recebido sua primeira visão acerca da mensagem da saúde em 1863. Ela foi introduzida ao adventismo, mais pontualmente, a partir da figura de Joseph Bates, ao qual foi creditado, também, a adoção da doutrina do sábado pelos adventistas. Por um longo período de sua vida, Bates trabalhou como marinheiro. Suas histórias em alto-mar e passagens da vida até seu “reavivamento religioso” são detalhadamente contadas em sua autobiografia publicada pela primeira vez em 1868 pela *Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association* e reeditada até os dias atuais. De acordo com Land, foi na década de 1820 que Bates abandonou o consumo de tabaco e álcool e começou a se empenhar de modo mais ativo em sua reforma de saúde, participando da organização da *Fairhaven Temperance Society* em 1827 (LAND, 2005, p. 33). Acreditando na necessidade de empenhar-se em uma “reforma moral” ampla, Bates encerra suas atividades marítimas e dedica sua vida à religião e aos movimentos de temperança e abolicionista⁴⁶.

Passada pouco mais de uma década, Bates conhece e aceita a mensagem de William Miller sobre o Segundo Advento, tornando-se um ativo pregador millerita, envolvendo-se na organização de conferências e reuniões campais. Ele acreditava profundamente na mensagem do movimento a ponto de destinar boa parte de sua

⁴⁶ Bates foi um dos adventistas sabatistas que era declaradamente abolicionista. Isso fez com que ele tivesse, inclusive, algumas divergências em relação à American Tract Society, responsável pela publicação de diversos periódicos e panfletos de cunho religioso no contexto do Segundo Grande Despertar. Em uma passagem de sua autobiografia, Bates Declara: “Fiquei também muito interessado com o trabalho da Sociedade Americana de Tratados [Panfletos], organizada em Boston, Massachusetts, no ano de 1814, e que abrangia todas as denominações evangélicas dos Estados Unidos. Li com prazer e ajudei a espalhar e a difundir muitos dos panfletos deles sobre assuntos religiosos e sobre a reforma na área da temperança. Porém, o meu interesse começou a diminuir quando eles manifestaram falta de interesse e determinação em publicar qualquer tipo de tratado em favor dos escravos oprimidos e espezinhados em sua própria terra, apesar dos pedidos dos antiescravagistas nesse sentido. Ficou evidente que a professa benevolência ilimitada deles incluía toda a raça humana, de todas as cores e aspectos, exceto aqueles que estavam sofrendo sob o domínio de seus opressores e perecendo por falta de conhecimento religioso – tão acessível em nossa nação –, que poderia lhes ser transmitido em suas igrejas e em suas próprias casas. Tal incoerência recai pesadamente sobre os administradores dessa Sociedade” (BATES, 2017 [1868], p. 218). Para saber mais, ver: BATES, 2017 [1868], p. 217-227.

fortuna à causa, e manteve-se fiel a ela mesmo após o Grande Desapontamento, fazendo com que ele se tornasse um dos co-fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia anos depois (idem, p. 34). Antes disso, já havia adotado a dieta vegetariana e outras diversas práticas relacionadas à reforma da saúde, promovendo-as em meio aos adventistas sabatistas. Em sua autobiografia, Bates declara: “a decisão que eu havia feito de deixar de usar bebidas intoxicantes foi um dos passos mais importantes que eu já havia tomado em minha vida. Assim, eu desejava ardentemente a mesma bênção para todos os que me rodeavam” (BATES, 2017 [1868], p. 192).

De fato, Bates se empenhou ativamente em aconselhar seus companheiros adventistas na necessidade de se pensar religião e saúde de forma conjunta, pois para ele “todos os que abraçavam a doutrina da segunda vinda seriam e necessariamente deveriam ser defensores da temperança e da abolição da escravidão” (idem, p. 248). Pouco tempo após a institucionalização do movimento adventista sabatista como Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen G. White recebe sua primeira visão sobre a mensagem da saúde, que vem a confirmar a preocupação com o tema como um dever cristão. Segundo Land, é nesse momento que White passa a defender ativamente o vegetarianismo e o uso dos remédios naturais (LAND, 2005, p. 126), que por meio de seus escritos populariza a reforma da saúde no meio adventista até ser incorporada oficialmente como uma doutrina religiosa.

James Whorton conta em seu livro *Crusaders For Fitness* que a figura caricata do fanático por saúde, que está “o tempo todo anunciando-se presunçosamente enérgico, alegre e certo de uma vida longa, e exortando seu vizinho errante a se reformar” (WHORTON, 1982, p. 03, tradução nossa), marcou a cultura americana do século XIX. Por mais que pareça exagerado numa primeira impressão, Whorton alerta-nos para o fato que, muitas vezes, esse discurso atraiu pessoas bem-educadas e críticas, afinal, “eles continham muito bom senso e conselhos benéficos, desde o banho diário até o consumo de mais vegetais e uma mastigação mais completa de todos os alimentos” (idem, p. 11, tradução nossa). Levando em conta seu relevante impacto social e cultural, ao invés de diminuirmos a importância e a seriedade desses movimentos de reforma da saúde, devemos, nas palavras de Whorton encará-los como ideologias higiênicas que incorporaram “as aspirações e anseios populares

peculiares a épocas distintas” e que se pautaram também pelo “radicalismo e a teorização visionária” sobre o tema da saúde e higiene (idem, p. 04).

Entre as práticas e condutas promovidas pelos reformadores da saúde estava a temperança, os exercícios físicos, o não consumo de álcool e outras drogas (inclusive medicamentosas), uma alimentação mais natural, tratamentos alternativos como a hidroterapia, entre outras. Alguns líderes eram, inclusive, contrários à medicina formal, tendo uma “confiança inquestionável na sabedoria e beneficência da natureza” (idem, p. 05, tradução nossa). Desse modo, as doenças e outros problemas acarretados pela vida moderna eram reconhecidos como antinaturais, mas pautando-se pelas leis da natureza, qualquer um poderia se beneficiar de suas dádivas mediante a profunda dedicação nos cuidados com a saúde e higiene - o que traria não apenas um “envelhecimento gracioso”, mas também o aumento na expectativa de vida (idem). Mais do que um conjunto de recomendações, a reforma da saúde pregava uma postura moral e ética.

A busca pela pureza da sociedade e do indivíduo e a equação da propriedade fisiológica com a virtude espiritual forçaram os reformadores da saúde a apresentar a boa higiene como uma obrigação moral. A obrigação pode ser para com Deus, para com a raça, a nação, a natureza ou simplesmente para consigo mesmo. Mas qualquer que seja a direção da obrigação, o não cumprimento dela constitui imoralidade: a má higiene é um mal, a doença é um pecado. Os pregadores da higiene geralmente se consideram missionários fisiológicos, portadores do fardo de um homem leve para espalhar o evangelho da saúde aos pagãos glutões e indolentes do mundo (Idem, p. 07-08, tradução nossa).

Nota-se que desde o século XVIII, sob influência do discurso iluminista, já se cultivava uma crescente fé na ciência, na educação e no progresso social, o que teria despertado a preocupação dos governantes, na Europa e nos Estados Unidos, a instruir seus cidadãos sob as leis naturais da saúde (WHORTON, 1982, p. 14). De acordo com Whorton, a chamada “era jacksoniana”, que compreende o período pré-Guerra Civil entre 1828-1850, de fato produziu um ambiente intelectual favorável ao surgimento de movimentos que refletissem os costumes higiênicos e sanitários de reforma da saúde. Mas na leitura do autor, “por mais moderno que fosse esse otimismo, ele emprestou muito de ideias antigas sobre saúde” (idem, tradução nossa). Ou seja, tomavam por referências ensinamentos produzidos há séculos⁴⁷ em relação

⁴⁷ Whorton argumenta que o pensamento reformista estadunidense foi influenciado, pelo menos em parte, pelos escritos do médico grego Galeno (século II d.C.), que produziu respostas às mais diversas

aos cuidados com o corpo, argumento este que se encontra em confluência com aquilo defendido por Galdino Vieira Nunes em seu artigo sobre vegetarianismo e que está presente na mensagem da saúde adventista de modo mais amplo.

Whorton observa que de todas as figuras que despontaram como líderes reformistas, a grande maioria tinha uma biografia comum: foi preciso primeiramente *se reformar*, abrindo-se para a “verdade higiênica” após inúmeros abusos contra o próprio corpo (idem, p. 10). Como é de nosso interesse a relação entre a reforma da saúde e religião - mais especificamente, adventismo - destacamos inicialmente nessas “cruzadas pela saúde” dois personagens: Sylvester Graham (1794-1851) e John Harvey Kellogg (1852-1943), pois ambos tiveram suas trajetórias entrelaçadas com a implementação, desenvolvimento e consolidação da mensagem da saúde como doutrina adventista, ainda que em contextos distintos.

Defensor zeloso de um estilo de vida pautado na moderação, Graham destacou-se, segundo Shryock (1931), por ter sido um importante defensor da reforma da saúde, cultivando uma ênfase aos cuidados alimentares e visualizando o sistema digestivo como o “caminho da salvação” (idem, p. 172). Conta Whorton (1982, p. 39) que o início de sua vida foi bastante turbulento, pois Graham teve uma série de problemas familiares e de saúde ainda em sua infância e adolescência. Ele passou por uma série de provações que o teria fortalecido e o tornou ministro da Igreja Presbiteriana com cerca de 30 anos. Nessa época, por volta da década de 1820, Sylvester Graham já tinha certa inclinação a falar sobre os temas relacionados à saúde, tanto que na década de 1830 ele começou a oferecer palestras por meio da *Pennsylvania Temperance Society* (idem).

Nos anos que se seguiram, o movimento em torno da figura de Graham tomou grandes proporções. Com sua atuação em torno das sociedades em prol da temperança, que pregavam sobretudo a abstinência de álcool, Graham se tornou um dos principais porta-vozes da reforma da saúde e do vegetarianismo. Sua relação com a crença cristã também fez com que sua mensagem visasse promover os “pré-requisito para a perfeição cristã” (idem, p. 40). Autor de diversas obras sobre o tema da saúde e alimentação, ele reprovava qualquer tipo de excitação do corpo, seja ela moral ou física, pois era uma “ameaça ao espírito” (idem, p. 43). Condenava-se a

questões médicas, incluindo um código de higiene pautado em uma cuidadosa autorregulação (ver WHORTON, 1982, p. 14).

masturbação, os alimentos estimulantes, a intoxicação do corpo por meio do consumo de carne, álcool e tabaco. Sendo assim, não era de se espantar que sua mensagem tenha ganhado a simpatia de diversos grupos religiosos mesmo após seu falecimento, entre eles o adventismo, ao associar o cuidado com o corpo com a purificação da alma.

Já John Harvey Kellogg tem uma história ainda mais estreita com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele nasceu em 1852, em um contexto de pós-millerismo, no qual o movimento adventista sabatista vinha ganhando forma e ao qual sua família se converte quando Kellogg tinha apenas meses de vida (LAND, 2005, p. 156). Portanto, diferente de outros nomes que se destacaram na história adventista, Kellogg já cresce inserido em meio às doutrinas e costumes que posteriormente consolidam a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Conforme mostra Gary Land, desde jovem Kellogg já esteve ativamente inserido em atividades relacionadas à divulgação da mensagem adventista, trabalhando como tipógrafo na *Review and Herald Publishing Association*, na qual esteve envolvido na produção dos primeiros periódicos adventistas sobre saúde: *Health, or How to Live* e *The Health Reformer* (idem).

Desse modo, Kellogg sempre esteve em contato muito próximo com a mensagem da saúde adventista. De acordo com Land, o próprio casal White o auxilia financeiramente para a conclusão de seus estudos em medicina, recebendo seu diploma em 1875 (idem, p. 157). Entre os cargos ocupados por Kellogg dentro das instituições adventistas a partir da década de 1870 estavam editor da revista *The Health Reformer* (que sob sua administração tornou-se *Good Health*) e diretor do Health Reform Institute, rebatizado por Kellogg posteriormente como *Battle Creek Sanitarium* (idem). Nesta última instituição, segundo Land, “além de ampliar o trabalho do sanatório, Kellogg implantou nos refeitórios da instituição sua filosofia de saúde, que chamava de ‘vivência biológica’” (idem, tradução nossa), expressão cunhada por ele para se referir ao seu sistema higiênico de reforma da saúde (WHORTON, 1982, p. 203). Como vegetariano estrito, pregava o não consumo de todo tipo de produto de origem animal (carne, ovos, manteiga, leite) e incentivava o consumo de grãos integrais. Foi Kellogg quem desenvolveu a conhecida *granola*, visando oferecer um alimento completo e de fácil ingestão, rico em fibra e outros nutrientes.

Assim, Kellogg teve uma assídua atuação em torno dos empreendimentos que promoviam a mensagem da saúde adventista, mas sua postura radical e polêmica em

torno de alguns temas relacionados à educação, à teologia, além de desavenças com autoridades religiosas da própria igreja, forçou a denominação a buscar se desassociar de sua imagem, culminando em sua expulsão em 1907 por conflitos ideológicos e por sua defesa ao discurso eugenista (LAND, 2005, p. 158). De todo modo, aproveitando-se do interesse adventista em divulgar suas mensagens por meio da mídia impressa, Kellogg também publicou diversos títulos conhecidos no campo da reforma da saúde, os quais na sua grande maioria versavam sobre os temas da medicina, higiene, dietética, hidroterapia e cuidados com o corpo de forma geral.

Claire Badaracco (2007), em seu estudo sobre a relação entre medicina, mídia e religião, faz uma reflexão sobre a popularização de terapias alternativas e das religiões que rejeitam a medicina formal nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX, assumindo que a fé é o principal elemento fomentador de cura para as mais diversas doenças da modernidade. Como bem observado pela autora, em meio às discussões e polêmicas sobre tratamentos médicos e a busca pela cura na atualidade, nenhum tema é mais controverso do que a fé, “especialmente se prescrita como parte de uma cultura terapêutica na qual a propaganda de doenças prospera” (BADARACCO, 2007, p. 03, tradução nossa). Ao passo que aumentam as doenças e, como consequência, as informações que circulam em relação a elas, passa a se proliferar uma série de tratamentos e remédios “milagrosos”, especialmente em meio às religiões.

Em sua pesquisa *Prescribing Faith*, Badaracco analisa como o debate público sobre ciência e religião, bem como a influência da fé na saúde é mediada e comunicada por meio de publicações diversas. Seu objetivo é, justamente, compreender a “tensão entre as práticas médicas correntes e a tendência para a medicina alternativa e complementar, dentro da qual florescem as ideias sobre o poder curador da fé” (idem, p. 06, tradução nossa). Nesse sentido, seria necessário investigar como se estabeleceu um discurso em torno das noções de saúde, religião e fé na cultura americana, abrindo espaço para essa guinada alternativa no campo da medicina na atualidade. Para isso, a autora faz uma revisão histórica sobre a formação da medicina enquanto ciência e sua relação com as religiões, no século XIX.

Conforme demonstrado, a ideia de curar a si mesmo a partir da fé e dos elementos da natureza já estava presente, de certo modo, no imaginário popular estadunidense e em oposição à medicina tradicional desde o contexto da reforma da

saúde. Como aponta a autora, “historicamente o conhecimento popular sobre a saúde natural e a capacidade do corpo de curar a si mesmo existia em um espaço contestado, construído em oposição às prescrições dos médicos e às ideias sobre a ‘medicina regular’” (BADARACCO, 2007, p. 05-06, tradução nossa). Apesar de Badaracco colocar os adventistas do sétimo dia no mesmo patamar que outros grupos religiosos “resistentes à medicina” (idem, p. 93), é importante distanciá-los daqueles movimentos que efetivamente se opõem à medicina formal, como foi o posicionamento de Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã, e as Testemunhas de Jeová. Se houve desconfiança em relação à medicina tradicional no início da Igreja Adventista e de seus periódicos, posteriormente essa posição foi gradativamente abandonada, aliando a visão adventista sobre saúde à medicina moderna, inclusive instituindo escolas adventistas de enfermagem e medicina no início do século XX, como a *Loma Linda University* (1905).

A mensagem e os empreendimentos adventistas de saúde historicamente focaram nos tratamentos preventivos, seja por meio da boa alimentação ou de práticas como a hidroterapia. De acordo com Badaracco, esta era inclusive “considerada curativa para doenças dos nervos e do trato digestivo” (BADARACCO, 2007, p. 28, tradução nossa), sendo utilizada nos centros de saúde adventista e também nos seus hospitais. Sendo assim, os cuidados com o corpo e o espírito defendidos pela igreja são de grande importância dentro da doutrina adventista, uma vez que a medicina tradicional do início do século XX ainda era muito rudimentar, com técnicas pouco aprimoradas e, conseqüentemente, com tratamento muitas vezes não efetivos. Não por acaso, a Igreja Adventista desde sua institucionalização tem se preocupado em estabelecer uma ampla rede missionária e educacional em torno das ciências da saúde, destacando-se a criação da Universidade de Loma Linda, na Califórnia, em 1905.

Portanto, podemos entender essa “resistência” adventista à medicina formal apontada por Badaracco como o evitar ou a não-promoção dos tratamentos tradicionais. Isso porque, teoricamente, ao cuidar do corpo e da mente de forma preventiva, o indivíduo tende a ter um corpo saudável e menos propenso a doenças. Isso se sustenta a partir de uma boa higiene, de uma alimentação saudável e moderada, do cultivo da fé cristã. Mas se porventura fazer-se necessário o atendimento médico tradicional, certamente terá um hospital adventista à disposição

de seus fiéis. Isso se refletiu nas empreitadas missionárias adventistas em todo mundo. Onde chegava a missão adventista, rapidamente moviam esforços para a viabilidade de produção de impressos por meio da criação de uma editora e instalava-se alguma rede de apoio relacionada à saúde, em alguns casos começando com um centro de saúde e posteriormente a criação de hospitais.

Diferente de outras religiões que recusam certos (ou quaisquer) procedimentos médicos, os adventistas não apenas reiteram a prática da medicina tradicional quando esta se faz necessária, mas também contribuíram para o desenvolvimento de alguns tratamentos e procedimentos que beneficiaram a sociedade para além dos limites religiosos. Exemplos recorrentes na história adventista são a elaboração de um tratamento para a doença autoimune conhecida como “fogo selvagem” no Brasil e os estudos acerca de transplante de coração, executados na Universidade de Loma Linda, na Califórnia (LAND, 2005, p. 128). Ao longo das publicações adventistas sobre saúde, como é o caso de Vida e Saúde, frequentemente são divulgadas inovações em técnicas e tratamentos médicos.

Entretanto, no primeiro periódico dedicado ao tema da saúde publicado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, *The Health Reformer* (1866), Ellen G. White publica um artigo sobre o “Dever de Conhecer a Si Mesmo”, no qual ela afirma que “é pecado estar doente, pois toda doença é o resultado da transgressão” (WHITE, 1866, p. 03, tradução nossa). White critica a confiabilidade exacerbada nos conhecimentos médicos em detrimento do interesse pela “ciência da vida humana”, que revelaria “aquilo que é da mais vital importância, um verdadeiro conhecimento de si mesmos, sem o qual todas as outras ciências podem ser de pouca vantagem” (idem). Aqui revela-se uma importante característica presente na doutrina adventista acerca da mensagem da saúde: o discurso religioso conciliado à argumentação científica para explicar as mais diversas questões; ainda que nunca colocado acima do conhecimento divino, mas sempre a serviço dele.

O reconhecimento dos dons proféticos de Ellen G. White é hoje uma das declarações oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Seu ministério profético, iniciado antes mesmo da institucionalização da denominação, revela a profunda ligação entre as crenças adventistas e os escritos produzidos por ela ao longo de toda sua vida. No centenário de falecimento de Ellen G. White, os delegados da conferência da Associação Geral ocorrida em 2015 reafirmaram a confiança em seus escritos,

reconhecendo-os como divinamente instruídos, e que “ao invés de substituir a Bíblia, eles enaltecem o caráter normativo da Escritura e corrigem as interpretações incorretas dela, derivadas da tradição, da razão humana, da experiência pessoal e da cultura moderna”⁴⁸.

Entretanto, não foram só questões teológicas que colocaram em questionamento a representatividade da figura de White no aconselhamento doutrinário adventista. Além de alguns de seus contemporâneos que questionaram a legitimidade de seu dom profético, como Conradi e Kellogg, outras divergências mais recentes causaram discussões acaloradas no interior da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar do estudo de Ronald L. Numbers ter sido reconhecido pelos seus pares acadêmicos como uma contribuição valiosa e uma das primeiras produzidas acerca dos reformadores da saúde (WHORTON, 1982, p. 03)⁴⁹, o livro “*Prophetess of health: a study of Ellen G. White*” recebeu duras críticas no meio adventista⁵⁰.

De acordo com Whorton (1982), o principal ponto de divergência ao analisar a trajetória de Ellen G. White é em relação ao pioneirismo da mensagem da saúde produzida por ela. Um fato é que Ellen G. White não inventou a reforma da saúde. Ela apenas auxiliou na sistematização das ideias em torno dos cuidados com o corpo e a mente que se tornaram populares à época e os conciliou com a visão de mundo adventista. Conforme destaca Whorton (idem, p. 202) dificilmente uma pessoa alfabetizada inserida no contexto estadunidense no século XIX seria totalmente alheia aos ensinamentos propagandeados pela reforma da saúde. Desse modo, “seja divinamente informada ou terrenamente ensinada, Ellen White aceitou a higiene como

⁴⁸ Consultado em: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/declaracao-de-confianca-nos-escritos-de-ellen-g-white/>. Acesso em: 26/05/2023.

⁴⁹ Além da elogiosa menção na introdução do livro de James C. Whorton, Ronald L. Numbers recebeu da *History of Science Society* sua mais alta honraria, a Medalha George Sarton, selecionado pelos seus pares “em reconhecimento de toda uma vida de conquistas acadêmicas excepcionais, por meio de estudos distintos” (tradução nossa). Disponível em: https://web.archive.org/web/20110303081015/http://www.hssonline.org/about/society_awards2008.html. Acesso em: 28/05/2023.

⁵⁰ Cito aqui um trecho do extenso artigo publicado em maio de 1976 pela Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em resposta crítica ao livro de Ronald Numbers: “O livro *Prophetess of Health* é notável pelas suas revelações carentes de prova, pois toda integridade deveria constituir-se parte essencial de ‘um estudo de Ellen White’, como está sugerido no título. A falha em citar as razões por que os adventistas crêem na inspiração divina da Sra. White faz com que eles pareçam pessoas ingênuas e crédulas ‘logrados’ por uma ‘profetisa da saúde’, a qual aparece diante do leitor como enganadora e mera plagiária.” O texto foi traduzido pelo Centro White. Disponível em: <https://www.centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-sobre-ellen-g-white/respostas-as-criticas-ao-livro-a-profetisa-da-saude/>. Acesso em: 28/05/2023.

um dever religioso e também passou a ver a cura e a educação em saúde como uma responsabilidade da igreja para com seus membros” (idem).

Sendo assim, seja ela reconhecida ou não pelos seus dons proféticos, os escritos de Ellen G. White foram fundamentais para a divulgação do rol doutrinário e teológico norteador do movimento adventista como um todo. Apesar de os escritos White terem grande importância na história adventista, auxiliando na evangelização e nas empreitadas missionárias, o historiador George Knight alerta para o fato de que ela não era vista como uma autoridade máxima dentro do movimento, além de que “o dom de Ellen White não desempenhou papel preponderante no desenvolvimento da doutrina adventista” (KNIGHT, 2000, p. 34). Ele explica:

O principal método usado pelos pioneiros na formação doutrinária era estudar a Bíblia até chegarem em um consenso geral. Quando se chegava a esse ponto, Ellen White algumas vezes recebia uma visão sobre o tema já estudado, sobretudo para confirmar o consenso e ajudar os que continuavam fora de acordo com a maioria, para que aceitassem a exatidão das conclusões a que o grupo chegara por meio da Bíblia. Assim sendo, podemos considerar o papel da senhora White na formação doutrinária [da IASD] mais como um papel confirmatório do que iniciatório (idem, p. 35).

Ou seja, engana-se quem pensa que Ellen G. White conduziu sozinha, por meio de suas visões, toda a formação da doutrina adotada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Evidentemente, tratou-se de um trabalho coletivo que contou com as influências dos discursos produzidos no interior do movimento de reforma da saúde e com a participação ativa de diversos outros pioneiros - como são reconhecidos pelos adventistas aqueles responsáveis pela organização da denominação. Ainda assim, devemos considerar que sua ampla produção sobre os mais diversos temas serviu como manual para refletir sobre os mais diversos aspectos da conduta cristã, passando pela educação, missionarismo, saúde, relacionamentos e, o que nos interessa primordialmente, a alimentação saudável.

No discurso adventista, a alimentação saudável é um tema que aparece reiteradamente associado a um conjunto de outras práticas de cuidado com o corpo e a mente visando sempre a boa saúde e o discernimento para a correta interpretação das passagens bíblicas que versam sobre o assunto. Nesse tópico, procuramos demonstrar como os escritos de Ellen G. White promoveram ao longo do tempo a alimentação saudável em nome da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a ponto de os adventistas serem culturalmente reconhecidos como aqueles que guardam o sábado

e cultivam uma dieta distinta. Como bem lembrado por Whorton, (1982, p. 07), “os evangelistas da saúde normalmente evitam a coerção e a proibição em favor da educação e da persuasão”, portanto, ainda que haja uma série de interdições na doutrina adventista, elas são encaradas mais como recomendações do que obrigações religiosas.

O fato de a mensagem da saúde ter sido mais ativamente desenvolvida dentro do movimento adventista a partir da institucionalização da igreja facilitou não somente a produção de materiais impressos instrutivos, mas também a implementação de empreendimentos em torno da saúde. Sob influência de reformadores como Sylvester Graham, somada a sua primeira visão sobre a mensagem da saúde, além dos aconselhamentos que já vinham de Joseph Bates, Ellen G. White começa a dedicar seus esforços ao tema a partir de 1863. De acordo com Gary Land (2005, p. 320-321), entre este e o ano seguinte, ela e o marido têm um contato mais direto com os benefícios da hidroterapia no tratamento de dois de seus filhos, que apresentando quadros graves de difteria, foram tratados seguindo o método apresentado em um artigo assinado pelo reformador da saúde James C. Jackson. Em 1864, eles visitaram pessoalmente seu instituto de saúde “*Our Home on the Hillside*”, localizado em Dansville, Nova York, para observar a aplicação dos tratamentos hidroterápicos.

Em 1865 eles publicam os primeiros materiais sobre a mensagem da saúde sob uma perspectiva adventista, *Health, or How to Live*. Land informa que “cada volume desta série de seis panfletos incluía uma compilação de escritos de vários reformadores da saúde e um artigo de Ellen que ela afirma ter sido baseado em sua visão de 1863” (idem, p. 321, tradução nossa). Após James White sofrer um derrame e Ellen dedicar parte do seu tempo no acompanhamento da recuperação do marido, ao final do ano, segundo Land, ela teve uma visão que orientava sobre a integração da reforma da saúde como uma pauta religiosa que deveria ser integrada à doutrina adventista, e por isso “deveria estabelecer sua própria instituição de saúde” (idem). Essa pauta foi levada por Ellen G. White à Conferência da Associação Geral⁵¹ ocorrida em 1866 e, apoiada por outras lideranças adventistas, aprovou a criação de um centro

⁵¹ A Associação Geral é o órgão máximo dentro da estrutura organizativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Por meio de suas Conferências, que ocorrem atualmente de cinco em cinco anos, são determinados os caminhos teológicos e missionários da denominação a nível mundial, além da eleição das lideranças institucionais.

de saúde, que inaugurou em setembro do mesmo ano na cidade de Battle Creek, Michigan, sob o nome de *Health Reform Institute* (idem, p. 36).

O instituto, que a partir da década de 1870 foi rebatizado por John Harvey Kellogg de *Battle Creek Sanitarium*, possibilitou a aplicação na prática dos cuidados em relação à saúde defendidos pelos adventistas, servindo de modelo para a criação de outros centros de saúde pela IASD. De acordo com Land, apesar do grande esforço inicial para abrir suas portas, “durante seus primeiros 10 anos de operação, o instituto tinha uma equipe médica inadequada e, com dificuldade em atrair pacientes, quase fechou suas portas” (idem). Conforme comentado anteriormente, o estabelecimento começa a ser administrado a partir de 1875 por John Harvey Kellogg, o qual trouxe sucesso e estabilidade ao empreendimento. Ainda que essa parceria tenha resultado em conflitos e disputas posteriores, Kellogg deixou na história adventista um legado importante em torno da alimentação para além dos hábitos: a *Sanitarium Food Company*, mesmo que inicialmente fosse limitada apenas à demanda do próprio centro de saúde⁵², ela seria a primeira iniciativa de indústria de alimentos saudáveis da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Por meio da análise das fontes, pretendemos esmiuçar como Vida e Saúde estabeleceu um discurso sobre alimentação saudável ao alcance de todos, independente de sua orientação religiosa, ainda que seus argumentos desponham de uma origem confessional. Levando em consideração que nem todos os adventistas nascem inseridos em uma família cuja orientação religiosa já é esta, há um interesse que sempre esteve presente na mídia impressa adventista de não somente informar sobre o que é benéfico e o que é maléfico para o corpo, mas também instruir as pessoas sobre como se adaptar, gradativamente, ao modelo ideal de alimentação. Isso vale, na realidade, tanto para os iniciados, quanto para os que estão fora da religião, servindo como um convite àqueles que tivessem interesse em cuidar do corpo e da mente. Sendo os escritos de Ellen G. White um importante referencial para a elaboração do discurso sobre alimentação saudável presente em Vida e Saúde, buscamos retomar aqui algumas passagens da profetisa para compreender como seu pensamento incide sobre a revista.

⁵² Assim como a Superbom, ela deixou de atender o público interno da instituição e passou a divulgar seus produtos para a venda na mídia impressa adventista. Neste caso, a *Good Health*.

Em *A Ciência do Bom Viver* diversos conselhos sobre as possibilidades de se adaptar a dieta alimentar conforme as necessidades e as possibilidades de cada um, dizendo em certa passagem que “Deus nos tem dado ampla variedade de comidas saudáveis, e cada pessoa deve escolher dentre elas aquelas que a experiência e o bom senso demonstram ser as mais convenientes às suas próprias necessidades” (WHITE, 2013 [1905], p. 209). Optamos por apresentar os conselhos sobre alimentação partindo dessa obra por dois motivos principais: O primeiro é que ele foi organizado pela própria Ellen White, em 1905, contando com passagens originais de sua autoria, diferente de outras obras póstumas produzidas como *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, que se trata de uma compilação de diversas passagens da autora, emitidas em contextos e períodos diversos de sua vida. O outro motivo é que foi uma obra produzida no final da vida de White, num contexto de maior amadurecimento de seu pensamento sobre a alimentação saudável, além de abarcar outros diversos aspectos da doutrina adventista.

Na perspectiva de White, “onde tem havido condescendência com hábitos errôneos, não deve haver demora em reformá-los” (idem, p. 216). Desse modo, a escolha dos alimentos não deve ser guiada pelo apetite, mas prezar pelo autodomínio e não se deixar levar pelas vontades se quisermos nos adaptar a uma dieta mais saudável. Levando em consideração as mudanças culturais do período e as limitações financeiras às quais muitas pessoas estavam subjugadas, a precariedade alimentar era um fato cada vez mais latente. Em muitos casos, o acesso a uma alimentação natural e fresca era impossibilitada por motivos para além da vontade própria dos indivíduos. Ainda assim, White declara que:

A sobriedade na alimentação é recompensada com vigor mental e moral; é também eficaz no domínio das paixões. O excessivo comer é especialmente prejudicial aos que são de temperamento indolente; estes devem comer frugalmente, e fazer bastante exercício físico. Existem homens e mulheres de excelentes aptidões naturais, que não realizam metade do que poderiam efetuar se exercessem domínio sobre si mesmos quanto a negar-se ao apetite (idem).

Ainda que o ideal sejam os alimentos de preparo simples e o mais natural possível, o caráter nutritivo da comida não deve ser negligenciado. Uma dieta ideal deve suprir, de acordo com White, todas as necessidades do corpo humano, sem exageros. Em suas palavras, “é pecado comer apenas para satisfazer o apetite, mas não se deve ser indiferente quanto à qualidade da alimentação, ou à maneira de a

preparar” (idem, p. 211). Desse modo, não basta apenas escolher os alimentos certos, mas também saber como prepará-los e servi-los. White inclusive chama atenção para os exageros à mesa. O cardápio deve variar entre as refeições, para não se tornar desinteressante, mas também “não deve haver grande variedade em cada refeição, pois isso incita o excesso na alimentação, e produz má digestão” (idem).

Para White, assim como para boa parte dos reformadores da saúde, o corpo pode ser intoxicado de diversas formas e não apenas por meio de alimentos considerados inadequados. Suas críticas miravam principalmente produtos que culturalmente eram amplamente consumidos, como álcool e tabaco. Os “estimulantes e narcóticos”, de acordo com a escritora, “embora usados como comida ou bebida, irritam o estômago, envenenam o sangue e excitam os nervos” (idem, p. 228). A crítica central em relação ao fumo é que ele é “inconveniente, caro, sujo”, além de ser prejudicial para a saúde (idem, p. 229) - algo que Ellen G. White não estava, de fato, equivocada. Sobre as bebidas alcoólicas, ela apresenta críticas não somente ao consumo (que levaria a um desequilíbrio não somente do indivíduo, mas de todo ambiente familiar), como também ao comércio desses produtos. Em suas palavras:

Todos os anos se consomem milhões e milhões de litros de bebidas intoxicantes. Milhões e milhões de dólares são gastos na compra da miséria, pobreza, enfermidade, degradação, concupiscência, crime e morte. Por amor do ganho, o vendedor de bebidas passa a suas vítimas aquilo que corrompe e destrói a mente e o corpo. Traz sobre a família do bêbado a pobreza e a ruína (idem, p. 236).

Nesse ponto, evidencia-se também o argumento da temperança compartilhado com outras sociedades civis já existentes, como os movimentos em prol da temperança e abstenção de álcool. A força desse discurso foi tão grande que impulsionou, no século XX, as campanhas que resultaram na homologação da Lei Seca nos Estados Unidos em 1920. De acordo com Levine (1984, p. 112), apesar da campanha de proibição diferir em termos ideológicos e organizacionais daqueles movimentos em prol da temperança oitocentistas, ambos tinham em comum a crença de que o álcool era causador de doenças e, principalmente, de problemas sociais. A respeito disso, concordamos com Levine ao dizer que “as formulações dos séculos XIX e XX tendem a culpar a bebida e o comportamento individual por muitos problemas que têm causas políticas e econômicas muito mais amplas” (idem, p. 109, tradução nossa).

Outro problema apresentado por White são os produtos “altamente estimulantes” como condimentos, temperos, café e chás. Essas “nocivas iguarias” (WHITE, 2013 [1905], p. 210), assim como o tabaco e as bebidas alcoólicas, “irritam o estômago, envenenam o sangue e excitam os nervos” (idem, p. 228). O argumento utilizado pelos defensores da temperança e por Ellen G. White em relação aos chás e café é que estes estimulariam a hiperatividade do ser humano ao invés do repouso necessário. Quanto mais se consumiria o estimulante, mais o corpo demandaria do mesmo para compensar a exaustão causada após por eles. A justificativa apresentada por White é, “uma vez dissipada a influência do estimulante, abate-se a força não natural, sendo o resultado um grau correspondente de abatimento e fraqueza” (idem, p. 229).

White também identifica problemas nos hábitos em torno da alimentação, e não apenas da comida em si. A primeira coisa que se deve garantir é uma regularidade no comer - não se deve comer em demasia, mas também não podemos submeter o corpo a longos períodos de jejum. De acordo com o pensamento de Kellogg, White e outros adventistas, duas refeições ao dia, se bem planejadas, seriam o suficiente para garantir todos os recursos nutricionais e energéticos necessários ao organismo saudável. Esse costume, de acordo com White, “demonstra-se benéfico à saúde; todavia, sob certas circunstâncias, talvez algumas pessoas tenham necessidade de uma terceira refeição. Esta, porém, deve ser muito leve, e de comida de fácil digestão” (idem, p. 225).

Em relação aos comportamentos, White condena diversos hábitos relacionados à alimentação. O costume de ficar “mordicando”, praticado por muitos viajantes que não teriam tempo para se dedicar a uma refeição adequada, causaria fadiga e enjoo (idem, p. 213). Os horários das refeições devem ser organizados, de modo a não comer ligeiramente antes de se deitar, pois atrapalha o sono: “quando nos deitamos para repousar, o estômago já devia ter concluído a sua obra, a fim de, como os demais órgãos do corpo, fruir repouso” (idem). Outro conselho cedido por White é em relação à temperatura dos preparos: não se deve comer uma refeição muito quente, nem muito fria. A mastigação deve ser bem-feita, com “os sucos digestivos chamados à ação” (idem, p. 214). No ato de comensalidade, deve ser apresentado aos que estão na mesa todos os pratos disponíveis, caso contrário, pode levar os convidados ao exagero, comendo mais do que o corpo necessita, pois “não

sabendo o que vem depois, uma pessoa pode comer bastante de um prato que talvez não lhe seja o mais conveniente” (idem, p. 215).

Em relação à escolha dos alimentos e seus preparos, as “vítimas da deficiência culinária” podem ser afetadas de diversas formas. O consumo de leite é, via de regra, contraindicado por White, mas se necessário seu consumo, este deve ser feito após “ser perfeitamente esterilizado” (idem, p. 212). Desse modo, as chances de contrair alguma doença seriam diminuídas. Produtos processados a partir do leite, como manteiga e queijo, estes sim são altamente condenados por ela, que os considera “totalmente impróprio como alimento” (idem). É importante dizer que o contexto no qual White escrevia era de precárias condições sanitárias, no qual muitas pessoas não tinham acesso a conselhos sobre higiene básica, bem como às técnicas de conservação e esterilização, tanto de produtos como de recipientes de acondicionamento. Associados ao açúcar e aos ovos na produção de doces e sobremesas diversas, também seriam “especialmente nocivos” e “causa ativa de má digestão” (idem). Em outra passagem de *A Ciência do Bom Viver*, Ellen G. White associa novamente a necessidade de se eliminar os produtos de origem animal para não contrair doenças cada vez mais inevitáveis:

À medida que as doenças aumentam nos animais, o uso de leite e ovos se tornará cada vez menos livre de perigo. Deve-se fazer um esforço para os substituir com outras coisas que sejam saudáveis e baratas. O povo de toda parte deve ser ensinado a cozinhar sem leite e ovos, isso o quanto possível, fazendo não obstante comida saudável e gostosa (idem, p. 225).

Sobre esse assunto, White mostra-se aberta a exceções sem uma completa condenação daqueles que acabam por consumir leite ou ovos, levando em consideração a realidade em que estão inseridos. Provavelmente, essas situações foram apresentadas por meio da atuação missionária de adventistas, por exemplo, em países afetados pelo neocolonialismo e por países da América Latina. Uma de nossas constatações é que: (1) o adventismo não impõe nenhuma reforma dietética, seu discurso é condenatório, mas busca apresentar as condições ideais para se manter o corpo e a mente sãos; (2) houve a necessidade de se adaptar o discurso sobre alimentação a depender do contexto em que o adventismo estava inserido, como foi no caso do Brasil, que buscaremos explorar mais adiante. Esses dois aspectos da cultura alimentar adventista são atestados pela passagem da obra de Ellen G. White a seguir:

Os que residem em países novos, ou em distritos pobres, onde são escassas as frutas e as nozes, não deviam ser incitados a excluir o leite e os ovos de seu regime dietético. É verdade que pessoas de físico forte e em quem as paixões são vigorosas precisam evitar o uso de comidas estimulantes. [...] Mas no caso de pessoas cujos órgãos produtores do sangue são fracos — especialmente se não se podem obter outros alimentos que forneçam os elementos necessários — leite e ovos não deviam ser de todo abandonados. Grande cuidado, no entanto, deve ser exercido para que o leite seja de vacas sãs, e da mesma maneira os ovos venham de aves sadias e bem alimentadas e cuidadas; e os ovos sejam preparados de modo a serem facilmente digeridos (idem, p. 225).

Contudo, no caso do consumo de carnes o problema seria ainda mais danoso ao corpo, e por isso deve-se ter um esforço excepcional na eliminação deste produto da dieta alimentar. Primeiramente, o argumento centra-se na retórica cristã de que, originalmente, os seres humanos não tinham a carne como parte de sua dieta. White explica que, após o dilúvio, nada sobrou na Terra para servir como alimento, a não ser os animais. Atualizando ao seu contexto, a escritora aponta os problemas na criação dos animais para consumo, tomados por doenças e mantidos em locais insalubres: “se pudessem ver os animais ainda vivos, e saber que espécie de carne estão comendo, iriam repelir enojados” (idem, p. 220). As razões apresentadas por White para além dos perigos de contrair doenças é que, ao se alimentar de carne, estaríamos comendo o mesmo que os animais, mas em “segunda mão”. Os nutrientes provenientes dos cereais e verduras ingeridos pelos animais passariam para nós pela carne, do mesmo modo que as doenças, desse modo, White afirma: “Quão melhor não é obtê-la diretamente, comendo aquilo que Deus proveu para nosso uso!” (idem, p. 220).

O discurso sobre adequação alimentar visando eliminar produtos de origem animal também se apoia no argumento econômico, pois muitas pessoas não tinham recursos e nem conhecimento para os cuidados básicos de higiene e conservação dos alimentos. Também não havia nenhum tipo de controle para os produtos que eram comercializados, levando a população a consumir produtos de procedência questionável e muitas vezes estragados. Um exemplo apresentado por White é em relação ao feitiço do pão caseiro. Para ela, não se deve utilizar leite no lugar de água, pois isso representaria tanto uma “despesa adicional” nas contas domésticas, quanto tornaria o pão “menos saudável” (idem). Levando em consideração que, à época, os produtos que passavam por algum tipo de processamento eram mais custosos e que, por influência desde Sylvester Graham, se defendia o uso da farinha integral, White

também argumenta que o uso da farinha branca “nem é saudável nem econômico” (idem). Essa estratégia mostra-se útil não apenas para aqueles que pretendiam se adequar à boa alimentação propagandeada pelos movimentos de reforma da saúde, mas também para aquelas - marcadamente mulheres - donas de casa que necessitavam fazer o planejamento alimentar de suas famílias, em muitos casos, com recursos diminutos.

A questão de gênero e de classe relacionada à alimentação é evocada por Ellen G. White ao afirmar que “cozinhar não é ciência desprezível, porém uma das mais essenciais na vida prática. É uma arte que todas as mulheres deviam aprender, devendo ser ensinada de um modo que beneficiasse às classes mais pobres” (idem, p. 212-213). Na “arte da cozinha saudável”, as jovens mulheres devem aprender a fazer o simples bem feito, nutritivo e sem exageros. Como responsáveis pelo preparo da alimentação de toda família, deve ser aquela que contribui para o alinhamento de todos aos princípios da alimentação saudável. Em suas palavras, “não é fácil prescrever regras que se adaptem a todos os casos; mas, atendendo aos sãos princípios no comer, podem-se operar grandes reformas, e a cozinheira não precisa labutar continuamente para tentar o apetite” (idem, p. 216).

Não é de se espantar que White reforçasse esses papéis de gênero, dado o contexto sociocultural em que estava inserida. De forma alguma inclinou-se de modo a desconstruir os papéis de gênero, pelo contrário, pela própria influência religiosa cristã costumava reafirmá-los, tendo o homem e a mulher papéis bem definidos no âmbito familiar e doméstico. Mas, por outro lado, é interessante perceber que ela se colocava enquanto porta-voz de sua fé, e não das mulheres donas-de-casa. Mesmo tendo formado uma grande família, como era de costume à época, enquanto liderança religiosa ela se ocupou por toda vida com seu dom da profecia, dedicando-se inteiramente à igreja. De certa forma, subverteu em alguns níveis esses papéis de gênero. Mas conforme investigado em pesquisas anteriores, vemos que o modelo perpetuado pela mídia impressa adventista ao longo do século XX segue reafirmando a função social da mulher enquanto mãe, esposa e dona-de-casa (BACH, 2016, p. 58).

Nesse ponto, acreditamos que a cultura visual da boa saúde propagandeada pela mídia impressa foi muito importante para *alimentar* esse modelo bem-definido de mulher. Na literatura adventista, é comum encontrarmos referências acerca de Ellen

G. White enfatizando o fato de que ela trabalhou incansavelmente até o final de sua vida, e que sempre se manteve forte e saudável apesar dos problemas de saúde precedentes em sua juventude. O reforço dessa imagem de White, detentora de uma força física e espiritual inabalável, projeta um ideal feminino a ser alcançado. Quando exercendo papel de liderança, a visualidade projetada é de uma evangelista que não se envergonha de pregar a palavra de Deus, é gentil e confiante, colocando-se como uma verdadeira mensageira do Senhor⁵³.

Buscamos apresentar aqui alguns pontos norteadores nos escritos de Ellen White que auxiliam na discussão do nosso assunto central que é o discurso sobre alimentação saudável promovida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia por meio de sua mídia impressa no Brasil. Seus conselhos foram exaustivamente reproduzidos pelos periódicos adventistas sobre saúde, incluindo Vida e Saúde e outras publicações lançadas pela Casa Publicadora Brasileira. Na própria edição comemorativa aos oitenta anos da revista, o texto editorial assinado por Michelson Borges já reforça essa referência, falando sobre uma “incrível escritora do século 19, que serve de inspiração para nós até hoje e que foi grande promotora dos chamados ‘oito remédios naturais’, nossa principal baliza editorial desde sempre” (BORGES, 2019, p. 04).

Essa menção indireta à Ellen G. White é comum na revista Vida e Saúde, pois ela mira não apenas o público adventista, mas principalmente o público externo à religião, servindo assim como uma porta de entrada para as publicações adventistas. É importante lembrar que ao longo dos mais de 100 anos que dividem o tempo presente ao falecimento de White, a mídia impressa produzida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia ocupou-se não apenas em reproduzir, mas também atualizar o discurso e a visão de mundo da profetisa, ressignificando sua mensagem num contexto diferente daquele que foi produzido, para que fizesse sentido à experiência de vida nas sociedades atuais. A partir desse panorama traçado sobre o surgimento do adventismo e sua relação com a reforma da saúde, que influenciou o pensamento de

⁵³ Não é nosso foco analisar de forma aprofundada as questões de gênero em torno da cultura midiática adventista, mesmo porque já nos dedicamos em trabalhos anteriores a investigar o ideal de beleza, maternidade e sexualidade feminina a partir da mídia impressa adventista (BACH, 2016). Mas cito aqui duas pesquisas importantes nesse sentido, que exploram o tema da cultura do corpo e as balizas religiosas (GRIFFITH, 2004), bem como a relação entre saúde e doença no contexto adventista (BELLOTTI, 2021). Buscamos também abordar esses temas em um artigo intitulado “Os cuidados com o corpo e alimentação na mídia impressa adventista” que se encontra em processo de publicação até o presente momento (julho de 2024) na Revista Mandrágora (UMESP).

Ellen G. White e a visão de mundo adventista como um todo, cabe agora apresentar de forma mais detalhada nossa fonte de pesquisa, a revista Vida e Saúde. Situamos a seguir os aspectos constitutivos da revista, tais quais corpo editorial, número de páginas, tiragem, seções e modelos de capa.

2.3 A revista Vida e Saúde: em prol de uma vida sã e feliz

Conforme já comentado na introdução, a revista Vida e Saúde foi lançada oficialmente em 1939, após uma tentativa mal-sucedida da Casa Publicadora Brasileira em 1914 em editar um periódico voltado ao tema da saúde e bem-estar, intitulado Saúde e Vida. Desde o princípio, sua regularidade de publicação é mensal, e sua distribuição acontece por meio da colportagem e venda de assinaturas. Sendo editada de forma ininterrupta por 85 anos, Vida e Saúde se configura atualmente como a revista sobre saúde e bem-estar mais longeva do Brasil, sendo voltada a um público amplo de pessoas e não necessariamente religioso, apesar de guiar-se pelos princípios adventistas sobre estilo de vida saudável. Buscamos agora apresentar as principais características do periódico, bem como suas transformações ao longo dos anos de publicação.

Em termos de estrutura, a Vida e Saúde não segue um padrão bem definido nos primeiros anos de publicação e passa por inúmeras modificações ao longo do tempo no que tange ao estilo da grafia do título, a organização dos textos e colunas, o posicionamento e quantidade das informações editoriais, entre outros aspectos. Essa inconstância no visual da revista se dá não apenas pelas limitações gráficas da época, mas também por conta da própria estrutura da Casa Publicadora Brasileira, que possuía um corpo editorial enxuto e que muitas vezes se dividia em várias funções dentro da editora. Em relação à Vida e Saúde, seu propósito de ser uma revista para um público amplo foi bem estabelecido já de início, e seu primeiro slogan dizia o seguinte: “Revista mensal ilustrada, sôbre saúde e higiene”, o que já delimitada também seus temas centrais de interesse. Essa ideia norteadora é reforçada logo no texto de apresentação da edição número 01 de Vida e Saúde, intitulado “Nosso Programa” e assinado por “W.”, que nos leva a crer que se trata de Luiz Waldvogel⁵⁴,

⁵⁴ Luiz Waldvogel (1897-1990), foi editor, escritor e tradutor da Casa Publicadora Brasileira. Nascido no estado de São Paulo, ainda criança converteu-se junto com sua família ao adventismo. Estudou no então Seminário Adventista (que veio a se tornar, atualmente, a UNASP) e atuou, em sua juventude, como colportor. Começou a trabalhar na editora adventista em 1917, tornando-se ao longo dos anos de atuação um dos principais nomes da Casa Publicadora Brasileira, alcançando o cargo de editor

responsável pela equipe de redação da revista e que permaneceu na equipe editorial da mesma de 1939 até 1965.

No texto em questão, Waldvogel (1939) aponta que há a demanda de popularização das noções sobre a “vida higiênica”, reconhecendo que não se trata de uma publicação pioneira, tendo em vista que outras revistas sobre higiene e saúde já encontravam-se em circulação naquele contexto, mas que objetiva ser um veículo de divulgação de conhecimento “sem eruditismo científico e exibição de frases feitas” (idem, p. 03). Sendo assim, sua missão seria “levar ao povo a leitura que os inicie suavemente nos mistérios de nosso corpo, nas leis que lhe regem o organismo, nas condições ideais da boa saúde” (idem). É interessante notar que o convite à leitura de Vida e Saúde é direcionado a toda a família, ainda que respeitando as marcadas hierarquias de gênero. Waldvogel apresenta a revista num primeiro momento à figura do “leitor amigo”, chefe de família, indicando que após a leitura seria de bom proveito repassá-la para a esposa e filhos. Para a “gentil leitora”, diz Waldvogel, indica-se a leitura de todo o conteúdo da revista, destacando “a *sua* página, a ‘Página da Dona de Casa’” (idem, grifo do autor).

Outros slogans adotados pela revista ao longo dos anos de publicação seguiram a mesma lógica de sintetizar seus objetivos centrais, sempre remetendo a um universo em que a qualidade de vida e a felicidade estão sempre conectadas ao cuidado com a saúde: “Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz” (a partir de 1961), que teve variações sutis para “Revista em prol de uma vida sã e feliz” (a partir de 1971) e “Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz” (a partir de 1972); “A Revista Mensal da Família” (entre 1981 e 1984) e “Boas idéias para você viver bem” (a partir de 1997). Vale mencionar que o ano de 1988 adotou o slogan “Ano 50 Vida e Saúde”, em comemoração ao aniversário de meio século de lançamento da revista. Além disso, ela teve alguns períodos sem uso de slogan, ou apenas “Revista Mensal” entre 1984 e 1996.

Apesar da revista se propor a elaborar seções fixas para as edições, nem sempre elas tinham uma constância mês a mês, o que revela certa dificuldade de seus editores em firmar uma equipe com especialistas responsáveis para cada uma delas. Isso ficou bastante evidente ao fazermos um levantamento quantitativo, conforme

chefe em 1934. Aposentou-se em 1965, mas continuou a auxiliar nas publicações adventistas e em tarefas ministeriais na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estas e outras informações biográficas estão disponíveis em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=5GRE&lang=pt>. Acesso em 24/07/2023.

disposto na Tabela II (Anexo II). Nos primeiros anos eram basicamente as seguintes: “Notícias Médicas” (texto que discutia um tema de interesse do campo médico), “O Comentário do Mês” (equivalente a um texto editorial), “Para Meninos e Meninas” (textos de caráter informativo ou narrativas com fundo moral voltados às crianças) e “Página da Dona de Casa” (que trazia dicas sobre o universo doméstico e receitas culinárias). Ainda na primeira metade da década de 1940, juntou-se a elas a seção “Perguntas e Respostas”, sob responsabilidade de Galdino Nunes Vieira, configurando a primeira forma de interação direta com o público leitor, que enviava dúvidas sobre saúde, higiene e alimentação por carta para a redação da revista, que selecionava e respondia as mesmas. Em algumas edições, também começa a aparecer “Meu Cardápio”, que trazia sugestões de planejamento alimentar, modos de preparo e receitas culinárias.

Em meados da década de 1950, algumas seções são criadas (como “Nossa Flora Medicinal”, “Enfermagem Caseira”, “Em Caso de Emergência”, “Filosofia de Vida”, “Passatempos”, “Jardinagem”, “Conhecimentos Úteis” e “Poesias”) e outras passam por alterações em seus títulos. É o caso de “O Médico da Família”, novo nome da seção de “Perguntas e Respostas”, que na ausência de Nunes Vieira passa a ser dirigida pelo Dr. Paul Younis⁵⁵. Destaca-se a criação da seção “1/4 de hora de Cultura Física”, por vez complementado com “...da Mulher”. Trata-se do primeiro conteúdo voltado exclusivamente à promoção e aconselhamentos sobre exercícios físicos na revista. A mesma passou a ser nomeada apenas “Cultura Física” na década de 1960, “Educação Física” na década de 1970 e “Aptidão Física” na década de 1980. Nesse período, observamos ainda o início da identificação da autoria dos artigos publicados junto ao título da matéria logo no sumário da revista. Em janeiro de 1959, outra mudança importante é que o editorial da revista passa a emitir o seguinte aviso junto ao sumário: “esta revista não assume responsabilidade das opiniões emitidas por seus colaboradores”.

Na década de 1960, as “novidades médicas” passam a ser anunciadas pela seção “Fala a Ciência” e dicas sobre alimentação passam a figurar em “A Arte de Comer”. Também surgem seções como “Mosaico Noticioso” e “Calidoscópio”, que

⁵⁵ Identificado pela revista como médico alopata e naturista, atendia na cidade de São Paulo e atuava na área de clínica médica com o tratamento de asma, bronquites, diabetes, magreza, obesidade, paralisias, reumatismo, Síndrome de Menière, varizes e hidroterapia. Publicou o livro “A Cura das Enfermidades” pela EDIGRAF em 1956.

anos mais tarde recebe o nome de “Panorama Mundial”, e “Sabeis?” e “Ecos Daqui, Dali e Dacolá”, que apresentam alguma novidade ou curiosidade do universo da saúde e bem-estar. Elas não aparecem com tanta frequência, sendo rapidamente descontinuadas na década seguinte. Há ainda “Chaves para a Felicidade”, “Um Minuto de Meditação”, “Horta Doméstica” e “Enciclopédia”. No início dos anos 1970, a “Página da Dona de Casa” passa a se chamar “Dietética & Cozinha”, mudando para “Lar e Cozinha” ao final da década. Contudo, isso não demonstra necessariamente um avanço em termos de divisão sexual do trabalho doméstico, uma vez que em meados da década de 1980 ela retorna com o marcador de gênero, intitulando-se “Jornal da Mulher”. Outras seções registradas ao longo da década de 1970 são “Sugestões que valem dinheiro”, “Conheça o seu Corpo”, “O Assunto do Momento”, “Preceitos de Saúde” e “O Melhor da Vida” (que tem um viés semelhante a’O Comentário do Mês, que havia sido descontinuado). Na década de 1980, assistimos a certa mornidão do editorial de Vida e Saúde, que deixou a parte de seções da revista mais enxuta, dispensando maior atenção aos artigos livres. Somente ao final dos anos 1980 que visualizamos uma retomada da diversidade de seções. Nesse período, a revista também retorna com a seção de perguntas e respostas, sob o nome “Consultório Psicológico”, que havia sido interrompida.

Um diferencial registrado na década de 1980 foram as publicações de edições especiais sobre vegetarianismo. Conforme já visto na pesquisa sobre a revista Mocidade (BACH, 2020, p. 57-58), essa era uma estratégia comum adotada pela Casa Publicadora Brasileira, que por meio da colportagem divulgava seus periódicos distribuindo gratuitamente essas edições temáticas, e ainda, promovia temas caros ao adventismo por meio dessas ações, como as “doenças venéreas”, com foco no público jovem. Também na década de 1980, chama a atenção a seção “Tratamentos Naturais”, que parece ser a junção de anteriores como “Nossa Flora Medicinal”, “Enfermagem” e outras que discutiam novidades em tratamentos de saúde, articulando alguns dos “oito remédios naturais” em seus tratamentos sugeridos. Na década seguinte, torna-se “Medicina Alternativa”.

Na década de 1990, o editorial passou a priorizar as seções fixas, diminuindo o número de artigos livres e reportagens por edição, refletindo um aumento e maior diversidade dos conteúdos abordados. De acordo com Bellotti (2023, p. 353), isso significa que, “ao longo do tempo, o periódico consolidou um time de colaboradores/as

comprometido com envio mensal de matérias”, o que em momentos anteriores era mais difícil, seja pela limitação financeira ou dificuldades organizacionais da equipe editorial da revista. De fato, a partir da década de 1990 há um ou mais especialistas responsáveis por cada uma delas, como nutricionistas, psicólogos, dentistas e médicos. Nesse contexto, além de várias já conhecidas, o editorial criou algumas seções novas, como “Beleza Natural”, “Meu Bebê, Meu Tesouro”, voltada à maternidade e puericultura, e “Receitas do Grande Médico”, focando na saúde espiritual.

Em 1997, uma nova reestruturação da revista busca reerguer Vida e Saúde, que assistia um contínuo declínio em sua circulação desde o início da década, que passou de uma tiragem de 100.000 exemplares em 1990 para 56.000 em 1992. Essa acentuada redução pode ser justificada pela grave crise econômica à qual o Brasil passou na primeira metade da década de 1990 com o frustrado Plano Collor⁵⁶. As seções mantidas, reformuladas ou criadas e suas respectivas abordagens, conforme informado pelo próprio editorial, eram as seguintes: “Saúde no Mundo” (notícias, pesquisas e lançamentos), “VS Responde” (especialistas comentam perguntas dos leitores), “Dicas & Receitas” (sugestões para facilitar sua vida na cozinha e em casa), “Seu Corpo” (exercícios para você ficar em boa forma), “Odonto” (os segredos de um sorriso bonito), “Espaço da Criança” (uma página especial para seu filho!), “Plantas” (como utilizar as plantas amigas), “Correio” (sugestões, críticas e... elogios do leitor) e “Vida Total” (a gente não vive só de pão). A estrutura manteve-se mais ou menos a mesma até o último ano analisado, 2000.

Em relação às capas, podemos ver uma nítida transformação na revista Vida e Saúde conforme aumenta o investimento da Casa Publicadora Brasileira no seu corpo editorial. Nas figuras que seguem abaixo, podemos ver algumas das diagramações adotadas para a capa ao longo no início da publicação da revista, estas que foram se adaptando com o tempo conforme os recursos da editora e, principalmente, as demandas mercadológicas, adotando cada vez mais um “visual secular” com o passar do tempo. As capas referentes às primeiras edições (FIGURA 01) trazem ilustrações que remetem ao universo natural, com folhagens, animais silvestres, água corrente

⁵⁶ Oficialmente chamado Plano Brasil Novo, ele integrava um conjunto de reformas, cujo bloqueio das aplicações financeiras foi o grande marco da política econômica estabelecida pelo então presidente Fernando Collor em março de 1990, numa tentativa frustrada de conter a elevada inflação e se sobrepor às sucessivas políticas de estabilização fracassadas dos governos anteriores. Para saber mais: CARVALHO, 2006.

(rio, cachoeiras, lagos). As cores da impressão são limitadas e o estilo cursivo das letras que anunciam o nome da revista não é padronizado nos primeiros anos de publicação.

FIGURA 01, 02 E 03 - CAPAS DAS EDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, edições de janeiro de 1939, junho de 1940 e abril de 1958.
(Acervo pessoal e Biblioteca Pública do Paraná).

Apenas a partir da década de 1940 que o editorial elabora padrões para a escrita de “Vida e Saúde”. Os elementos de capa variam entre a imagem de paisagens naturais, pessoas em diversas atividades em contato com a natureza ou então no âmbito doméstico, crianças brincando, imagens de alimentos saudáveis e apetitosos, como frutas, verduras e legumes (FIGURA 02). Essas referências a uma vida natural podem ser entendidas como uma influência dos conselhos presentes na obra de Ellen G. White, que enfatizava a superioridade da vida junto à natureza. Nesses primeiros anos, eventualmente, também aparecem paisagens rurais ligadas a alguma atividade laboral no campo e paisagens urbanas (prédios, casarões, automóveis). Na década de 1950, aproximando-se do *layout* de *Life and Health*, a revista passa a anunciar na capa o título das reportagens principais da edição ao lado do nome (FIGURA 03) e a grafia do título passa novamente por mudanças estilísticas.

Na década de 1970, podemos notar uma importante alteração nas capas da revista, cujo editorial deixa de selecionar imagens aleatórias e passam a fazer a própria produção das mesmas, com o intuito de dialogar com o conteúdo de cada edição. Isso pode ser atribuído ao fato de que, em 1969, Vida e Saúde começa a ter um profissional responsável exclusivamente pelos aspectos imagéticos da revista,

Henrique C. Kaercher⁵⁷, ocupando o cargo de “Ilustrações e Diagramação”. Apesar disso, demoraram alguns anos para que o editorial abrisse mão do visual sustentado pela revista nas primeiras décadas. Ainda no início da década de 1970 (FIGURA 04), as imagens da capa nem sempre dialogavam com o conteúdo das matérias e seções publicadas na revista, uma vez que eram emprestadas de banco de imagens. As mudanças foram absorvidas de forma gradativa ao longo da década, atualizando-se para acompanhar um mercado editorial cada vez mais competitivo.

FIGURA 04, 05, 06 E 07 - CAPAS DAS EDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE



⁵⁷ Henrique Carlos Kaercher (1915-2009), natural do Rio Grande do Sul, teria começado a atuar na área de tipografia e impressão com 12 anos, trabalhando também como colportor para subsidiar seus estudos Instituto Adventista Cruzeiro do Sul em Taquara-RS. Em 1966, após uma viagem para conhecer as editoras adventistas nos Estados Unidos, Kaercher foi responsável pela implementação de um Departamento de Arte na CPB. Sua saída deu-se em função de sua aposentadoria, em 1977. Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=CGJL&lang=pt>. Acesso em: 03/07/2024.



Fonte: Vida e Saúde, edições de janeiro de 1971, janeiro de 1976, outubro de 1983 e janeiro de 1991. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

Na segunda metade dos anos 1970 (FIGURA 05), com um departamento de arte consolidado, a revista passa a produzir as próprias imagens de capa. São geralmente fotografias encenadas com elementos que dialogam com as matérias especiais destacadas. Mesmo quando a fonte é um banco de imagens, elas são selecionadas de forma que façam sentido com o conteúdo veiculado na edição em que são utilizadas. Esse padrão se estende pelas décadas seguintes, como podemos exemplificar com as capas das edições de outubro de 1983 (FIGURA 06) e janeiro de 1991 (FIGURA 07).

Além do visual que passou por mudanças significativas ao longo das décadas do século XX, a revista também “cresceu” em número de páginas. Inicialmente, ela começou a ser publicada com 24 páginas, declinando para 20 páginas em algumas poucas edições de 1940. Em 1960, sobe para 28 páginas. Em junho de 1977, a revista passa a contar com 32 páginas. Pouco tempo depois, em dezembro de 1980, ela aumenta novamente, desta vez para 36 páginas, tendo algumas edições no início da década de 1990 com 32 páginas. No último ano analisado, observamos um salto expressivo no número de páginas, uma vez que em fevereiro de 2000 a revista passou a contar com 52 páginas a cada edição. Esse padrão de 52 páginas foi mantido nas décadas seguintes e ainda hoje continua dessa forma.

Outro dado interessante é a tiragem de Vida e Saúde. Em boa parte das edições ao longo do período estudado, ela não era informada. A primeira edição que publica esse dado é a de janeiro de 1987⁵⁸, cujo valor é de 125.000 cópias. Conforme o levantamento feito (ver ANEXO II), até o ano de 1991 ela mantém-se na casa das centenas na maioria das edições, variando entre um máximo de 145.000 e um mínimo de 85.000. A partir de 1992, a revista sofreu um gradativo declínio no volume de edições impressas, chegando ao mínimo de 34.000 cópias em janeiro de 2000. Nesse período, como já comentamos, a revista passa por mudanças no corpo editorial e ao que tudo indica, há um esforço em reverter essa crise de circulação assistida por Vida e Saúde ao longo da década de 1990, justificada pela crise econômica e consequente fragilização do poder de compra da população, levando a redução de gastos dispensáveis como assinaturas de revistas.

A edição de dezembro de 2000 informou uma tiragem de 65.000 cópias. Este ano também foi marcado por algumas edições comercializadas a preços promocionais de R\$4,90⁵⁹. A critério informativo, a edição de janeiro de 2019⁶⁰ informou 60.000 cópias impressas. Podemos atribuir essa diminuição no número de edições mensais em circulação desde a década de 1990 a dois fatores principais: no quarto final do século XX, a criação de outras revistas do mesmo segmento⁶¹ sobre saúde e bem estar e, na passagem da década de 1990 e início dos anos 2000, ao advento da internet e sua subsequente popularização, que dinamizou a forma como as pessoas acessam informações sobre assuntos diversos em um mundo cada vez mais globalizado.

Ao analisar um periódico por um extenso período, como foi o caso dessa pesquisa que se debruçou sobre Vida e Saúde por mais de seis décadas, é esperado que o corpo editorial demonstre uma movimentação bastante expressiva. A Tabela 1 (Anexo I) foi elaborada seguindo as entradas e saídas registradas na equipe da

⁵⁸ Mesmo ano em que as outras revistas publicadas pela Casa Publicadora Brasileira começam a informar a tiragem, como é o caso de Mocidade (BACH, 2020, p. 56).

⁵⁹ O preço do exemplar avulso na época era de R\$6,90. A promoção se estendia também para a assinatura anual, que passava de R\$82,80 para 58,80. Havia variação de valor para alguns estados da região norte e nordeste do Brasil (Acre, Amazonas, Acre, Ceará, Maranhão, Pará, Rondônia e Roraima), cujos valores passavam de R\$7,65 para R\$5,70 no exemplar avulso, e R\$91,80 para R\$68,40 no caso de assinatura anual.

⁶⁰ Esta foi a edição mais recente disponível para consulta online que informou a tiragem mensal. Consultado em: <https://acervo.cpb.com.br/vs>. Acesso em: 01/07/2024.

⁶¹ Como a *Veja Saúde* na década de 1980 (anteriormente nomeada *Saúde é Vital*), *Viva Saúde* na década de 1990, e *Boa Forma* (Editora Azul - 1986, depois Editora Abril).

revista, totalizando 146 pessoas atuando em Vida e Saúde em diferentes cargos e períodos entre 1939 e 2000. Vale dizer que a partir de 1987 a revista passa a informar de forma separada quem integrava o corpo editorial específico de Vida e Saúde e quem fazia parte do corpo de funcionários da Casa Publicadora Brasileira. Portanto, alguns dos nomes estão sinalizados como “CPB”, indicando que o mesmo ocupava o cargo em questão em relação à editora como um todo. Nos casos em que o profissional iniciou no cargo em data anterior à 1987, optamos por manter sem a sinalização, apesar de considerar que o mesmo poderia ocupar um cargo cujas funções atendia não somente à Vida e Saúde.

Outro dado interessante relacionado ao editorial é que logo nos primeiros anos de publicação a revista precisou nomear um “proprietário” brasileiro para se adequar às políticas estabelecidas pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, que desautorizou a circulação de periódicos de origem estrangeira no país. Essa mudança foi registrada pelo historiador Gary Land, no verbete sobre a Casa Publicadora Brasileira, o qual informa que “uma lei brasileira exigindo que todos os periódicos fossem publicados por nacionais levou à nacionalização do conselho editorial em 1941 e à nomeação de editores de revistas brasileiras no início do ano seguinte” (LAND, 2005, p. 47, tradução nossa). Com isso, no início de 1942, a editora nomeou Domingos Peixoto da Silva para o cargo de “Propriedade” de Vida e Saúde, cuja nomenclatura foi alterada para “Director-proprietário” em 1949, o que perdurou até 1951 (vide Tabela I), quando a classificação foi extinta do editorial da revista.

Em pesquisas anteriores sobre a revista Mocidade (BACH, 2020), publicada pela Casa Publicadora Brasileira entre as décadas de 1950 e 1990 no Brasil, notamos que o corpo editorial de Vida e Saúde ao longo dos anos foi quase que totalmente composto por homens, reservando pouco espaço para a atuação de mulheres, sobretudo quando analisamos os cargos responsáveis pela produção de conteúdo da revista ou então cargos de gerência do periódico. Além disso, alguns dos nomes encontrados no editorial de Mocidade também integraram o de Vida e Saúde. É o caso de Maria J. Bienemann⁶², que foi a primeira mulher a ocupar um cargo no editorial da revista, atuando como diagramadora nas edições de novembro e dezembro de 1980.

⁶² Maria José Bienemann começou a trabalhar na Casa Publicadora Brasileira na década de 1970. De acordo com a moção de aplausos e congratulações apresentada pelo vereador Marquinhos de Abreu à Câmara Municipal de Tatuí-SP em 2019, “a nobre homenageada labora na Casa Publicadora Brasileira há cerca de 45 anos e sete meses, sendo 43 anos no mesmo departamento, o de artes,

A segunda mulher a figurar no corpo editorial da revista Vida e Saúde (e também de Mocidade) foi Herlem X. de Campos⁶³, que atuou como diagramadora entre julho de 1989 e setembro de 1990. No mesmo cargo em Vida e Saúde, que por vezes era intitulado como “programação visual”, apareceram ainda Vilma Piergentile⁶⁴ (nas edições de novembro e dezembro de 1991), Vera L. Santos⁶⁵ (nas edições de janeiro e fevereiro de 1997) e Sandra Patrícia Ferreira⁶⁶ (na edição de abril de 1999). O que podemos visualizar de comum a estas mulheres, excetuando Campos, é a brevidade de suas passagens no corpo editorial, diferente do que acontecia com os homens que ocuparam os mesmos cargos na revista, aos quais eram confiados os trabalhos de diagramação por um período bem mais extenso. A exemplo, temos o já citado Henrique C. Kaercher, que atuou na revista entre 1969 e 1977, Erlo Köhler⁶⁷, que atuou entre 1973 a 1983, e depois retornou entre 1991 e 1996, e Wilson de Almeida⁶⁸, que iniciou seus trabalhos como diagramador da revista em 1977 e, entre idas e vindas, permaneceu no corpo editorial da mesma até 2000. Isso sugere que a direção de Vida e Saúde e, conseqüentemente, a da Casa Publicadora Brasileira, depositava uma credibilidade maior no trabalho realizado por homens, em relação ao mesmo executado por mulheres. Isso não é uma novidade nas publicações da editora, e é um dado que torna-se ainda mais alarmante se analisarmos outros cargos de maior projeção na revista.

designer gráfico, sendo a primeira a fazer livros didáticos na instituição”. Disponível em: <https://tatui.siscam.com.br/arquivo?Id=43380>. Acesso em: 30/06/2024.

⁶³ Herlem Xavier de Campos possui graduação em Letras e especialização em Teologia e Estudos Adventistas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - EC. Mais recentemente, tem atuado como professora de inglês na rede pública e na rede adventista de educação.

⁶⁴ Não foram encontradas informações sobre ela para além das menções em periódicos adventistas enquanto integrante da equipe de arte.

⁶⁵ Não encontramos informações sobre a mesma.

⁶⁶ Não encontramos informações sobre a mesma.

⁶⁷ De acordo com uma matéria publicada no website da rede adventista Novo Tempo, Erlo Germano Köhler é natural de Taquara-RS, formou-se em Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino e é um colecionador de Bíblias, possuindo mais de 1.600 exemplares. Disponível em: <https://www.novotempo.com/colecionador-realiza-exposicoes-de-biblias/>. Acesso em: 04/07/2024.

⁶⁸ Wilson Ferraz de Almeida (1947-2024), pastor adventista, formado em Jornalismo e Teologia, atuou na Casa Publicadora Brasileira entre 1975 e 2000. De acordo com um texto de 2001 cuja autoria é atribuída ao próprio, Almeida informa que ele saiu da editora por insatisfação com o cargo ao qual lhe foi atribuído (chefe do Departamento de Arte), uma vez que ele não se identificava tanto com o cargo e preferia atuar na redação. Além disso, em suas palavras, “houve também o fato de minha esposa ter solicitado seu desligamento da IASD, por razões pessoais, pelo fato de ela não concordar com o atual estado de mornidão da igreja, bem como pela maneira autoritária como que ela é administrada (nisso também concordo)”. A carta redigida por Almeida encontra-se disponível na íntegra para leitura em: https://www.adventistas.com/marco2001/wilson_almeida.htm. Acesso em: 06/07/2024.

Curiosamente, o único cargo da revista que foi ocupado exclusivamente por mulheres foi o de secretária. Darlene Arruda⁶⁹ começou a atuar nessa função em janeiro de 1997, edição na qual o cargo começou a ser informado no corpo editorial da revista. Na mesma função, Rosemara Franco Santos⁷⁰ aparece nas edições de setembro, outubro e novembro de 1997. A única mulher que ocupou um cargo de maior relevância dentro da revista ao longo de mais de seis décadas foi Sueli Nunes Ferreira, que integrou o Conselho Editorial da revista entre março de 1994 e junho de 1996. Vale citar que esse período também delimita as edições nas quais esse conselho foi notificado pelo editorial da revista, além de que ela era a única mulher a integrar o mesmo. Ferreira, que tem formação acadêmica como jornalista e pedagoga, também atuou em outros periódicos da Casa Publicadora Brasileira, como Mocidade, Nosso Amiguinho e Revista Adventista, além de ter publicado o livro “De Bem Com Você” em parceria com Marcos de Benedicto pela editora adventista (BACH, 2020, p. 62).

Ao mapear os cargos de maior projeção e responsabilidade dentro da revista, destacam-se alguns nomes como o de Luiz Waldvogel (redator-chefe, 1939-1965), Antônio Miranda (redação, 1939-1955), Galdino Nunes Vieira (redação e supervisão médica, 1942-1973), Rafael de Azambuja Butler (redação, 1943/44-1968), Bernardo E. Schünemann (gerente, 1951-1977), Carlos A. Trezza (redator-chefe, 1965-1977), Wilson Sarli (gerente, 1977-1985 e 1985-2000), Carlos M. Borda (1985-1995) e Manfred Krusche (supervisão médica, 1979-1980 e 1987-anos 2000). Ainda que haja algumas lacunas em suas trajetórias na revista, podemos perceber que a responsabilidade pela administração, bem como a produção e supervisão dos conteúdos veiculados na revista, invariavelmente era depositada nas mãos de homens que possuíam grande credibilidade no meio adventista. Isso não quer dizer que apenas homens escreviam para a revista, pelo contrário. Ainda que não seja o foco da presente pesquisa, podemos perceber que alguns temas relacionados à saúde e ao bem-estar eram considerados naturalmente femininos (como amamentação, cuidados domésticos, culinária, estética, entre outros), e por isso, muitas mulheres também contribuíram com Vida e Saúde.

⁶⁹ Não encontramos informações sobre a mesma.

⁷⁰ Encontramos diversas menções a ela em publicações adventistas (livros, periódicos, cartilhas) ocupando a função de editoração, o que sugere seu crescimento profissional dentro da editora.

Fazendo um panorama geral em relação ao conteúdo veiculado na revista, Bellotti (2020a) observa que Vida e Saúde se divide em pelo menos duas fases: uma mais “americanizada” e alinhada aos princípios higienistas da época, que compreendeu as décadas de 1930 até a de 1960; e da década de 1970 em diante que seria o período em que a revista começa a se mostrar mais alinhada às demandas nacionais, com matérias escritas por autores brasileiros, dando “lugar a uma visão individualista de saúde, em que o sujeito é responsabilizado pela sua saúde e sua doença a partir de suas escolhas de hábitos” (idem, p. 516). Essa divisão, ainda que não seja abrupta, mas sim constituída gradativamente, irá nos auxiliar na análise de fontes nos próximos capítulos e para estruturar nossos argumentos centrais, tais quais a elaboração de um discurso sobre alimentação específico ao público brasileiro, bem como a consolidação da cultura alimentar como um dos traços mais distintivos da identidade adventista.

Uma reflexão importante trazida pela autora é que, apesar de a revista se mostrar um importante instrumento de educação sanitária num contexto em que não existia um sistema público de saúde estruturado, nem sempre as questões socioeconômicas eram levadas em consideração. A noção de saúde e dos cuidados com o corpo promovida por Vida e Saúde muitas vezes parece alheia ao fato de boa parte da população brasileira não ter acesso a elementos que são necessidades básicas, “como por exemplo, à água tratada e esgoto, a condições para praticar exercícios físicos e manter um repouso adequado, a uma alimentação saudável e balanceada, a condições salubres de trabalho e moradia” (BELLOTTI, 2020a, p. 516). Desse modo, nem sempre o discurso veiculado na revista se aplica à realidade brasileira de forma geral, o que nos leva a pensar que, apesar de não declaradamente, o periódico tem sim um recorte socioeconômico no que diz respeito ao público-alvo: a classe média.

Ainda assim, podemos considerá-la uma importante ferramenta comunicativa num contexto em que o acesso à informação sobre cuidados sanitários, higiene e saúde era precário mesmo para as classes mais abastadas. Entre os assuntos discutidos na revista, estão os problemas de saúde associados a hábitos comuns a toda a população brasileira, como o consumo de álcool e fumo. Em um cenário no qual até mesmo crianças faziam o uso dessas substâncias, hoje conhecidamente nocivas à saúde, Vida e Saúde posiciona-se na vanguarda dos aconselhamentos

sobre o consumo delas, juntando-se ao discurso médico-higienista que já apontavam os potenciais danos ao organismo humano. Contudo, como veremos a seguir, o discurso da revista não se limita aos cuidados do corpo, mas também do espírito, partindo de uma retórica cristã acerca das noções de pecado e transgressão.

3. ENTRE O CUIDADO E A TRANSGRESSÃO

A literatura acerca do autodomínio remete aos primeiros séculos de formação do cristianismo. Desde Hipócrates (séc. IV a. C.) a Tomás de Aquino (séc. XIII), passando por Galeno de Pérgamo (séc. II d.C.), Evágrio Pôntico (séc. IV d.C.) e tantos outros pensadores da Antiguidade, a necessidade de controlar os instintos humanos foi representada das mais diversas formas, na literatura, na arte, nos provérbios e sermões. O apego às sistematizações do que se deve ou não fazer, pensar, sentir, marca a história cristã. No catecismo, prega-se o decálogo, conjunto de dez mandamentos que teriam sido elencados por Deus como princípios éticos da vida cristã. Constantemente reiteradas pela doutrina católica, “quer sejam formuladas como preceitos negativos ou interdições, quer como mandamentos positivos (por exemplo: ‘Honra teu pai e tua mãe’), as ‘dez palavras’ indicam as condições duma vida liberta da escravidão do pecado”⁷¹.

Desse modo, além dos basilares dez mandamentos da lei de Deus, outras sistematizações foram produzidas no interior do cristianismo, objetivando o controle dos corpos (e espírito) daqueles que buscam viver de acordo com a lei divina. Ao longo dos séculos, a retórica cristã ligada ao catolicismo foi estabelecida pautando-se nos extremos - do jejum à abundância, da penitência à salvação. Com o advento da Reforma Protestante (séc. XVI), há uma mudança na forma de encarar o comportamento humano e sua relação com Deus. A partir desse contexto, percebemos a busca pela moderação de toda ação humana. Se nos primeiros séculos a privação alimentar era sinal de penitência e determinação no interior da vida monástica, na baixa Idade Média (séc. XI ao XV) o clero passa a ser gradativamente associado à abundância e à devassidão. O historiador Florent Quellier (2011, p. 75) destaca que, nesse período, o anticlericalismo fortaleceu-se justamente com a promoção da imagem de um corpo clérigo “ocioso, barrigudo e guloso, eventualmente libidinoso”, o que se potencializa na literatura panfletária emergente da reforma no século XVI.

Apesar da influência dessa tradição cristã em torno do autocontrole estar bastante presente na doutrina adventista, percebemos que há um diferencial na forma

⁷¹ Consultado em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2-intr_2052-2082_po.html. Acesso em 10/06/2023.

como a mensagem é transmitida, bem como o olhar em torno da relação entre doutrina religiosa e o cuidado de si. Em sua obra *A Ciência do Bom Viver*, Ellen G. White afirma que “é o dever de toda pessoa, por amor de si mesma, e por amor da humanidade, instruir-se quanto às leis da vida, e a elas prestar conscienciosa obediência” (WHITE, 2013 [1905], p. 80). Desse modo, a autora coloca o sujeito como agente de suas próprias transformações, seja do corpo ou da mente, apesar do interesse maior envolvido seja agradar a Deus, preservar Sua obra e receber a benção da vida eterna - tendo em vista que, para o adventismo, a imortalidade é condicionada a correta conduta do ser humano nos mais diversos aspectos da sua vida terrena. Visualizamos que há, de certo modo, uma forma positiva de olhar a experiência religiosa em relação à agência do sujeito face à retórica fortemente condenatória dos comportamentos humanos presentes em outras religiões cristãs.

O detalhamento das instruções acerca do cuidado com o corpo, por meio dos oito remédios naturais, oferece um caminho palpável para a completa realização da reforma da saúde. Na mídia impressa adventista, conforme analisa Bellotti (2020c), nem sempre esses elementos são nomeados como remédios, mas enquadrados como recomendações a serem cultivadas cotidianamente para se alcançar a boa saúde. Orientada pelos escritos de Ellen G. White, a mensagem da saúde adventista comumente associa “as doenças às transgressões dos mandamentos de Deus para o funcionamento do organismo” (idem, p. 07). A vida naturalista idealizada por Deus e vivenciada por Adão e Eva no Éden por vezes é evocada em seus escritos, sugerindo que “quanto mais natural for o estilo de vida, mais próximo de Deus a pessoa estaria” (idem, p. 04). Sendo assim, esse seria o ideal a ser alcançado em uma vida plena, de acordo com os princípios divinos.

Desse modo, buscamos neste capítulo apontar as raízes do pensamento cristão sobre o autodomínio e mostrar como esse discurso foi incorporado na doutrina adventista de forma específica. Para tanto, apresentamos, partindo sobretudo das reflexões de Michel Foucault, Stephen Greenblatt, Innocenzo Mazzini e Florent Quellier, um panorama sobre a noção de pecado em associação à alimentação e como esta foi transformada ao longo do tempo pelo discurso cristão. Em seguida, analisamos como essa noção foi assimilada e reformulada no século XIX pelo adventismo, retomando os sujeitos como agentes ativos do cuidado de si sobre si, prezando sempre pela moderação e objetivando não apenas a anuência divina, mas

também a qualidade de vida terrena. Para tanto, a mídia impressa se apresenta como uma alternativa viável para a devida instrução, tanto de adventistas quanto de não adventistas, afinal de contas, o discurso sobre saúde e alimentação configura-se como uma possível porta de entrada para novos membros à igreja.

Nesse sentido, percebemos que o discurso adventista se diferencia de outras vertentes cristãs justamente por oferecer *os meios* pelos quais operar esses cuidados de uma forma estruturada e sistematizada, refletidos nos oito remédios naturais que seriam presentes de Deus manifestos na Natureza. Além disso, pelo próprio contexto já apresentado no qual o adventismo emerge e se consolida, encontramos uma evidente argumentação científica para respaldar os aconselhamentos presentes em sua mensagem. Portanto, neste capítulo demonstramos como esse discurso se manifesta na literatura adventista, tanto nos escritos de Ellen G. White como na mídia impressa adventista brasileira, especificamente por meio da revista Vida e Saúde. Nosso foco será, justamente, a análise do discurso sobre autocontrole e cuidados com o corpo promovido em relação à alimentação.

Além disso, optamos por trazer neste capítulo, também, a análise do discurso proibitivo e condenatório acerca de produtos considerados extremamente intoxicantes, como o álcool e o tabaco. Se a transformação alimentar pode ser um processo, produtos como estes não devem fazer parte do estilo de vida de um bom cristão em momento algum. Buscamos explicar o contexto em que esse debate se insere, bem como o uso de recursos imagéticos para reforçar uma imagem negativa e transgressora em relação ao consumo desses produtos. A análise compreende, sobretudo, o período da revista considerado mais “americanizado”, entre as décadas de 1940 a 1960. Nosso objetivo é traçar um panorama sobre como a ideia de intoxicação do corpo presente na mensagem adventista é transportada para sua mídia impressa sobre saúde no Brasil.

3.1 “Conhece-te a ti mesmo”: do pecado ao cuidado

Stephen Greenblatt, no seu livro “Ascensão e queda de Adão e Eva” (2018), nos chama atenção logo em suas primeiras linhas sobre o fato de a história do *primeiro homem* e da *primeira mulher* ser contada em pouquíssimas páginas na Bíblia, mas ecoar de forma tão enfática na narrativa cristã que conhecemos. A transgressão representada pelo ato de Eva ao comer o fruto proibido foi analisada por diversos

ângulos e produziu incontáveis interpretações⁷². Fato é que a história foi interpretada, já pelos primeiros cristãos, como uma metáfora para explicar o pecado e suas consequências. Desse modo, o enfoque deu-se mais na “devastadora perda do Éden” (idem, p. 14), do que na experiência vivenciada nele no período anterior ao ocorrido, refletindo na forma como vislumbramos “a longa história dos nossos medos e desejos” (idem, p. 13). O legado cristão em incontáveis gerações tem por foco a reconquista do paraíso perdido, lugar sobre o qual teóricos especulam desde a Antiguidade partindo dos mais diversos pontos de vista - religioso, médico, linguístico, histórico, filosófico, artístico e assim seguem. Sobre esses “especialistas”, de acordo com Greenblatt:

Eles encontravam, sepultados na história, mil estímulos para se dedicar a estudos incessantes; todas as nuances do mal que cada um percebia em seu próprio coração; todo impulso penitencial para mortificar a carne e castigar o orgulho; toda ânsia de inspiração profética; todo sonho de perfeita purificação no fim dos tempos e de retorno a um êxtase oceânico. Meditando sobre as tentações da carne, ascetas estudavam os versículos em busca de indícios de condutas alternativas que os primeiros homens talvez tivessem sido destinados a reproduzir. *Médicos avaliavam os possíveis benefícios de uma dieta vegetariana para a saúde, como a que nossa espécie desfrutava no Jardim*. Linguistas procuravam determinar o idioma que Adão e Eva falavam e detectar seus possíveis resquícios. Naturalistas refletiam sobre o significado ecológico de um mundo perdido no qual as relações entre os homens e outros animais eram muitíssimo diferentes das nossas e no qual o ambiente se mostrava inflexível em sua generosa abundância (idem, p.15, grifo nosso).

A busca por respostas que justificassem os infortúnios da humanidade nunca cessou. Entender a proibição de Deus é tão instigante quando encontrar explicação para a desobediência de Adão e Eva. E, como sabemos, a sustentação da história enquanto fato “tornou-se uma das pedras angulares da ortodoxia cristã” (idem, p. 16). A retórica elaborada em torno do pecado original teve suas oscilações, mas centra-se na ideia de que a humanidade está em uma situação divergente da qual Deus idealizou, e deve portanto buscar de forma incessante e determinada a reconquista do Éden. Conforme sugerido pelo historiador, “no cerne da história da origem narrada no Gênesis está a decisão humana de pegar, comer e dividir o fruto proibido”, mas não emprega literalmente termos como “pecado” (idem, p. 23). Foram os

⁷² Cumpro citar, conforme reforçado Greenblatt (2018, p. 15-16), que a narrativa sobre Adão e Eva e sua expulsão do Paraíso atua como “pedra fundamental” das três grandes tradições religiosas monoteístas, e não somente do cristianismo, ainda que cada uma intérprete e ressignifique a história a seu modo.

“especialistas”, com suas primeiras interpretações que datam de séculos atrás, que traçaram os termos pelos quais hoje entendemos a narrativa edênica.

No século V a.C., Aristóteles já discutia sobre as virtudes morais e intelectuais que permeavam a experiência humana. Posteriormente, no século IV d.C., um esboço do que viria a ser os pecados capitais foi estabelecido pelo monge Evágrio Pôntico, conforme menciona Foucault (2020, p. 286) e também Quellier (2011, p. 17). Primeiramente, Pôntico elencou oito “vícios ou maus pensamentos utilizados pelo diabo” que levariam os religiosos à perdição, e portanto necessitavam de uma atenção rigorosa: eram a gula, a luxúria, a avareza, a tristeza, a ira, a preguiça e o orgulho. Nos dois séculos que se seguem, essa lista foi reformulada, reorganizada e, estendendo seu alcance à humanidade como um todo, o papa Gregório, o Grande, estabelece os sete vícios capitais no século VI d. C.. Mas foi somente a partir do Quarto Concílio de Latrão, no século XIII d. C., que os sete pecados capitais tal como conhecemos atualmente são incorporados à doutrina religiosa católica, exigindo de seus fiéis a confissão anual de seus pecados (QUELLIER, 2011, p. 18).

Em análise ao discurso do cristianismo em seus primeiros séculos, de II d.C. a V d.C, Michel Foucault (2020) nota uma constante preocupação em relação aos pensamentos e comportamentos dos monges cristãos, tema amplamente discutido pelos teólogos do período em seus escritos. Apesar de Foucault dedicar-se especialmente à questão da sexualidade, sua análise esbarra nos “pecados da carne” de modo mais amplo. Ao esmiuçar a teoria filosófica de Cassiano (séc. IV d.C), o autor evidencia a influência das reflexões de Evágrio Pôntico no que tange ao autodomínio dos sujeitos. A vida monástica, de acordo com Cassiano, exigiria um permanente trabalho de si sobre si, dando especial atenção aos pensamentos que sobre eles recaem (idem, p. 177).

É interessante notar, como mostra Foucault, que esse “exame-confissão” dos pensamentos⁷³ não foca em atos passados, mas sim nos movimentos dos pensamentos. Desse modo, não se deve revisitar os acontecimentos passados para punir o sujeito do presente, mas avaliar os pensamentos e condutas para se evitar violações da lei de Deus novamente. Nesse sentido, Foucault (2020, p. 178) reforça o seguinte: “A *cogitatio* de Cassiano não é simplesmente um ‘pensamento’ entre outros”,

⁷³ De acordo com o Foucault (2020, p. 178), Cassiano utiliza o termo *cogitatio*, um exercício de pensamento/cogitação, para se referir a esse “exame-confissão” monástico.

mas sim aquele que efetivamente ameaça e perturba a vida em penitência e o caminho da salvação. Sobre isso, entende Foucault, “é menos o ato de uma alma que pensa do que a perturbação numa alma que busca alcançar a Deus. É o perigo interior. Contra ela deve ser erguida uma incessante desconfiança que a considera suspeita e a examina” (idem).

Essa centralidade do ascetismo no conhecimento de si proposta pelo filósofo antigo divide-se nas noções de *pureza de coração* e *combate espiritual*. Na leitura de Foucault, essa pureza revela não apenas uma condição, mas também um efeito, pois para Cassiano “quanto melhor nos conhecemos mais nos reconhecemos impuros, quanto mais nos reconhecemos sujos mais é preciso levar ao fundo de si mesmo a luz que dissipa as trevas da alma” (idem. p. 282). Já a noção de combate espiritual, de acordo com Foucault (idem, p. 284), está muito presente tanto em Cassiano, quanto em Pacômio, Evágrio e outros pensadores antigos. Na visão destes, para se atingir um status de vida tranquila e contemplativa, deve-se seguir as táticas cedidas pelas instituições. Aplicando-se as mais diversas situações, desde o controle dos instintos e da gula às relações interpessoais, os manuais ditam as regras gerais e especificam a forma como agir frente a diferentes desafios.

Uma genealogia dos dispositivos modernos de controle e poder só é possível com a reflexão sobre as práticas e discursos do passado, é o que propõe Foucault. A governamentalidade exercida pelo poder pastoral, vinculada sempre às práticas de obediência desenvolvidas e aprimoradas pela tradição religiosa judaico-cristã ao longo dos séculos, é entendida pelo teórico como uma técnica de direcionamento dos sujeitos, objetivando nesses casos sua salvação. Para o termo *governamentalidade* Foucault propõe três definições, entre as quais, para nós, aplica-se a primeira e mais abrangente: trata-se do “conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população” (FOUCAULT, 2008, p. 143).

Na leitura de Ruiz, esse processo de governamentalização é, para Foucault, “um tipo de poder mais sofisticado que a simples dominação, pois parte do pressuposto de que o poder há de respeitar a liberdade ‘natural’ dos indivíduos” (RUIZ, 2020, p. 08). Sendo assim, governar difere-se de reinar justamente por sugerir a existência da subjetividade do indivíduo, mesmo que intermediada pelas instituições.

Voltando um passo atrás, é necessário entender como o poder pastoral e a governamentalidade se consolidaram e como elas agem, para então aplicarmos a nossa análise sobre sua relação com a noção dos cuidados de si, ou de modo mais amplo, os cuidados com o corpo, enfocando a questão da alimentação saudável para o adventismo.

No seu curso ministrado entre os anos 1977 e 1978 e intitulado “Segurança, território, população”, Foucault (2008, p. 163) demonstra que a noção de governar possuiu diversas interpretações ao longo do tempo, entre as quais uma de ordem moral, que significaria efetivamente “conduzir alguém” em seu sentido espiritual ou individual, impor um regime específico de cuidado, tal qual “o médico governa o doente, ou o doente que se impõe certo número de cuidados se governa” (idem). Dentre outros sentidos, governar adquire um significado propriamente político somente entre os séculos XVI e XVII. Mas de modo geral, podemos entendê-lo como o “controle que se pode exercer sobre si mesmo e sobre os outros, sobre seu corpo, mas também sobre sua alma e sua maneira de agir” (idem, p. 164). Assim, partindo da perspectiva do filósofo, governar é uma ação exercida por e sob sujeitos, pautada pelas relações de poder, seja em sua individualidade ou de forma coletiva. Essa ideia, que tem sua origem apontada pelo filósofo no Oriente cristão, se desdobra em duas etapas: na organização de um poder pastoral e, posteriormente, na direção de consciência (idem, p. 166).

Desse modo, conseguimos relacionar esse conceito com a noção de cuidado de si, reflexão já desenvolvida ainda que de forma inicial em Bach (2024), afirmando que “essa adequação da noção de cuidados de si à moral cristã foi reajustada no século XIX pelo movimento adventista” por meio da sua mensagem da saúde. Diferente de uma renúncia de si, o discurso adventista atesta que “os benefícios trazidos pela mudança nas práticas com relação à saúde é algo que pertence exclusivamente ao sujeito. Mais do que objetivar a salvação, objetiva um bem-estar com o corpo e com a mente” (idem). Consideramos que os conselhos de Ellen G. White e seus oito remédios naturais adquirem um caráter ético e moral, instigam a um exercício diário de autodomínio, no qual “mesmo que a dimensão religiosa seja evocada, a ideia de um disciplinamento dos corpos por meio do exercício do poder institucional dá espaço a uma forma de vida, a uma prática de si, a uma postura ética e moral refletida nos cuidados de si” (idem).

Outra categoria posta em discussão por Foucault é a de poder pastoral. A ideia de *pastorar* provém da atividade de guiar, conduzir, indicar um caminho, mas também de vigiar e controlar. Em Salmos (23:1), encontramos um dos versículos mais conhecidos da Bíblia, que remete a essa orientação: *O Senhor é o meu pastor, nada me faltará*. Portanto, o poder pastoral, fundamentalmente, diz respeito a um poder exclusivamente divino e que tem por objetivo fazer o bem ao seu rebanho, distanciando-o de todos os perigos e inimigos, visando a sua salvação (idem, p. 167-170). Essa salvação seria mais precisamente a garantia dos meios de subsistência, bem como de amparar e recuperar aqueles que se desgarram. Em suma, afirma Foucault, “o poder pastoral é um poder de cuidado” (idem, p. 170), sendo o pastor a figura que se dedica à manutenção e o zelo pela vida do próximo.

Fazendo uma genealogia de como esse poder pastoral foi implementado no Ocidente e instrumentalizado pela Igreja cristã ao longo dos séculos, Foucault aproxima esse conceito à noção de “artes de governar” que, posteriormente, desdobra-se na noção de governamentalidade. Diferente do poder pastoral exercido na Antiguidade, nas comunidades religiosas e em relação aos cuidados com o corpo,

o pastorado no cristianismo deu lugar a toda uma arte de conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar, de manipular os homens, uma arte de segui-los e de empurrá-los passo a passo, uma arte que tem a função de encarregar-se dos homens coletiva e individualmente ao longo de toda a vida deles e a cada passo de sua existência (idem, p. 219).

Esse tipo específico de poder pastoral, como já comentado, não visa o controle inflexível dos sujeitos, mas acolhe suas subjetividades e sustenta-se em três pontos definidos por Foucault, que são: objetivo central que é a salvação, ainda que cada indivíduo tenha sua autonomia para seguir seu caminho, compartilham um objetivo em comum; pautam-se por uma lei/ordem comum a toda comunidade; e a crença inquestionável em uma verdade, aceitando-a e professando-a por toda vida. Sendo assim, o pastor “guia para a salvação, prescreve a Lei, ensina a verdade” (idem, p. 221). No adventismo, esse poder pastoral é exercido sobretudo pela figura do médico, o qual Ellen G. White identifica em sua obra *A Ciência do Bom Viver* como um *educador*. Tendo por função primordial educar, instruir, guiar os comportamentos para se alcançar a boa saúde, o médico deve ser um exemplo de conduta e vida cristã.

O verdadeiro médico é um educador. Ele reconhece sua responsabilidade, não somente para com o doente que se acha sob seu cuidado imediato, mas

também para com a coletividade no meio da qual vive. Ocupa o lugar de um guardião tanto da saúde física como da moral. É seu esforço, não somente conseguir métodos corretos no tratamento dos enfermos, mas incentivar hábitos sãos de vida, e disseminar o conhecimento dos retos princípios (WHITE, 2013 [1905], p. 78).

Assim, Ellen G. White aponta a figura do médico como aquele que não apenas trata o doente, mas orienta o rebanho para que não adoeça e para que não desvirtue do caminho da salvação. Nele, incumbe-se a tarefa missionária de levar a mensagem àqueles desprovidos de parâmetros éticos e morais em relação ao cuidado com o corpo e o espírito. Sua nobre função social é também um dom, e isso o torna um instrumento de Deus na agência como médico, quando guiado pelos princípios religiosos cristãos. Em outra passagem, Ellen G. White destaca essa singularidade profissional-missionária:

O médico é continuamente posto em contato com os que necessitam da força e do ânimo de um bom exemplo. Muitos são fracos em poder moral. Carecem de domínio próprio, e são facilmente presa da tentação. O médico só pode auxiliar a essas pessoas na medida em que revela na própria vida uma firmeza de princípios que o habilita a triunfar sobre todo hábito nocivo e toda contaminadora concupiscência. Em sua vida, deve ser notada a operação de um poder de origem divina. Se ele falha nisso, por mais vigorosas e convincentes que sejam suas palavras, sua influência se demonstrará nociva (idem, p. 84).

Nesse contexto, notamos também que White comumente coloca as pessoas - aquelas que buscam o auxílio médico - como desprovidas das devidas orientações, afirmando que “muitos transgridem as leis de saúde devido à ignorância, e *necessitam* instruções” (idem, p. 78, grifo nosso). Logo em seguida no texto, ao repreender o uso irrestrito de drogas medicamentosas para as diversas enfermidades da modernidade, reafirma essa mesma ideia dizendo: “o povo *precisa* que se lhes ensine que as drogas não curam as doenças” (idem, p. 79, grifo nosso). Assim, o médico seria aquele que provê as necessidades de seus pacientes, comunicando e demonstrando em sua própria experiência os benefícios da aplicação dos princípios da saúde.

O ensinamento central que deve ser propagado pelos médicos comprometidos com a ética cristã é, segundo White, o poder restaurador que se encontra na natureza (idem, p. 79). Poder este que é gradual e contínuo, não se colhe êxito num tratamento sem antes preparar um fértil terreno e cultivar os bons hábitos em torno da higiene e alimentação. Ao implementar a reforma da saúde em si, as doenças gradativamente deixaram de ser latentes, pois seu foco é justamente a prevenção e o bem-estar,

mantendo a obediência aos seus princípios de forma incessante. Nesse sentido, o adventismo e a mensagem da saúde se distinguem de outras matrizes religiosas, conforme aponta Bellotti (2020c, p. 14), que muitas vezes buscam “oferecer soluções de cura e tratamento e, não tanto, de prevenção”.

O posicionamento de Ellen G. White em relação à atuação médica e o uso de medicamentos era comum aos seus contemporâneos reformadores da saúde. A associação entre médicos cristãos, remédios provenientes da natureza e orientação divina, no contexto do século XIX em que se encontravam, formava uma verdadeira “religião higiênica”, para emprestar a definição de James Whorton. Na leitura do autor, o entendimento dos reformadores da saúde era que: “se a natureza é absolutamente boa, a doença e a incapacidade não podem fazer parte da ordem natural, mas devem ser males trazidos pelas violações individuais das leis fisiológicas naturais” (WHORTON, 1982, p. 05, tradução nossa). Se a medicina passa a ser cada vez mais recorrida neste cenário, cabe aos médicos atuarem como porta-vozes da mensagem da saúde.

Essa associação da natureza em relação ao cuidado com o corpo não é algo novo, mas foi bastante explorada e reiterada pelos reformadores da saúde e também por Ellen G. White. Saúde e dietética foram temas centrais das reflexões de pensadores da Antiguidade como Hipócrates⁷⁴ (século V a.C.) e Galeno de Pérgamo (século II d. C.), retomadas por diversos outros autores ao longo dos séculos seguintes. A boa saúde é considerada pelos antigos como uma virtude reservada àqueles que sabem controlar seus instintos (MAZZINI, 2020, p. 261) Em suas obras, Galeno argumenta que a boa saúde resultava do equilíbrio entre elementos internos e externos ao corpo, dedicando especial atenção ao papel da alimentação no equilíbrio humano. No diagnóstico, o médico deveria atentar-se não apenas àquilo que é consumido pelo paciente, mas tudo que o cerca e interfere em seu bem-estar. A relação entre saúde e doença é entendida aqui como produto de uma série de fatores

⁷⁴ Uma curiosidade encontrada no artigo “Quem cura os doentes? O médico, os remédios ou as defesas naturais do organismo?”, de julho de 1963, é uma incomum nota de rodapé da redação de Vida e Saúde para explicar a afirmação do autor sobre a redução da imunidade quando se faz o consumo de álcool. Na nota em questão, a redação reitera: “Deve o médico criterioso respeitar as defesas naturais do organismo, que Hipócrates já conhecia e denominava *Vis Medicatrix Naturae*, reforçando por meio de agentes naturais (fisioterapia) ou diminuindo o poder patogênico (ofensivo) do agente causador da doença não só por estes meios, como por medicamentos específicos ou coadjuvantes” (REYNOLDS, 1963, p. 16). Na época, o supervisor médico da revista era Galdino Nunes Vieira, o mesmo que assina o artigo apresentado no início da presente tese, fazendo menção aos pensadores antigos para justificar os benefícios do regime vegetariano em sua contemporaneidade.

que permeiam os hábitos humanos, ocasionando o equilíbrio ou o desequilíbrio do corpo (idem, p. 255).

No centro da reflexão filosófica de Galeno encontra-se, nas palavras de Foucault (2010, p. 43), “a obrigação para todo indivíduo de se preocupar consigo mesmo, imediatamente ligada, como sua condição, ao conhecimento de si. Ninguém pode cuidar de si sem se conhecer”. Para tanto, deve-se exercer um trabalho contínuo e permanente desse cuidado de si. O interessante, na reflexão de Galeno, é que a manutenção desse cuidado recai exclusivamente sobre o próprio sujeito. À primeira vista, pode parecer contraditório em relação à importância da figura do médico e o cuidado com o próximo na mensagem adventista, mas de fato, cabe ao próprio sujeito decidir sobre seus hábitos e manter-se firme no caminho da salvação a ele apresentado. E nisso manifesta-se um outro elemento do pensamento de Galeno que dialoga com a perspectiva adventista, que é a necessidade de ser posto em análise, uma vez que, como mostra Foucault, “Galeno dizia que era necessário, evidentemente, se dirigir a alguém para ajudar a si mesmo nessa constituição da opinião que se tem de si mesmo e no estabelecimento de uma relação adequada a si” (idem, p. 44).

Ao revisar a primeira edição de Vida e Saúde, de janeiro de 1939, nos deparamos com uma matéria assinada pelo Dr. Antônio Miranda⁷⁵ que é intitulada, justamente, “Conhece-te a ti mesmo”. Ilustrada com uma fotografia de um templo em ruínas, a imagem carrega a legenda: “‘Conhece-te a ti mesmo’ - era a inscrição que se via no antigo templo de Delfos, na Grécia” (MIRANDA, 1939a, p. 04), remetendo, assim, a um referencial greco-romano, colocado em oposição à “instabilidade da vida moderna” (idem, p. 05). Já em sua introdução, o texto de Miranda recorre ao argumento de que “diante das aquisições científicas modernas, o homem não tem mais tanta desculpa para viver desconhecedor do seu próprio corpo” (idem, p. 04). Desse modo, de acordo com o autor, devemos prestar atenção aos sinais do nosso corpo e sintonizar os conhecimentos antigos e contemporâneos para o estabelecimento e manutenção da boa saúde.

⁷⁵ Ao lado de Luís Waldvogel, o médico Antonio Miranda compunha a primeira equipe de redação da revista Vida e Saúde, permanecendo no cargo até a década de 1950. Foi diretor do Hospital Silvestre, instituição de saúde adventista localizada na cidade do Rio de Janeiro. Escreveu diversos artigos sobre saúde para a revista, além de publicar livros pela Casa Publicadora Brasileira como “Nutrição e Vigor”.

Miranda dispensa uma parte considerável de sua matéria para abordar o tema da alimentação e sua importância na manutenção de um corpo saudável e em pleno funcionamento. Todo desequilíbrio seria causado pelos excessos ou pela deficiência de certos elementos no corpo, fornecidos sobretudo pela alimentação. Tudo depende, em suas palavras, “de um êrro alimentar, da falta de cuidado ou de conhecimentos no tocante a uma alimentação própria no caso individual” (idem, p. 15). Lembremo-nos que no artigo que introduz nosso trabalho, Galdino Vieira Nunes já fazia esse exercício de trazer os conhecimentos antigos sobre saúde e corpo para afirmar que o regime vegetariano não era uma novidade, mas também não se tratava de uma “velharia” desatualizada. Assim, Miranda encerra seu artigo afirmando que “só há um caminho seguro” para a felicidade e bem-estar, que seria “conhecer-te a si mesmo” (idem).

Analisando a relação entre alimentação e medicina no mundo antigo, bem como seus reflexos no mundo moderno, Mazzini afirma que esse equilíbrio constantemente recomendado nos escritos de médicos e filósofos antigos poderia ser ameaçado por causas que independem da vontade dos sujeitos, mas poderia “ser conservado ou recuperado graças a uma atenção particular sobre as relações entre a alimentação e o trabalho e/ou a ginástica e graças a métodos não só dietéticos, mas também cirúrgicos e farmacológicos” (idem). É neste ponto, inclusive, que os ideais reformistas do século XIX se distanciam dos pensadores antigos, uma vez que contraindicam qualquer tipo de intervenção cirúrgica, a não ser em casos excepcionais. Contudo, no que tange às recomendações farmacológicas, devemos considerar que os remédios associados aos tratamentos eram de origem natural e - ao menos parte deles - não catalogados posteriormente pelos reformadores da saúde como produtos intoxicantes.

Na perspectiva galênica, tudo que ingerimos interfere nesse equilíbrio do corpo e nas patologias que eventualmente se desenvolvem a partir de uma conduta equivocada. Ele acreditava que a alimentação agia diretamente na fisiologia e na anatomia humana, fortalecendo ou enfraquecendo os órgãos, o sangue, os músculos e o estado de espírito dos indivíduos. Na edição de janeiro de 1972, um pequeno texto de abertura publicado na seção “O Progresso da Ciência” ovaciona os feitos de Galeno, cuja influência se daria há 45 gerações. Ao médico da antiguidade, considerado um “observador arguto, pesquisador e fecundo escritor” (You and your..., 1972, p. 02), são atribuídas diversas descobertas, como a teoria dos quatro humores.

De acordo com o texto, “diversas observações sagazes de Galeno harmonizam-se com as crenças médicas modernas” (idem, p. 21), destacando assim a atualidade de seu pensamento.

Regina Rebollo destaca que, para Galeno, a alimentação engloba não só a ingestão dos alimentos, mas a procedência, a preparação e o processo digestivo. Com destaque para a última etapa, afirma que “a deglutição e a digestão incorporam os alimentos líquidos e sólidos no corpo, bem como explicam a sua composição material e, conseqüentemente, o seu equilíbrio humoral” (REBOLLO, 2006, p. 58). Ainda que a recomendação seja sempre no sentido da prevenção, os escritos dos médicos da Antiguidade também destacam que, em caso de doença, a alimentação não deve ser fonte de fortalecimento da enfermidade. Em White, encontramos reflexões semelhantes, pois para ela tudo que se ingere nutre o corpo e a alma.

Nosso corpo é formado pela comida que ingerimos. Há constante desgaste dos tecidos do corpo; todo movimento de qualquer órgão implica um desgaste, o qual é reparado por meio do alimento. Cada órgão do corpo requer sua parte de nutrição. O cérebro deve ser abastecido com sua porção; os ossos, os músculos e os nervos requerem a sua. Maravilhoso é o processo que transforma a comida em sangue, e se serve deste sangue para restaurar as várias partes do organismo; mas esse processo está prosseguindo continuamente, suprimindo a vida e a força a cada nervo, cada músculo e tecido (WHITE, 2013 [1905], p. 208).

Em seu estudo sobre o movimento de reforma da saúde, Whorton afirma que “as respostas galênicas a praticamente todas as questões médicas dominaram a teoria e a prática em 1600, mas enquanto a maioria das características do galenismo foram deixadas de lado durante aquele século, o código de higiene se manteve” (WHORTON, 1982, p. 14, tradução nossa), sendo reavivados na era jacksoniana. Os estudos de Galeno tinham seu valor por se assentarem em algum nível no argumento da experiência e da racionalidade, fundamentais ao contexto estadunidense do século XIX. Como destaca o autor, a fé depositada “na ciência, na educação e no progresso social despertou a preocupação de instruir os cidadãos nas leis naturais da saúde” (idem, p. 15, tradução nossa), desencadeando o movimento que tomou forma ao longo daquele século em torno da reforma da saúde e instrumentalizou a mídia impressa como ferramenta de divulgação de sua mensagem.

Nos escritos de Ellen G. White, vemos essa conciliação entre a valorização da ciência e da racionalidade e a soberania dos remédios naturais. Os aconselhamentos médicos são complemento a um conhecimento de si próprio, pois a todos que buscam

a boa saúde “cumpre-lhes estudar a influência da mente sobre o corpo, e deste sobre aquela, e as leis pelas quais são eles regidos” (WHITE, 2013 [1905], p. 80). Outro ponto destacado nos escritos de White é que o “processo da natureza para curar e construir é gradual, e isso parece vagaroso ao impaciente” idem), desse modo, só aqueles realmente comprometidos a se transformarem inteiramente alcançarão os benefícios resguardados pela natureza. O *preparo para a luta da vida*, como diz White, deve pautar-se pela obediência às leis de Deus e a manutenção do corpo como templo divino. Sobre isso, a escritora reforça que:

Homens e mulheres precisam ser despertados para o dever do império de si mesmos, para a necessidade da pureza, a liberdade de todo aviltante apetite e todo hábito contaminador. Precisam ser impressionados com o fato de que todas as suas faculdades de mente e corpo são dons de Deus, e destinam-se a ser preservadas nas melhores condições possíveis, para Seu serviço (idem, p. 82).

Um ideal constantemente reiterado por White, de acordo com Bellotti (2020c, p. 03), é retomar o “estado primordial de criação divina”. Para alcançar o equilíbrio e restaurar-se físico e espiritualmente, só seria possível “por meio da aceitação de Jesus como Senhor e Salvador” e a instrumentalização dos remédios ofertados por ele através da natureza. Também observamos nos escritos de Ellen G. White o insistente reforço da ideia de pureza, autodomínio e controle dos apetites, especialmente quando se fala em alimentação. Conforme destacado por Mazzini (2020, p. 254), “quando falamos de dieta ou de regime em relação ao mundo antigo, referimo-nos a algo que ultrapassa o conceito de alimentação propriamente dito”. E como vimos, essa noção foi retomada no século XIX pelos reformadores da saúde, entendendo que para se alcançar a boa saúde, deve-se associar um conjunto de fatores que envolvem os hábitos e pensamentos, corpo e mente.

Ellen G. White ocupa parte de sua obra *A Ciência do Bom Viver* para retornar alguns dos ensinamentos que teriam sido providos por Deus ao povo de Israel, relacionados à prevenção de doenças, à importância do asseio, e também às interdições alimentares. O trecho a seguir evidencia que a escritora está sempre em diálogo com esse passado cristão, e que a questão da saúde e da alimentação eram temas de distinção entre aqueles perseverantes ao projeto divino e os descrentes. Além do mais, associa essa proibição a uma recomendação de Deus, portanto inquestionável, e que deve ser mantida assim. Na mídia impressa adventista sobre

saúde, como veremos mais adiante, o discurso racional e científico é constantemente evocado para legitimar essas orientações que tem sua origem localizada por eles no início dos tempos.

Muitos dos artigos de alimentação livremente comidos pelos pagãos que os rodeavam eram proibidos aos israelitas. Não era feita qualquer distinção arbitrária. As coisas proibidas eram nocivas. E o fato de serem declaradas imundas ensinava a lição de que as comidas prejudiciais são contaminadoras. Aquilo que corrompe o corpo tende a contaminar a alma. Incapacita o que o usa para a comunhão com Deus, torna-o inapto para serviço elevado e santo (WHITE, 2013 [1905], p. 197).

Quando o pecado da gula é institucionalmente condenado pela Igreja Católica, com o papa Gregório, o Grande, ele é entendido como uma série de manifestações, desde “comer fora das refeições ou antecipar o horário das refeições; comer e beber muito” até sofisticar em demasia os preparos e buscar por “iguarias refinadas” (QUELLIER, 2011, p. 19). Percebemos que essa perspectiva em relação à gula tornou-se comum à tradição cristã de modo mais amplo, tendo como um grande desafio desatar a necessidade fisiológica do alimento do “prazer experimentado durante o ato de comer”, muito valorizado pelos *gourmants* sobretudo a partir do final da Idade Média. O guloso ou glutão, figura reiteradamente representada na literatura e nas artes desse período, seria a “origem das desordens”, pois “ao comer excessivamente em relação a suas necessidades fisiológicas”, ele “desestabiliza um corpo social estabelecido por Deus e tido como naturalmente imutável” (idem, p. 20). Assim, ele desfigura e viola a obra divina.

Para a moral cristã, o perigo desse “amor irracional” à comida, diz Quellier, não afetaria apenas a ordem social ou interferiria na salvação ou não do pecador, mas também sua saúde física. O vício do guloso é encarado, já nesse contexto, como um “crime contra seu próprio corpo” (idem, p. 41). Médicos e religiosos, cada um a seu modo, orientavam sobre a necessidade de se buscar o equilíbrio e a moderação, abandonando o ideal ascético de privação alimentar, entendendo que “para conservar uma boa saúde, é necessário não comer nem muito, nem pouco, e, sobretudo, não ingerir novos alimentos enquanto a digestão da refeição precedente não estiver completamente terminada, a fim de evitar graves problemas digestivos” (idem).

Partindo desse panorama, o pecado da gula - oposto à temperança alimentar - foi ressignificado ao longo do tempo, apresentando diversas (re)interpretações pelas religiões cristãs. Buscaremos explorar essa ideia nos próximos tópicos. Como aponta

Quellier (2011, p. 13), é interessante e importante retomarmos sua história, justamente em um contexto no qual observamos o “retorno vigoroso de um discurso médico fortemente moralizador” no que tange aos hábitos alimentares de populações “superalimentadas”, e em oposição a uma intensa desigualdade provocada pelo sistema capitalista. Nosso objetivo aqui é compreender como o adventismo se insere nesse contexto de intensas transformações ao longo do século XX. Vimos quais influências ele faz referência para estabelecer sua visão acerca do cuidado e das violações do corpo, agora gostaríamos de analisar como os oito remédios naturais elencados por Ellen G. White aparecem na mídia impressa adventista sobre saúde, com ênfase na alimentação saudável.

3.2 Os oito remédios naturais e alimentação saudável

Ao analisar os textos adventistas sobre alimentação produzidos ao longo do século XX, observamos que eles procuram distanciar-se do discurso proibitivo, mas não abandonam o tom alarmista. Na realidade, observamos uma oscilação entre esse discurso condenatório e uma positivação da experiência no mundo, colocando os sujeitos como agentes ativos de suas próprias transformações e, conseqüentemente, beneficiários das graças de Deus ofertadas por meio da natureza. Nos escritos de Ellen G. White, ela condiciona o sucesso no autodomínio à temeridade incondicional ao Senhor, afirmando que a “obediência a Deus é liberdade do cativo do pecado, livramento das paixões e impulsos humanos” (WHITE, 2013 [1905], p. 83).

Desde o início da produção de publicações impressas para divulgação da mensagem adventista, grande atenção foi direcionada aos temas da saúde, higiene e alimentação. Como já visto, *The Health Reformer*, o primeiro periódico adventista que dedicou-se a tratar especificamente destas temáticas, trazia em seus slogans frases como: “*Our physician, nature: Obey and Live*” e “*Nature’s laws, God Laws; Obey and Live*”, revelando assim sua faceta religiosa, mas reforçando que esses remédios encontrados na natureza para os males do mundo por meio da natureza eram presentes de Deus à humanidade. Seu primeiro número⁷⁶, publicado em 1866, já contava com textos voltados à questão da digestão, à regularidade das refeições, aos benefícios da ingestão regular de água, ao problema do consumo de carne como

⁷⁶ Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/HR/HR18660801-V01-01.pdf>. Acesso em: 27/06/2023.

alimento, à importância do descanso e do autoconhecimento - todas estas questões regulares aos periódicos adventistas sobre saúde posteriores.

Os oito remédios naturais elencados por Ellen G. White orientam a abordagem sobre saúde em todas as publicações adventistas, e no caso Vida e Saúde não foi diferente. Ainda que seus escritos possam ser entendidos como uma releitura dos teóricos da antiguidade e com influências da tradição cristã sobre a temperança e autocontrole, os oito remédios naturais formam a ideia mais original da profetisa. Embasam a teoria norteadora de mensagem da saúde adventista e está bastante presente em Vida e Saúde ao longo de todo período de publicação, referenciada de forma mais enfática pelo editorial da revista nos últimos anos. Apesar de todos os seus pontos serem relevantes se analisados no conjunto de hábitos ideais para se alcançar a mente sã e o corpo são, focaremos especificamente na alimentação saudável.

Ao recuperar os ideais reformistas durante as “cruzadas pela saúde” no século XIX estadunidense, James Whorton (1982) indica que a adesão às leis da natureza incidia em todos os aspectos da vida das pessoas, seja na vestimenta, nos hábitos de higiene, nos exercícios físicos e, especialmente, na dieta alimentar. Por meio delas, era possível se alcançar não apenas o aperfeiçoamento e a vitalidade em termos físicos, mas também espirituais. Nas palavras de Whorton, “uma vez que o crescimento mental implica força de vontade fortalecida, e a imoralidade é muitas vezes o resultado de submissão obstinada a apetites e paixões, pode-se esperar que a higiene também exalte o caráter moral do indivíduo” (idem, p. 06, tradução nossa). Sendo as leis da natureza fruto da obra de Deus, assim como as leis da moralidade, parece evidente que elas trabalham conjuntamente.

Conforme demonstrado em seu livro, a maioria dos reformadores da saúde possuíam orientação cristã, o que fez com que essa fé na beneficência da natureza fosse explicada como uma obra de Deus. Uma característica apontada por Whorton é que “os evangelistas da saúde normalmente evitam a coerção e a proibição em favor da educação e da persuasão, confiantes de que, uma vez que a luz seja vista, os indivíduos a seguirão voluntariamente” (idem, p. 07). Assim, a adaptação a uma dieta alimentar mais natural é comumente apresentada como um processo, tanto nos escritos de Ellen G. White quanto em Vida e Saúde, que requer força de vontade e não deve objetivar somente por benefícios imediatos.

O regime vegetariano é tema de um artigo publicado na edição de junho de 1940, de autoria do Dr. Floriano de Lemos⁷⁷. Uma informação interessante é que o texto foi originalmente publicado no jornal Correio da Manhã, replicado integralmente em Vida e Saúde. Ele é estruturado em seis tópicos, sendo que o primeiro já lança a afirmação de que é possível viver “só de vegetais” (LEMOS, 1940, p. 09), uma vez que, no mundo, muitas pessoas “fazem uso, seja por necessidade, seja por religião, da alimentação vegetariana” (idem). No segundo e terceiro tópicos, Lemos ocupa-se em apresentar depoimentos médicos e aplicações terapêuticas da dieta vegetariana. Recorrendo a opiniões de médicos do século XVIII, Lemos concorda com o argumento que afirma o seguinte:

O vegetariano está sempre de bom humor, e dorme como uma criança, por maiores que sejam as suas preocupações de espírito. Creio bem que todo indivíduo intolerante e impaciente, sempre com cara de poucos amigos, deve a sua atitude e o seu gênio à alimentação tóxica e excitante pelas carnes, as conservas, o álcool e o tabaco (idem).

Não bastando o bom humor e a disposição resultantes da dieta vegetariana, Lemos também ovaciona sua potência terapêutica frente às mais diversas doenças, incluindo aquelas decorrentes de uma alimentação inadequada. O quarto ponto de discussão de Lemos são as vitaminas, tema que os médicos da antiguidade não discutiam nos mesmos termos, mas que estariam “em moda” no momento. Sendo elas indispensáveis para a nutrição do corpo, deve-se lembrar que “os vegetais são fonte inesgotável das vitaminas” (idem, p. 10), englobando nessa categoria as frutas, cereais, legumes, entre outros produtos. Os últimos tópicos do texto de Lemos abordam a consciência, a mentalidade e o caráter moral da pessoa que adota a dieta vegetariana.

Lemos evoca o caráter disciplinador resultante de um regime vegetariano, numa época em que a humanidade estaria mergulhada “na ferocidade e no egoísmo” (idem). Desse modo, para além dos benefícios para a saúde e para o tratamento de doenças, esse regime dietético influiria, também, “nos temperamentos, adoçando os costumes e impedindo a ação de certas tendências condenáveis” (idem). Esse

⁷⁷ Eduardo Floriano de Lemos (1885-1968) foi um notável médico, jornalista e escritor carioca. Atuou por quase seis décadas no jornal Correio da Manhã, periódico do qual o texto em questão - publicado em Vida e Saúde - foi originalmente veiculado. Não encontramos informações acerca de sua orientação religiosa ou ligação à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Essas e outras informações sobre Lemos podem ser consultadas em: CAMPOS, 2013.

argumento sustentado por Lemos indica que o vegetarianismo traria a capacidade de cordialidade e autocontrole aos sujeitos, distanciando-se do caráter “troglodita” dos comedores de carne, para utilizar um termo empregado pelo próprio autor. Por isso, ainda que ele mobilize argumentos aportados no discurso médico e científico, afirma que “o vegetarianismo é menos uma questão científica do que uma questão social e *sobretudo moral*” (idem, grifo nosso), justificando que o costume de matar animais para torná-los alimentos é o principal fator desencadeador dos crimes, das atitudes vulgares, das doenças e da diminuição da expectativa de vida das pessoas. E tendo em vista a capacidade nutritiva dos vegetais, trata-se de uma simples escolha, da mesma forma que são o consumo de bebidas e tabaco.

Na matéria “Regime Alimentar Defeituoso”, publicada na edição de Vida e Saúde de março de 1940, seu autor Humberto Swartout⁷⁸ discute o valor nutritivo ou potencialmente prejudicial de diversos alimentos, desde cereais, legumes, frutas, ovos, carnes, leite e seus derivados. Swartout chama atenção, justamente, para a estreita relação entre regime alimentar e boa saúde, argumentando aquilo que já encontramos na literatura analisada no tópico anterior ao afirmar que da nossa alimentação que provém “os materiais de que se formam os tecidos dos ossos, músculos, nervo e demais tecidos do corpo”, bem como “a energia que se requer para manter o corpo em atividade” e “os reguladores químicos essenciais, que harmonizam os processos do desenvolvimento do corpo com as funções de todos os órgãos” (SWARTOUT, 1940a, p. 10). Seguindo no texto, seu autor explica que “o quanto come e o que come uma pessoa é de grande importância” (idem), sendo o excesso tão prejudicial quanto a escassez.

Swartout divide os alimentos em seis grandes grupos, divididos principalmente por sua importância e função ao organismo: proteínas, carboidratos, gorduras, minerais, vitaminas e água, que por si só têm a tarefa fundamental de transportar os outros elementos às partes necessitadas do corpo, uma vez que ela “entra na

⁷⁸ Hubert Oscar Swartout (1888-1985) foi um médico, missionário e escritor adventista dos Estados Unidos. Teve seu nome “abrasileirado” pela editora adventista no Brasil para “Humberto” e, na matéria em questão, é identificado como “Dr. Umberto Swartout”. Escreveu diversos artigos para os periódicos adventistas estadunidenses, como *Life and Health*, alguns dos quais possivelmente foram traduzidos e publicados em Vida e Saúde em suas primeiras décadas de circulação. Publicou pela Casa Publicadora Brasileira, na década de 1940, o livro “O Conselheiro Médico do Lar”. A obra em questão teve ampla divulgação em propagandas veiculadas em Vida e Saúde, com slogans como “Infalível protector para sua família” e “Infalível protector da saúde e preventivo de moléstias”. Um verbete sobre Swartout está disponível na Enciclopédia Adventista e pode ser acessado pelo seguinte link: <https://encyclopedia.adventist.org/search-results?term=swartout>. Acesso em: 28/07/2024.

construção de toda célula, e sem ela seria impossível a vida” (idem). Por isso, Swartout indica que é de grande importância conhecermos a composição daquilo que ingerimos, prezando sempre pelo equilíbrio, e também saber reconhecer as fontes boas e más de cada elemento. Um exemplo são as fontes de proteína: “algumas se adaptam ao fortalecimento da proteína no corpo humano. Outras não são completas em si, sendo necessário misturá-las com proteínas de diferentes classes afim [sic] de satisfazer às necessidades do corpo” (idem, p. 11). Nesse ponto, Swartout cita alguns alimentos que suprem de forma completa a demanda de proteína, como leite, ovos, nozes, soja e, por último, a carne. O autor opta por não condenar, mas também não enaltecer ou incentivar o consumo deste alimento, completando com a informação de que muitos legumes são ricos em proteínas, portanto, “o indivíduo que obtém grande parte da proteína de seu regime nas leguminosas, completando o regime com leite ou ovos, ou ambos, pode ter a certeza de que assegura o equilíbrio correto de proteína nutritiva” (idem).

Como forma de auxiliar nessa conscientização do valor nutritivo dos alimentos, Swartout organiza uma tabela nutricional com produtos comuns ao consumo cotidiano, adaptada em algum nível à realidade brasileira, listando itens como a castanha do Pará, coco, arroz, feijão, milho, trigo, batatas, banana, carnes diversas, leite e derivados. Requer dizer que a matéria é dividida em duas edições, tendo sua continuação e conclusão publicadas na edição seguinte, em abril de 1940. Além da escolha dos alimentos, Swartout alerta para o cuidado que se deve tomar em relação à combinação entre eles, afinal, “para que o regime seja, de fato, equilibrado, deve conter a proporção correta das várias substâncias alimentícias” (SWARTOUT, 1940b, p. 16). Aqui, o médico aproveita para apresentar “boas e más” combinações, contraindicado sobretudo a “variedade excessiva” de alimentos em uma única refeição - recomendação esta que encontramos, também, nos escritos de Ellen G. White.

Além da tabela nutricional e da explicação sobre os diversos minerais e vitaminas⁷⁹ que o corpo necessita, bem como os alimentos nos quais eles estão

⁷⁹ As vitaminas, minerais e o valor nutritivo dos alimentos de forma mais ampla são temas recorrentes em Vida e Saúde já nos primeiros anos de publicação. Conseguimos levantar uma série de matérias que as abordam como tema principal em seus primeiros anos, para além das analisadas neste trabalho e levando em consideração as lacunas existentes em nossas fontes desse período: “Fatos sobre a alimentação” (abril de 1939); “Como se alimenta o corpo” (junho de 1939); “As vitaminas e como ministrá-las” (agosto de 1939); “Vitaminas são princípios alimentares de absoluta necessidade” (janeiro de 1940); “As vitaminas dos nossos alimentos” (maio de 1940); “Vitamina D” (na coluna Novidades Médicas de junho de 1940); “Os alimentos e seu valor nutritivo” (outubro de 1940); “As poderosas

disponíveis, Swartout também informa as quantidades médias ideais de consumo por grupo de alimento, ainda que leve em consideração que esse consumo varia de pessoa para pessoa a depender da fase da vida, gênero, tipo físico, necessidades específicas e do trabalho exercido por cada um. O médico também discorre sobre os modos de preparo, de forma a obter o melhor que os alimentos têm a oferecer, contraindicando o uso exacerbado de condimentos e frituras - considerado por ele um método ruim de preparação. Ambas as recomendações não são exclusivas desta matéria, mas se repetem em outras edições em Vida e Saúde e também estão presentes em publicações adventistas sobre saúde, bem como nos escritos de Ellen G. White. O texto de Swartout finaliza com a seguinte afirmação: “Si pudéssemos suprimir tôdas as doenças e defeitos da humanidade, que se devem a um regime defeituoso, aumentar-se-ia de modo considerável o coeficiente de saúde da raça humana” (idem, p. 18).

Já nas primeiras edições da revista, o editorial buscava associar saúde física à saúde moral, colocando a alimentação como a grande responsável pelo seu equilíbrio e manutenção, e recorrendo aos conhecimentos técnicos e científicos sobre nutrição para respaldar seus argumentos. Em março de 1939, o Dr. Antônio Miranda publica o artigo “Alimentação - Base da saúde física, pilar da saúde moral”, no qual afirma que a “formação, progresso e desenvolvimento de um povo” depende fortemente de seus hábitos alimentares (MIRANDA, 1939b, p. 03). Refletindo sobre a alimentação dos brasileiros, Miranda afirma que o problema não reside tanto na quantidade, mas sim na qualidade e na combinação dos alimentos. Sendo os alimentos provedores de matérias “para reconstruir o organismo que dia a dia se vai gastando”, “prover combustível às oxidações fisiológicas” e regular o organismo (idem), seu autor ocupa-se em explicar de forma detalhada a composição química dos alimentos e a função de cada elemento: albuminas, proteínas, gorduras, vitaminas, açúcares, entre outros.

Essa forma de explicação racional da alimentação, pautada pela argumentação médico-científica, é adotada por boa parte das matérias sobre alimentação saudável em Vida e Saúde, que busca se colocar como instrumento pedagógico na reforma da saúde por meio dos remédios naturais, com ênfase em uma alimentação mais

vitaminas C e D” (fevereiro de 1941); “A importância dos minerais para a Nutrição” (março de 1942); “O aparelho dentário e as vitaminas C e D” (abril de 1942); “A vitamina que eleva o moral - novas e interessantes revelações sobre a Tiamina” (agosto de 1942); “A vitamina do bem-estar geral” (setembro de 1942); “Dos alimentos e seus elementos nutritivos”, “Dentes e nutrição” e “A boa nutrição” (na coluna Página da Dona de Casa) (novembro de 1942).

saudável. Essa postura foi importante para que a revista se firmasse no mercado brasileiro como um periódico comprometido com a transmissão de informações técnicas e científicas de forma didática ao público não necessariamente familiarizado com esses discursos, mas interessado em adquirir conhecimento sobre o assunto, bem como orientações de aplicação de uma alimentação saudável em seu cotidiano. Vemos um fortalecimento dessa abordagem ao longo dos anos de publicação e uma acentuação nas últimas décadas, ao reafirmar seu pioneirismo sobre a mensagem da saúde no contexto em que se insere.

Em janeiro de 1948, uma matéria é publicada sob o título “A degenerescência provocada por desequilíbrios alimentares”. Ela é assinada por Dr. H. Miller, identificado como diretor do Sanatório de *La Lignière*, na Suíça. Trata-se de uma clínica voltada a tratamentos terapêuticos existente desde o final do século XVIII, mas que no início do século XX foi adquirida por missionários adventistas, impulsionados pelo anseio de propagar a mensagem da saúde e sob influência de John Harvey Kellogg⁸⁰. De acordo com o site oficial da clínica, atualmente ela pertence à Sociedade Filantrópica de La Lignière, administrada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia da Europa, e mantém estreito vínculo com instituições adventistas como a Krankenhaus Waldfriede, hospital adventista em Berlim, e Loma Linda University Medical Center, na Califórnia.

Em relação ao autor, encontramos na Enciclopédia Adventista um verbete sobre Harry Willis Miller (1879–1977), um médico adventista de extenso currículo, cuja principal atuação deu-se no leste asiático, ocupando importantes cargos de liderança missionária, além de atuar como ministro, pesquisador nutricional, educador, administrador de centros de saúde e escritor de diversos livros e artigos para as revistas adventistas⁸¹. Pelo próprio título do artigo, percebemos que mesmo no pós-guerra, há certa influência dos missionários alemães que atuavam no Brasil e do pensamento de R. Conradi no conteúdo publicado em Vida e Saúde, com seu discurso

⁸⁰ Para saber mais: <https://www.la-ligniere.ch/la-ligniere-et-vous/historique/notre-source/>. Acesso em 04/07/2023. A Enciclopédia Adventista prevê a publicação de um verbete sobre *La Lignière* em breve.

⁸¹ Na Enciclopédia Adventista, seu verbete não faz menção à atuação de Miller em *La Lignière*, apenas afirma que o mesmo atuou em inúmeras frentes relacionadas ao missionarismo médico na Ásia, Estados Unidos e Europa. A ele atribui-se a invenção do leite de soja, cuja fórmula e processo de fabricação foi patenteado nos Estados Unidos em 1937. As informações biográficas sobre Harry Miller foram coletadas em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=48JQ&highlight=harry|miller>. Acesso em: 04/07/2023.

marcadamente higienista e eugenista, evidenciando que a transição da direção missionária deu-se de forma relativamente gradual.

O texto de Miller inicia em confluência com os ideais promovidos por Kellogg em relação ao consumo de alimentos integrais, criticando o processamento exacerbado da farinha de trigo, fazendo-a perder boa parte de sua qualidade nutricional. Essa percepção acerca dos alimentos era um discurso comum aos reformadores da saúde, que promoveram diversos produtos integrais, como o próprio Kellogg por meio de sua atuação na instituição de saúde adventista. O mesmo ocorreria, de acordo com o autor, com os óleos e açúcares extraídos de produtos que deveriam ser consumidos em sua integralidade. Assim, seria preciso “ter perdido a noção das coisas para ousar afirmar que uma alimentação constituída por $\frac{2}{3}$ de alimentos refinados, desvalorizados, não tem qualquer acção prejudicial à saúde!” (MILLER, 1948, p. 05).

A degenerescência se daria principalmente sobre os dentes, ossos e tecidos do corpo, fruto de uma “alimentação defeituosa”, afirmando que essas conclusões são fruto de pesquisas científicas - ainda que não sejam citadas as fontes. As pesquisas citadas por Miller, segundo ele, comprovam que essa alimentação defeituosa, rica em alimentos processados e de origem animal, trariam consequências extensas e profundas ao organismo. A longo prazo, ela desencadearia “modificações patológicas” nas gerações seguintes. Desse modo, os estudos revelam, para o autor, a ideia de que a “alimentação domina a vida”, e sendo assim, “dominar a vida é dominar a saúde” (idem).

Em seu texto, Miller afirma também que algumas doenças, como o cancro, são praticamente desconhecidas “entre as populações essencialmente vegetarianas” (idem, p. 06), sem considerar outros aspectos que poderiam incidir na maior ou menor propensão dessas populações a determinadas doenças para além da nutrição. O argumento do autor centra-se na seguinte alegação: “a falta de vitaminas ou de elementos minerais essenciais provoca o desequilíbrio e desordens fisiológicas, torna o homem predisposto hereditariamente ao cancro, particularmente sensível à acção das substâncias cancerígenas” (idem). Essa falta de vitaminas seria motivada pelo refinamento de diversos alimentos, que os tornaria “desmineralizados e “desvitaminados” (idem). Sobre essa doença em específico, Miller informa, ainda, que

o “excesso de alimentos de origem animal”, associado ao hábito de fumar, produziram as condições ideais para o aparecimento da enfermidade.

De acordo com o historiador Harvey Levenstein (2020), a primeira metade do século XX nos Estados Unidos assistiu à chamada “vitaminomania”, fruto de uma segunda reforma alimentar que ganhou força na passagem do século XIX para o XX e que promoveu reflexões em torno do debate sobre alimentação e nutrição, tendo por influência o pensamento dos reformadores precedentes como Sylvester Graham, mas também de John H. Kellogg, Horace Fletcher e Herbert Hoover. Esse movimento ficou conhecido como *New Nutrition*, assim como a primeira reforma da saúde, pautavam-se por ideais científicos, visando a melhoria da saúde e da qualidade de vida das pessoas, mas também sustentado por um forte discurso moral. Segundo Levenstein, seu discurso foi promovido e endossado por diversos “nutricionistas, reformadores sociais e especialistas de economia doméstica” (idem, p. 829), tendo por grandes inimigos a crescente industrialização, a urbanização dos grandes centros e a consequente precarização da vida - seja em termos habitacionais, higiênicos ou alimentares.

Inicialmente, os difusores da *New Nutrition* focaram principalmente na classe operária, tendo em vista a precariedade alimentar à qual grande parte dos trabalhadores estavam submetidos. Mas com o passar dos anos, o movimento dietético foi ganhando espaço em meio à classe média, destacando-se a atuação de John Harvey Kellogg no centro de saúde adventista em Battle Creek, que nas palavras de Levenstein “tinha conseguido transformar esse estabelecimento quase moribundo dos Adventistas do Sétimo Dia numa estação de cura da moda” (idem, p. 830), introduzindo uma dieta natural e fundamentalmente vegetariana, fazendo com que o estabelecimento chamasse a atenção de muitas pessoas na época. A promoção de uma dieta simples, limitando-se ao consumo suficiente para se manter saudável e nutrido, ganhou novo fôlego no contexto da Primeira Guerra Mundial, no qual o governo americano promoveu campanhas visando a redução do consumo de determinados alimentos pela população, como a carne bovina e trigo (idem, p. 832).

Como mostra Levenstein, a promoção de alguns dos ideais da *New Nutrition* pelo governo auxiliou na popularização de certos alimentos caros aos reformadores da saúde do século XX (idem), como os cereais matinais. A descoberta das vitaminas também foi fundamental para aumentar os ânimos dos reformadores da saúde em

torno da dieta ideal. Para Levenstein, a “vitaminomania” que se desencadeou a partir da década de 1920 contribuiu “para ressuscitar a idéia de Graham, segundo a qual a farinha branca era desnaturada e desprovida de elementos nutrientes” (idem, p. 834). Nesse contexto, tornou-se comum falar em tiaminas, albuminas, proteínas e outros diversos elementos nutricionais, associando-os à ideia de vitalidade. Ainda que nos anos 1930 boa parte das vitaminas já haviam sido sintetizadas, sendo produzidas e comercializadas em forma comprimida, alguns setores médicos junto aos reformadores dietéticos mantiveram-se firmes em sua mensagem de que “bastava consumir os bons alimentos para obter todas as substâncias nutrientes indispensáveis à saúde” (idem, p. 835).

Assim, não é de se estranhar que esse discurso estivesse presente nas páginas das revistas adventistas e agregado à sua mensagem da saúde de modo mais amplo. Em Vida e Saúde, nas décadas que se seguiram, observamos a continuidade dessa abordagem acerca da dietética, veiculando informações técnicas sobre nutrição em meio a um discurso de intoxicação *versus* autodomínio, potencial terapêutico, o valor das vitaminas e minerais, bem como o duplo impacto - físico e moral - da alimentação no organismo. Entre as décadas de 1950 e 1960, podemos citar algumas matérias como “As vitaminas” (série entre outubro, novembro e dezembro de 1950), “A vitamina B na agitação emotiva e na memória” (abril de 1951), “Uma riqueza à nossa mão” (sobre as vitaminas A, B, C e D, setembro de 1951), “Mais vitaminas no cardápio da família” (agosto de 1952), “Porque e quando faltam as vitaminas” (novembro de 1952), “Deficiências das vitaminas” (novembro de 1953), “As leguminosas como fonte de proteínas” (janeiro de 1954), “Destruição das vitaminas pelos processos culinários” (abril de 1954), “Como conservar nos alimentos os minerais e as vitaminas?” e “As proteínas e a errada noção do valor das carnes” (julho de 1955), “O problema da alimentação familiar: as proteínas na dieta” (novembro de 1957), “Carência de vitaminas e doenças” (outubro de 1958), “A vitamina C nas frutas cítricas” (dezembro de 1958), “Trigo integral e saúde” (setembro de 1962), “Gorduras - Assunto da moda” (maio de 1963), “São necessárias as gorduras na alimentação?” (outubro de 1963), “Como preservar as várias vitaminas” (junho de 1965), “A importância dos sais minerais na ração alimentar” (janeiro de 1966), “Fundamentando na fisiologia e na bio-química o regime vegetariano” (janeiro de 1967), “Regime

vegetariano e vitaminas” (série de matérias especiais para Vida e Saúde assinadas por Galdino Nunes Vieira entre os anos de 1967 e 1969).

O vegetarianismo também permanece um tema de destaque ao longo das edições, alcançado mediante um processo de transformação, pautado pela vontade de mudar o estilo de vida e alcançar a boa saúde. Em abril de 1956, a revista publicou um texto do médico adventista canadense Daniel H. Kress⁸², cujo título traz a seguinte provocação: “Por que sou vegetariano? As razões de uma longa observância da alimentação vegetariana”. Segundo o médico, ele segue este regime há 40 anos e garante ter alcançado importantes benefícios “físicos, mentais e morais” (KRESS, 1956, p. 08). Revelando que em sua juventude “comia e bebia tudo quanto satisfizesse o paladar, sem pensar, nem remotamente, na pureza ou salubridade dos ingredientes escolhidos” (idem), Kress afirma que no início se sentia “fraco e extenuado” (idem), mas com eliminação das carnes, das comidas estimulantes e das bebidas alcoólicas, pode chegar aos 72 anos sentindo-se forte, alegre e otimista. Vale lembrar que esse número era bastante impressionante para o contexto, tendo em vista que a expectativa média de vida do brasileiro era 51 anos⁸³. Ainda que o autor não fosse brasileiro, serve como comparativo e incentivo para uma vida mais saudável, com a possibilidade de alcançar, assim, uma maior longevidade. Kress também aponta que a alimentação é parte de um conjunto de hábitos e da “fé na Providência Divina”, um pontapé inicial para uma ampla mudança na vida.

A vida simples limpa o cérebro de toda sombra, afinando não só os nervos gustativos, mas todos os demais nervos do organismo, de maneira tal que não só achamos prazer nos produtos simples da terra, mas também apreciamos o esplendor da Natureza, que deleita o sentido da vista. Para começar vida correta, é preciso começar a comer alimentos sãos (idem).

⁸² De acordo com a Enciclopédia Adventista, Daniel H. Kress (1862-1956) “foi um importante médico adventista do sétimo dia, missionário médico, diretor de sanatório, entusiasta antitabaco e reformador da saúde” (tradução nossa). Na década de 1880, teria entrado em contato com os discursos de John Harvey Kellogg sobre dietética e suas influências na saúde, decidindo então abdicar-se do consumo de carnes, chás, cafés e condimentos. Seu extenso verbete discorre sobre a atuação missionária de Kress na Europa e na Austrália, bem como os cargos e ofícios executados nas instituições de saúde adventista nos Estados Unidos. Assim como outros médicos missionários, Kress produziu livros e diversos artigos para as revistas adventistas, visando contribuir para a promoção da mensagem da saúde. Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=D9MU&highlight=kress>. Acesso em: 07/07/2023.

⁸³ Consultado em: <https://cee.fiocruz.br/?q=esperanca-de-vida-diante-da-emergencia-sanitaria-e-climatica>. Acesso em 01/08/2023.

Kress não foi o único médico adventista a ter seus textos publicados em *Vida e Saúde*, nos quais apresentam os benefícios do regime vegetariano partindo de uma perspectiva pessoal, atestando assim autoridade e legitimidade para afirmar que ele viabiliza, sim, a boa saúde. Apesar de raramente a revista fazer menção à Igreja Adventista do Sétimo Dia ou ao adventismo, eventualmente são publicados textos de autoria de Ellen G. White, não somente sobre alimentação, mas também sobre diversos temas que englobam a aplicação dos oito remédios naturais no caminho da boa saúde. Uma das poucas matérias publicadas nesse período das décadas de 1950-1960 assinada por uma mulher - e que não é sobre maternidade, cuidados com o lar ou receitas culinárias - é “Sete erros alimentares”, de dezembro de 1961. Apesar de não ser adventista, trata-se de uma autora com propriedade para falar sobre alimentação com respaldo médico-científico: Lucie Randoin⁸⁴.

Na introdução do texto, ela é apresentada como a única mulher integrante da Academia de Medicina francesa, e para a qual “quando vulgarmente se ouve dizer de qualquer pessoa que se ‘alimenta bem’ podemos ter quase a certeza de que isso significa ‘estômago abarrotado’” (RANDOIN, 1961, p. 16). O conteúdo da matéria teria sido coletado em uma entrevista de Randoin sobre os erros alimentares mais recorrentes, elencados em sete tópicos: subalimentação, super alimentação, consumo insuficiente de produtos lácteos, consumo insuficiente de vegetais, consumo excessivo de carne, consumo excessivo de gorduras e irregularidade das horas de refeição (idem). Aqui, assim como em outros artigos de profissionais que não necessariamente possuem vínculo com o adventismo, observamos pontos de conciliação entre o discurso secular-científico e a mensagem da saúde religiosa. Podemos perceber como os conselhos sobre saúde e alimentação presentes na revista *Vida e Saúde*, nas palavras de Bellotti (2020c, p. 01), “apoiam-se na ciência e de concepção de saúde e corpo seculares para validar seu discurso”.

Ainda assim, podemos encontrar na revista referências à legitimação religiosa acerca da alimentação vegetariana, e até mesmo críticas à “ciência ortodoxa” que contraria alguns dogmas cristãos. É o caso de diversos artigos assinados por Galdino Nunes Vieira, entre eles “Regime alimentar vegetariano”, publicado em julho de 1965. A primeira observação feita por Vieira é sobre a centralidade do “Homem” (como sinônimo da Humanidade) na obra de Deus, estando assim submetido às leis divinas

⁸⁴ Lucie Randoin (1885-1960) foi uma bióloga e higienista francesa.

que regem todo o universo: “ligado à Natureza pela sua constituição físico-química e ao Criador pela sua inteligência, o homem ocupa lugar de destaque na Terra” (VIEIRA, 1965, p. 14). Essa semelhança aos outros elementos da natureza faz da origem dos seres humanos, de acordo com o autor, o grande ponto de conflito entre a religião e a ciência. Esta tende a “separar o homem do seu Criador, emitindo hipóteses evolucionistas que ainda não conseguiram confirmação histórica nem científica” (idem). Já a primeira reconhece que após a morte, o corpo volta a ter os mesmos elementos que constituem a terra e tudo aquilo que ela provê.

É nesse ponto em questão que Vieira observa a conexão entre a composição do corpo humano e o regime alimentar. O organismo demanda ser nutrido por aquilo que restabelece seu equilíbrio e supre suas necessidades fisiológicas. Por isso, um regime natural e vegetariano “provê ao organismo as substâncias de que necessita” (idem). Como a própria terra não é alimento, ainda que rica em elementos essenciais à vida humana, devemos nos alimentar daquilo que ela produz. Sendo assim, “os vegetais, estendendo suas raízes ao seio da terra, aí colhem êsses elementos, recolhem os sais, sintetizam nas folhas, nas flôres e nos frutos, proteínas, amidos, e açúcares, vitaminas e gorduras” (idem), fornecendo tudo quanto é necessário para o pleno funcionamento e manutenção do organismo humano. Assim, “na sua imensa variedade”, os vegetais “oferecem ao homem princípios nutritivos que, de acôrdo com a Natureza, lhe proporcionam saúde, vigor físico, fôrça mental e alegria de viver” (idem, p. 22).

Somos o que comemos. A afirmação do também médico adventista Wayne McFarland⁸⁵ é a tônica para a matéria “Alimentação e Saúde”, publicada alguns anos antes em Vida e Saúde. Diferentemente de Vieira, McFarland busca se reconciliar com as pesquisas científicas, afirmando que a ciência da nutrição ainda é muito nova, causando em alguns casos discursos controversos e informações confusas, das quais muitas empresas se aproveitam para “arrancar dinheiro de um público crédulo, temeroso de vir a privar-se do que há de mais recente em vitaminas” (McFARLAND,

⁸⁵ J. Wayne McFarland (1913-2011) foi um médico adventista estadunidense, missionário e reformador da saúde, conhecido por sua atuação nas campanhas antitabagistas e também por criar o *Five Day Plan to Stop Smoking* (plano para parar de fumar em cinco dias, em tradução livre) junto com Elman Folkenberg. Entre as décadas de 1950 e 1960, integrou o corpo editorial da revista adventista *Life and Health*. Um verbete sobre ele está em processo de produção pela Enciclopédia Adventista. Informações biográficas consultadas em: <https://ted.adventist.org/news/remembrance-mcfarland-helped-millions-quit-smoking-with-five-day-plan/>. Acesso em: 08/07/2023.

1957, p. 04). Entre aqueles que buscam constantemente se atualizar no debate sobre alimentação e saúde e aqueles que não desejam mudar seus hábitos e dieta, segundo o autor, são poucos os indivíduos realmente bem informados acerca de um regime equilibrado e proveitoso ao organismo.

McFarland aponta para a necessidade de se saber como e o que comer, bem como o que *não comer*. Assim, se comemos alimentos fracos, tal qual o trigo refinado, “teremos sangue pobre, tecido pobre, pouca saúde e bom ambiente para a proliferação dos germes” (idem). Desse modo, o estudo sobre a composição dos alimentos torna-se indispensável àqueles que pretendem alcançar a boa saúde, e por isso o médico passa a listar a função de sete elementos constituintes dos alimentos e essenciais ao organismo: proteínas, gorduras, hidratos de carbono, minerais, vitaminas, celulose e água.

Além do bem-estar físico e mental constantemente reiterado como o grande benefício de uma alimentação saudável, gradativamente vemos o tema da obesidade como uma preocupação dietética a se fazer cada vez mais presente nas páginas da revista⁸⁶. Antes disso, a obesidade já era um tema que eventualmente aparecia na seção de “Perguntas e Respostas sobre higiene e saúde alimentar”⁸⁷, a cargo do médico e redator da revista Vida e Saúde Galdino Vieira Nunes, este que também integrava o corpo clínico do Hospital Silvestre⁸⁸, cuja divulgação foi amplamente

⁸⁶ A relação entre peso, estética e saúde é abordada em matérias desse período como: “Vamos emagrecer?” (abril de 1951), “O tratamento dietético da obesidade” (maio de 1953), “Pode-se emagrecer comendo bem” (janeiro de 1954), “Peso excessivo” (janeiro de 1956), “Como emagrecer sem perigo?” (maio de 1956 e setembro de 1966), “Como emagrecer” (abril de 1957), “Saúde e beleza pela alimentação consciente” (fevereiro de 1958), “Beleza, equilíbrio e simetria do corpo” (dezembro de 1958), “A obesidade - Sua significação e prevenção” (fevereiro de 1960), “Alimentação para emagrecer” (maio de 1960), “Quereis realmente emagrecer?” (agosto de 1960), “Mais frutas... menos cosméticos” (abril de 1961), “Magreza” (janeiro de 1963), “Emagrecimento por meio de exercícios físicos” (maio de 1965), “A obesidade e seu tratamento” (setembro de 1965), “Alimentação, um fator de beleza” (dezembro de 1965), “Emagrecer não custa!” (janeiro de 1966), “Se V. S.^a é obeso, emagreça!” (agosto de 1968), “Cardápio para uma semana - Para pessoas que sofrem de obesidade” (janeiro de 1969).

⁸⁷ A seção passa a integrar o conteúdo ordinário da revista no início da década de 1940, cujo objetivo inicial assemelha-se a uma consulta médica à distância, mas transforma-se ao longo dos anos como uma seção de perguntas e respostas. Com o passar dos anos, deixa de ser dirigida somente por Galdino, agregando médicos como Carlos Schwantes e Paul Younis, e posteriormente é assumida por outros médicos que passam a fazer parte do corpo editorial da revista.

⁸⁸ O Hospital Adventista Silvestre - referenciado em Vida e Saúde de modo abreviado - está localizado na cidade do Rio de Janeiro e foi inaugurado em 1942, tendo sua construção concluída apenas em 1950. Foi o segundo estabelecimento de saúde implementado pela Igreja Adventista no Brasil, ficando atrás apenas da Casa de Saúde Liberdade (hoje Hospital Adventista de São Paulo), cuja fundação data de 1941 e que também é amplamente propagandeada nas edições da revista Vida e Saúde. Sobre o Hospital Silvestre, o texto de divulgação o anuncia de forma relativamente padronizada ao longo das edições: “Localização privilegiada, ao pé do Corcovado, numa altitude de 250 metros; lindo panorama sobre a entrada da barra. Clima revigorante das montanhas e florestas - o bairro saudável por

realizada ao longo dos anos de 1940 e 1950 pelo periódico analisado. Podemos citar como exemplo a resposta de Vieira Nunes à pessoa de iniciais “F. C. C.” que solicita via seção uma consulta sobre obesidade. O médico primeiramente indica a leitura do livro “Coma e Emagreça”, no qual poderia encontrar boas recomendações sobre regime dietético e o qual era utilizado de forma semelhante no Hospital Silvestre: “lacto-ovo-vegetariano carbo-equilibrado em proteínas, hidratos de carbono, gorduras e vitaminas”, acrescentando que “em doenças sob vigilância médica atenta nos permitimos obter reduções de peso até 8 ks. por mês, sem perigo para a saúde” (NUNES, 1952, p. 21). O médico acrescenta que o tratamento da obesidade deve pautar-se por questões de saúde e não estéticas, além de que “a manutenção do peso nos limites normais depende do metabolismo que deve ser tratado e da reeducação da vontade e do paladar” (idem).

Na década de 1950, o editorial da revista também dá início a publicação da coluna “Um quarto de hora de cultura física...”, que em algumas edições era inclusive completada com “...da mulher”, pautando assim o cuidado com o corpo como uma preocupação direcionada e, por vezes, exclusiva do gênero feminino. *Espírito são, em corpo são* é a mensagem que vemos em diversas matérias que visam promover a importância dos exercícios e das atividades ao ar livre. Observamos assim uma constante combinação entre os oito remédios naturais estabelecidos por Ellen G. White nas matérias da revista, como exercícios físicos, alimentação e temperança, interpretada como autocontrole em relação à alimentação e força de vontade para alcançar (ou manter) a boa saúde.

A obesidade, como já citamos, é um tema abordado na revista desde seus primórdios, mas que vai ganhando espaço conforme aumenta a preocupação em relação a ela como problema social. Não se fala mais em glutões ou comilões, mas sim em pessoas adoecidas por conta de seus hábitos alimentares. Como observado por Bellotti (2021, p. 249), no caso da revista Vida e Saúde, ela dificilmente apresenta “um discurso que condene a obesidade pelo pecado da gula, mas houve várias formas de se referir à intemperança, à falta de domínio próprio que levariam ao aumento do

excelência. Calma e sossego em confortáveis dormitórios e apartamentos”. As especialidades e terapias disponíveis são: Clínica médica, cirurgia, hidro e electroterapia, duchas e massagens, tratamentos da paralisia infantil, raio-x e exames de laboratório, além de “serviço especial para ‘week-end’” e “cozinha dirigida por dietista diplomada e especializada nos Estados Unidos”. Abaixo das informações e fotos do hospital, lemos os seguintes dizeres entre parênteses: “não aceitamos débeis mentais nem portadores de doenças contagiosas”. Vide edição de Vida e Saúde de julho de 1952, p. 22.

peso”. Apesar da obesidade “vitimar” homens e mulheres, é visível a diferença de abordagem quando se direciona algumas matérias sobre o tema para as mulheres, conforme aponta Bellotti, há uma “visão gendrificada que estabelece padrões corporais e disposições de cuidados de si diferenciados para homens e mulheres” (idem, 242).

Sendo assim, a obesidade é muitas vezes associada ao “descuido” da mulher para com o próprio corpo e, conseqüentemente, com a própria existência em sociedade, pois abdica de sua feminilidade. Em seu texto “Combatamos a obesidade!...”, Karina Bellotti investiga como o tema foi abordado em Vida e Saúde de forma mais detalhada, e nota que suas matérias buscam “responsabilizar o indivíduo pela sua obesidade, mostrando-a como doença e como falha moral, para que os gordos desejem emagrecer movidos pela culpa e pela força de vontade” (idem, 253). A ancoragem em explicações científicas é mobilizada para reafirmar a mensagem da saúde e as orientações dietéticas, “mostrando os benefícios dos remédios naturais como o caminho para a saúde, tendo a magreza ou o emagrecimento como uma consequência natural, e a obesidade como efeito antinatural e doente” (idem, p. 258). Além disso, no discurso de Vida e Saúde, a educação do corpo e da mente deve ser cultivada desde a juventude, garantindo graciosidade no processo de envelhecimento, sobretudo às mulheres. Em uma pequena matéria publicada na edição de julho de 1968, lemos a seguinte mensagem:

Ora, é necessário que nossas prezadas leitoras, principalmente as mais jovens, estejam persuadidas de que a luta contra o envelhecimento tem de principiar bastante cedo. É a partir dos vinte anos que têm de adquirir bons hábitos, modo de vida que afaste os anos, ao mesmo tempo que devem cuidar do corpo e do espírito, racionalmente, mantendo-se ativas durante o dia (LE ROUGE, 1968, p. 14).

Desse modo, podemos notar que o discurso adventista oscila entre a positivação da experiência no mundo como agente ativo da manutenção da boa saúde e a condenação do comportamento transgressor e pecador da humanidade, por meio do consumo ou abuso de alimentos e outros produtos intoxicantes. O discurso condenatório tende a aparecer mais quando abordados temas como alcoolismo ou fumo, e menos na questão da alimentação - mais associada como um processo contínuo de intoxicação, enquanto a ingestão do álcool ou o ato de fumar parece ser um movimento mais abrupto (não se deve fazer nunca!). Sobre esses temas, poucas

são as matérias que instruem como se livrar do vício gradativamente, diferentemente do que encontramos em relação à adaptação dietética/alimentar.

É importante dizer que as matérias sobre regime alimentar e alimentação saudável são por vezes bastante repetitivas, e nosso objetivo aqui não é analisar texto por texto de forma exaustiva, mas apresentar, por amostragem, o discurso consolidado em Vida e Saúde sobre o tema, sobretudo nas primeiras décadas de publicação da revista, para entender como o assunto se consolidou como uma preocupação central do periódico adventista no Brasil. Buscaremos discutir em quais aspectos o discurso sobre alimentação saudável se manteve estável ou se alterou nas décadas seguintes nos próximos capítulos da presente tese, agregando e aprofundando pautas como as alergias e intolerâncias alimentares, dietas nutricionais, cultura alimentar brasileira, entre outros assuntos. Antes disso, no tópico a seguir, analisamos como o consumo de álcool e tabaco aparece em Vida e Saúde, e de que forma se utilizaram da cultura visual para reforçar o tom condenatório de suas argumentações.

3.3 A batalha da garrafa e do fumo

Na introdução de seu livro *Protestants and Pictures*, David Morgan (1999) nos conta a história de Ebenezer Newell, um jovem estadunidense na casa dos 20 anos que na virada do século XVIII para o XIX segue rumo ao litoral leste dos Estados Unidos com o intuito de ingressar na carreira marítima. Convencido a permanecer em terra por um capitão de navio para melhor estudar os princípios da navegação, ele então conhece um diácono metodista com o qual se hospeda. Watson, como singelamente é identificado o religioso em questão, possuía em sua casa uma biblioteca com literatura religiosa e duas imagens singulares na parede, cada uma representando, respectivamente, a árvore da vida em pecado e a árvore da vida cristã. A primeira imagem parece estampar a palavra “*unbelief*” (descrença/incredulidade), apresentando uma árvore pobre em folhas, carregada apenas com os frutos de uma vida de perdição e pecados, nomeados em seus galhos secos. A segunda imagem, em contrapartida, apresenta uma árvore carregada de folhas e frutos da vida cristã, ladeada pelas palavras “*grace*” (graça) e “*faith*” (fé). Essas representações imagéticas teriam sido fundamentais para o processo de conversão de Newell, e de acordo com

Morgan, a potência das mesmas é enfatizada no próprio livro de memórias do convertido.

Conforme analisado por Morgan (idem p. 04), o poder das imagens, somado à falta de perspectiva e as “crises” da juventude no contexto em que Newell estava inserido, levavam a comum conversão de jovens ao universo cristão protestante. Isso evidencia que apesar da tradição protestante não cultuar santos e imagens religiosas em geral, a cultura imagética foi amplamente instrumentalizada por eles para professar sua fé e, principalmente, para a evangelização por meio da mídia impressa. Num contexto em que a educação formal ainda era precária e muitas vezes inacessível, interpretações e passagens bíblicas podiam ser pedagogicamente explicadas pelas ilustrações veiculadas nesses materiais. Como enfatiza Morgan, essas “imagens impressas - gravuras que ilustravam textos religiosos e serviam para encapsular a doutrina religiosa - não representavam nenhuma ameaça para os iconóforos protestantes” (idem, p. 05-06, tradução nossa). Ao contrário, pelo que mostra o estudo do mesmo, nesse período estabeleceu-se uma cultura de massa em torno da literatura religiosa nos Estados Unidos. Ela envolve fatores diversos e que precisam ser analisados de forma conjunta, desde a criação e implementação de inovações tecnológicas para impressão e distribuição, à formação de movimentos religiosos específicos, derivados do Segundo Grande Despertar que ocorreu no século XIX e que se amparou fortemente na mídia impressa.

Casos como o de Newell, conforme afirma David Morgan (1999, p. 05), não desqualificam ou menosprezam o poder da cultura oral e escrita durante esse contexto de avivamento religioso. Na realidade, em suas palavras, eles apresentam uma “nova tecnologia moral” a qual foi adicionada ao mecanismo de conversão protestante e reformista, que é a imagem por meio dos periódicos. A pedagogia imagética não apenas tornava a mensagem acessível aos analfabetos, mas também ultrapassava barreiras linguísticas em grupos imigrantes - além de fazê-la mais atrativa visualmente para outros grupos, como crianças e jovens. Outro traço importantíssimo observado por Morgan nessa instrumentalização da imagem como ferramenta evangelizadora é sua capacidade de “moldar o comportamento pela evocação e manipulação de sentimentos” (idem, p. 223, tradução nossa). Desse modo, as imagens não apenas apresentavam uma visão de mundo, como também operavam diversas “associações afetivas”, mediando a mensagem religiosa. Como destaca o autor, sentimentos como

“medo, repulsa, pena, vergonha, conforto, humor e surpresa foram usados para marcar memórias de uma forma que as tornasse indelévels, fortes, facilmente recuperadas e formativas” (idem, tradução nossa).

Morgan dedica uma parte de seu livro para analisar especificamente a estética empregada pelos adventistas em seus panfletos e periódicos, afirmando que o movimento “exibiu uma cultura visual única” (idem, p. 124, tradução nossa) tanto para elucidar sua mensagem no período millerita, mas também após o Grande Desapontamento, para explicar suas reinterpretações pós 22 de outubro de 1844 e ilustrar passagens bíblicas. Recorrendo a ilustrações bastante expressivas para representar desde a vida no paraíso e as leis de Deus, até esquemas cronológicos e mapas proféticos baseados nos livros de Daniel e Apocalipse, as imagens veiculadas nos materiais impressos adventistas eram tão marcantes que foram inclusive utilizadas pelos seus opositores “como um meio de identificação pública e ridicularização das crenças milleritas” (idem, p. 159, tradução nossa). Ainda assim, isso não desencorajou a venda e a circulação dos periódicos adventistas, cuja produção foi ampliada e impulsionada sobretudo por orientação de Ellen G. White a partir das décadas seguintes.

Não pretendemos aqui fazer uma extensa análise das imagens veiculadas em toda a mídia impressa adventista no século XX, até por que uma coisa são as imagens com teor evangelista e outra são as imagens veiculadas na mídia impressa voltava ao público diverso, mas julgamos importante demonstrar que essa cultura imagética se fez presente na continuidade do movimento adventista, sobretudo após a sua institucionalização e no missionarismo para além do território estadunidense, por meio de suas publicações impressas e de múltiplas formas. Sendo assim, fazemos aqui uma breve inflexão em relação ao modo como a cultura visual adventista herdada desde o movimento millerita foi empregada na revista Vida e Saúde, em confluência com os aspectos discursivos, para educar e instruir leitores e leitoras no que diz respeito ao comportamento, à alimentação e ao consumo (ou não) de produtos específicos. Como veremos, os recursos imagéticos para elucidar o conteúdo textual sobre o pecado, a transgressão e a intoxicação do corpo foram amplamente utilizados para tratar de temas como o álcool, tabaco e outras drogas.

A discussão sobre o consumo de bebidas alcoólicas na historiografia compreende que essa prática é permeada por aspectos sociais, culturais, religiosos e

econômicos diversos. Ainda que considerada uma droga lícita no Brasil, muitos debates foram travados acerca do uso, venda e do problema social acarretado pelo alcoolismo. Conforme indica Eliane Sales, a preocupação com o consumo exacerbado do álcool é uma preocupação que permeia a história humana, assim como a “distinção entre beber moderadamente e a embriaguez reprovável foi marcada por atitudes morais desde a Antiguidade” (SALES, 2010, p. 170). Portanto, implica em regras de comportamento, distingue socialmente diferentes sujeitos, adquire sentido a determinadas identidades - seja pela adesão ou pela interdição do álcool como bem simbólico.

A revolução industrial do século XVIII é apontada como fator decisivo na produção e comercialização de bebidas destiladas na modernidade, cuja “modernização das técnicas de produção e redução dos preços favoreceram o uso indiscriminado e generalizado do álcool” (idem, p. 177). Com o ritmo de crescimento tal qual os grandes centros urbanos, o uso abusivo tornou-se um significativo problema social, seja na Europa, seja nos Estados Unidos. De acordo com Sales, foi nesse contexto que o alcoolismo tornou-se uma preocupação médica, fornecendo medidas de controle e respostas científicas para endossar o combate à embriaguez, cujas características centravam-se na perda de autocontrole consequente “incapacidade do indivíduo de se abster de álcool” (idem, p. 178). Alguns setores médicos viam uma potencialidade terapêutica nos destilados, tal qual o vinho, se consumido em pequenas doses; outros abominavam completamente seu consumo, independente da quantidade (idem, p. 179).

Essa segunda tendência foi abraçada pelos reformadores da saúde estadunidenses, cuja principal batalha foi, inicialmente, contra o consumo de álcool, pregando a necessidade de abstinência absoluta deste “produto intoxicante”. Posteriormente, o hábito de fumar também começou a ser amplamente reprovado. No caso do adventismo, encontramos essa aversão ao consumo de álcool e tabaco na própria declaração de fé estabelecida para o processo de conversão. No voto batismal, vide a ficha de batismo (Anexo III), um dos pontos a serem declarados é o seguinte: *“decide deixar tudo o que prejudica a sua saúde e a de outras pessoas, evitando o consumo de alimentos impróprios, o uso, a fabricação e a comercialização de bebidas alcoólicas, tabaco, café, drogas ilícitas, porque reconhece que o corpo é o templo do Espírito Santo”*. É interessante notar que essa declaração prevê não só

uma agência dos novos convertidos em relação ao próprio consumo, como também a em relação a terceiros, tendo em vista que o declarante se compromete a também não fabricar ou vender produtos intoxicantes.

Em Vida e Saúde, a pauta antialcoólica foi apresentada em seus primeiros números, trazendo em março de 1939 um artigo intitulado “O alcoolismo”. Seu autor, Dr. Mendes de Castro⁸⁹, busca apresentar os danos causados pelo álcool nos mais diversos órgãos (fígado, estômago, rins), bem como no sistema nervoso, no sistema reprodutor e nos músculos. O argumento central apresentado por essa e outras matérias que abordam o tema é que, independente do consumo moderado ou abusivo, as bebidas alcoólicas são motor para a ruína pessoal do sujeito e de tudo ao seu redor. Com o consumo persistente, de acordo com Mendes de Castro (1939, p. 14), “o indivíduo torna-se apático, degrada-se, perde a iniciativa, é desasseado, brutal, tendo o vício por única preocupação”.

FIGURA 08 - ILUSTRAÇÃO DA MATÉRIA “O ALCOOLISMO”



Fonte: Vida e Saúde, março de 1939 (Acervo: Centro de Pesquisas Ellen G. White)

Seu artigo faz um apelo “aos espíritos esclarecidos” e patrióticos, “que anseiam pelo engrandecimento do Brasil”, para que trabalhem em defesa da abstinência de álcool, atuando junto aos “ignorantes que gradativamente se deixam minar pelas bebidas alcoólicas” (idem). Em complemento ao texto, o editorial veicula uma ilustração (FIGURA 08) que representa um pequeno barco em primeiro plano, com um homem provavelmente embriagado, navegando em um rio e muito próximo de

⁸⁹ Não localizamos informações biográficas sobre o autor.

uma queda d'água. Na água logo abaixo ao barco, que o carrega em direção à queda, vemos “beber com moderação”. Na água que forma a queda, vemos “beber sem moderação” e, por fim, na continuidade do rio, logo abaixo da queda d'água, vemos “ruína” - que seria o destino inevitável daqueles que consomem álcool, independente da quantidade. Desse modo, a ilustração indica que a ideia de moderação em relação ao consumo de bebidas alcoólicas não exime o sujeito do mesmo destino daqueles que abusam do mesmo, que é a perda de autocontrole e consequente destruição de toda sua vida.

Outra matéria com a qual nos deparamos logo nos primeiros anos de Vida e Saúde é “O Álcool Como Nosso Inimigo”, assinada pelo médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo Flaminio Fávero⁹⁰, publicada na edição de janeiro de 1942 da revista Vida e Saúde⁹¹. O texto ocupa pouco mais de duas páginas e contém duas imagens - uma é um retrato do autor, ao lado do título, e a outra é a ilustração que segue abaixo (FIGURA 09), localizada na segunda página da matéria. Discurso e imagem trabalham de forma conjunta a reforçar os múltiplos problemas ocasionados pelo consumo de bebidas alcoólicas. A foto do autor veiculada junto ao título e sua identificação podem ser entendidas como forma de reiterar a legitimidade e a autoridade da pessoa que se dirige ao leitor e transmite as informações, alertando para os perigos do álcool.

Observamos em Vida e Saúde o hábito de identificar seus autores, principalmente em matérias mais extensas e aprofundadas, e especialmente quando os temas abordados são técnicos - relacionados à ciência, medicina e nutrição. Nessa matéria, o autor em questão é uma pessoa bastante influente da área médica. Nascido em 1895, Fávero formou-se em 1919 na primeira turma de Medicina e Cirurgia da mesma universidade na qual, posteriormente, se tornou docente. Também lecionou a disciplina de medicina legal na Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi idealizador e primeiro diretor do Conselho de Medicina, tendo seu registro correspondente ao

⁹⁰ Suas credenciais como docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo são apresentadas pelo editorial da revista, que também informa que a matéria é “Especial para ‘Vida e Saúde’”. Não foram encontradas menções a ele na Enciclopédia Adventista.

⁹¹ Essa edição contou com diversas matérias assinadas por médicos professores da Universidade de São Paulo, alguns destes que na época também eram listados nas informações editoriais das edições de Vida e Saúde como “colaboradores especiais”, tais quais Benedito Montenegro, F. A. de Moura Campos e Milton Estanislau do Amaral.

número 001 no referido órgão de classe profissional⁹². Portanto, era uma pessoa que tinha reconhecida capacidade para falar sobre assuntos relacionados à medicina e saúde. Contudo, um detalhe que julgamos interessante e fundamental para nossa análise e para explicar a abordagem tomada por ele em seu artigo para a revista é o fato de ele ter sido religiosamente engajado.

Analisando a trajetória intelectual e profissional de Flamínio Fávero, Oliveira (2019) destaca que ainda que ele tenha sido recorrentemente reconhecido como pastor presbiteriano, ele não chegou a cursar teologia formalmente, nem mesmo se considerava um pastor, mas sim um “professor de futuros pastores” (idem, p. 46). A pesquisa em questão o identifica como um homem de fé, cristão protestante convertido em 1921 e pertencente à Igreja Presbiteriana. Como exímio escritor e palestrante, foi autor de diversos textos, sermões e folhetos religiosos. De acordo com Oliveira (idem, p. 45-46), uma característica marcante presente “em todos os textos de Flamínio Fávero são as mensagens de ‘humanismo cristão’. Fosse o texto de natureza científica ou não, um discurso solene ou uma rápida mensagem aos ‘seus detentos’, havia sempre uma analogia bíblica”. Como religioso engajado em educar e evangelizar, integrou a Academia Evangélica de Letras e presidiu a Associação Cristã de Moços de São Paulo, ministrando palestras sobre os mais diversos temas (idem) até seu falecimento, em 1982.

Fávero começa seu texto explicando como se fabricam as bebidas alcoólicas, em suas palavras, “uma substância que é apenas a excreção de agentes vivos, de micróbios” (FÁVERO, 1942, p. 08). Apesar de evidenciar a “origem muito desprezível”, o autor procura se ater, num primeiro momento, aos problemas de saúde acarretados pelo consumo dessas bebidas. Sendo um “tóxico de fácil difusão no corpo”, tão logo se comece a consumir, atingem a corrente sanguínea e causam lesões em órgãos como o fígado, rins, intestino e estômago. Fávero também informa que o álcool é “especialista em preparar boa cama para a tuberculose”, pneumonia e outras infecções comuns à época, uma vez que se aproveitam do corpo intoxicado para triunfar. Para além dos problemas físicos, Fávero chama atenção para a ação das bebidas alcoólicas no sistema nervoso e ao problema do alcoolismo, o qual, para ele,

⁹² As referidas informações bibliográficas encontram-se disponíveis no memorial produzido pela Academia de Medicina de São Paulo, na qual Fávero ocupou a cadeira de número 10. Disponível em: <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/148/BIOGRAFIA-FLAMINIO-FAVERO.pdf>. Acesso em: 17/06/2023.

divide-se entre casos agudos e crônicos: “agudo, quando a intoxicação é imediata. Crônico, si o veneno age lentamente, demoradamente” (idem).

Nos casos agudos, que constituem casos primeiros e/ou isolados de consumo de álcool, Fávero destaca os efeitos e as consequências do álcool em três etapas: a excitação, a depressão e o coma. Primeiramente, o indivíduo alcoolizado fica animado, com olhar vivo e perde as “boas maneiras”, podendo também desdobrar em comportamentos “provocadores, briguentos, perigosos” (idem, p. 09), levando-os até mesmo a praticarem crimes. Passado esse primeiro efeito do álcool que é a excitação, vem a confusão mental, que perturba e desorienta o indivíduo, levando-o a um estado depressivo. No terceiro e último estado, nas palavras de Fávero, “o infeliz cai num profundo sono e em completa inconsciência, vomitando e ressonando, em qualquer lugar, no meio da rua, na lava, como um irracional e mesmo peor [sic]” (idem).

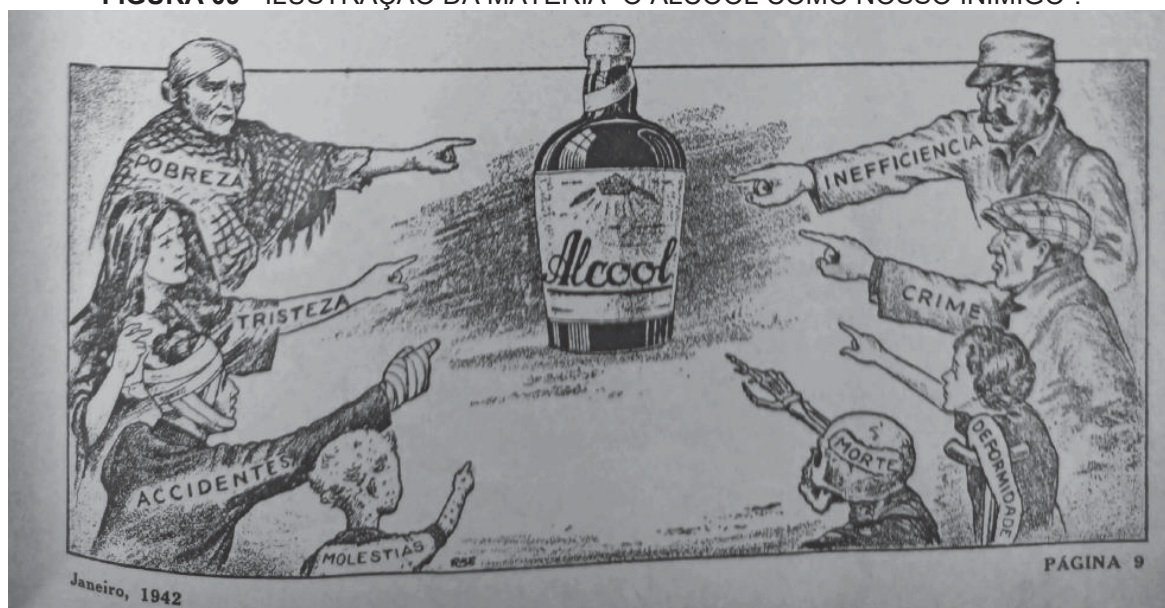
Nos casos crônicos, em que o indivíduo consome regularmente bebidas alcoólicas, os prejuízos à saúde e ao bem-estar se acumulam e tornam o ébrio “indiferente a tudo, sem energia, sem iniciativa; medroso, sujo, coberto de imundícias, sem moral, sem noção de deveres, sem quaisquer sentimentos bons” (idem). Contudo, como enfatiza o autor, o efeito a longo prazo não se resume somente a isso, pois seu consumo prejudica a inteligência e “é guia seguro para o crime” (idem). Sobre a relação entre alcoolismo e criminalidade, Fávero ainda comenta de forma cômica que “junto às mesas pouco asseadas dos botequins, em que as bebidas desprendem o seu aroma sedutor e estonteante, adquirir-se [sic] o diploma idôneo para o ingresso na Penitenciária” (idem).

Conforme o corpo vai adquirindo resistência às bebidas alcoólicas e o “grau de envenenamento” acentua-se, o indivíduo “perde o domínio próprio e fica temível” (idem). O discurso e a visualidade do corpo e das ações maléficas associadas ao consumo de álcool veiculadas na mídia impressa adventista do século XX se assemelham aos folhetos produzidos pela Sociedade Americana de Tratados para o combate ao consumo de álcool já no século XIX, conforme mostra a pesquisa de David Morgan (1999), sobretudo no capítulo 7, “Talking Pictures”. Assim, podemos perceber que o poder de instrução das imagens foi reiteradamente utilizado pela retórica cristã para educar os corpos e seus comportamentos.

Apesar da extensa lista de pontos negativos apresentados por Fávero, ele afirma que os malefícios não são “*tão somente*” exclusivos ao indivíduo, devendo ser

consideradas as consequências que se desdobram aos seus descendentes. É nessa altura do texto que se exhibe uma ilustração⁹³ como ferramenta pedagógica e explicativa (FIGURA 09), retratando as vítimas e consequências do alcoolismo. Apesar de boa parte das ilustrações veiculadas nas matérias de Vida e Saúde não terem autoria identificada, elas seguem um formato bastante específico que é o *chalk talk*. Morgan (1999, p. 234) explica que esse recurso foi bastante utilizado pela Sociedade de Americana de Tratados e escolas dominicais de diversas igrejas para auxiliar na instrução cristã sobre os mais diversos temas, geralmente ilustrando uma transformação contada pela própria imagem, despertando assim a curiosidade e o interesse do público. Na leitura do autor, “ao unir imagem e texto, os educadores evangélicos ampliaram o repertório para ensinar suas crenças e atrair a atenção dos leitores” (idem, p. 236, tradução nossa).

FIGURA 09 - ILUSTRAÇÃO DA MATÉRIA “O ÁLCOOL COMO NOSSO INIMIGO”.



Fonte: Vida e Saúde, janeiro de 1942 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná).

Essas imagens instrucionais podiam ser encontradas em pelo menos quatro formatos distintos nos materiais impressos religiosos: substituindo completamente o conteúdo textual; correspondendo igualmente um ao outro em todos os aspectos discursivos; usados como apoio um ao outro (como é o caso da matéria de Fávero); ou então usados para auxiliar na produção de um signo gráfico distinto (idem). Cada

⁹³ A autoria da ilustração não é identificada de forma nítida, mas ela é aparentemente assinada com as iniciais “RME” na parte inferior centro-esquerda.

um poderia ser instrumentalizado a seu modo, considerando o nível de instrução do público, a faixa etária, a familiaridade ou não com as passagens bíblicas. De todo modo, como indica Morgan, elas pressupunham “uma visão de senso comum tanto das imagens quanto dos textos: que eles foram concebidos e capazes de significar o mundo e que se corroboravam nessa empreitada” (idem). É importante dizer ainda que as imagens ilustrativas usadas nas matérias de Vida e Saúde, em sua grande maioria, não possuíam qualquer tipo de identificação de autoria, além de que, por vezes, eram encontradas em outras matérias sobre a mesma temática. Desse modo, é possível dizer que nem mesmo eram feitas a pedido do editorial, e sim retiradas de banco de imagens ou de outras publicações não referenciadas.

Na matéria escrita por Flamínio Fávero, a imagem em questão é composta por uma garrafa ao centro, rotulada com a palavra “alcool”, e ao redor dela temos oito figuras que apontam seus dedos indicadores para o elemento central e representam uma das mazelas decorrentes do consumo de álcool. No lado esquerdo, temos a figura de uma mulher idosa, de vestes simples, com a manga da blusa rasgada, representando a pobreza. Abaixo dela, uma mulher mais jovem, parece segurar um lenço em sua mão direita, em prantos, representando a tristeza. Em seguida, temos a figura de um homem com a cabeça e a mão enfaixada, identificado como a representação de acidentes. Ao lado dele, uma criança com a pele coberta de lesões, que representa as moléstias. Do outro lado da imagem, seguem as figuras de um homem de bigode e boné militar, apontando o problema da ineficiência que acomete os alcoólatras. Abaixo dele temos a figura de outro homem, este de casaco e boina, identificado com a palavra “crime”; uma criança utilizando uma muleta, representando as deformidades; e por último, talvez a figura mais impactante, um esqueleto humano com a palavra “morte” estampada no crânio.

Independentemente de ter sido uma escolha do autor ou do corpo editorial da revista, a inserção da ilustração funciona, de fato, como um aparato de ação moral para reforçar a mensagem contida em texto, evidenciando os males que se desdobram a partir do consumo de bebidas alcoólicas não apenas para aqueles que as consomem, mas ecoando em todos ao seu redor. Na parte final do artigo, Fávero reitera de forma bastante enfática que as gerações descendentes de uma pessoa alcoólatra nascem mais fracos fisicamente, e quando conseguem sobreviver, carregam por toda a vida um “verdadeiro estigma de maldição, pois é constituída de

fracos de inteligência, débeis mentais, idiotas, imbecís, impulsivos, epilépticos, disformes físicos” (idem, p. 17). Desse modo, Fávero condena não apenas o consumo de álcool como uma intoxicação do próprio corpo, mas também um legado de sofrimento para a posteridade, apelando para o argumento da hereditariedade e perpetuação de “genes ruins”.

Um último detalhe no texto de Fávero nos chama atenção por fazer, justamente, uma alusão à cultura estadunidense. Apesar de este texto em questão não ter sido traduzido das revistas adventistas estadunidenses, como era comum à época para alimentar as páginas de Vida e Saúde, seu autor afirma nas últimas linhas do seu artigo o seguinte: “foi o álcool e a sífilis que destruíram os *Peles Vermelhas* da América do Norte” (idem, grifo do autor). Provavelmente, boa parte dos leitores e leitoras da revista Vida e Saúde não compreenderam a referência do autor aos indígenas norte-americanos, mas no contexto em que foram citados, serviram para exemplificar - como um povo distante e desolado pelas mazelas das doenças - que o álcool só pode resultar em pobreza e criminalidade.

Fávero finaliza seu texto pregando que “*só vantagens trará a abstinência absoluta de álcool*” (idem, grifo do autor). Apesar de a recomendação de moderação no consumo de bebidas alcoólicas certamente ser um consenso entre os médicos da época para se evitar doenças, a enfática pregação da eliminação *absoluta* do seu consumo faz com que seu discurso tenha um ponto em comum com a perspectiva adventista, que é a visão compartilhada pelas religiões cristãs sobre a temperança e a abstinência de álcool pensando não somente nos danos à saúde a longo prazo, mas associado também a uma série de outros problemas que poderiam ocorrer, independentemente de serem casos agudos ou crônicos - para emprestar as categorias estabelecidas pelo próprio autor. Desse modo, apesar da legitimidade de Fávero para dissertar sobre temas relacionados à medicina, não há como ignorar a influência religiosa presente em seus escritos e, de forma evidente, no texto produzido para publicação em Vida e Saúde.

Destacamos que matéria de Fávero é antecedida em poucas páginas por um artigo intitulado “Câncer Gástrico”, de autoria de Benedito Montenegro⁹⁴, também

⁹⁴ Benedito Augusto de Freitas Montenegro (1888-1979), nascido em Jaú (SP) formou-se médico pela Universidade da Pensilvânia (EUA). Além de ter sido professor e diretor da Faculdade de Medicina da USP, também exerceu diversas funções prestigiosas em outras instituições na área médica, como membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1952-1953). Reconhecido pelos pares como um pioneiro na área de cirurgia

professor e diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Seu autor comenta sobre a necessidade de se investigar a fundo as causas de câncer no estômago, “seja sob o ponto de vista clínico, ou científico, ou social ou econômico” (MONTENEGRO, 1942, p. 04), ainda que reforce o ponto de vista que o caminho para a cura clínica da doença é, invariavelmente, cirúrgica. Desse modo, podemos observar como as matérias e suas temáticas eram bem amarradas pelo editorial da revista. Primeiramente, apresenta um problema de saúde crescente e preocupante que é o câncer gástrico. Em seguida, condena um problema social que seria uma das causas daquela enfermidade que mata mais do que a própria guerra, de acordo com as estatísticas apresentadas por seu autor, Benedito Montenegro, figura respeitada na área médica.

Apesar do álcool ser uma bebida, a própria Vida e Saúde busca associá-lo como um produto que alimenta o corpo de substâncias nocivas à saúde física e espiritual. Em março de 1948, Antônio A. de Miranda assina o texto “O álcool tem a composição química dos açúcares, logo deve ser alimento”. Sua intenção é elucidar *o que dizem os fisiologistas* em relação a sua afirmação. Discutindo o papel fundamental ao qual a cana-de-açúcar desempenhou desde os tempos da colonização portuguesa, o autor destaca os dois subprodutos principais derivados dessa matéria-prima: o álcool e o açúcar. De acordo com Miranda, apesar de seus benefícios em alguns usos específicos, não há de se negar “o efeito deletério das bebidas alcoólicas, tanto no terreno econômico, como moral e higiênico” (MIRANDA, 1948, p. 06). Apresentando de forma detalhada toda a composição da cana-de-açúcar e seus derivados, segundo Miranda, os fisiologistas modernos teriam concluído que “*com o combustível álcool, o motor humano e estraga mais depressa que com o açúcar ou com as gorduras*” (idem, p. 17, grifo do autor). Apesar da discussão sobre o açúcar ser apresentada no próximo capítulo, adiantamos que ele é um produto também desaconselhado pela dieta adventista.

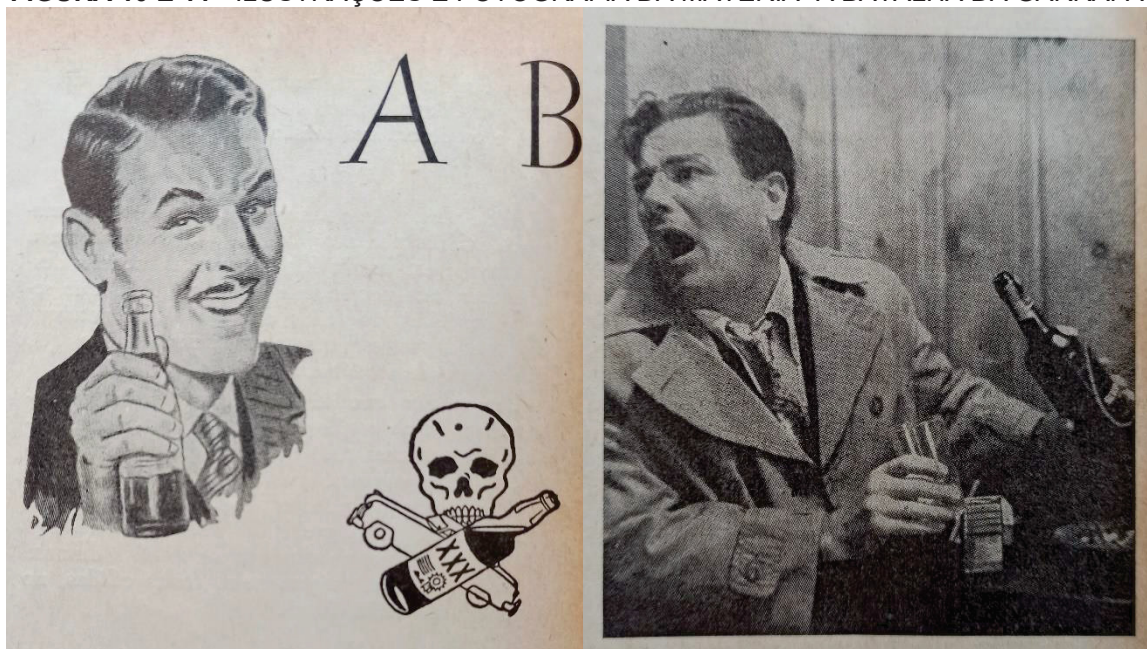
gastroduodenal, recebeu inúmeras homenagens, destacando-se o título de membro honorário pela *American College of Surgeons* (1947). Não foram encontradas informações relacionadas ao vínculo religioso de Montenegro com qualquer religião, nem informações sobre o mesmo na Enciclopédia Adventista. A lista de prêmios e homenagens recebidas por Montenegro podem ser consultadas no site do Colégio Brasileiro de Cirurgiões: <https://cbcsp.org.br/benedicto-montenegro-ecbc>. As informações biográficas foram consultadas no memorial produzido pela Academia de Medicina de São Paulo, na qual Montenegro ocupou a cadeira de número 21. Disponível em: <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/139/BIOGRAFIA-BENEDICTO-AUGUSTO-DE-FREITAS-MONTENEGRO.pdf>. Acesso em: 18/06/2023.

Outra matéria que relaciona o consumo de bebidas alcoólicas e a intoxicação do corpo fazendo o uso de recurso imagético para reforçar seus argumentos é “A batalha da garrafa”, publicada em outubro de 1956 e assinada por Wesley Amundsen⁹⁵, identificado no texto como “Secretário da Sociedade Inter-americana Pró-Temperança”. Se a matéria de Flamínio Fávero partia do argumento central de preservação da saúde e prevenção de doenças para declarar sua firme oposição ao consumo de álcool, Wesley Amundsen foca no argumento de transgressão e contaminação do corpo, trazendo assim um discurso ainda mais crítico, enfático e condenatório, em concordância com a mensagem adventista. Empregando duras palavras, Amundsen afirma que o álcool é um dos piores inimigos que, sem piedade alguma, visa destruir completamente a humanidade: “é a guerra do Rei Álcool contra as forças da Razão e da Justiça” (AMUNDSEN, 1956, p. 12).

Ao lado do título da matéria, temos duas pequenas ilustrações (FIGURA 10). A primeira resume-se ao retrato de um homem de terno que, sorridente, segura uma garrafa na mão. Ao seu lado, tendo pouco menos da metade do tamanho da primeira, a outra ilustração mostra a imagem de uma caveira e embaixo dela, ao invés de dois ossos cruzados como comumente o símbolo para identificação de veneno possui, temos a figura de um carro e uma garrafa entrecruzados. A imagem de uma caveira é bastante comum nas matérias que abordam o consumo de álcool ou fumo, atentando para a letalidade desses produtos e sua potência intoxicante. Além destas ilustrações, o texto de Amundsen também é ilustrado com a fotografia (FIGURA 11) de um homem completamente desnorteadado, exaltado, segurando um copo e uma garrafa de bebidas em suas mãos, representando a falta de temperança a qual se submete o consumidor de álcool.

⁹⁵ Escritor e missionário adventista, Wesley Amundsen não possui um verbete próprio na Enciclopédia Adventista, mas alguns de seus livros são citados como fontes de referências, como por exemplo *The Advent Message in Inter-America* (1947) e *In the Land of the Incas* (1944), ambos publicados pela *Review and Herald Publishing Association*. A atuação missionária de Amundsen se deu principalmente na América Latina e no Caribe.

FIGURA 10 E 11 - ILUSTRAÇÕES E FOTOGRAFIA DA MATÉRIA “A BATALHA DA GARRAFA”



Fonte: Vida e Saúde, outubro de 1956 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná).

Por ser a família uma das principais vítimas do vício em bebidas alcoólicas, ela é por vezes colocada como agente fundamental no tratamento da dependência. Em “O papel do lar na recuperação do alcoólatra”, Galdino Nunes Vieira afirma que “o álcool é o maior fator de dissolução dos lares” (VIEIRA, 1966, p. 04), entra disfarçadamente, mas tem um efeito nocivo a longo prazo. O que antes parece avesso ao paladar, logo se torna uma exigência do organismo. Utilizando como exemplo, Vieira fala sobre um hipotético casal jovem, recém-casado, que com o passar do tempo vai perdendo seus momentos juntos, compartilhando a felicidade. No primeiro episódio de embriaguez do marido, a esposa se revolta, brigam, mas conforme eles tornam-se um hábito, recai sobre aquele lar uma aura fria e infeliz. Ao contrário de se sentir repreendido, o marido interpreta a situação como um estímulo para permanecer nesse “círculo vicioso” (idem, p. 05).

Sendo assim, o autor procura demonstrar que o lar não só pode auxiliar na recuperação do indivíduo, como também exerce um papel fundamental na continuidade ou não do vício: “se há frieza, quiçá hostilidade no lar, o alcoolista não tem possibilidade de recuperação definitiva” (idem). Sendo o lar considerado um reduto feminino por excelência, é a esposa quem deve protagonizar a transformação desse ambiente, tornando-o agradável e convidativo ao marido após um dia de trabalho. Nas palavras de Vieira, “as demais coisas do lar são secundárias e têm um

sabor amargo se a espôsa não é uma doce criatura” (idem). Sabemos que esse discurso não era exclusivo à Vida e Saúde, mas um consenso entre as revistas femininas do período, tema já bastante explorado pelo campo acadêmico.

O século XX foi um período de intensas transformações no âmbito das relações sociais, amorosas e familiares. Contudo, conforme visto, “essas transformações não aconteceram por acaso, mas tem suas origens no nascimento da sociedade moderna” (BACH, 2020, p. 67). Em meados do século XIX o espaço da vida privada já havia se consolidado em oposição ao espaço público, e a organização desse lugar como espaço familiar reduzido, deixando “de ser extensiva e passa a ser nuclear, e que partindo do modelo heteronormativo, era constituída pelo homem, a mulher e a prole” (idem, p. 68). Em confluência com essa análise, Pilla (2008, p. 331) aponta que “valorização da intimidade calcada na busca de um requinte do cotidiano, na idealização de um ambiente familiar feliz, acolhedor, repleto de filhos saudáveis e educados, mãe dedicada e marido responsável” foi um princípio que se consolidou com a crescente urbanização e surgimento dos grandes centros urbanos no século XIX, fortalecendo-se com o passar do tempo.

No século XX, ganham espaço a produção de uma série de materiais - livros, manuais, revistas, almanaques - com intuito de orientar e preparar as mulheres das mais diversas classes sociais para nobre tarefa como mãe, esposa e rainha do lar. Até meados do século XX, a preocupação com o asseio, a limpeza da casa e os prodígios culinários são reiterados de forma bastante similar entre essa miscelânea de materiais destinados ao público feminino, e a antítese do modelo feminino almejado seria justamente a mulher “desleixada e desordeira” (idem, p. 337). Nesse contexto, as mulheres também mantinham-se no lar, seu território nato, pois estariam “protegidas dos males e problemas das ruas e do espaço público” (BACH, 2020, p. 68). Àquelas que por motivos econômicos precisassem trabalhar fora, ainda sim precisavam manter o ambiente doméstico em plena harmonia, garantindo o funcionamento ordinário de sua função como mãe e esposa.

Tal qual as árvores do pecado e da graça, o artigo de Vieira apresenta duas ilustrações que representam o lar do ébrio (FIGURA 12) e o lar do sóbrio (FIGURA 13). A primeira representa um lar tomado pelo “germe da desgraça” e da miséria, desequilibrado, cujos filhos encontram-se sem direção e a esposa sofre aos prantos enquanto o marido desfila bêbado. Na outra, apresentando um lar sereno e

equilibrado, exprime a capacidade de se ter um lar feliz quando a mulher atua como mediadora e soberana da casa - seja na manutenção ou na recuperação dela. Conforme observado em pesquisas anteriores, *Vida e Saúde* constitui-se em muitos aspectos como um guia de aconselhamentos para suas leitoras, “conduzindo sob uma perspectiva cristã a conduta das mulheres sobre os diversos aspectos de sua vida” (BACH, 2016, p. 58). No que diz respeito aos papéis de gênero, “utiliza um tom de advertência para aqueles que estariam exercendo práticas que levariam à infelicidade por não estarem de acordo com os verdadeiros propósitos de Deus para a relação entre homem e mulher” (idem). Sendo assim, nas relações familiares, “a mulher constitui-se como a responsável pela harmonia do lar familiar” (idem).

FIGURA 12 E 13 - ILUSTRAÇÕES DA MATÉRIA “O PAPEL DO LAR NA RECUPERAÇÃO DO ALCOÓLATRA”



Fonte: *Vida e Saúde*, novembro de 1966 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Vale lembrar, ainda, que esse é mais um exemplo de narrativa que une texto e imagem no estilo de *chalk talk*, promovendo uma lição visual aos leitores e reiterando o conteúdo textual. Com a demanda da instrução religiosa no caso da Sociedade Americana de Tratados, como alfabetização e educação cristã, ou no caso adventista, cujo objetivo era promover a mensagem da saúde, “as quatro interrelações de palavra e imagem em publicações ilustradas também foram investidas de tarefas como nutrir, impor concepções da ordem moral do universo, gênero e autoridade, e aplicando técnicas de pedagogia secular” (MORGAN, 1999, p. 243, tradução nossa).

É importante dizer também que o alcoolismo em si já vinha sendo investigado pelo campo médico e científico desde o início do século XIX, conforme mostra Sales (2010), desdobrando-se em duas vertentes divergentes, que “oscilava entre uso terapêutico e a nocividade das bebidas alcoólicas” (idem, p. 180). Contudo, desde então sempre “manteve estreita correlação com a concepção de degenerescência” (idem), que ia desde os danos causados ao organismo, a maior propensão a doenças, até o prejuízo moral e social por ele ocasionado. Alguns teóricos assemelhavam a condição alcoolizada à loucura, “na medida em que ambas distinguia-se pela ausência de consciência nos atos praticados” (idem, p. 182), e nessa aproximação com as investigações da psiquiatria, reforçaram seus ideais higienistas e eugenistas. O discurso adventista sobre o álcool acompanhou essa tendência dominante, endossado também pelos princípios religiosos cristãos. Com a crescente urbanização e modernização dos grandes centros urbanos, o problema do alcoolismo acompanha a tendência e torna-se de fato um problema social.

Partindo das reflexões de Foucault sobre o “corpo produtivo”, Sales indica que essa criminalização do álcool e patologização do seu consumo foi a primeira medida para se “propagar o ideal de trabalhadores sóbrios, disciplinados, responsáveis pelo sustento da família e pela manutenção da ordem” (idem, p. 186), uma vez que o indivíduo deveria estar à disposição “de um mercado produtivo que primava por corpos sadios e potencializados” (idem). Desse modo, o alcoolismo causava uma ameaça à toda estrutura social, pois interferia no pleno funcionamento do sujeito enquanto ocupante do espaço público, trabalhador, marido provedor e exemplo aos seus descendentes.

O consumo de álcool por mulheres foi tema eventualmente abordado na revista nessas primeiras décadas de circulação. Em “A mulher e o álcool”, Ilka Mendes Reis⁹⁶ afirma de antemão que a mulher é “vítima direta do pernicioso vício” nas bebidas alcoólicas. Além de muitas vezes assistir aos maridos em direção ao tortuoso caminho do alcoolismo, elas também são vitimadas pela hereditariedade do vício, uma vez que

⁹⁶ Não encontramos informações sobre a autora. No texto, faz menção ao seu irmão “Dr. Benedito M. dos Reis”, sobre o qual encontramos a informação de que foi ele o primeiro secretário da Associação Antialcoólica do Estado de São Paulo, fundada em 1950, cujo estatuto da entidade foi elaborado pelo advogado Dr. Rui Mendes dos Reis. Consultado em: <https://aaesp.org.br/historico/7>. Acesso em: 08/07/2023. Por mencionar no texto sua atuação em um grupo de voluntários em Chicago, bem como a ligação familiar com as campanhas anti-alcoólicas no Brasil, é provável que ela tenha sido uma missionária adventista.

“os filhos do alcoólatra sofrem as consequências nefastas do álcool” (REIS, 1962, p. 09). Assim, muitas mulheres são arrastadas ao alcoolismo ao se iniciarem no “inocente costume social” dos *cocktails* e licores de frutas. Por conta deles, muitas jovens são levadas ao vício, que por vezes já carregam a tendência familiar ao alcoolismo. Por esse motivo, a autora proclama: “eis porque, caras leitoras, eu vos peço, de mãos postas, que vos unais numa campanha sadia e silenciosa dentro dos vossos lares, no combate às bebidas inebriantes e aos coquetéis” (idem, p. 10).

Ainda que a alimentação tenha sido abordada de forma menos condenatória, algumas matérias publicadas em Vida e Saúde mobilizam texto e imagem para transmitir a mensagem sobre os perigos de uma alimentação desregulada, como por exemplo “Perturbações da digestão” assinada por Jorge A. Skinner⁹⁷. Seu autor inicia explicando que a indigestão muitas vezes é atribuída ao estômago, mas nele se executa apenas uma das várias etapas da digestão dos alimentos, que se inicia já na boca. Por indigestão entende-se como o “estado de mal-estar depois de uma refeição pesada ou de má combinação dos alimentos” (SKINNER, 1947, p. 08). Essa questão da combinação dos alimentos é um tema recorrente em Vida e Saúde na época, conforme apresentado no tópico anterior, e nas quais podemos perceber uma concordância entre as matérias de diferentes autores publicadas na revista.

Prosseguindo com a análise do texto de Skinner, ele afirma que essa indigestão pode ser atribuída não somente ao excesso de comida ingerida nas refeições, mas também nas “merendas adicionais” entre uma refeição e outra. Como vimos, a regularidade da alimentação é uma questão primordial para a cultura alimentar adventista, sob orientação de Ellen G. White. O ideal é que tenhamos duas refeições ao dia, no máximo três - sendo essa última, se necessário, muito leve⁹⁸. Vale lembrar, também, que White se opõe veementemente ao costume de comer entre as refeições, mesmo que tenha fome. Desse modo, isso nos prova que mesmo que o autor não seja adventista, ele está em confluência com os ideais pregados pela religião em relação à regularidade da alimentação no dia a dia.

Skinner comenta que é comum às pessoas que exageram nas refeições apresentarem episódios de vômito, uma resposta do natural do corpo para trazer alívio

⁹⁷ Não encontramos informações sobre o autor e ele também não é citado na Enciclopédia Adventista. Contudo, a revista o apresenta como “Dr.”, o que sugere, pelo contexto e tema, que ele é um médico.

⁹⁸ A revista Vida e Saúde chega a reproduzir um texto de autoria de Ellen G. White sobre o assunto na edição de fevereiro de 1957, intitulado “A importância da regularidade nas refeições”.

ao “estômago excessivamente distendido e ao mesmo tempo eliminar matérias prejudiciais que podem ser alimentos contaminados com micróbios, ou venenos químicos; porque felizmente a maioria dos tóxicos são irritantes e provocam os vômitos” (idem, p. 08-09). O autor não chega a definir o que seriam os venenos químicos, mas podemos supor que o mesmo se refira às bebidas alcoólicas, tabaco, chás, cafés ou até mesmo aos medicamentos. Desse modo, o vômito é considerado “um mecanismo mui valioso de protecção, ainda que sempre desagradável e nem sempre livre de perigos” (idem, p. 09).

FIGURA 14 - ILUSTRAÇÃO DA MATÉRIA “PERTURBAÇÕES DA DIGESTÃO”



Fonte: Vida e Saúde, outubro de 1947 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Na primeira página ocupada pelo artigo, vemos uma ilustração (FIGURA 14) que, ao ler o texto de Skinner, concluímos que ela está, de certo modo, deslocada na matéria. Representando duas personas - o mau estômago e o mau gênio - conectadas tal como irmãos siameses. Vestidas com paletó e sapatos, ambas as figuras têm um aspecto desagradável e perturbado, com feições aborrecidas e mal-humoradas, a primeira assemelhando-se ao formato do próprio estômago, e a segunda, um homem

de meia idade. Trata-se provavelmente de uma escolha editorial para chamar atenção para o assunto, pois em nenhum momento seu autor associa a ideia de má digestão à má índole, afirma apenas que a indigestão comumente é resultado de escolhas equivocadas de alimentos ou quantidades abusivas. Portanto, o argumento de Skinner versa sobre a necessidade de parcimônia nas refeições e a atenção aos sinais do corpo para o aparecimento de doenças ocasionadas pela má alimentação.

Ao revisar edições posteriores, das décadas de 1950 e 1960, encontramos a mesma ilustração veiculada no artigo “Úlceras gástricas” de Dr. Andrew C. Ivy⁹⁹ na edição de Vida e Saúde de abril de 1954. Este sim, apesar de superficialmente, faz relação entre os problemas crônicos de saúde relacionados à alimentação e a conduta pessoal desviante que acarreta certas enfermidades, como as úlceras e o câncer de estômago, aconselhando que “o indivíduo precisa educar-se para reduzir essa tensão” (IVY, 1954, p. 21). Ainda que não seja afirmada em nenhum momento do texto por parte do autor, a legenda para a ilustração é a seguinte afirmação: “o estômago mal tratado não resiste à sobrecarga e exterioriza-se em arreganhos de mau gênio” (idem, p. 14).

Além desta, a ilustração também foi utilizada para compor a matéria “Café e úlcera do estômago” em 1963, na qual o Dr. J. DeWitt Fox associa o consumo de café à uma “vida indisciplinada”, assim como “o cigarro, as bebidas alcoólicas, e os condimentos, tais como a pimenta, a mostarda e outras espécies semelhantes” (FOX, 1963, p. 12). O consumo de café é contra-indicado pela mensagem da saúde adventista e está presente no discurso de Vida e Saúde, ainda que em menor incidência que o álcool e o tabaco. É interessante perceber que a abstinência de café é aconselhada em Vida e Saúde tendo por base os “remédios naturais” da temperança e do repouso, mais do que a alimentação saudável, tendo em vista que ele é um produto estimulante que violaria o ritmo natural do organismo humano.

Como já citado, o tabaco é outro produto fortemente condenado, e assim como as bebidas alcoólicas, tema de inúmeras matérias em Vida e Saúde. Para se ter ideia, uma única edição da revista, de outubro de 1965, chegou a aglutinar nove artigos diferentes sobre o vício em álcool e fumo, sem que fosse anunciada em capa ou pelo editorial como um volume especial sobre os temas. As matérias foram: “Plano de dez

⁹⁹ Andrew Conway Ivy (1893-1978) foi um importante médico estadunidense e integrou a *American Medical Association*. Trata-se, portanto, de um artigo traduzido, cuja fonte original não é referenciada pelo editorial da revista. Não encontramos ligação entre Ivy e a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

dias para livrar do vício os fumantes”, “Alcoolismo, problema médico-social”, “Você pode deixar de fumar!”, “Por que não fumo”, “Aos fumantes”, “O fumo, inimigo n.º 1 da mulher”, “Combate ao alcoolismo”, “Como abandonar o vício do fumo” e “O fumo”. No caso da primeira matéria listada, um fato interessante é que ela faz uma incomum menção aos Adventistas do Sétimo Dia, divulgando um “retiro” organizado pela igreja nos Estados Unidos para aqueles que desejam se livrar do hábito de fumar. O método aplicado pelos adventistas e divulgado por meio da revista é o “*Five Days Plan*”, elaborado e orientado junto ao médico adventista Wayne McFarland¹⁰⁰.

O tabaco é um produto que vem sendo estudado nas últimas décadas sob a perspectiva das ciências humanas e sociais, mas não é uma novidade para o campo de estudos da saúde. De acordo com Barreto (2018), data da segunda metade do século XVIII as primeiras menções em estudos médicos a relação entre o consumo de tabaco e os danos acarretados à saúde. Contudo, o discurso anti-tabagista ao longo do século XIX e início do XX esteve em voga em alguns circuitos sociais específicos, como o campo científico ou religioso, interagindo com a proposta de reforma da saúde. Hoje se sabe que o hábito de fumar é a principal causa de “morte evitável” a nível mundial, responsável por desencadear dezenas de doenças ao organismo humano (BARRETO, 2018, p. 798). Contudo, na primeira metade do século XX, era um hábito comum a boa parte das pessoas, incluindo crianças. A circulação de informações a nível social, bem como o consenso entre cientistas, ainda era bastante dispersa.

Em meados do século XX, diversas indústrias já haviam consolidado suas marcas de cigarro no mercado a nível internacional, mas nesse contexto já estavam pressionadas por pesquisas mais amplas e consistentes do campo médico-científico sobre os danos causados à saúde, incluindo investigações em laboratórios com cobaias, mas também com pessoas fumantes e não-fumantes (idem, p. 799). Ainda que desde muito antes os reformadores da saúde rejeitassem o tabaco como um

¹⁰⁰ Produzido em co-autoria com Elman J. Folkenberg, o *Five Days Plan* surgiu na década de 1960, em um contexto de aumento da preocupação com o hábito de fumar por diversos setores sociais, não só religioso e médico, e consistia em um seminário com forte apelo espiritual, no qual os participantes recebiam instruções comportamentais e dietéticas para se livrarem do tabagismo. Os tópicos abordados no seminário eram os seguintes (em tradução livre): Introdução, Água por fora, Água por dentro, Importância da Regularidade, Nada de ficar sentado após as refeições, Cuidado com o que você bebe, Proibido Comer Nesta Mesa, Em vez disso, coma aqui, Vitaminas Extras Ajudam, Panacéias podem decepcionar, A ajuda divina não decepciona. Mais informações em: <https://sthelenaca.adventistchurch.org/ministries/health/stop-smoking-in-five-days>. Acesso em: 01/08/2023.

produto desagradável tal qual o café, os chás e os condimentos, eles estavam certos em relação à sua toxicidade e o potencial danoso à saúde. Como mostra Barreto, a década de 1960 foi marcada pela promoção da campanha anti-fumo pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e, no Brasil, a entrada do tema como pauta política.

Desse modo, os estudos científicos foram incrementados no discurso adventista anti-tabagista como forma de reiterar seus antigos argumentos, que não necessariamente estavam aportados em estudos acadêmicos, mas mais em valores religiosos. Com o crescimento das investigações científicas em torno do tabaco, os adventistas puderam não só reproduzir o discurso científico, mas também participar ativamente na construção de pesquisas, na promoção de campanhas antifumo e no estabelecimento de terapias para tratar a dependência do cigarro. É importante dizer que, para além do caráter viciante da própria nicotina, outros fatores podem estar agregados ao hábito de fumar, sendo necessário um tratamento estrutural que engloba questões fisiológicas, mas também sociais.

Além do conteúdo propriamente dito, a revista também divulga obras produzidas pela Casa Publicadora Brasileira, visando fornecer literatura e aconselhamentos mais aprofundados sobre formas de abandonar o vício em produtos considerados intoxicantes, como álcool e tabaco, bem como sobre nutrição e alimentação saudável. Nessas propagandas, é possível perceber o teor intoxicante e condenatório atribuídos aos produtos, trazendo imagens de pessoas infelizes, envoltas por uma nuvem de fumaça, ou então explicitando os danos à saúde, com uma figura médica ao lado desaprovando o que vê. No exemplo a seguir (FIGURA 15), veiculado na edição de novembro de 1965 de Vida e Saúde, lemos a seguinte mensagem ao lado direito da imagem: “Fumar é conspirar contra a saúde”. Essa mesma lógica foi utilizada como estratégia, por meio das legislações anti-tabagistas, para repelir a compra e consumo de tabaco, ao tornar obrigatório que as carteiras de cigarro e outros tipos de fumo apresentem em suas embalagens os danos causados à saúde. Além disso, ela contrapõe a imagem glamourizada que o cigarro havia adquirido nas décadas anteriores por meio da indústria cultural, sobretudo através do cinema.

FIGURA 15 - PROPAGANDA DO LIVRO “O FUMO E O CÂNCER DO PULMÃO”



Fonte: Vida e Saúde, novembro de 1965 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Ao longo deste tópico, percebemos que as imagens veiculadas junto aos textos corroboram para uma aura negativa, condenatória, vergonhosa e prejudicial à saúde. Elas compreendem o período “americanizado” da revista, sendo reformuladas e gradativamente atenuadas a partir da década de 1970, com a centralização da produção do conteúdo imagético e textual da revista por autores brasileiros. Nesse contexto, há uma maior preocupação em aproximar o público por meio da identificação de si nas representações imagéticas veiculadas na revista. Ainda assim, não fogem ao referencial proposto por Ellen G. White acerca da ideia de intoxicação do corpo por meio da ingestão de alimentos ou produtos específicos, devendo colocar o corpo sempre em sujeição, de acordo com as leis de Deus. Como afirma a escritora:

O corpo é o único agente pelo qual a mente e a alma se desenvolvem para a edificação do caráter. Daí o adversário dirigir suas tentações para o enfraquecimento e degradação das faculdades físicas. Seu êxito nesse ponto importa na entrega de todo o corpo ao mal. As tendências de nossa natureza física, a menos que estejam sob o domínio de um poder mais alto, hão de

operar por certo ruína e morte. *O corpo tem de ser posto em sujeição. As mais elevadas faculdades do ser devem dominar. As paixões devem ser regidas pela vontade, e essa deve, por sua vez, achar-se sob a direção de Deus.* A régia faculdade da razão, santificada pela graça divina, deve ter domínio em nossa vida (WHITE, 1905, p. 82, grifo nosso).

Em relação ao discurso empregado acerca do consumo de álcool, tabaco e outras drogas, apesar das questões de saúde levantadas acerca serem justas, muitas vezes ignora sentidos culturais, religiosos e sociais por vezes atribuídos a eles. No caso do tabaco, hoje se sabe dos danos causados à saúde e, de fato, trata-se de uma investigação de muitas décadas no campo médico, científico e acadêmico, que ganhou força nas últimas três décadas, resultando em políticas anti-tabagistas. Mas boa parte das matérias, se não todas, ignoram que a relação das pessoas com o ato de fumar pode ter um sentido mais amplo, ainda que danoso à saúde, servindo até mesmo de suporte emocional em momentos de ansiedade.

Sobre as bebidas alcoólicas, ainda que depositem bastante preocupação no problema social que é o alcoolismo, percebemos que não há uma diferenciação entre o consumo eventual, o consumo regular e o consumo excessivo de álcool. Também ignora os aspectos culturais e de sociabilidade que podem ser atribuídos ao ato de beber, seja ele solitário ou coletivamente. Assim, nem sempre deixar de consumir um determinado produto é uma escolha ou opção. Mais adiante, buscaremos explorar como esses temas vêm sendo abordados em um período mais recente na revista Vida e Saúde, traçando as continuidades e permanência em relação a esse discurso.

4. PECADOS CONTRA O ESTÔMAGO

Neste capítulo, analisamos o discurso sobre alguns alimentos que são reprovados pela dieta adventista, que orienta sua abstenção como forma de manter o corpo e a mente sãos. Esses alimentos se destacam não somente pelo investimento da revista Vida e Saúde em veicular diversas matérias específicas sobre eles, mas sobretudo porque são produtos que tradicionalmente integram a cultura alimentar brasileira: o café, o açúcar e a carne. Para reforçar seus argumentos, o editorial mobiliza diversos especialistas na área de saúde e alimentação que, por sua vez, comumente referenciam pesquisas científicas para ratificar suas contraindicações. Contudo, diferentemente do álcool e do fumo, sobre os quais já havia certo consenso entre as pesquisas sobre os seus malefícios, aqui percebemos uma seleção tendenciosa dos argumentos científicos, uma vez que os autores que escrevem para a revista apresentam apenas pesquisas que estejam de acordo com aquilo defendido por eles.

Desse modo, a busca pela racionalidade para legitimar os argumentos que derivam de uma interpretação bíblica das recomendações acerca, sobretudo, do consumo de carne, é seletiva, pois não apresenta contra-argumentos que possam indicar possíveis benefícios à saúde no consumo de determinados alimentos ou, minimamente, que contrariem a perspectiva defendida na revista acerca do seu potencial intoxicante para o corpo e para a alma. A estratégia adotada foi apresentar eventuais substitutivos daqueles produtos, ao invés de orientar a redução ou equilíbrio de seu consumo. Veremos, portanto, quais foram as zonas de negociações estabelecidas e oscilações entre o permitido e o não permitido, variando entre a total abjeção e as possibilidades de alternativas consideradas mais saudáveis.

Café e açúcar possuem uma trajetória semelhante quando olhamos para a história e formação do Brasil. Produtos de forte apelo econômico, eles marcaram o período colonial, o Brasil Império e a Primeira República. Popular no paladar brasileiro, tal como o pingado (café com leite e açúcar), a bebida ganhou especial atenção nas páginas de Vida e Saúde, relegando um status secundário a outras bebidas estimulantes rejeitadas pela dieta adventista, como o chá e os refrigerantes. Do mesmo modo, a revista protagonizou uma cruzada contra as guloseimas e outros doces considerados impróprios entre as refeições de crianças e adultos, ganhando espaço frente aos outros condimentos excitantes. A carne, como exemplo a

proveniente do porco, é rejeitada pelo seu potencial intoxicante - do corpo e, conseqüentemente, do espírito, mas também pelas doenças associadas ao seu consumo, como a triquinose. Ainda assim, o discurso da revista opta por recomendar um regime abstencionista de todo tipo de carne, sem dar ênfase e hierarquizar as carnes mais ou menos problemáticas.

Como vimos, o ato de alimentar-se perpassa dimensões para além do fisiológico. Comida quer dizer, também, abundância, remete ao prazer de se comer, aos instintos e sensações provocadas no corpo e na mente. Conforme narra o livro de Êxodo, a terra prometida aos hebreus é a terra da fartura, “de leite e mel”, é o “antideserto” (SOLER, 2020, p. 80). Desse modo, o mel representa a “doçura da vida” (idem, p. 81), não apenas uma alternativa saudável, mas a dádiva, presente de Deus na terra prometida. A tradição bíblica judaico-cristã tende a “fundamentar e legitimar a superioridade e o domínio do homem em relação ao restante da natureza” (idem), não sem ecos de vozes dissonantes¹⁰¹.

Em relação à dieta vegetariana, as motivações pelas quais determinados grupos se abstêm do consumo de carne são muito diversas. Na tradição grega, por exemplo, Pitágoras (séc. VI a.C.) advogava em prol do vegetarianismo por entender que os animais humanos e não humanos eram, ambos, seres dotados do “privilégio da alma” (SUSIN, ZAMPIERI, 2015, p. 75). Na esteira das mesmas ideias, Porfírio (séc. III d.C.), promovia a abstinência do consumo de carne por um valor inerente ao animal que seria a capacidade de sofrer (SOLER, 2020, p. 80). Ao analisar uma revista religiosa sobre saúde publicada num país majoritariamente cristão, mas que faz uma leitura própria das recomendações bíblicas em relação à alimentação, como resolver essa equação?

Observamos no discurso adventista, a partir da análise de Vida e Saúde, uma oscilação entre o que se pode e o que não se deve consumir para se alcançar um corpo são e, como efeito, uma mente sã. Além do fumo e do álcool já apresentados, outro produto conhecidamente condenado pela dieta adventista tradicional são as carnes, como já mencionado. A defesa de um regime vegetariano inicia no século XIX e é sustentada até os dias atuais pela igreja, uma influência direta da reforma da saúde, apesar de configurar uma recomendação e não uma obrigação dos fiéis - falaremos sobre isso mais adiante. Na tentativa de encontrar respostas, nos

¹⁰¹ Os autores destacam sobretudo o pensamento de Tomás de Aquino e São Francisco de Assis.

indagamos: Quais os pontos de divergências entre o discurso sobre alimentação presente em Vida e Saúde e o contexto alimentar brasileiro? Quais foram os mecanismos discursivos utilizados pelos adventistas para propor, por meio da revista, uma alimentação em seus moldes no contexto brasileiro, se opondo a alimentos presentes na mesa da maioria dos brasileiros, ainda que se considere as devidas restrições por ordem econômica?

4.1 A droga do cafezinho

O início da história do café no Brasil pode ser datado em 1727, quando os primeiros pés da planta rubiácea foram cultivados no Pará por Francisco de Melo Palheta. De lá pra cá, conta a historiadora Ana Luiza Martins (2012, p. 92), *plantar, colher, beneficiar e despachar* foram “etapas clássicas inerentes ao processo cafeicultor”, que não sem problemas (de ordem prática e moral), deixou profundas marcas na história do país. Apesar de sua entrada ser datada no século XVIII, foi somente no início do século XIX que o cultivo do café ganhou proporção latifundiária e alcançou status de produto de exportação. Na transição do século XIX para o XX, a chamada “República do café com leite” ditou as regras políticas e econômicas, favorecendo as elites cafeeiras de São Paulo e Minas Gerais. Em 1929, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York reconfigurou a política econômica em escala mundial, e o Brasil não escapou dos seus impactos, fazendo com que o Estado elaborasse estratégias para que a economia brasileira, que dependia fortemente do comércio do produto, não entrasse em colapso¹⁰². Contudo, apesar do grande dano causado à oligarquia cafeeira e à economia do país naquele contexto, o café não saiu completamente de cena. Atualmente, de acordo com o Observatório do Café ligado à Embrapa, o Brasil configura-se como o maior produtor de café do mundo, sendo responsável por cerca de um terço da produção mundial¹⁰³.

Adorado por uns e renegado por outros, principalmente quando se trata de motivações culturais e religiosas, o café se inscreveu na história da humanidade de

¹⁰² Conforme explica Ana Luiza Martins (2012, p. 266-269), apesar de um início turbulento, o governo provisório de Vargas foi de total apoio aos produtores de café, que viram o preço das sacas despencar em 1930. A medida tomada foi a aquisição e, literalmente, a queima de todo café excedente que encontrava-se parado nos portos, além da estipulação de uma multa para casos de novas plantações de café.

¹⁰³ Informações consultadas em:

<http://www.consorciopesquisacafe.com.br/index.php/consorcio/separador2/observatorio-do-cafe>.

Acesso em: 23/04/2024.

forma singular. As alegações contra os efeitos do café no organismo são diversas, mas a excitação do sistema nervoso central é, de longe, a mais repulsiva para os adventistas. Ainda assim, há quem pense em alternativas para a substituição da bebida que perpassa a dimensão do gosto e adentra a dimensão das práticas, dos rituais cotidianos, da comensalidade e da cordialidade, uma vez que nós, brasileiros, comumente oferecemos uma xícara de café às visitas, em uma reunião e nomeamos uma refeição essencial do nosso dia em homenagem a essa bebida cercada de sensações. Portanto, marca profundamente não só a história econômica do Brasil, mas também social e cultural. Falar em abstinência do café é, de certo modo, falar em abster-se de sua própria história como brasileiros e brasileiras.

Conforme afirma Schünemann (2002, p. 204), a determinação de não consumo de café por parte dos obreiros adventistas brasileiros foi registrada em 1927, reafirmando assim o compromisso da Igreja Adventista no Brasil de seguir os preceitos de abstinência de bebidas estimulantes. A partir de então, manteve-se a defesa da abstinência total do café pelos adventistas brasileiros. Por parte da mídia impressa adventista, encontramos a promoção de bebidas substitutivas para preencher o “desjejum” e outros momentos de sociabilidade, sobre as quais nos perguntamos: foi uma empreitada bem-sucedida? Por meio da análise da mídia impressa, fica difícil “bater o martelo”, mas podemos aqui apontar os argumentos e fundamentação teórico-científica mobilizada pela mídia impressa adventista para a abstenção de uma bebida tão característica do Brasil.

Em Vida e Saúde, o café é colocado no rol de bebidas estimulantes e muitas vezes tema de matéria ao lado dos chás, por exemplo, mas ainda assim, notamos que ele recebe um tratamento específico, gerando diversos conteúdos exclusivos sobre os riscos do consumo do café e da cafeína para o organismo. Não identificamos um período de maior ou menor incidência da temática sendo abordada na revista, pois sempre foi um tema recorrente, seja em matérias direcionadas ao assunto ou citado em matérias sobre alimentação saudável e mudança de hábitos de forma mais ampla. O artigo que intitula este tópico sobre o café em Vida e Saúde foi publicado em julho de 1994 na seção “O Melhor da Vida”, assinado pelo Dr. Manfred Krusche, que figurava na época como “Supervisor Médico” da revista.

Ele inicia seu texto com uma pergunta retórica: “se o café não tem gosto de remédio, por que é uma droga?” (KRUSCHE, 1994, p. 02). A droga em questão seria

a cafeína¹⁰⁴, composto químico de poder estimulante encontrado em diversas plantas que são usadas para produzir bebidas, sendo a mais conhecida o café, mas também encontrada em chás e refrigerantes. Krusche infere que o café, e consequentemente a cafeína, são utilizados como “válvula de escape” para os problemas da vida, ou em suas palavras, *muletas*: “a vida é um desafio para todos e em muitos momentos parece assumir um peso além das forças naturais. Várias muletas estão em uso e as principais delas são as bebidas à base de cafeína. Falar mal de um hábito tão ‘inofensivo’, em um país como o Brasil, parece fora de lugar” (idem).

Em um país como o Brasil, entende-se que o médico tem consciência do contexto específico em que está inserido e, sobretudo, no qual estão inseridos os leitores da revista, que não necessariamente cresceram alheios ao hábito de tomar café. Entretanto, Krusche negligencia os aspectos de sociabilidade que permeiam o consumo do café, não só em nosso país, mas no mundo todo. Vale citar, como exemplo, que as primeiras cafeterias, espaços coletivos dedicados ao consumo de café, não são um advento da contemporaneidade, mas existem desde pelo menos o século XV, chamadas no Oriente de *kaveh kanes* (MARTINS, 2012, p. 31). E sabe-se desde o século VI d.C., pela Lenda de Kaldi, dos seus efeitos estimulantes (idem, p. 19).

De todo modo, Krusche reitera os efeitos psicoativos do café como caracterizador de uma droga assim como a cocaína, ainda que sua potência seja menor. Mas para provar que o café é tão viciante quanto qualquer outra droga, da cocaína ao açúcar, ele sugere um teste: “parar subitamente de usá-lo” (KRUSCHE, 1994, p. 02). As sensações experimentadas seriam de “letargia, moleza, depressão, dor de cabeça ou irritabilidade” (idem). A capacidade da cafeína de gerar dependência seria o motivo para o rótulo de “droga”, assim como os demais psicoativos legais e ilegais que circulam socialmente. Para auxiliar em seu argumento, o médico cita ainda uma pesquisa realizada nos Estados Unidos que teria sido publicada na revista JAMA - que carece de fontes no artigo para ser localizada -, mas que apresentaria algumas das alterações observadas no organismo após o consumo de uma “quantidade habitual de café”, entre elas o aumento da temperatura do estômago, estreitamento

¹⁰⁴ De acordo com Camargo e Toledo (1998), em termos técnicos, a cafeína “é um alcalóide farmacologicamente ativo pertencente ao grupo das metilxantinas”, considerada a substância psicoativa mais consumida a nível mundial. No caso do café, conforme demonstrado pelos pesquisadores, o teor de cafeína é variável, a depender de diversos fatores que vêm desde o plantio e processamento, até o método de extração da bebida utilizado.

das artérias do cérebro, aumento da frequência cardíaca e do funcionamento dos pulmões (idem). Devido a esses resultados, Krusche defende que o café tem ação tal qual um produto farmacológico, e por esse motivo, até pode ser usado de forma terapêutica, “em casos de emergência”, como dores de cabeça¹⁰⁵ ou indigestão.

Nesse ponto, Manfred Krusche se destaca por trazer uma opinião de certo modo polêmica entre os adventistas, que na grande maioria defendem a abstinência total do café e de quaisquer outros produtos com efeitos estimulantes. Para ele, o problema está no consumo “crônico”, que busca justamente o efeito estimulante da cafeína, e por conta disso “muitos passam o dia tomando cafezinho” (idem). Os efeitos comparativos com os demais psicoativos são novamente reclamados, uma vez que “na mesma proporção do estímulo vem a depressão. Essa depressão por sua vez requer uma dose de cafeína e assim se estabelece um círculo vicioso ou verdadeira dependência” (idem). Seguindo essa lógica, problema ainda maior ocorre quando o corpo demanda ainda mais estímulo, e de acordo com Krusche, “muitos, acostumados a usar drogas fracas como o café, passam para a próxima etapa, ou seja, produtos mais fortes, e assim hábitos aparentemente inofensivos podem ser uma espécie de trampolim para dependências piores” (idem). Sendo assim, antes da maconha ser injustamente rotulada como a “porta de entrada para drogas mais pesadas”, fiquemos cientes de que o café foi, pelos adventistas, colocado nesse mesmo lugar.

Essa comparação com “drogas mais pesadas” não é posta de forma aleatória na revista. Desde a segunda metade da década de 1960, com a emergência do movimento de contracultura e popularização de substâncias psicoativas naturais e sintéticas, Vida e Saúde se dedicou a tratar do tema de forma bastante incisiva em suas páginas, apontando para os perigos das mais diversas “drogas” estimulantes e alucinógenas, como maconha, cocaína, heroína, cogumelos, LSD, entre outras¹⁰⁶. É

¹⁰⁵ Vale mencionar que diversos medicamentos direcionados ao alívio de dores de cabeça, sobretudo enxaqueca, carregam em suas composições a cafeína, como por exemplo o Doril, Tylenol DC, Neosaldina e Dorflex.

¹⁰⁶ Até então, as substâncias psicoativas mais problemáticas citadas nas matérias de Vida e Saúde eram o ópio e o álcool. O artigo “A Erva Maldita”, publicado na edição de fevereiro de 1967, inaugura um novo contexto de luta antidrogas na revista, que nos anos seguintes veiculou outros diversos conteúdos para informar o leitor sobre os perigos dos psicoativos que ganhavam força naquele contexto. Os títulos adotados eram sempre impactantes, como: “O Caminho mais Certo e Curto para a Loucura” (março de 1967), “Deus e Eu Vencemos a Heroína” (abril de 1970), “Como Proteger as Crianças da Influência das Drogas” (fevereiro de 1972), “Maconha - A Droga da Rebelião” (maio de 1974), “Os Bebês da Cocaína” (janeiro de 1987) e “Estão os Seus Filhos Usando Psicotrópicos?” (dezembro de 1970). Esta última, inclusive, constitui-se num quadro no qual é informado o tipo de droga, os sintomas físicos e a forma de conduta quando utilizada, o que procurar para identificar o uso

importante dizer que não estamos questionando o poder da cafeína em gerar algum efeito “viciante”, de dependência em seus “usuários”, para emprestar o vocabulário anti-drogas. Buscamos demonstrar a forma como o tema foi tratado em Vida e Saúde, pautando-se pelos posicionamentos respaldados pela mensagem da saúde adventista. Esse método de aproximação do efeito da cafeína ao das drogas ilícitas se justifica pela tentativa de criar um mecanismo de repulsa ao consumo de café em uma população culturalmente adepta ao produto. Veremos que essa foi uma das estratégias mais adotadas para tentar distanciar o leitor da revista do tentador “cafezinho”.

Na esteira associativa entre drogas e o café encontramos outra publicação, desta vez na edição de julho de 1981: “Confissões de uma viciada em cafeína”. O texto escrito por Edith Flowers Kilgo¹⁰⁷, com forte apelo moral, narra a história de uma moça que, como o título já anuncia, se viu viciada em cafeína. Ao ler a matéria, não fica evidente se a história é um relato pessoal de Kilgo ou de uma pessoa distinta, o que não interfere na mensagem e exemplo de transformação a ser transmitido, e apesar de se desenrolar em contexto americano, a realidade pode ser facilmente transposta para qualquer lugar cujo hábito de tomar café é popular. Como autora estadunidense, podemos fazer um paralelo com o contexto brasileiro, que apesar das diferenças, são ambos grandes consumidores de café e refrigerantes. Sendo assim, a mensagem de Kilgo, ainda que estrangeira, cabe perfeitamente aos leitores de Vida e Saúde. Já de início, a narradora conta que começou a ingerir bebidas com cafeína tão logo teve “idade suficiente para solicitá-las” e que cresceu com a ideia “de que um dia sem café pela manhã, coca-cola na hora da merenda, chá à tarde e no jantar, e mais coca-cola enquanto assistia a programas de televisão, não era um dia completo” (KILGO, 1981, p. 25).

O tópico seguinte, que relata a tomada de consciência da narradora, não por acaso é nomeado *Desapontamento*, palavra conhecida no meio adventista, cujo peso e sentido pode ser facilmente assimilado pelo leitor da revista, assim como a identificação com o relato da narradora que diz não ser fácil “admitir ser viciado em droga - especialmente para si mesmo” (idem), mas que quando viu os “fatos

(instrumentos utilizados para o consumo, como seringas ou papel de cigarro, bem como as marcas deixadas no corpo) e os perigos (efeitos tardios e consequências a longo prazo).

¹⁰⁷ Autora de livros como “*Handbook for Christian Homemakers*” (1982) e “*Money in the Cookie Jar: The Christian Homemaker’s Guide to Making Money at Home*” (1980), ambos publicados pela editora cristã estadunidense Baker Book House.

incriminatórios” acerca da cafeína, ficou desapontada e se questionou: “Eu? Uma viciada? Que absurdo! Eu poderia deixar o café a qualquer momento. Eu não *era viciada!*” (idem, grifo da autora). Para provar para si mesma que ela não era uma dependente da cafeína, absteve-se de todas as bebidas às quais estava acostumada a tomar diariamente, o que rapidamente tornou-se uma “tortura auto-imposta”, com muita dificuldade para trabalhar, dores de cabeça, sonolência excessiva. Contudo, apesar da provação enfrentada, a narradora tranquiliza os leitores dizendo que passadas duas semanas de “pesadelo”, os sintomas começaram a desaparecer: “sentia-me com mais saúde e mais disposição do que em qualquer outra época da minha vida” (idem).

Nesse ponto o texto dá uma guinada para ganhar o leitor dizendo que “não é fácil ser diferente”, pode até ser “considerada esquisita”, mas como enfrentar esse dilema? Para quem também passava por situações constrangedoras, sendo “objeto de comentários” por recusar uma xícara de café ao visitar amigos, certamente se identifica com o relato. A saída encontrada pela narradora, que também torna-se um conselho para quem se reconhece na mesma situação, é estudar sobre o assunto, pesquisar, ler, “saber o que era realmente a cafeína, e que mal pode ela causar ao corpo humano” (idem). No caso adventista, sua mensagem é tradicionalmente transmitida pela cultura escrita, o que pressupõe um corpo de fiéis majoritariamente letrados, ou no mínimo alfabetizados. Portanto, não seria uma barreira para o leitor, além de que a própria revista se postava como canal formativo para quem quisesse se atualizar sobre os mais diversos temas relacionados à saúde e à alimentação saudável.

Sobre a cafeína, com ênfase na “bebida fumegante” café, várias informações são trazidas também no artigo de Kilgo, focalizando seus efeitos maléficos a médio e longo prazo. Se o problema era o que beber, a narradora também aconselha sobre essa questão, informando que “naturalmente” ela acostumou-se a tomar apenas água com as refeições, mas outras opções seriam os chás de ervas (sem cafeína, como camomila e erva-doce) e sucos de frutas (idem, p. 26). Em resumo, ela constata que “a chave para evitar o café” foi composta por três elementos: “primeiro, a determinação de deixar o vício. Segundo, foi necessário munir-se de suficientes fatos científicos a fim de ficar inteiramente convencida. Terceiro, precisei estar sempre alerta e preparada para evitar a trama de aceitar café apenas para ser social” (idem). Desse

modo, o sincero arrependimento e a vontade de mudar, que pode ser aplicado em um panorama mais amplo de transformação dos hábitos, é aqui evocado para a eliminar o vício da cafeína, bem como a necessidade em se buscar fundamentação científica que é frequentemente reiterada na argumentação sobre os posicionamentos adventistas relacionados à saúde, além de que o caminho da salvação exige aceitar ser diferente dos demais.

Sendo assim, abster-se das bebidas estimulantes que possuem em sua composição a cafeína exigiria uma mudança mais ampla de hábitos do que somente parar de tomar café, chás e refrigerantes. Alguns anos após o relato da “viciada em cafeína”, em junho de 1985, o editorial da revista lança mais um conteúdo relacionado ao tema, que consiste em perguntas sobre o componente, cujo subtítulo anunciado no sumário da edição é “Novo estilo de vida pode trazer a solução”. As perguntas respondidas poderiam ser facilmente aplicadas a qualquer outra substância psicoativa que cause estímulos e dependência ao “usuário”: “que é cafeína?”, “que sintomas podem ocorrer quando a pessoa deixa de usar a cafeína?”, “como pode a cafeína prejudicar a pessoa que a usa?”, “quais são alguns dos efeitos a longo prazo do uso da cafeína?”, entre outras. Ao lado do álcool e da nicotina, ela é anunciada como “umas das substâncias psicoativas mais largamente consumidas no mundo” (Perguntas sobre..., 1985, p. 22), o que justificaria a forma como ela é tratada implicitamente na revista, enquanto uma “droga” capaz de prejudicar o pleno funcionamento do organismo, desequilibrando o corpo e a mente.

Entre as “sugestões para interromper o uso da cafeína”, o editorial elenca a seleção de uma bebida alternativa mais saudável, a reorganização do espaço de trabalho, o estímulo ao exercício físico e a mudança nos hábitos alimentares - menor quantidade e maior qualidade na hora de selecionar os alimentos. Para isso, o tom motivacional é sempre evocado para conscientizar e conquistar o leitor em prol da causa abstencionista, manifestando o apelo a um dos “remédios naturais”, que seria a capacidade de autodomínio, a temperança, a sobriedade nas tomadas de decisão em relação ao que ingerir e, conseqüentemente, alimentar o corpo e a alma.

Procure trazer suco de fruta ou chá de ervas sem açúcar para sua merenda. Vá ao bebedouro ou torneira e tome um delicioso gole de água fresca, além do exercício para deixar a cafeína. Faça uma ligeira caminhada, respirando profundamente, a fim de aumentar o fluxo de oxigênio para o cérebro. Sobretudo - *você está fazendo uma mudança de estilo de vida a fim de oferecer a si mesmo os melhores hábitos de saúde.* Lembre-se de que você está preferindo evitar a cafeína porque não deseja tornar-se dependente de

uma substância cujo efeito sobre o organismo foi considerado negativo (idem, grifo nosso).

Entre os obstáculos mais comuns apontados pelo editorial reside na “idéia popular de que ela não é tão *má*”, contudo, pesquisas (que não são referenciadas no texto) estariam mostrando justamente o contrário, “que a cafeína realmente ‘não é tão *boa*’” (idem, grifos do autor). Essa relação entre o que é “bom” e o que é “ruim” para o organismo permeia diversos outros assuntos relacionados à alimentação em Vida e Saúde. Para educar o leitor de forma didática, essa dualidade e oposição no que diz respeito ao café foi tema da matéria “Boas e Más Bebidas” de maio de 1968. De autoria de Dr. C. E. Nelson¹⁰⁸, o artigo classifica, sem grandes surpresas, a água pura como a “bebida mais agradável que há” (NELSON, 1968, p. 04). Além de sua função essencial para o funcionamento do corpo humano, ela também é, muitas vezes, componente principal de diversos alimentos. Outras bebidas classificadas como “boas” seriam os sucos de fruta, por suas vitaminas, capacidade de estimular o apetite e auxiliar na digestão.

Entre as bebidas benéficas ao organismo, Nelson elenca também o leite, o que registra um ponto de discussão em meio a mensagem da saúde adventista, que nem sempre promove o leite como alimento benéfico, mas coloca algumas restrições e combinações de consumo (recomendadas ou não), além de técnicas de uso, acondicionamento e preservação. Em seus escritos, Ellen G. White (2007, p. 280-283), comumente alertava para os cuidados necessários ao se utilizar o leite na alimentação, que apesar de nutritivo, deveria ingerido com certa parcimônia e ser bem acondicionado para não correr o risco de estragar ou transmitir doenças¹⁰⁹. Combinações como leite e açúcar deveriam ser evitadas, bem como o leite e seus derivados adquiridos de fontes duvidosas. Nas primeiras décadas de publicação de Vida e Saúde, um tema recorrente é a brucelose, doença causada pela ingestão de leite não pasteurizado ou mal fervido. Muitas vezes as condições sanitárias nas quais os animais viviam eram extremamente precárias, e essa preocupação tem destaque no adventismo desde os escritos de White. Além disso, vale lembrar que apesar da pasteurização ser um procedimento conhecido desde o século XIX, os refrigeradores

¹⁰⁸ Não foram encontradas informações sobre o autor.

¹⁰⁹ Em uma passagem de *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, Ellen G. White explica o seguinte: “Cremos que o gado se tornará tão doente que essas coisas ainda virão a ser rejeitadas, mas o tempo ainda não chegou para abolirmos inteiramente açúcar e leite em nossa mesa” (WHITE, 2007, p. 283).

só foram se tornar um aparelho doméstico em meados do século XX, o que auxiliou no prolongamento da vida útil de alimentos sensíveis a mudanças de temperatura como o leite e seus derivados.

Voltando ao texto de Nelson, ele afirma ser o leite pasteurizado uma “excelente defesa contra tuberculose”, sem explicitar os motivos pelos quais o produto seria recomendado para esse fim. Depois de tecer diversos elogios ao leite, o autor parte para análise do “desastroso efeito de certas bebidas populares, como chá, café, colas e tôdas as espécies de bebidas alcoólicas” (NELSON, 1968, p. 04). Em relação ao café, mais especificamente, ele indica a indigestão por conta da presença de ácido tânico como um dos principais malefícios, o que é contrariado pela opinião já apresentada de Manfred Krusche em 1994, para o qual o café poderia ter efeito terapêutico emergencial nos casos de indigestão. Independente de contribuir ou atrapalhar a digestão, ambos os autores concordam que o grande risco do consumo de café, assim como o chá e as bebidas à base de cola, é a presença da “droga perigosa” chamada cafeína.

Diferente das matérias que associam os consumidores de café à ideia de “usuários”, Nelson classifica os mesmos como vítimas do café. Diz ele que “o café está causando, anualmente, numerosas vítimas, devido às complicações que, a pouco e pouco, vai provocando neurastenia, arteriosclerose, gôta, reumatismo...” (idem, p. 04-05). Outra opinião compartilhada entre os autores é em relação ao café ser “porta de entrada” para estimulantes mais fortes, pois “veja-se o perigo a que se lançam as crianças quando se lhes dá chá ou café, pois podem passar, com facilidade, para o uso do álcool” (idem, p. 05). Nesse caso, o autor encontra-se num contexto em que as pesquisas sobre cafeína e seus efeitos no organismo ainda eram incipientes, assim como outros produtos como o tabaco, sendo comum seu consumo por pessoas de todas as idades, incluindo crianças. Com isso, Nelson conclui que a cafeína causa um verdadeiro “envenenamento” do corpo, e ninguém está isento de seus perigos. Por isso, aconselha a substituição do café por outras bebidas extraídas por infusão que são livres da cafeína, que “encontram-se no comércio, fabricados com cevada, soja e chicória torrados e moídos. Êles são digestivos, apetitosos e saudáveis” (idem) - falaremos mais sobre uma dessas bebidas mais adiante.

Em junho de 1971, “A Dispepsia do Café com Leite” soma dois produtos controversos para abordar o tema da indigestão. A combinação café com leite (que

com açúcar adicionado causaria uma verdadeira repulsa aos adventistas) é bastante apreciada na cultura alimentar brasileira, a ponto de nomear contextos políticos e expressões populares. O texto em questão, cujo autor não é identificado, mas sabe-se que se trata de artigo traduzido do francês para a revista *Natura* e republicado em português na revista Vida e Saúde, reconhece que “nos países latinos e em certos países anglo-saxões o café com leite (ou chá com leite) representam a base essencial do desjejum¹¹⁰” (*Sport, Jeunesse et Alimentation*, 1971, p. 12). Diferente de outras matérias que tendem a ignorar as influências culturais no consumo ou abstinência de certos alimentos, esta complementa que “qualquer tentativa de modificação desse hábito pode suscitar um problema cujo alcance econômico e psicológico está longe de ser desprezível” (idem), ainda que reivindique que algumas mudanças de comportamento no campo da nutrição são necessárias quando o objetivo é evitar doenças.

Apesar de indicar os principais sintomas da dispepsia - indigestão - como o mal-estar e dores abdominais, ignoram as motivações clínicas para tais sintomas, que podem se tratar de doenças crônicas intestinais, intolerâncias e alergias, gastrite, entre outras. No texto, a dispepsia resultaria de três motivações: ao efeito do café no sistema nervoso central e efeito no plano gástrico; a difícil digestão do leite por ser um alimento gorduroso; e a combinação dos dois - café e leite - que juntos formam *tanato de caseína* (uma proteína insolúvel), em termos fisiológicos, só é completamente digerido quando chega ao intestino delgado (idem, p. 13). Em resumo, o artigo conclui que a popular combinação de café com leite” é, comprovadamente, um “alimento indigesto”, e por isso deve ser evitada, bem como as outras “bebidas cafeínicas” como o chá, o mate, os refrigerantes, o chocolate (idem, p. 15).

Algumas matérias encontradas em Vida e Saúde oscilam entre uma visão negativa dos efeitos da cafeína e reconhecimento dos seus benefícios em casos específicos. Uma delas foi escrita por Ivan S. Lessa¹¹¹, publicada em abril de 1977, e discorre ao longo de quatro páginas sobre os pontos positivos e negativos da cafeína. De forma introdutória, Lessa menciona a Lenda de Kaldi, cuja história conta que um pastor de cabras na região da Etiópia viu o rebanho comer os grãos da planta de café e passou a noite inteira acordado, pulando e brincando. O pastor associou o efeito

¹¹⁰ Termo adotado pelo adventismo no Brasil para evitar o uso da expressão “café da manhã” para referenciar a primeira refeição do dia.

¹¹¹ Ivan da Silva Lessa, médico cardiologista e adventista.

aos grãos ingeridos pelas cabras, e aconselhou os moradores de um convento próximo a fazer uma bebida para auxiliar nas longas noites de vigília (LESSA, 1977, p. 16). Essa “arma de dois gumes”, como classifica Lessa, não é encontrada apenas no café, mas também na planta que produz o cacau, base para a produção de chocolates, em algumas plantas que são usadas para fazer mates e nas nozes que são matéria-prima para os refrigerantes “sabor cola” (idem, p. 17).

Ao longo dos tópicos “Ações Farmacológicas no SNC”, “Aparelho Cardiovascular”, “Aparelho Digestivo” e “Pode o Café ou Chá Causar Intoxicação?”, Lessa discorre sobre o tema de forma a confluir com a visão de outras matérias publicadas em Vida e Saúde, cujo foco é informar o leitor sobre o efeito danoso da cafeína para o organismo, bem como sua nocividade pela capacidade viciante que tem. Segundo Lessa, diversas foram as pesquisas em torno do assunto, nas quais “verificou-se ser a cafeína até mais prejudicial que o álcool, na gênese desta patologia” (idem, p. 18). Sendo a insônia, irritabilidade e excitação os sintomas mais comuns da dependência de cafeína, ela pode “progredir até um ligeiro delírio” no seu uso a longo prazo (idem, p. 19). Contudo, não indica quais seriam essas pesquisas ou quais foram os critérios adotados para chegar a esses resultados.

Apesar de seu objetivo principal ser alertar os consumidores de bebidas que contém cafeína em sua composição, Lessa redige ao final do texto um tópico intitulado “Cafeína, Amiga e Inimiga”, no qual procura estabelecer alguns pontos positivos de sua administração de forma terapêutica. O primeiro uso elencado pelo autor seria nos casos de “envenenamento por depressores centrais”, como a morfina. Ela também seria “largamente empregada no tratamento da cefaléia”, combinada com analgésicos ou ácido salicílico no caso de dores de cabeça, ou então com “ergotamina (um derivado do esporão do centeio), nos casos de enxaqueca” (idem). Vale dizer, nesse ponto, que assim como a ergotamina, o esporão de centeio é um fungo conhecido desde a Antiguidade pelos seus efeitos alucinógenos, e por isso também utilizado como base para a produção da dietilamida do ácido lisérgico, conhecido popularmente como LSD. De todo modo, Lessa faz uma ressalva dizendo que o uso da cafeína em forma de comprimido analgésico teria algumas vantagens em relação a tomar uma simples xícara de café. Além de que, segundo o autor, “deve-se também atentar para o fato de que a supressão de cafeína, em indivíduos a ela habituados, pode determinar crises de cefaléia” (idem). Portanto, aquilo que é remédio, também pode ser veneno.

Podemos fazer aqui uma relação com outra “substância” polêmica no meio adventista, que é o canabidiol (CBD). Durante o século XX, sobretudo a partir da década de 1960, a revista ocupou-se em advogar contra as drogas, alertando jovens e seus familiares sobre o potencial viciante e devastador das mesmas, colocando-as todas no mesmo pacote, sem distinções: cocaína, heroína, LSD, ecstasy, maconha, entre outras. Nas últimas décadas, o editorial de Vida e Saúde manteve-se firme em denunciar os perigos da maconha, mas encontra-se indeciso quanto aos usos da *cannabis sativa* em seu potencial terapêutico. Um exemplo são as matérias publicadas na edição de dezembro de 2019¹¹². Sua capa traz um fundo preto, no qual podemos ver apenas a silhueta de um jovem de costas, com uma mochila vermelha, camiseta roxa, e acima de sua cabeça, uma nuvem de fumaça subindo. Na primeira matéria temática, “Maconha e adolescentes”, a revista coloca-se na posição de alertar o leitor sobre os perigos de se fumar maconha e informar sobre os danos causados ao organismo e a vida em sociedade do jovem *usuário*. Em um segundo momento, a mesma edição fala sobre a autorização da Anvisa para o uso terapêutico do canabidiol, uma diversas substâncias canabinoides extraídas da planta *cannabis sativa*, para casos de doenças crônicas, como epilepsia e esclerose múltipla. Ainda que não se lancem em uma defesa ativa da medicação, não se opõem veementemente ao seu uso.

Tchau, cafezinho! - É o que Susan Atkins¹¹³ promete caso sigam suas dicas publicadas na edição de março de 1995, que também explora formas de administrar a cafeína de forma terapêutica, ao mesmo tempo que procura orientar os leitores acerca de estratégias para se livrar do perigoso hábito de tomar cafezinhos. Ao iniciar seu texto, o argumento de Atkins segue no mesmo sentido de outros autores já analisados aqui, aproximando a cafeína de drogas socialmente repulsivas, como a heroína: “embora a cafeína venha sendo usada por milhares de anos e seja uma de nossas drogas mais socialmente sancionadas, ela leva ao mesmo ciclo de dependência que experimentamos com narcóticos mais sérios” (ATKINS, 1995, p. 25).

¹¹² Disponível para consulta em: <https://acervo.cpb.com.br/vs>. Acesso em: 31/07/2024.

¹¹³ As únicas informações encontradas neste nome referem-se à seguidora de Charles Manson que ficou conhecida pelo assassinado da atriz Sharon Tate em 1969. Um fato conhecido é que ela se converteu ao cristianismo em 1974, quando já estava encarcerada, chegando inclusive a publicar o livro “*Child of Satan, Child of God: Her Own Story*” em 1977. Pelas referências mencionadas ao longo do texto, é possível concluir que se trata de uma autora estadunidense. Contudo, não há evidência que indique que a autora publicada em Vida e Saúde e a homicida sejam a mesma pessoa.

Assim, a maioria das pessoas não vê problema em todas “várias xícaras de café por dia”, mas o que estas mesmas pessoas não percebem é que poderiam “se sentir muito melhor sem o café” (idem).

Para impactar ainda mais os leitores (e, sobretudo, leitoras!) de Vida e Saúde, Atkins apresenta um dado que relaciona o consumo de cafeína a uma maior incidência de abortos espontâneos. Citando um estudo publicado no *Journal of the American Medical Association*, que carece de maiores informações para ser localizado na fonte, ele teria demonstrado que “beber três xícaras de café ou mais por dia durante a gravidez (ou mesmo antes) pode aumentar significativamente o risco de aborto”, além do risco de “retardo do crescimento” em crianças nascidas (idem, p. 26). Neste mesmo tópico, a autora reconhece que o resultado do estudo gerou uma “onda de controvérsias”, mas que apesar das “inconsistências na literatura”, seria melhor que os profissionais de saúde errem pelo excesso de precaução (idem).

Apesar do tom alarmista evocado na primeira parte da matéria, diferente de outros textos que indicam a interrupção imediata do consumo, ainda que os primeiros dias sejam penosos, Atkins propõe uma alternativa que é a desintoxicação gradual, que envolve não apenas a dependência do composto, mas também dos pequenos hábitos cotidianos que envolvem o consumo da cafeína. Segundo a autora, “o método que funciona melhor para você depende de sua personalidade e do grau em que você está enlaçado” (idem). Entre as sugestões apontadas para eliminar o vício da cafeína, estão: experimentar chás de ervas para usar como substitutos, tomar aspirina, repouso e beber mais água. Entretanto, mesmo que de forma gradual, a mudança mais significativa estaria em uma reestruturação completa dos hábitos que levam a pessoa a tomar os “cafezinhos”, como o ambiente e o horário em que habitualmente a pessoa tomaria uma xícara de café, seja em casa ou no trabalho.

Atkins sugere também que se evitem grandes mudanças no mesmo período, e “quando você precisar realmente de uma ‘dose’, considere usar um tablete de cafeína, evitando assim as associações que você faz com o ato de sentar-se com uma xícara de café quente” (idem). Aqui, é possível perceber algumas fragilidades em relação aos artigos “importados”, sobretudo dos Estados Unidos, que eram publicados em Vida e Saúde, que em muitos casos sugerem medidas ou produtos que não faziam parte da realidade brasileira, como um tablete de cafeína. Ainda assim, em relação à última sugestão de Atkins, ela é comum também em hábitos como o fumo, para o qual

adesivos de nicotina são amplamente utilizados para se livrar do vício, em situações em que o corpo depende do efeito da nicotina no organismo. “Não espere ser perfeito, mas tente melhorar”, diz a autora, “quando você estiver livre da cafeína, descobrirá um novo nível de saúde e bem-estar” (idem), conclui.

As estratégias de desintoxicação gradual, como mostrado por Atkins, sugerem a substituição do café por outras bebidas livres de cafeína. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, preocupada em fornecer caminhos alternativos e mais saudáveis para seus fiéis, fornece diversos produtos por meio de suas empresas alimentícias ao redor do mundo. No Brasil, a Superbom lançou na década de 1920 uma bebida conhecida no meio adventista como “cevadinha”. O mecanismo de preparação e consumo é semelhante ao café e ao chá, o que se torna uma alternativa para aqueles que não apenas tem o vício na própria cafeína, mas sobretudo no ritual que envolve ingeri-la - acordar pela manhã, colocar a água para aquecer, passar o café e servi-lo em uma xícara que, quentinha, e levada até a boca e nos preenche com o calor da bebida quente descendo pela garganta. É exatamente esses sentidos e sensações que a “Cevada” pretende despertar em seus consumidores, mas livre dos malefícios da cafeína. Isso justifica a chamada “É... parece, mas não é”¹¹⁴ (FIGURA 16), combinada a imagem de uma jovem que de olhos fechados aprecia o agradável aroma do café.... Não, pera lá. É da “cevadinha” mesmo.

A propaganda da bebida comercializada pela Superbom foi feita em Vida e Saúde visando complementar a mensagem da saúde adventista e também divulgar os produtos da empresa alimentícia a um público mais amplo do que apenas aquele circunscrito no meio denominacional, já familiarizado com as alternativas “saudáveis” e não intoxicantes fornecidas pela mesma. Abaixo da chamada, lemos o seguinte convite, que apela para a sociabilidade implícita ao ato de tomar café: *Experimente o agradável sabor natural da Cevada Superbom! Você ficará surpreso! Depois, convide seus amigos para uma “cevadinha”*. O produto integra atualmente o rol de bebidas quentes solúveis comercializadas pela marca, que também desenvolveu outra opção à base de milho¹¹⁵.

¹¹⁴ Essa chamada também se tornou popular na década de 1980 com as propagandas do shampoo anti-caspa Denorex, que afirmavam que o produto era tão bom “que parece remédio, mas não é”.

¹¹⁵ De acordo com o site da Superbom, trata-se de um produto “100% natural e livre de organismos geneticamente modificados”, tendo em sua composição apenas o milho torrado e moído, sem nenhum conservante ou corante adicionado. Informações disponíveis em: <https://superbom.com.br/produtos/bebidas-quentes/milho-torrado-moido/>. Acesso em: 25/04/2024.

FIGURA 16 - PROPAGANDA DA CEVADA SUPERBOM



Fonte: Vida e Saúde, agosto de 1982 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

No site da Superbom, a empresa informa que se trata de um produto totalmente livre de cafeína, 100% natural, feita apenas de “grãos de cevada selecionados”, sendo “uma opção natural que substitui o café”¹¹⁶. Desse modo, a “cevadinha” integra o rol de produtos substitutivos produzidos e comercializados pela Superbom, assim como as carnes vegetais, das quais falaremos no próximo capítulo. Assim, ao passo que a revista procura divulgar a mensagem da saúde adventista a um público que não necessariamente foi iniciado na igreja, a Superbom trabalha em conjunto para *alimentar* a demanda desse mercado de comidas saudáveis. No próximo tópico, veremos como a Vida e Saúde tratou outro alimento contestável em suas páginas, ao passo que sugere estratégias (e produtos!) para contornar seus efeitos indesejáveis visando um estilo de vida mais saudável.

¹¹⁶ Consultado em: <https://superbom.com.br/produtos/bebidas-quentes/cevada-torrada-moida/>. Acesso em 25/04/2024. Atualmente, a bebida à base de cevada é comercializada de duas formas: a torrada e moida e a solúvel em pó.

4.2 O lado amargo do açúcar

O açúcar é um produto que suscita debates em diversas áreas, seu impacto cultural, social, econômico e até mesmo artístico foi explorado por diversas pesquisas no Brasil afora. Tão perigoso quanto o álcool, o fumo e o café, o açúcar é tratado pela Vida e Saúde como um “alimento-droga”, com poder tão viciante quanto às substâncias ilícitas condenadas socialmente. Ainda que Ellen G. White não utilize essa categoria para teorizar sobre os efeitos desequilibrantes do corpo e da mente, ela recomenda sua moderação, quando não sua exclusão completa da dieta alimentar. Sobre os alimentos-droga, Henrique Carneiro explica que seu significado implica sobretudo um aspecto cultural, pois alimentaria “não apenas o corpo como também o espírito” (CARNEIRO, 2005, p. 74). Sendo assim, nas palavras do historiador, o alimento-droga é aquele “que possui efeito psicoativo, tal como os álcoois, os excitantes possuidores de cafeína, sedativos como o ópio ou mesmo alucinógenos como certos cactos e certos cogumelos. Todos foram considerados alimentos sagrados e divinizados em diversas religiões” (idem). Na mesma proporção, como veremos, foi condenado e eliminado por outras. Curioso o fato de que da cana provém o açúcar e aguardente, ambos rejeitados pelos adventistas e classificados como alimentos-droga.

Desde a doçaria conventual portuguesa aos doces vendidos nas ruas do Brasil colonial, prática que se estende até os dias de hoje, o açúcar está presente de forma imponente na história da formação do Brasil. Como diz Câmara Cascudo (2011, p. 308), “nunca um brasileiro dispensou o *adoçar a boca* depois de *salgar o estômago*”. O doce, a guloseima, o açúcar - antes de sua criação, ou quem sabe descoberta, outras formas de adoçar a boca foram testadas, do mel das abelhas da terra prometida ao *maple syrup* do norte global. Mas como mostra o antropólogo, “o açúcar ampliara a doçaria, fazendo-a variada, determinando as espécies procuradas e provocando vocações inventivas” (idem, p. 301). Gilberto Freyre comenta, também, sobre seu uso nos chás que, adoçados, buscariam certos efeitos terapêuticos, além de disfarçar o gosto desagradável dependendo da erva utilizada (FREYRE, 1997, p. 82).

Considerado um dos principais nomes da historiografia, Gilberto Freyre (1997, p. 46), já dizia em *Açúcar* que em toda receita doceira existe “alguma etnografia, um pouco de história e até um tanto de sociologia”. Coincidentemente, sua “sociologia do doce”, como ele mesmo chamava (idem, p. 14) foi lançada em 1939 assim como Vida

e Saúde, muito antes do “veneno doce”¹¹⁷ se constituir como uma preocupação para a saúde não apenas no Brasil, como no mundo todo. O elogio à tradição doceira brasileira é posta em cena por Freyre, que declara:

Dos doces brasileiros talvez se possa dizer que alguns são tão deliciosamente bons que se compreenda ser pecado - pecado anticientífico - preferi-lo alguém às virtuosas frutas frescas. Pecado contra a saúde, contra a dieta, contra a nutrição científica. Mas não pecado contra o paladar: não há abacaxi fresco que seja mais saboroso que um sorvete de abacaxi; nem banana crua que seja superior em gosto a uma banana assada com açúcar e canela; nem caju fresco, com seu inevitável ranço, maior ou menor, que dê mais prazer a um *gourmet* que um doce de caju em calda (FREYRE, 1997, p. 19).

Em sua obra, Freyre esmiúça a força da doçaria no nordeste brasileiro, palco principal do ciclo econômico da cana-de-açúcar nos séculos XVI e XVII. Ainda assim, a tradição doceira não se estabeleceu apenas nessa região, é o que mostra o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ao consolidar como bem cultural as Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas, no Rio Grande do Sul¹¹⁸. De uma ponta a outra, o doce gosto do açúcar penetrou as relações sociais e econômicas do Brasil, contribuindo para a formação da cultura alimentar brasileira. Como bem pontuado por Freyre, há no Brasil “uma geografia do doce em que a excelência da arte de sobremesa nem sempre corresponde à intensidade regional na produção de açúcar” (idem, p. 16).

Ainda que não tenha tanto espaço nas páginas da revista adventistas se comparado ao “problema” do consumo de carne no Brasil, o açúcar é tema de preocupação principalmente relacionado à alimentação das crianças, por conta das desconcertantes “guloseimas” brasileiras. Ellen G. White já alertava para os perigos

¹¹⁷ Aqui, fazemos referência à capa da revista Vida e Saúde de agosto de 2016, que mostra a fotografia de uma xícara e uma colher cheias de açúcar estampando a mensagem “veneno doce”, que é título da matéria principal, e “O açúcar não deve ocupar mais do que 10% da alimentação diária”. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/vs>. Acesso em 01/04/2024.

¹¹⁸ Tradição de produção de doces como bem casado, marmelada, quindim, camafêu, abóbora cristalizada, bolo de noiva, entre tantos outros, que remonta ao século XVIII. O processo de pesquisa em torno do tema ocorreu entre 2006 e 2008 e ficou a cargo do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), que produziu um relatório para o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Informações disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1770>. Acesso em 15/04/2024. Ainda que não se caracterize oficialmente como um Bem Imaterial tombado pelo IPHAN, como o próprio órgão explica, “o Registro de Bens Culturais é um ato administrativo que se aplica exclusivamente aos Bens de Natureza Imaterial. Instituído pelo Decreto nº 3551/2000, é um instrumento legal de preservação, para reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Registro%20de%20Bens%20Culturais1.pdf>. Acesso em 15/04/2024.

do abuso do açúcar em suas publicações, dizendo que “de ordinário se usa demasiado açúcar no alimento. Bolos, pudins, pastelarias, geléias, doces, são a causa ativa de má digestão. Especialmente nocivos são os cremes e pudins em que o leite, ovos e açúcar são os principais elementos” (WHITE, 2007, P. 103). Apesar de partir de um contexto diverso à publicação da revista brasileira, podemos visualizar bastante semelhança entre essas duas realidades em sua análise crítica ao consumo do açúcar. Essa mentalidade foi reproduzida nos periódicos sobre saúde publicados pelos adventistas por todo mundo, e não foi diferente em Vida e Saúde, como veremos a seguir. Mas entendendo que o doce é um sabor clamado pelo paladar até dos mais sãos, a alternativa saudável oferecida pelas publicações seria o mel de abelhas, além das próprias frutas *in natura*.

Na edição publicada em novembro de 1947 temos um exemplo interessante de como essa mensagem adventista, sobretudo partindo da visão de Ellen G. White sobre “remédio natural” do autocontrole, ecoa em Vida e Saúde. Trata-se da seção “Para Meninos e Meninas”, que publicou o texto lúdico “Quando Joãozinho Comeu Demais”, de autoria assinada por Patrícia M. O’Neil¹¹⁹. Na história narrada, Joãozinho era um menino que tinha o hábito de comer entre as refeições, cuja mãe lamentava-se por não saber mais o que fazer para educar o filho. Até que um dia, o Sr. e a Sra. Almeida, pai e mãe do menino, juntam-se para conversar e tentar resolver seu problema de desobediência, pois Joãozinho vivia a comer “doces, bolachas e caramelos” quando estava fora das vistas da mãe. Assemelhando-se a um roteiro novelístico, cuja cena facilmente podemos projetar em nossas mentes, lemos o seguinte: “tenho uma boa ideia, Joana, ouça - e assim aquelas duas cabeças se curvaram juntamente aproximando-se para discutir o plano do Sr. Almeida” (O’NEIL, 1947, p. 21).

No dia seguinte, logo pela manhã, a Sra. Almeida põe-se a fazer um bolo de aveia¹²⁰, que mal saiu do forno e Joãozinho já pediu impaciente um pedaço. Para surpresa do menino, cuja resposta era sempre negativa, a mãe disse: “Sim, queridinho. Pode comer quanto quiser” (idem). No jantar, a cena se repetiu. Joãozinho mal tocou na comida servida no prato e já queria saber sobre a sobremesa.

¹¹⁹ Não foram encontradas informações sobre a autora, provavelmente estrangeira.

¹²⁰ O bolo de aveia reforça nossa hipótese de que trata-se de uma história traduzida, tendo em vista que o uso da aveia na culinária, como no feitiço de bolos, não era tão comum no Brasil se comparado ao contexto estadunidense, no qual os reformadores da saúde, entre eles John H. Kellogg, faziam uma grande promoção do alimento e seus usos diversos.

Novamente surpreendido, a mãe sequer o inquiriu e logo serviu dois pedaços de bolo para o menino. Durante a noite, veio a consequência do hábito errôneo de Joãozinho, que o título já nos entrega: comeu demais e teve dor de barriga. Com isso aprendeu sua lição, verbalizada para a mãe que zelava por ele ao lado da cama da seguinte forma: “Eu sei porque estou com dor de estômago. Hoje comi bolo demais entre as refeições. Mas prometo, de agora em diante, comer somente na hora das refeições, sim, prometo” (idem, p. 22).

A partir do texto de O’Neil, diversas questões podem ser analisadas para além da evidente consequência de se comer guloseimas em demasia. A primeira é atribuição da mãe como gestora da alimentação da criança, que é algo que aparece em Ellen G. White, para qual a alimentação não apenas dos adultos, mas também de crianças e idosos, deve se dividir em duas, no máximo três vezes por dia. Já dizia White que “a regularidade deve ser a regra em todos os hábitos das crianças. Cometem as mães um grande erro em permitir-lhes que comam entre as refeições” (WHITE, 2007, p. 210). Apesar do livre-arbítrio da criança, se faltou-lhe educação por parte dos pais, não seguirá os bons e são hábitos. Em outra passagem dos escritos de White, a escritora alerta o seguinte: “as sensibilidades morais de vossos filhos não podem ser despertadas facilmente, a menos que sejais cuidadosos na seleção do seu alimento. Muita mãe põe a mesa de maneira que se torna uma cilada para a família” (idem, p. 204). Ou seja, apesar do lamento da mãe em ver seu filho comendo guloseimas entre as refeições, de certa forma, a culpa por aqueles alimentos estarem a disposição dentro de casa não é da criança.

Algumas passagens sobre a dieta infantil encontradas em *Conselhos Sobre Regime Alimentar* parecem ter sido inspiração direta para a história de O’Neil, especialmente no que tange à responsabilidade familiar sobre ser exemplo para a criança, além de colocarem alimentos impróprios à disposição:

A menos que a mente de nossos filhos esteja firmemente equilibrada por princípios religiosos, sua moral se corromperá pelos exemplos viciosos com os quais entram em contato. O maior perigo dos jovens provém da falta de domínio próprio. Pais condescendentes não ensinam a seus filhos a abnegação. O próprio alimento que lhes colocam na frente é de molde a irritar o estômago (WHITE, 2007, p. 211).

Podemos falar, ainda, do pecado da gula manifesto em Joãozinho. Ele não apenas comia entre as refeições, mas comia até mesmo quando não estava com fome e em quantidades excessivas, o que resultava em falta de apetite para se alimentar

nas refeições regulares. Isso o deixaria não apenas doente, mas distante do ideal cristão de comportamento, de temperança e de autodomínio. Nesse sentido, recordamos uma outra passagem de White, que afirma ser “impossível, para os que dão rédea solta ao apetite, alcançar a perfeição cristã” (idem, p. 24). Uma última observação acerca da história de Joãozinho é que ela serve não só de lição para a criança leitora da revista, pois a seção em que foi publicada é o único conteúdo de Vida e Saúde direcionado para o público infanto-juvenil na referida edição, mas também como exemplo pedagógico para pais que estariam passando por problemas semelhantes com seus filhos.

Na publicação em questão, é interessante notarmos que ocorre o mesmo já observado nas matérias sobre álcool e fumo, que é a intervenção dos editores da revista sobretudo nas escolhas das imagens ilustrativas das matérias e seções, bem como as legendas que as acompanham. Nesse caso, o editorial escolhe uma ilustração (FIGURA 17) que retrata a visão de um ambiente doméstico da cozinha de uma casa em primeiro plano. Uma mulher sorridente e de avental à beira do fogão olha para fora enquanto frita bolinhos em formato circular, estilo *donuts*. Pela janela, acima do balcão, podemos ver um garotinho pegando um desses bolinhos que repousam em um prato no parapeito, como se estivessem ali para esfriar, enquanto acena para seus amigos e um cachorro que correm ao seu encontro.

Na legenda acima da imagem, lemos a seguinte afirmação: “A gulodice é atributo inseparável de quase todas as crianças... Leia, jovem amigo, como Joãozinho pagou caro [por] essa falta de domínio próprio”. Podemos observar, nessas palavras, pelo menos três aspectos distintos e interessantes para nossa análise da revista como um todo: o primeiro é o direcionamento da fala ao leitor, neste caso, ao público infanto-juvenil ao qual a seção se dirige; o segundo é a influência dos escritos de Ellen White e da filosofia acerca dos oito remédios naturais, com ênfase na temperança e autodomínio; o último, e talvez o mais importante para nós, que é a atribuição da responsabilidade por suas escolhas e consequências aos próprios sujeitos - neste caso, as crianças leitoras. Dessa forma, deposita-se uma ideia de autonomia do sujeito acerca de sua conduta alimentar, que pode ser impulsiva e desregrada, acarretando danos ao corpo e à mente, ou então moderada e disciplinada, de forma a manter corpo e mente sãos.

FIGURA 17 - ILUSTRAÇÃO DO TEXTO “QUANDO JOÃOZINHO COMEU DEMAIS”



Fonte: Vida e Saúde, novembro de 1947 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Em novembro de 1958, uma matéria chama atenção pelo título impactante: “Alimentos que Matam”. A lista apresentada é extensa, mas vamos nos ater aos tópicos “Açúcar branco” e “Doçarias e Conservas”. Assinada pelo Dr. H. Ch. Geffroy¹²¹, ele inicia o texto alertando para o fato de que, por muito tempo, o açúcar foi utilizado como medicamento, sendo inclusive vendido em farmácias. Ele estabelece uma diferenciação entre o açúcar não refinado e o açúcar “químico”, este que seria “absolutamente impróprio para a alimentação” (GEFFROY, 1958, p. 16). Para Geffroy, além dos altos níveis de açúcar branco, todo processo de produção de doces e conservas destrói as propriedades nutricionais dos ingredientes, fazendo com que o alimento deixe de ser alimento e, conseqüentemente, deixe de ser benéfico ao organismo (idem). A intenção do autor é promover uma alimentação natural, cujas fontes de açúcares são as frutas e os amidos, dos quais o próprio organismo humano se ocupa em extrair a glicose.

Geffroy defende os processos naturais de conservação de frutas e cereais, assim como Ellen G. White. Em *Conselhos Sobre o Regime Alimentar* há um tópico

¹²¹ Henri-Charles Geffroy (1895-1981) foi um escritor francês, defensor da dieta natural vegetariana e empreendedor do ramo de alimentos saudáveis. Entre seus escritos mais conhecidos, destaca-se *Tu vivras 100 ans* (Você Viverás 100 Anos).

específico para essa questão, cuja passagem diz: “onde quer que haja frutas em abundância, deve-se preparar farta provisão para o inverno, conservando-as cozidas ou secas” (WHITE, 2007, p. 266). As frutas são consideradas uma boa fonte de açúcar, além de serem um suprimento fornecido por Deus aos seres humanos. Ellen G. White, em sua obra, dizia que “uma provisão simples, mas liberal de fruta é o melhor alimento que se possa colocar diante dos que se estão preparando para a obra de Deus” (idem, p. 265). Estas seriam, portanto, uma fonte do gosto doce, tão necessário à humanidade, saudáveis e nutritivas.

No trecho de uma carta datada de 1870 e replicada em *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, Ellen G. White afirma que em sua alimentação “tudo é simples, todavia saudável porque não é reunido ao acaso. Não temos açúcar em nossa mesa. Nossa compota, em que confiamos, são maçãs assadas ou estufadas, adoçadas segundo a exigência antes de serem postas à mesa”. A escritora comumente colocava-se como um exemplo de temperança e autodomínio nos mais diversos aspectos da vida, entre eles a alimentação. Em *Vida e Saúde*, são diversas as matérias que promovem o consumo abundante de verduras e frutas, sejam elas frescas ou conservadas secas ou em compotas, e estas são sempre colocadas como uma boa alternativa para substituir o hábito de comer doces e sobremesas após as refeições.

Em maio de 1963, encontramos um artigo de Renato Kehl¹²² intitulado “Cura de Frutas”, no qual o autor narra o valor terapêutico das uvas, bananas, maçãs, mamões, goiabas e abacaxis - a chamada “Farmácia da Natureza” (KEHL, 1963, p. 20). Em confluência com os ideais adventistas, Kehl defende que “seria mais vantajoso se as frutas fôssem adotadas em substituição aos doces, dos quais tanto se abusa em prejuízo da saúde” (idem, p. 21). No tópico que se desdobra da matéria, “Mais frutas e... Menos Doces”, Kehl reitera sua mensagem argumentando que “nunca ninguém sentiu enjôo de uma fruta saborosa (idem), diferente de quando se come doces carregados de açúcar, e que “não há bebida melhor do que os sucos de frutas frescas”. De fato, os benefícios das frutas podem não ser questionáveis, mas o acesso a elas nem sempre era tão simples. Como o próprio autor reconhece, “graças à difusão de conhecimentos em torno da alimentação, sobretudo nas camadas mais

¹²² Identificado na matéria como “Dr. Renato KEHL, da Academia Nacional de Medicina”, ele foi um médico, farmacêutico e escritor, conhecido por ter sido um dos grandes fomentadores da teoria eugenista no Brasil. Nasceu em 1889 em Limeira-SP e faleceu na capital São Paulo em 1974 (PÉREZ-RAMOS, 2019). Teve outros artigos reproduzidos na revista *Vida e Saúde*, já desde o primeiro ano de sua publicação.

cultas, as frutas vem granjeando cada vez maior popularidade, crescendo o seu consumo” (idem).

Como já comentamos anteriormente, a Vida e Saúde é uma revista que foi inspirada nos periódicos adventistas sobre saúde que já circulavam nos Estados Unidos, especialmente na *Life and Health*. Ainda que não se trate de uma “versão brasileira” da revista, pois o editorial e conteúdo era pensado de forma distinta, diversos artigos publicados na revista estadunidense e em outras versões ao redor do mundo foram traduzidos para a publicação brasileira ao longo dos anos. Por se tratar de um tema que era preocupação geral dos adventistas, encontramos algumas matérias sobre o açúcar emprestadas de *Life and Health*, como é o caso de “O Lado ‘Amargo’ do Açúcar”, publicada na edição de abril de 1970. A pessoa autora, que não é identificada pelo artigo, reconhece que ainda que as preferências alimentares variem ao redor do mundo, “o desejo de comer coisas doces é universal” (O Lado..., 1970, p. 9), inerente não apenas aos seres humanos, mas até mesmo aos animais. Fato é que o açúcar é uma fonte de energia e vitaminas indispensáveis aos seres vivos, contudo, o grande problema encontra-se no “desejo imoderado de comer doces” (idem). Dentre as doenças mais comuns derivadas do consumo irresponsável do açúcar, é apontada a obesidade, o diabetes, os distúrbios cardíacos e as cáries dentárias.

Sobre as cáries, a pessoa autora dedica alguns parágrafos para esmiuçar melhor esse problema tão comum, associando-o unicamente ao consumo excessivo de açúcar. Ainda que reconheça que nem todas as pessoas são atingidas por esse problema dentário, é certo que ela “não se manifesta quando o açúcar não faz parte do regime alimentar” (idem, p. 10). Citando uma pesquisa produzida em 1956 pelos “Drs. Weiss e Trithard” (sem informações para além destas), eles teriam estabelecido uma relação entre a incidência de cáries e o “hábito de as criancinhas comerem entre as refeições” (idem). Essas refeições, invariavelmente, seriam a ingestão de “doces, bolos e goma de mascar” (idem). A matéria também cita um outro estudo - este conhecido - que é a pesquisa de Vipeholm¹²³ (*The Vipeholm dental caries study*), que relaciona o consumo de açúcar à incidência de cáries. A matéria publicada em Vida e Saúde finaliza argumentando o seguinte: “dizem os entendidos que é preciso escolher

¹²³ O estudo consistiu na análise de um grupo de 436 indivíduos e durou 5 anos. Alguns aspectos éticos relacionados à pesquisa foram questionados nas décadas de 1990 e 2000, sobretudo acerca dos excessos de consumo de açúcar aos quais os indivíduos foram submetidos (Ver: GUSTAFSSON, B. E. *et al*, 1954).

entre o ato de saciar o gosto pelas coisas doces ou ter dentes fortes” (idem), com isso, “colhem grande benefício” aqueles que se abstém ou ao menos reduzem expressivamente o consumo de “coisas doces” (idem).

Conforme apontado por Antunes e Narvai (2011, p. 361), “antes mesmo de se comprovar a etiologia microbiana da cárie dentária e sua forte associação com o consumo freqüente de açúcar, o flúor foi o primeiro fator exógeno reconhecido como importante para modificar o risco da doença”. Isso desencadeou uma série de estudos e de políticas públicas em torno da fluoretação da água de abastecimento público, iniciada no Brasil na década de 1950 (idem). Evidentemente, apesar de uma solução relativamente simples e de baixo custo para o Estado, o alcance dessa medida sempre foi limitado e desigual, sendo as áreas rurais e periféricas as mais excluídas da medida de saúde de fluoretação da água. Deve-se ter em perspectiva que além da política pública não ter um alcance universal, nem mesmo o abastecimento de água potável chega a todos os cidadãos. Ainda assim, de acordo com os autores, essa medida “foi reconhecida como uma das dez mais importantes conquistas da saúde pública no século XX” (idem).

Portanto, já havia políticas públicas de saúde bucal no Brasil estruturadas, que não se pautavam necessariamente no controle do consumo de açúcar. Em contrapartida, nem mesmo a circulação de informações pelas mídias impressas, como é o caso de Vida e Saúde, poderia se mostrar um meio mais efetivo de difusão de informação e prevenção - seja ela a diminuição do consumo de açúcar, seja as instruções sobre higiene bucal -, num país em que a taxa de analfabetismo chegava a mais de um terço da população entre as décadas de 1960 e 1970¹²⁴. Impacto significativo na diminuição da incidência de cáries dentárias, sobretudo na camada escolar, foi observada nas décadas de 1990 e 2000, por conta da já citada fluoretação das águas de abastecimento público, da implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) (idem), com atendimento odontológico e também a atuação dos agentes comunitários de saúde. Mesmo que o artigo em questão tenha sido traduzido da revista estadunidense, sua mensagem não difere dos demais conteúdos sobre açúcar em Vida e Saúde.

¹²⁴ De acordo com o Censo Demográfico do IBGE, o analfabetismo na faixa de 15 anos ou mais na década de 1960 era de 39,7% da população. Na década de 1970, a taxa caiu para 33,7% da população. Consultado em: Mapa do Analfabetismo no Brasil, INEP, 2003. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/mapa_do_analfabetismo_do_brasil.pdf. Acesso em: 21/04/2024

Em setembro de 1983, uma matéria com o mesmo nome - “O Lado Amargo do Açúcar” - é publicada, tendo seu autor identificado como César Luís Pagani, que na época ocupava o cargo de “programador visual”¹²⁵ da revista Vida e Saúde. De fato, são dois artigos distintos, mas que compartilham o título e ideais afins. Pagani chama de “omissão perigosa” o fato de que muitos especialistas em saúde física e mental não se preocupam em orientar as pessoas acerca da sacarose, ou açúcar refinado, no regime alimentar. Para ele, “vozes esparsas, apenas, ergueram-se para protestar contra o consumo abusivo do produto, sendo logo sufocadas pelo caudaloso derrame da publicidade inverossímil e tendenciosa” (PAGANI, 1983, p. 34). O grande problema apontado pelo autor é que o açúcar é comumente associado à ideia de ganho de energia, sem que se alerte para os efeitos negativos do consumo “destemperado, abundante, desenfreado da sacarose” (idem).

Pagani argumenta que, idealmente, devemos gradativamente retirar o açúcar refinado da alimentação diária, e sabe que seu leitor está interessado em provas, “razões bem substanciais e argumentos convincentes (e verdadeiros, naturalmente!)” (idem). Para isso, ele traz alguns argumentos relacionados aos efeitos do açúcar no cérebro e no tecido nervoso, bem como na ausência de vitaminas gerados pelo próprio refinamento do produto. O autor lamenta a falta de espaço para discorrer “minuciosamente sobre os aspectos gerados pela ingestão descontrolada da sacarose”, mas ainda assim, desenvolve mais 5 tópicos para “esclarecimento do amigo leitor” (idem, p. 35). Um deles, que nos chama atenção, é “Açúcar e o Comportamento”, que referencia o livro *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, da “escritora norte-americana” Ellen G. White, citando o trecho em que ela afirma: “quanto menos comidas doces comermos, melhor; elas causam perturbações no estômago, e produzem impaciência e irritabilidade nos que se habituariam a usá-las” (idem). Apesar da menção ao texto e à autora, Pagani omite sua relação com a Igreja Adventista do Sétimo Dia e sua leitura sobre os hábitos alimentares de uma perspectiva religiosa.

O último tópico do texto de Pagani versa sobre os benefícios de se substituir o açúcar refinado por frutas, estas que fornecem açúcares naturais e benéficos ao organismo humano: “provendo sua mesa com abundância de frutas, inteligentemente combinadas, você não sentirá a mínima necessidade de açúcar branco e estará protegendo seu corpo compra o amplo mapa de moléstias que flagelam nossos

¹²⁵ Equivalente ao cargo de Diagramador.

contemporâneos. Se você não crê, faça a experiência” (idem), provoca o autor. Em um último esforço para com a mensagem anti-açúcar, Pagani indica que o corpo editorial da revista está à disposição para sanar eventuais dúvidas e indicar literatura apropriada sobre o tema. É interessante perceber que no discurso de Vida e Saúde seu editorial prioriza a recomendação de eliminação completa do açúcar refinado em detrimento de um consumo moderado, seguindo o argumento de que para suprir as necessidades do organismo há outras fontes mais saudáveis, sendo desnecessário o consumo do açúcar refinado em qualquer quantidade. Desse modo, não há negociação quando o assunto é açúcar branco ou refinado, ele é considerado prejudicial em qualquer quantidade.

Nos dias atuais, olhando para nossa vida cotidiana, qualquer ida ao supermercado à procura de algum alimento veremos, em algum lugar na prateleira, uma ou outra embalagem com o alerta de “Alto em Sódio”, “Alto em Gordura Saturada”, “Alto em Açúcar Adicionado”. Contudo, décadas antes da já familiar lupa¹²⁶ estampar boa parte dos produtos industrializados e ultraprocessados que conhecemos no Brasil hoje, a dietista Ida Bergold¹²⁷ já clamava por essas informações nas embalagens de produtos alimentícios. Seu artigo “Alimentos com Açúcar Deviam Conter Advertência” foi inclusive motivo de capa da edição de janeiro de 1979 (FIGURA 18). Nela, podemos ver uma menina com uma expressão de excitação, animada, segurando uma série de “guloseimas” (barra de chocolate, pacote de bolachas, pirulito, sorvete), cujas embalagens estão propositalmente adornadas com os dizeres “atenção”, “cuidado!” e “perigo”, alertando para o seu potencial nocivo ao organismo humano.

¹²⁶ A nova rotulagem de alimentos estabelecida pela ANVISA em outubro de 2020, que entrou em vigor em outubro de 2022, prevê a identificação frontal e padronizada de três elementos (açúcares adicionados, gorduras saturadas e sódio), além de outras medidas para garantir que as informações nutricionais sejam comunicadas de forma efetiva para os consumidores. De acordo com a Agência, “as normas estabelecem mudanças na legibilidade, no teor e na forma de declaração de informações na tabela de informação nutricional e nas condições de uso das alegações nutricionais, bem como inova ao adotar a rotulagem nutricional frontal”. Consultado em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/alimentos/rotulagem>. Acesso em: 21/04/2024.

¹²⁷ Ida Bergold foi uma figura conhecida dos leitores de Vida e Saúde. Era responsável pela seção “Dietética e Cozinha”, que vigorou entre as décadas de 1960 e 1970 no periódico. Nascida em uma família de adventistas, chegou a residir com sua família em Loma Linda, nos Estados Unidos. Seu pai, Adolpho Bergold (1940-1943), seguido do seu tio, Ernesto Bergold (1944), foram os primeiros gerentes da fábrica adventista de alimentos no Brasil, a Superbom. É autora do livro “Alimente-se Com Proveito”, publicado pela Casa Publicadora Brasileira em 1966. Parte das informações foram coletadas em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=EGFN>.. Acesso em: 20/04/2024.

FIGURA 18 - CAPA DA EDIÇÃO DE JANEIRO DE 1979



Fonte: Vida e Saúde, janeiro de 1979 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

A reivindicação que intitula o artigo de Ida Bergold, como o próprio texto informa, na realidade foi emprestada de “Dr. Leo M. Screebny, diretor da Faculdade de Odontologia da Universidade de Nova Iorque”, sem data informada, mas que teria causado “descontentamento e agitação na indústria de cereais manufaturados, bem como entre os representantes da indústria açucareira” (BERGOLD, 1979, p. 07). Logo na primeira página, uma foto semelhante à estampada na capa (com a menina e os produtos nas mãos) é legendada pelo editorial reiterando a mensagem de que “os alimentos que contêm açúcar deveriam levar no rótulo uma advertência à saúde do consumidor” (idem). O texto de Bergold segue com o argumento inicial sobre o perigo para os dentes, sobretudo no aparecimento das cáries dentárias em crianças. O segundo tema pontuado pela autora trata dos hábitos - “costumes sociais e culturais” que “têm influência sobre o que comemos” (idem, p. 08). Contudo, ele é pouco

desenvolvido, resumindo-se a reiterar o perigo do açúcar refinado para os dentes, e lembrar dos alimentos naturais “como frutas, verduras e cereais” que servem como fontes saudáveis do açúcar necessário ao organismo. O terceiro ponto, intitulado “Vitaminas e Minerais”, reforça a ideia de que é prejudicial para a saúde o hábito de comer entre as refeições, aqui chamado de “tomar lanches” durante o dia (idem).

Outro argumento mobilizado pela autora é que o açúcar refinado é um produto relativamente novo, datado do século XVIII, por isso, substituí-lo por fontes naturais como frutas e o mel seria mais prudente (idem, p. 09), além de citar também o açúcar mascavo, que apesar de processado, seria mais saudável. De modo geral, fica evidente que a dietista Ida Bergold compartilha dos ideais de Ellen G. White e da mensagem adventista da saúde, inclusive no emprego de palavras desse universo religioso, afirmando que “para conservar a saúde dos dentes, deve-se tomar um *desjejum* adequado, não comer entre a[s] refeições e diminuir o consumo de açúcar, especialmente na forma de tortas, bolos, bombons e balas, doces de leite e frutas, e refrigerantes” (idem, grifo nosso). Nesse trecho, também podemos observar a evocação da regularidade das refeições, evitando comer para além do necessário e fora dos horários padrões (desjejum, almoço e jantar).

Dentro do assunto doce, um produto controverso é o chocolate. Conforme relata a jornalista Sueli Parente para a edição de março de 1997, sobretudo na época da Páscoa, “o brasileiro fica fascinado com os ovos de chocolate”. Contudo, alerta a autora, “os *chocólatras* precisam pensar na saúde” (PARENTE, 1997, p. 08, grifo nosso). Esse termo “chocólatra” já é bastante conhecido no imaginário popular brasileiro, que enfatiza a relação quase patológica que algumas pessoas desenvolveram com o consumo de chocolates. E Vida e Saúde aproveita do mesmo para reforçar seus argumentos em torno do problema do açúcar em excesso, e procurando apresentar as justificativas pelas quais as pessoas são levadas a consumir chocolates em demasia, Parente inicia dizendo que “o chocolate é popular em qualquer parte do planeta e agrada à maioria das pessoas. Seja branco, preto, em tablets ou bombons, ele é responsável por uma gostosa sensação de prazer e torna-se cada vez mais presente do [no] dia-a-dia da população” (idem). Contudo, a autora alerta para o fato de que “chocolate não é só energia e pode causar alguns problemas de saúde” (idem).

Diferentemente das matérias encontradas em Vida e Saúde que abordam o tema dos doces de modo mais amplo, que geralmente associam ao consumo excessivo de açúcar às cáries e o desregramento da rotina alimentar, esta reportagem de Parente relaciona o consumo de chocolate ao “problema” da obesidade, uma vez que, em suas palavras, “o chocolate quase sempre produz prazer e preocupação a seus apreciadores, quando implica em ganhar uns quilos a mais” (idem). Relacionando o crescimento do consumo de chocolates no Brasil ao aumento do poder aquisitivo da população pós-Plano Real, esses dados também preocupam pela sua associação com a obesidade, ainda que as grandes corporações fabricantes de chocolates neguem essa causa-efeito, afirmando inclusive que o chocolate pode ser uma boa fonte de nutrientes essenciais, como as proteínas e gorduras (idem).

Na reportagem de Parente, esses argumentos são contrapostos com dados do Conselho Regional de Nutrição, ainda que eles não apontem o chocolate como o “grande vilão” responsável pelo aumento da obesidade na população brasileira. De acordo com a nutricionista entrevistada, o principal motivo pelo qual as pessoas desenvolvem compulsão por chocolate é devido sua capacidade de produzir serotonina, hormônio responsável pela sensação de prazer e bem-estar. Desse modo, Parente apresenta alguns relatos de “chocolatras”, incluindo pessoas famosas e com forte apelo popular como Xuxa, que teria afirmado em uma reportagem (não referenciada na matéria) que o chocolate é seu único grande vício, dizendo não acreditar que existisse no mundo alguém que gostasse mais de chocolates do que ela (idem, p. 20). Destaca-se a imagem da apresentadora nesta segunda página da reportagem de Parente, criando assim uma possível identificação do público leitor não-adventista ao tema. Ao contrário das matérias que orientam para a substituição dos doces por frutas, com base das orientações da nutricionista, esta orienta para o intercalação entre chocolate e frutas, e também a parcimônia no comer, deixando-o mais tempo na boca para degustar e auxiliar na sensação de satisfação sem consumir uma grande quantidade.

Ainda assim, percebemos que boa parte dos temas englobados pela mensagem adventista sobre alimentação saudável não se alteram ao longo dos anos. Podemos encontrar em Vida e Saúde, década após década, outras matérias que tratam do mesmo assunto, sustentando os mesmos argumentos. É o caso de “Coma doces, naturalmente”, publicada na edição de outubro de 1989, assinada por Dr.

Gabriel Buracchi¹²⁸. Trata-se de um artigo traduzido da revista adventista italiana *Vita e Salute*¹²⁹, e em sua chamada lemos o seguinte: “A maioria das pessoas gosta muito de doces. Outros lutam para evitar os doces e seus maus efeitos sobre o organismo. Devemos mesmo nos privar de saborear doces? Ou podemos prepará-los de modo natural sem atrair danos à saúde?” (BURACCHI, 1989, p. 4). Evidentemente, são essas as indagações que o autor procura responder ao longo de seu artigo, que se divide entre os temas do açúcar branco, mel e frutas, gorduras, farinha branca, ovos e leite. De início, Buracchi narra um cenário no qual o leitor ou a leitora facilmente vai se identificar, buscando aproximar-se de forma amistosa com quem está com a revista em mãos: “Quando nos recordamos de nossa infância, é comum lembrarmos dos gostosos doces que as mães faziam. Só a simples menção dos ingredientes produzia água na boca: leite, ovos, açúcar *branco*, farinha *branca*, manteiga, leite condensado...” (idem, grifos nossos).

Vale lembrar que Ellen G. White, em seus escritos, não reprova apenas o uso do açúcar refinado ou branco, como também da farinha beneficiada. Em algumas passagens de *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, ela declara que “o pão feito com a farinha refinada não comunica ao organismo a nutrição que se encontra no pão de farinha integral” (WHITE, 2007, p. 205) e também que “seu uso nem é saudável nem econômico. A farinha branca, fina, carece de elementos nutritivos que se encontram no pão feito do trigo integral. É causa freqüente de prisão de ventre e outras condições insalubres” (idem, p. 275). A orientação encontrada nos textos de White, que se estendem também às orientações acerca da alimentação saudável na mídia impressa adventista, é de sempre utilizar a farinha integral na produção de alimentos. O que configura, também, uma permanência do discurso encontrado na reforma da saúde do século XIX, que já condenava amplamente o consumo de alimentos refinados.

É importante dizer também que o artigo de Buracchi é seguido de uma página com três receitas de “Delícias Naturais” (Creme Winter, Torta Nobre de Figos e Doce Romântico de Cenoura), sem nenhum ingrediente considerado prejudicial à saúde,

¹²⁸ Não foram encontradas informações sobre o autor.

¹²⁹ Revista adventista italiana que segue o mesmo formato de publicação de *Life and Health* e *Vida e Saúde*. O site da *Fondazione Vita e Salute* informa que a revista, que começou a ser publicada em 1952, foi a primeira publicação deste formato a tratar sobre os temas de prevenção, saúde e medicina. No site, podemos encontrar uma aba dedicada a *Loma Linda University*, links para o portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Itália e também consultar as edições virtuais de *Vita&Salute* na íntegra. Informações disponíveis em: <https://vitaesalute.net/la-rivista/>. Acesso em 19/04/2024.

compostas de alimentos como o mel, castanhas, nozes, frutas secas, legumes, frutas, trigo integral e azeite de oliva. Mas voltando ao artigo de Buracchi, outra preocupação compartilhada, esta com Ida Bergold, é em relação aos produtos ultraprocessados, cada vez mais presentes no cotidiano de crianças e adultos: “no caso de doces industrializados, logo de início podemos ler em sua embalagem nomes estranhos como corantes, acidulantes, umectantes, aromatizantes, essências artificiais, etc., que parecem ocultar substâncias danosas ao organismo” (BURACCHI, 1989, p. 04). Com isso, o autor se questiona se devemos abster-se totalmente dos doces, ou se temos formas de prepará-los de forma saudável, sem provocar “quaisquer males físicos” (idem).

Buracchi recorda que antes de existir o açúcar refinado, que já naquele contexto era o adoçante “mais comum nas confeitarias industriais e domésticas” (idem), as únicas fontes adoçantes para se preparar receitas eram o mel e as frutas. Como diz o autor, o mel é “um dos alimentos mais antigos da história humana” (idem), um produto natural feito pelas abelhas. Se o desafio é convencer as pessoas de abster-se completamente do consumo de doces, a alternativa escolhida é defender o consumo consciente, oferecendo opções para além das frutas, que seriam as receitas de doces saudáveis, nas quais substituem o açúcar pelo mel. Essa ideia de “alternativa saudável” que rotula o mel é muito presente em Vida e Saúde, inúmeras as matérias que foram publicadas focalizando esse alimento, chamado por vezes de “precioso” (“O Mel - Um Precioso Alimento”, de setembro de 1951), “doce fonte de energia” (“Mel - Doce Fonte de Energia”, de fevereiro de 1977) e “segredo da longevidade” (Mel, segredo da longevidade (setembro de 1979).

Um ponto destacado por Buracchi em seu texto é que “é evidente que falamos do mel bruto, não-pasteurizado, uma vez que o mel comercializado é empobrecido e, quando não, freqüentemente adulterado” (BURACCHI, 1989, p. 04). Vale dizer que desde as primeiras décadas de funcionamento a Superbom comercializa mel natural e geleia real, além dos sucos integrais. Atualmente, a marca possui quatro produtos distintos do nicho: Mel Natural (200g e 330g), Mel com Própolis 200g, Mel com Geleia Real 200g e Melado de Cana 330g. De acordo com o site da empresa, “a Superbom conta com opções de méis e melados para adoçar, de forma saudável, a sua receita

e enriquecer suas refeições”¹³⁰. Em relação à Vida e Saúde, além das propagandas dos produtos da Superbom ao longo dos anos, entre eles o mel e a geléia real, houve também uma edição especial só para tratar deste alimento específico em agosto de 1949.

Conforme comunicado n’O Comentário do Mês, a edição em questão foi feita em razão da “Semana do Mel”, que seria comemorada anualmente nos Estados Unidos da América e visava “difundir os conhecimentos das virtudes deste ótimo produto alimentar, a fim de incrementar-lhe o uso por parte da população” (MIRANDA, 1949, p. 3). De acordo com o redator-responsável à época, Antônio A. Miranda, Vida e Saúde não poderia “ficar indiferente a esta campanha, como não o tem sido a todas quantas visam o bem-estar, o progresso e o desenvolvimento da saúde de nosso povo” (idem). Além do comentário de apresentação de Miranda, foram publicados os textos: “O Mel na Higiene Alimentar”, “A Cruzada do Mel”, “A Picada das Abelhas na Cura do Reumatismo”, “Nossa Apicultura Industrial”, “Pão de Mel”, “Propriedades do Mel”, “Mel, Alimento de Valor”, “Deliciosas Receitas com Mel”, “Mel - Alimento Precioso”, “Fruticultura”, “Lições de Nutrição e Arte Culinária”, “Para Meninos e Meninas: A Flor e as Abelhas”, “Como Proceder Para Preparar uma Receita com Mel”, além das seções fixas “Notícias Médicas”, “A Página da Dona de Casa” e “Perguntas e Respostas”, sendo esta última a única que não tratou da temática do mel em seu conteúdo.

Os diversos usos do mel, para além da alimentação, também são tema da edição especial. No artigo assinado por Alfredo de Araújo Serrão, destaca-se as “propriedades antissépticas do Mel”, manifesto no tratamento de feridas “desde tempos remotos” (SERRÃO, 1949, p. 13). A explicação dada com base em estudos de Duclaux (provavelmente Émile Duclaux, biólogo e bioquímico francês) mostra que pela alta concentração de glicose, o composto do mel não tem poder de fermentação. Desse modo, o mel seria “o único produto orgânico que, sem tratamento especial, se mantém quase sempre indemne de alterações provocadas pelos microrganismos que nele possam existir ou com ele estabeleça contacto” (idem). Serrão diz, ainda, que o

¹³⁰ Informações sobre os produtos disponíveis em: <https://superbom.com.br/produtos/mel-e-melado/>. Acesso em: 21/04/2024. O mel natural Superbom, comercializado até os dias atuais, ganhou em 2021 o prêmio *Superior Taste Award*, promovido pelo *International Taste Institute* de Bruxelas, na categoria “Honey - Jams - Sweet Spreads & Toppings”. A premiação é referenciada na página inicial da empresa Superbom e as informações detalhadas podem ser conferidas no site do Instituto: <https://www.taste-institute.com/en/awarded-products/product-details/9021267>. Acesso em 23/04/2024.

mel não possui grande quantidade de vitaminas, mas que ainda assim é um “ótimo alimento” (idem). Essas informações divergentes vez ou outra aparecem nas matérias sobre mel e outros produtos como ovos, leite e até mesmo sobre o regime vegetariano.

No caso específico do mel, um exemplo pode ser extraído do artigo já comentado de Ida Bergold, no qual a dietista informa que “não existe evidência de que o mel seja de muito mais fácil digestão do que outros açúcares” (Ida Bergold, 1979, p. 09). Essa afirmação poderia ter passado despercebida, não fosse a apreciação atenta de uma leitora da revista, que não apenas estranhou o comentário de Bergold, mas também escreveu para o editorial da revista questionando o mesmo. Alguns trechos da carta de “W. S.L., de Cerquilha-SP” foram reproduzidos e comentados pelo corpo editorial de Vida e Saúde na edição de junho de 1979.

Sempre leio nos números da revista VIDA E SAÚDE que o mel é um poderoso alimento, etc. Também o melado, açúcar preto, rapadura, são ricos em sais minerais, vitaminas, nem sei mais o que, e agora nesta revista de janeiro de 79 fiquei chocada com o artigo “Alimentos com Açúcar Deviam Conter Advertência” (KRUSCHE, 1979, p. 02).

Segundo o Dr. Manfred Krusche, supervisor médico da revista responsável por responder às demandas dos leitores publicadas na seção “O Médico da Família”, o restante da carta tratava de assuntos de ordem pessoal e foram respondidos de modo privado à remetente. Na tentativa de explicar a afirmação de Bergold, o argumento sustentado é de que “a autora do artigo se refere principalmente a excessos” e “mesmo o mel e o melado, sendo alimentos concentrados, podem em grandes quantidades trazer dificuldades ao organismo, independente de suas propriedades” (idem). Mais interessante do que a resposta a leitora indignada foi a “Nota da redação” inserida abaixo, que afirma o seguinte:

Aproveitamos para esclarecer que nossos colaboradores, como pessoas que estão constantemente procurando atualizar-se nos vários campos da Ciência médica, poderão apresentar um ou outro conceito que depende de comprovação. Pode dar-se o caso de que alguma pesquisa científica que ainda não recebeu o aval da classe médica como um todo seja aqui referida. Não deve o leitor, se tal fato ocorrer, tomar o caso de maneira taxativa. Pode ser que, num dado momento, seja necessário corrigir algum conceito que se pensava estar correto, daí a necessidade de não sentir-se o leitor chocado, se porventura vier a encontrar em alguma leitura, aparente contradição (idem).

Podemos exemplificar essas contradições por meio de outro artigo publicado na edição especial: “O Mel na Higiene Alimentar”, de Lourenço Granato¹³¹. Nele, o autor destaca entre os diversos tópicos alguns benefícios e usos do mel, e o primeiro já nos chama a atenção por associar o produto a uma bebida comumente reprovada no regime alimentar adventista que é o chá. Segundo Granato, “presta-se o mel perfeitamente bem para adoçar o chá, o leite, as tisanas e todas as outras bebidas de que constantemente se valham” (GRANATO, 1949, p. 04). Outro argumento é de que o mel “não exige trabalho digestivo” e que pode, inclusive, servir como auxiliar na digestão, informação que três décadas depois é posta em questionamento por outros dietistas na revista, como vimos anteriormente no artigo de Ida Bergold.

Granato menciona, ainda, as vitaminas presentes no mel: “a teoria das vitaminas, que revolucionou a doutrina da higiene alimentar, deu maior importância ao mel, usado como alimento, porque este produto das abelhas é açúcar natural rico mais do que qualquer outro alimento similar nestas substâncias indispensáveis à alimentação” (idem). Se voltarmos algumas linhas atrás, Alfredo Serrão lamenta-se justamente do contrário. Outras “misturas” sugeridas por Granato poderiam chocar os leitores mais conservadores da revista, como “mel combinado com uma gema de ovo fresco, crua e bem batida” que constituiria um “bom alimento concentrado para os indivíduos enfraquecidos pelo esgotamento e até para os tuberculosos” (idem, p. 05).

Em Vida e Saúde, pontos de divergência soam na própria análise acerca do nocivo açúcar, e não apenas relacionado aos benefícios do mel. Em dezembro de 1960, chama a atenção um pequeno artigo intitulado “Açúcar também é remédio”, uma vez que teria sido “descoberta cura para estranha doença” “simplesmente comendo-se mais açúcar” (B.N.S., 1960, p. 17). Segundo as informações apresentadas, a pesquisa em torno dessa conclusão teria sido realizada no Departamento de Fisiologia do Real Colégio de Cirurgiões em Londres, pelo Dr. Barry D. Wyke¹³². A doença em questão seria a “hipoglicemia cerebral relativa”, que seria o oposto da diabetes. No relato de Wyke, ele informa que o aumento deve ser de carboidratos, que ao serem

¹³¹ Agrônomo paulista, entre os anos de 1908-1909 foi diretor do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), criado em 1887 por D. Pedro II. De acordo com a nota ao final do artigo, as informações contidas no texto foram extraídas do livro “A Conquista da Saúde pelas Frutas e Pelo Mel”, do próprio Lourenço Granato. Foi autor de diversos outros artigos científicos e livros, como “Analyse das Terras” (1913) e “O Café na Higiene Alimentar” (1926). Não foram encontradas informações que relacione o autor à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Informações consultadas em: <https://www.iac.sp.gov.br/areadoinstitutoinstituto/index.php>. Acesso em: 22/04/2024.

¹³² Médico neurologista, autor de livros como *Brain Function and Metabolic Disorders*.

metabolizados pelo organismo humano tornam-se glicose. Contudo, essa relação não é abertamente explicada pela revista, o que é curioso, uma vez que a chamada dá a entender que esse aumento do consumo pode ser de qualquer tipo de açúcar, incluindo as condenáveis “guloseimas”.

Conforme vimos, as contradições na revista eventualmente surgem, ainda mais em se tratando de um periódico que se propõe a discutir assuntos de ordem médica e científica, mas que não necessariamente é um periódico técnico, e sim uma revista para o grande público editada sob supervisão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, instituição com posicionamentos bem definidos em torno da saúde e da alimentação saudável. Ainda assim, há pontos de diálogo e tentativas de flexibilizar as opiniões emitidas em Vida e Saúde, o que acaba gerando esses pontos de divergência, uma vez que nem todos os autores que assinam as matérias são, necessariamente, adeptos da religião. Desse modo, trataremos agora de um tema que gera ainda mais discussões e controvérsias na mídia impressa adventista, que é o consumo de carnes.

4.2 Cuidado: esta carne pode matar!

Açúcar e café, dois produtos classificados como “alimentos-droga”, apesar de serem amplamente consumidos (muitas vezes de forma abusiva, como reforça o discurso de Vida e Saúde), são alimentos de fácil associação entre o excesso e doença. Já as carnes entram em um outro grupo de análise muito específico, trata-se de uma interdição alimentar não exclusiva à religião adventista, nem mesmo uma proibição exclusivamente religiosa, cercada de diversas questões culturais, religiosas, mas também sócio-econômicas. Uma ideia muito ligada aos grupos religiosos que se abstém do regime cárneo é a de intoxicação do corpo e da alma. Portanto, falar em abdicar da carne é discutir, também, cuidado com o corpo e o espírito. E aqui trabalhamos com um contexto geográfico e cultural bastante específico, que é o Brasil do século XX. Por isso, como veremos, há um esforço do editorial da revista Vida e Saúde em se adaptar às condições apresentadas a eles. Trata-se de um embate entre a educação médica higienista e os costumes, hábitos cotidianos que permeiam a história do Brasil desde antes da chegada dos portugueses às Américas. Portanto, ao analisar o discurso sobre alimentação saudável na revista, não podemos ignorar a formação da cultura alimentar brasileira.

Ao contrário dos outros produtos até aqui apresentados, comparados aos psicotrópicos pelos seus efeitos estimulantes e, em alguns deles, viciantes, o que geraria uma perturbação do organismo e da mente daqueles que os consomem, a interdição da carne no regime alimentar adventista tem raízes mais profundas. Apesar de todos serem classificados como intoxicantes para o corpo e a mente, a questão do consumo de carne não é colocada à mesa somente pelos adventistas quando trabalhamos com a relação entre alimentação e religião. Se retomarmos o contexto no qual a mensagem adventista da saúde foi sistematizada, o alarde feito pelos religiosos em relação à precariedade da indústria da carne não era sem razão, tampouco uma voz ecoando de forma isolada. Na passagem do século XIX para o XX, os Estados Unidos, assim como o Brasil, tinham uma indústria da carne incipiente, mas que precisava suprir a demanda do aumento da população, sobretudo nos grandes centros urbanos. Contudo, a situação das indústrias e de seus trabalhadores era extremamente precária, além dos sérios problemas de ordem sanitária encontrados nesses locais.

O surgimento em 1906 da *Food and Drug Administration* (FDA), uma espécie de vigilância sanitária americana, não se deu por livre e espontânea vontade do Estado, mas sim por conta de uma publicação em série, no estilo novelístico, escrita por Upton Sinclair. Em seu romance “*The Jungle*”, publicado em capítulos ao longo de 4 meses e meio, ele narra as condições insalubres às quais os trabalhadores eram submetidos no processamento dos animais de corte, que também sofriam diversas violações, além de serem comumente abatidos doentes. De acordo com Young (1985), antes de escrever sua novela, Sinclair conversou com diversas pessoas - trabalhadores, empregados das fazendas, médicos, policiais, políticos - para entender esse universo, e quando retornou à sua cabana na zona rural de *New Jersey*, escreveu sua história fictícia, mas bastante verossímil, assolado em lágrimas e angústia. A comoção em torno de *The Jungle* foi tamanha, dada à popularidade que alcançou, que forçou o governo estadunidense a elaborar regras mais duras de vigilância sanitária e trabalhista nesses locais, culminando rapidamente no surgimento da FDA. Até então boa parte da população não tinha noção de como esse tipo de produto era processado até chegar às prateleiras dos mercados e feiras. Vale lembrar também que a taxa de analfabetismo era grande, o que impõe uma barreira ainda

maior no acesso a informações e, ainda mais, aos bens e serviços de manutenção da saúde e higiene.

Em relação à Vida e Saúde, as matérias que discutem o regime cárneo podem ser divididas em dois grupos (e é o que fizemos para dar conta do montante de fontes): 1- discussão acerca do valor nutritivo da carne, 2- os perigos de se comer carnes (principalmente carne de porco e de gado; as questões higiênicas e sanitárias envolvidas; sua relação com doenças como a triquinose, brucelose e cisticercose). Encontramos um número maior de matérias sobre o tema nas três primeiras décadas de publicação da revista, contexto no qual ainda havia um maior embate entre os costumes alimentares brasileiros e a educação médica higienista promovida na revista. Trata-se também de um contexto em que a população brasileira ainda era majoritariamente rural, analfabeta e com pouco ou nenhum acesso aos cuidados básicos em saúde. Desse modo, Vida e Saúde se colocava como porta-voz de informações necessárias e muitas vezes desconhecidas, tendo em vista que os meios de informação ainda eram precários e com pouco alcance.

Sobretudo na segunda metade da década de 1960, Vida e Saúde intensifica seu conteúdo sobre os benefícios do regime alimentar vegetariano, em oposição à dieta cárnea e seus malefícios, o que pode ser identificado como uma influência do movimento de contracultura que, para bem ou para mal, mexe com a estrutura da revista. Nesse contexto, temas como educação sexual e psicotrópicos também ganham espaço na revista, bem como o vegetarianismo e a macrobiótica, temas que adentravam a cultura brasileira por diversas vias, inclusive religiosa, com a chegada do movimento Hare Krishna no país e a influência do movimento hippie e da New Age. Assim, os adventistas visualizam um terreno fértil e de diálogo com essas movimentações para abordar um tema fundamental em sua reforma da saúde. A partir da década de 1980, as matérias sobre regime cárneo como assunto principal vão perdendo espaço na revista, sendo o tema diluído entre conteúdos que foram em assuntos mais gerais como alimentação saudável ou os benefícios do regime vegetariano, como também em na forma de tópicos em seções como “O Médico da Família”, “Panorama Mundial”, “Conselhos sobre Saúde” e “Jornal da Mulher”. A estratégia adotada pelo editorial foi priorizar as matérias que promovessem os benefícios do regime vegetariano, englobando eventualmente os malefícios do regime cárneo como uma das justificativas para a sua abstenção.

Começaremos analisando algumas fontes relacionadas à questão nutricional do regime cárneo, como esse tema foi discutido em Vida e Saúde de forma a diminuir a importância do consumo pela via da associação da carne como uma fonte de proteína, que como nutriente essencial para uma alimentação saudável, pode ser encontrado em diversos outros produtos de origem vegetal. Diversas são as matérias que circulam em torno do tema do valor nutritivo da carne, como por exemplo: “A Carne - Alimento de grande valor nutritivo? (abril de 1951, republicada de forma dividida nas edições de junho e julho de 1968) e “O valor alimentício da carne” (novembro de 1957, republicada em publicação de junho de 1966).

A primeira matéria sobre o assunto que pudemos resgatar entre as fontes disponíveis, publicada na edição de 1951, trata-se de uma extensa matéria traduzida de autoria de Dr. E. H. Risley, identificado pela revista como “Antigo decano do Colégio Médico de Evangelistas, na Califórnia”¹³³. De forma bastante detalhada, Risley discorre sobre o tema do valor nutritivo da carne, apresentando dados que teriam sido produzidos pelo Departamento de Agricultura do Estados Unidos que demonstram que, nas palavras do autor, “as carnes não têm vantagens especiais sob o ponto de vista do valor nutritivo integral” (RISLEY, 1951, p. 14), variando bastante os seus índices de acordo com o tipo (carnes mais magras ou mais gordurosas) e sendo grande parte delas muito calóricas.

Contudo, na contramão de outros autores que defendem a mensagem da saúde adventista, bem como a abstinência do consumo de carne, Risley reconhece que a proteína fornecida pelo regime cárneo é de “excelente qualidade” e que tem um alto percentual de digestibilidade. Sendo assim, Risley estabelece uma lista, pontuando as vantagens e desvantagens do uso da carne. Entre as vantagens: muito saborosa; rica de proteínas; proteínas de alto valor biológico; pequeno volume; proteínas de fácil digestão; fácil preparação para cozinhar. Entre as desvantagens, temos: tendência para a formação de ácidos; elevado número de bactérias; tendência acentuada para a putrefacção [sic]; riqueza de purinas; conservação de certos desperdícios do corpo não evacuados; pequeno equilíbrio no valor nutritivo; pouco cálcio e vitaminas; obtidas, por vezes, de animais doentes (idem, p. 15). Nesses

¹³³ Foi encontrada uma breve menção a ele no site da *Loma Linda University*, e também no verbete sobre Harold E. Shryock na Enciclopédia Adventista, que informa que Risley era reitor da *School of Medicine* em Loma Linda na época em que Shryock estudou nos Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=6A5O>. Acesso em 27/04/2024.

pontos elencados, Risley já sinaliza uma preocupação compartilhada por outros autores publicados na revista, do ponto de vista sanitário, que é o risco de contaminação, ainda que aqui a intoxicação seja vista apenas da perspectiva alimentar e não espiritual.

Em seguida, Risley comenta sobre uma pesquisa realizada durante a Primeira Guerra Mundial, cujos resultados estariam publicados no *British Medical Journal* em 1918, que apontam para a dispensabilidade de se fixar uma porção mínima de carne diária na alimentação humana, tendo em vista que a proteína da carne pode ser substituída por outros produtos alimentícios de origem animal, como o leite, queijos e ovos, bem como alimentos de origem vegetal. O que Risley ignora é que a primeira metade do século XX foi um contexto de extrema escassez de alguns gêneros alimentícios, entre eles a carne, devido às guerras e crises econômicas que marcaram aquele período. Apesar de demonstrar certa isenção dos seus preceitos religiosos sobretudo no início do texto, ao longo da matéria Risley opta por focar nos problemas da carne do ponto de vista sanitário, o que não necessariamente é uma justificativa religiosa, pelo contrário, está firmemente ancorada na argumentação científica, que é algo no qual o adventismo busca sempre respaldo para explicar suas condutas.

Um desses argumentos mobilizados para se justificar a abstenção de carne é que é “um dos melhores transportes de bactérias” e “a proteína da carne é um meio excelente para o crescimento e desenvolvimento de germes putrefactivos” (idem, p. 16). Isso faria com que chegasse a um número de 1.000.000 de bactérias por grama de carne, enquanto um “bom leite” não apresentaria mais do que 10.000 bactérias por grama. Os riscos dessas bactérias e outros parasitas presentes na carne não seriam completamente eliminados no cozimento, pois muitas vezes não são cozidas por completo, gerando inúmeras doenças como a triquinose. Citando trechos do livro *How to Live: Rules for Healthful Living Based on Modern Science* (1915), do famoso economista Irving Fisher, Risley interpreta que “uma dieta vegetariana dá mais vigor que a de carne”, e que “a alimentação cárnea não é essencial para a força física nem para a audácia” (idem, p. 17). De modo a encerrar sua argumentação, Risley afirma que o seguinte: “é bem conhecido que os alimentos de carne não são realmente essenciais, por isso mesmo que se podem obter por um regime alimentar sem carne, todos os alimentos necessários à saúde e vida activa” (idem). Sustentando a ideia de que não precisamos consumir carne, e sim nutriente - no caso, a proteína, o autor

sugere que é totalmente possível viver de forma saudável em um regime vegetariano. Mas alerta para a necessidade de planejamento e de inclusão de produtos de origem animal como ovos e leite.

Nessa matéria podemos ver novamente a influência da interpretação editorial do conteúdo publicado, ao selecionar as imagens e chamadas que complementam a discussão, de modo a direcionar a leitura do assinante. Já na primeira página, é colocada junto ao texto a imagem de um homem de terno sentado à mesa que, sorridente, leva à boca um garfo com um pedaço de carne. Ao lado da imagem, lemos a seguinte legenda: “Com o apetite pervertido, muitas e muitas pessoas arruinam a saúde. Não seria melhor evitar toda e qualquer comida que faça mal ao organismo?” (idem, p. 15). Curioso é o fato de que, ao longo do texto de Risley, não identificamos essa postura tão acusativa em relação aos comedores de carne e seu apetite depravado. Sendo assim, as chamadas complementares feitas pelo editorial acentuam a mensagem transmitida pela matéria, enfatizando os malefícios daquilo que se deve eliminar por completo da dieta alimentar, mas também entoando o aspecto pecaminoso do consumo de certos alimentos, como é o caso da carne.

Em abril de 1959, outra matéria põe em questionamento o valor da carne para uma alimentação equilibrada é “Podemos Viver Sem Carne?”¹³⁴. A resposta, emprestada de um conhecido bioquímico estadunidense, Robert S. Harris¹³⁵, é que sim, é possível. Em uma palestra proferida no Congresso Internacional Vitamínico ocorrido em Havana, Cuba (sem data), Harris teria afirmado que “tanto o regime vegetariano como o cárneo são adequados para a alimentação da humanidade” (El Centinela, 1959, p. 10). Com isso, a pessoa que redige o artigo conclui que podemos “desfrutar de boa saúde seguindo um regime sem carne” (idem), e desenvolve seu argumento a partir desta constatação, chamando a atenção para o fato de que “não

¹³⁴ Traduzida da revista adventista “*El Centinela*”. Segundo consta no site da revista, ela é publicada pela Pacific Press desde 1919, passou por diversas alterações ao longo dos anos, mas continua sendo publicada em espanhol para circulação nos territórios da América do Norte até os dias atuais. Disponível em: <https://www.elcentinela.com/?p=about>. Acesso em: 29/04/2024.

¹³⁵ Robert S. Harris (1904-1979) foi professor de bioquímica nutricional por 41 anos no *Massachusetts Institute of Technology*, nos Estados Unidos. De acordo com seu obituário publicado pelo jornal *The New York Times*, ele “era conhecido por suas pesquisas sobre o papel das vitaminas, minerais, gorduras e proteínas no processo metabólico” (tradução livre). Foi conselheiro governamental no período da Segunda Guerra Mundial, sendo responsável por desenvolver alguns tipos de rações de guerra para civis e militares. Consultado em: <https://www.nytimes.com/1983/12/27/obituaries/robert-s-harris-dies-at-79-noted-nutritionist-at-mit.html>. Acesso em: 29/04/2024.

há alimento indispensável”, confirme teria pontuado Dr. Harris. Com isso, mais importante do que os alimentos em si, seriam os nutrientes.

No caso de quem não se alimenta de carne, é muito importante que receba uma quantidade adequada de proteína. Esta pode-se obter facilmente do leite, do feijão soja e doutros substituintes da carne, feitos de feijão soja. As ervilhacas ou ervilhas, ou feijões e o glúten do trigo, são todos ricos em proteína, bem como as nozes, o amendoim e as castanhas do Pará (idem).

Essa reincidência da menção à soja é justificada pelo fato de os adventistas atribuírem um enorme valor nesse alimento, servindo como fonte de proteína, integrando muitas receitas publicadas em suas revistas sobre saúde e, também, base para diversos produtos substitutos da carne por meio de suas empresas alimentícias, como a Superbom. Falaremos sobre a importância da soja na dieta alimentar adventista e das “carnes vegetais” da Superbom no próximo capítulo. Voltando ao artigo, outro ponto citado que é bastante presente na mensagem da saúde adventista diz respeito à autoridade médica. A pessoa autora não hesita em recomendar uma consulta médica para aqueles que querem seguir um regime equilibrado e livre de carne, pois “sem substituí-la por proteínas vegetais adequadas, é fácil que sobrevenha anemia e um conjunto de sintomas clínicos, como o nervosismo, fadiga, desânimo, irritabilidade, entumecimento, picação nas mãos, tonturas e outros sintomas mentais e nervosos” (idem, p. 11).

Por último, mas não menos importante, o artigo faz referência a uma “importante obra” que já nos é conhecida: *A Ciência do Bom Viver*. Sem mencionar a autoria, o texto reproduz algumas de suas recomendações relacionadas ao estudo do “plano original de Deus para o regime do homem”, evidenciando aqui uma menção direta à origem religiosa-cristã do periódico. Citando trechos da obra de Ellen G. White, o texto argumenta que cereais, frutas, nozes e verduras seriam os elementos constituintes do regime dietético que o “nosso Criador” planejou aos seres humanos, sendo eles a fonte de força, resistência e “vigor intelectual” - simples, saudável e nutritivo - o que não é alcançado por uma dieta que seja mais “complexa e estimulante” (idem). Esses seriam os alimentos plenamente capazes de substituir, sem prejuízo à nutrição, um regime cárneo.

A questão sanitária e nutricional é evocada de forma conjunta em outra matéria publicada na década de 1950: “O valor alimentício da carne”, de novembro de 1957,

que traz como subtítulo “A carne do ponto de vista sanitário”¹³⁶. Sem tantos rodeios quanto o artigo de Risley, esta vai direto ao ponto afirmando já de início que “a carne está freqüentemente infetada com esporos e ovos de parasitos intestinais: lombrigas, solitárias, triquina, etc.” e que “está fervilhante de bactérias em número de 1 a 10.000.000 por grama” (Natura, 1957, p. 10). Entre os tópicos que abordam o “valor alimentício da carne”, colocam que “a carne é deficiente nos principais elementos” nutricionais, sobretudo cálcio e ferro: “Se a crença de que as carnes vermelhas formam sangue fôsse exata, não haveria anêmicos sôbre a Terra” (idem, p. 11). Fato é que nem todos os produtos alimentícios são “ricos em ferro”, assim como outros elementos essenciais para o pleno funcionamento do organismo. Vale comentar, também, que nem todos têm a *opção* de comer carne, por se tratar de um produto nem sempre acessível - inclusive economicamente. Desse modo, quadros de anemia ou a ausência deles não podem ser justificados pelo consumo ou não de “carnes vermelhas”, como o artigo pontua.

Do ponto de vista sanitário, quem escreveu o artigo é firme em dizer que “a inspeção sanitária, tal como se pratica, só pode descobrir e reprovar as carnes cujo estado de enfermidade está muito pronunciado” (idem, p. 10). Por isso, não basta estar aparentemente em bom estado para ser segura de ser consumida. Todo alimento cárneo é um potencial depósito de toxinas, além de não ter “qualquer valor nutritivo” (idem). Outro ponto ressaltado no texto é que não existe carne segura, seja ela proveniente de aves, porcos, peixes ou frutos do mar. Ainda assim, a carne de porco é comumente vista como mais problemática na tradição judaico-cristã que, pautando-se na interpretação de passagens bíblicas, o classificam como um “animal imundo”, e por isso totalmente inadequado para o consumo. O teórico Jean Soler, no seu texto publicado no volume *História da Alimentação* de Montanari e Flandrin, explica que na Bíblia o porco nunca foi categorizado de forma distinta, mas citado como um animal como outro qualquer. Ao longo do tempo é que ele foi sendo classificado como “animal amaldiçoado por excelência” (SOLER, 2020, p. 82).

Segundo Soler, o motivo que hoje se apresenta para a proibição do consumo de carne de porco em diversas tradições religiosas é que a carne de porco mal cozida pode ser transmissora de doenças como a triquinose. Contudo, “essa hipótese não se sustenta”, pois pressupõe que lá atrás os hebreus “fossem dotados de um saber que,

¹³⁶ Matéria originalmente publicada na revista *Natura*. Sem autoria identificada.

na realidade, não tinham”, e que foi passado de gerações em gerações. Portanto, só o ponto de vista sanitário não explica as motivações pelas quais as religiões judaico-cristãs se abstêm, ou ao menos recomendam a abstinência, em relação ao consumo de carne de porco. Conforme argumenta o autor, “se a explicação fundada em razões de higiene era válida para o porco, ela deveria se aplicar aos outros animais proibidos” (idem). De todo modo, na literatura bíblica o motivo pelo qual não se deveria comer porco é porque ele não se enquadra totalmente na descrição apresentada a Moisés, narrado nos livros de Levítico e Deuteronômio: em relação aos animais terrestres, ter o casco fendido partido em duas unhas e ruminar - o que o porco não faz (idem). Outra característica condenatória ao porco é que ele não é herbívoro, portanto, mais propenso à contaminação por agentes nocivos à saúde. E por isso seria um animal imundo, indigno de ser alimento.

A mesma edição que publicou o artigo acima apresentado contém uma matéria sobre nutrição intitulada “O Problema da Alimentação Familiar: As Proteínas na Dieta”, que fala sobre o alto valor biológico das proteínas alimentares encontradas nos vegetais, dispensando a necessidade de se manter as carnes para um regime dietético balanceado. Muitas matérias trazem o tema das “proteínas”, sem mencionar diretamente a carne, mas focando justamente no aproveitamento dos alimentos ricos neste nutriente que não provém de origem animal. Optamos por não trabalhar com esse montante de fontes classificadas tematicamente como “proteínas” por entender que seu conteúdo e argumentação não traz grande dissidência em relação ao encontrado nas matérias que discutem o tema da alimentação saudável do ponto de vista nutricional de forma geral.

Entre as matérias que discutem o consumo de carne em Vida e Saúde, a questão do porco é abordada quase sempre do ponto de vista sanitário, reforçando as motivações higiênicas para o não consumo da sua carne e alimentos relacionados, com exceção à edição de novembro de 1988 que publica a matéria “Carne de porco: Ciência Confirma a Bíblia”, assinada pelo “Professor e Diretor do Programa de Saúde Ambiental da Escola de Saúde Pública da Universidade de Loma Linda, Estados Unidos” Dr. E. A. Widmer¹³⁷. A chamada da matéria destoa em meio às edições, pois sabemos que mesmo que a revista seja publicada sob o crivo da Igreja Adventista do

¹³⁷ Identificado no original como “Windmer”, o que julgamos se tratar de um erro de digitação. As informações encontradas sobre o autor coincidem com aquela apresentada no próprio artigo publicado em Vida e Saúde.

Sétimo Dia, nem sempre sua influência religiosa cristã é evocada de forma tão enfática e evidente em Vida e Saúde como foi nesse caso. Em todo caso, a mensagem evocada no título é reforçada em uma frase destacada logo abaixo, que diz que o fato do consumo de carne de porco estar associado a doenças do coração, câncer e até mesmo algumas doenças transmissíveis é prova de “que uma velha proibição bíblica tinha sua razão de ser” (WIDMER, 1988, p. 32).

O autor do texto rememora a passagem de Levítico 11:7 e 8, que orienta o povo de Deus a não consumir animais imundos pautando-se por determinadas características (ter o casco fendido e ruminar), nas quais o porco não se enquadraria totalmente. Segundo Widmer, aqueles que se abstêm de um regime cárneo por razões bíblicas entendem as motivações sanitárias que estariam presentes já nas escrituras para o consumo ou não de determinado tipo de animal como alimento humano. Além disso, essas pessoas “crêem que o nosso corpo é santuário do Espírito Santo”, de acordo com a passagem de Coríntios 6:19, conforme cita o autor, “o qual deve ser mantido sadio através da observância das orientações bíblicas relativas à dieta” (idem). Por isso, as evidências científicas do século XX estariam apenas comprovando aquilo que, lá atrás, as escrituras sagradas já haviam revelado.

Podemos entender que a proibição da carne de porco presente desde a tradição hebraica, mesmo que a justificativa da contaminação não fizesse sentido séculos atrás, só evidencia ainda mais a perfeição e completude da obra de Deus. Nas considerações finais da matéria, essa conformidade das recomendações bíblicas é novamente evocada:

Os textos bíblicos de Levítico talvez pareçam ditatoriais e arbitrários. Quanto, porém, são considerados do ponto de vista da ciência, no que diz respeito às doenças transmissíveis, verificamos que suas proibições são medidas de saúde pública, significativas para a prevenção de várias enfermidades potencialmente graves (idem, p. 34).

Em diversas passagens de seus escritos, Ellen G. White se dedica a repreender o uso da carne de porco como alimento, salientando a potencialidade da mesma para transmitir doenças, colocando “o sangue em mau estado” (WHITE, 2007, p. 336). Uma vez que a carne absorve os componentes daquilo que se come, “é impossível que seja sã a carne de qualquer criatura vivente, tendo como elemento natural a imundícia, e quando eles se alimentam de tudo quanto é detestável” (idem). A profetisa também recorda seus seguidores que “Deus não proibiu os hebreus de comerem carne de

porco apenas para mostrar Sua autoridade, mas por não ser ela apropriada à alimentação do homem” (idem, p. 335). Assim, o plano de Deus para a humanidade é sempre evocado para convencer as pessoas de que não basta seguir as vontades próprias, devemos seguir o projeto divino em todos os âmbitos da vida, incluindo a alimentação.

Após a argumentação bíblica apresentada, Widner se dedica a explicar detalhadamente as diversas doenças provenientes do consumo de carne de porco contaminada, como a triquinose, a toxoplasmose e a salmonelose, estabelecendo uma tabela intitulada “Lista de Doenças Que o Porco Transmite ao Homem” (idem, p. 33) ao final da matéria, composta pelas colunas: doenças, agente causador, distribuição geográfica e método de transmissão ao homem. Esta última que, invariavelmente, lista o consumo de carne de porco, ainda que nem sempre de forma exclusiva. Entre as doenças coronarianas, elas seriam motivadas pelo excesso de sódio, comumente encontrado nos produtos feitos de carne de porco. Sem citar as fontes de estudos que chegaram a essas conclusões, o autor menciona que “a mortalidade por câncer do seio eleva-se quando é maior o consumo, pelas mulheres, de carne de porco e gorduras” (idem, p. 34). Além deste, o câncer de próstata estaria relacionado ao consumo de alimentos ricos em gorduras, incluindo gorduras animais, o que levaria a crer que a carne de porco, por seu excesso de gorduras, contribuiria para a incidência desse tipo de câncer também.

Nas décadas anteriores, os perigos associados ao consumo de carne foram discutidos em diversos outros artigos, pautando-se sempre pelo argumento médico-higienista e científico. Em março de 1939, a carne já é mencionada em matéria sobre autointoxicação, e “depreende-se daí ser aconselhável a abstenção da carne mais de que qualquer outro alimento” (ALFRANC, 1939, p. 11). Em agosto de 1956, o consumo de carne foi reduzido à necrofagia, uma vez que se trata, na etimologia da palavra, de “comer cadáver” (AURITA, 1956, p. 10). Em relação ao porco de forma mais específica, foi tema das matérias “A carne de porco e seus malefícios” (abril de 1956), “Os múltiplos malefícios da carne de porco” (agosto de 1965), “A Carne de Porco, o Homem e a Doença” (agosto de 1971), entre outras, figurando de forma indireta nas matérias que associam consumo de carne e intoxicações alimentares. Para além dos animais terrestres, peixes, mariscos e outros frutos do mar também foram alvo de

críticas, refletidas em matérias como “O Veneno dos Mariscos” (julho de 1967) e “Envenenamento pelo Peixe” (outubro de 1968).

Em março de 1957, um pequeno texto sem autoria identificada alerta os leitores da revista dizendo que “A carne é dos piores alimentos que se pode ingerir”, classificando a mesma como intoxicante e “excitante do sistema nervoso” (A carne é..., 1957, p. 07). Assemelhando-se ao já visto em outras matérias sobre o tema, aqui encontramos novamente a associação entre carne e contaminação do organismo. Contudo, sabemos que a preocupação religiosa com o consumo desses produtos “imundos” não se limita ao aspecto físico, mas também a contaminação do espírito pelas sujidades mundanas. De forma a confluir com a mensagem da saúde adventista, o texto sugere que “o que se deve é fazer uma adaptação bem orientada por médico competente” (idem). Ao contrário da importância inestimada que “a grande maioria das pessoas” deposita no regime cárneo, julgando que “não pode passar sem ela”, na realidade “esta pode ser substituída por feijão soja, queijo fresco, frutos oleaginosos, (amendoim, castanha), etc.” (idem).

Duas décadas mais tarde, a carne continua assombrando os leitores de Vida e Saúde, podendo até matar. Pelo menos é o que diz a reportagem de Ivo Santos Cardoso para edição de fevereiro de 1976. Para justificar o anúncio do título “Cuidado: esta carne pode matar!” Cardoso se apoia nas declarações do médico oftalmologista e professor da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, Dr. Antonio Augusto Cardoso¹³⁸. Transtornos como “perturbações nervosas, hipertensão, cegueira, loucura e morte” seriam ocasionados pela larva da *taenia solium*, conhecida popularmente como solitária, que contamina, segundo a matéria, 1 em cada 2 mil brasileiros (CARDOSO, 1976, p. 15). Qual seria, então, sua relação com a carne? Cardoso explica: “A solitária vive no intestino delgado do seu hospedeiro definitivo, o homem. Mas pode viver, e freqüentemente vive, no intestino do porco” (idem). Ao alimentar-se de verduras e outros alimentos contaminados, o porco inicia o ciclo de vida do parasita no seu intestino, que contamina todo o organismo do animal e não apenas o sistema digestivo.

¹³⁸ Antonio Augusto Cardoso (1903-1975) foi também livre-docente na Faculdade de Medicina da USP e presidente do Instituto Penido Burnier, o qual é citado na matéria de Ivo Santos Cardoso. Mais informações disponíveis em: <https://www.redisap.unicamp.br/index.php/br-spsiarq-aaa#wrapper>. Acesso em: 28/04/2024.

Ignorando o fato de os ovos estarem presentes nas verduras, consequentemente, sendo elas também uma porta de entrada para o parasita no organismo humano se mal higienizadas, Cardoso segue sua explicação até chegar na fase em que o homem come a carne de porco contaminada e, com isso, “engole a doença” (idem). Ao entrarem no organismo humano, “os embriões atravessam o estômago humano e caem na circulação, invadindo os tecidos e atacando o cérebro”, o que colheria “resultados por vezes fatais” (idem), justificando aqui o alarde feito na chamada da matéria. Só após explicar todo o ciclo nos seus hospedeiros é que o autor faz uma ressalva informando que há “outros modos de infestação”, como a água e hortaliças mal cozidas, resumindo que “onde há falta de higiene a infestação torna-se altamente possível” (idem). Apesar de reconhecer que a falta de higiene é o principal fator que regula a incidência de cisticercose, Cardoso se apoia na reflexão de Dr. Almeida, o qual come frutas e verduras muito bem lavadas pela esposa, para salientar que “as enfermidades se beneficiam com a sujeira” (idem), portanto, seriam mais presentes nas carnes que não podem passar pelos mesmos processos de higiene de outros alimentos.

As “transgressões”, como diz Cardoso, seriam largamente praticadas em açougues e matadouros, utilizando como exemplo as interdições realizadas pelas agências de vigilância sanitária nos estados de São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Como oftalmologista, o exemplo de Augusto Almeida trazido à matéria são dos casos de perda total ou parcial da visão por conta da cisticercos, que analisou mais de quinhentos casos da doença espalhados por oito estados. De forma quase irônica, Cardoso afirma que “a carne de porco nunca foi vista com bons olhos” (idem, p. 16), tendo em vista todas as doenças que pode transmitir aos seres humanos. De fato, as condições sanitárias nas quais os animais são criados e abatidos são, até hoje, questionáveis. E se nos dias atuais ainda temos uma cobertura de rede de esgoto longe do ideal e extremamente desigual, há 50 anos atrás a situação era ainda mais precária¹³⁹. Além disso, o acesso à informação e atendimento médico nem sempre chegava a tempo de tratar das doenças no estágio inicial, o que certamente contribuía para a incidência de casos mais graves.

¹³⁹ De acordo com os dados do Censo produzido pelo IBGE em 2022, 62,5% dos domicílios brasileiros têm acesso à rede de coleta de esgoto, índice que varia bastante entre as regiões, favorecendo os estados do Sudeste do país. Os índices em relação ao acesso à água potável são um pouco melhores, cerca de 85% da população tem acesso a esse recurso. Informações consultadas em: <https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#/home/>. Acesso em: 30/04/2014.

Após toda a argumentação de Cardoso, ele cita outro especialista do Instituto Penido Burnier, Hugo Gallo, que informa que “os cuidados preventivos quanto à cisticercose ocular e à solitária são simples e comprovadamente eficazes” (idem) e dividem-se basicamente em quatro pontos: 1 - hábitos higiênicos, 2- saneamento e esgoto, 3 - água limpa, 4 - controle sobre a carne. Este último, é importante dizer, não sugere a abstinência do consumo de carne, nem mesmo da carne de porco de forma específica, mas indica que “é preciso controlar rigorosamente a carne que se consome, desde a origem até o balcão de vendas” (idem). Mesmo assim, Cardoso finaliza seu artigo indicando que “o consumo de toda carne deve ser posto sob suspeita” e que “talvez a melhor prevenção seja a abstenção total” (idem). Aqui, podemos notar a força interpretativa do autor da matéria, que não necessariamente tem completo respaldo naquilo que é dito pelos especialistas citados.

Já no início da década de 1970, Naor G. Conrado, então redator da revista, anunciava em um texto de abertura da edição de novembro que “a redação de Vida e Saúde não tem poupado esforços para recomendar que os seus leitores, tanto quanto possível, se abstenham de carnes e de gorduras de origem animal, que podem ocasionar graves transtornos da saúde” (CONRADO, 1970, p. 02). Conforme atestado na análise das fontes desde o final da década de 1939, de fato a revista realizou uma empreitada em torno da mensagem da saúde adventista, sobretudo em torno do tema da alimentação saudável e da necessidade de se abster do regime cárneo, seja por motivações bíblicas ou científicas. Uma vez provada a dispensabilidade da carne como fonte de proteínas, tendo em vista que elas podem ser supridas por outros alimentos, e nesse ponto Conrado evoca as riquezas brasileiras: “Em nossa Pátria, há uma infinidade de hortaliças, leguminosas e castanhas que substituem com vantagem a alimentação cárnea” (idem). Ou seja, ao mesmo tempo que há a repulsa da carne por questões higiênicas e bíblicas, como visto nas fontes já apresentadas, há o processo de teorização da carne como um alimento considerado “fonte de proteínas”, mas que pode ser facilmente substituído por outros alimentos não derivados de animais.

Essa discussão acerca das proteínas como um nutriente essencial ao organismo humano é colocada em pauta em outra matéria em maio de 1984, “É

importante substituir a carne?”, assinada por Héliú Judson Nogueira¹⁴⁰. De acordo com pesquisas realizadas por um nefrologista identificado apenas como “Dr. Brenner”, o autor condena o consumo de “proteína em excesso”, e aqui temos uma novidade: “tanto animal quanto vegetal”, pois poderia causar problemas nos rins (NOGUEIRA, 1984, p. 15). Diferente das outras matérias que demonstram as múltiplas possibilidades do reino vegetal para substituir as proteínas da carne, Nogueira inova em demonstrar que estaríamos consumindo proteínas demais. Atualmente, investigações feitas no âmbito acadêmico sobre o excesso no consumo de proteínas têm ganhado espaço em canais de comunicação, chamado em alguns casos de “*protein mania*”¹⁴¹, mas a tendência em desmistificar o poder das proteínas remete a estudos produzidos décadas antes. No texto, Nogueira inicia chamando atenção para a dificuldade que as pessoas teriam de substituir a carne, justamente pelo fato dela ser a fonte de proteína mais conhecida e aceita socialmente. Diz o médico que:

Freqüentemente as pessoas comentam como é difícil substituir a carne na alimentação. Aliás, há muito tempo eu escuto essa conversa. Desde o tempo que eu era menino, já se falava nisso; e, daí, vem uma porção de receitas complicadas de assados e bolinhos de nozes e castanhas, caras e difíceis de serem encontradas (idem).

Antes de prosseguir com o relato de Nogueira, enfatizamos o fato dele ser um adventista nascido na religião, filho de um destacado pastor, missionário e colportor adventista, Antônio Nogueira Jr (1923-2009), e de Helga Hedy Otto (1925-1998), que

¹⁴⁰ No Youtube, podemos encontrar diversos conteúdos relacionados à Igreja Adventista do Sétimo Dia (cultos, palestras, entrevistas) que contam com a participação de Héliú Judson Nogueira. De acordo com seu perfil na Plataforma Lattes, formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Paraná em 1972. Possui também *Fellowship in Nephrology* no *Loma Linda University Medical Center* (1985). Atua na Clínica Adventista de Curitiba, da qual foi também diretor, e é autor de livros sobre saúde publicados pela Casa Publicadora Brasileira e outras editoras adventistas estrangeiras. Consultado em: <http://lattes.cnpq.br/1166395582511610>. Acesso em 30/04/2024.

¹⁴¹ Desde a década de 1950, Donald. S. McLaren já apontava para a “crise das proteínas” em suas pesquisas, destacando-se pela publicação em 1974 na revista *The Lancet* do artigo “*The Great Protein Fiasco*”. Disponível em: <https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140673674916493/fulltext>. Acesso em: 30/04/2024. Em 2019, Bee Wilson publicou no jornal britânico *The Guardian* um artigo intitulado “*Protein mania: the rich world’s new diet obsession*”, no qual explora o que ela chama de “fetiche” contemporâneo em torno das fontes de proteínas na alimentação, cada vez mais descaracterizada daquilo que conhecemos como alimentos, provenientes tanto do reino animal quanto vegetal. O artigo encontra-se disponível para leitura na íntegra em: <https://www.theguardian.com/news/2019/jan/04/protein-mania-the-rich-worlds-new-diet-obsession>. Acesso em: 30/04/2024. No Brasil, vale citar a iniciativa do portal O Joio e o Trigo em discutir os diversos aspectos relacionados à alimentação e saúde, com destaque ao episódio do podcast Prato Cheio intitulado “O Império das Proteínas”. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2024/04/o-imperio-da-proteina/>. Acesso em: 25/04/2024.

segundo a Enciclopédia Adventista, “era adventista de quinta geração e neta de Ana Dietrich Otto e Oscar Otto, os primeiros adventistas do estado do Paraná”¹⁴². Tendo isso em vista, é interessante notar a crítica que Nogueira faz as “receitas complicadas” às quais se deparava na infância, pois certamente elas eram provenientes das publicações adventistas sobre saúde, talvez até da própria revista Vida e Saúde, e desde o início veicula receitas vegetarianas inspiradas em pratos que tradicionalmente levam carne. Voltando ao texto, o autor prossegue com uma indagação: “Será que é tão importante assim, substituir a carne?”. Ele mesmo responde que “sim e não” (idem).

Para Nogueira, o principal problema é a falta de diversidade na escolha dos alimentos, muitas vezes a alimentação das pessoas se resume a feijão, arroz e carne. Uma vez tirada a carne do prato, resta apenas o feijão e o arroz, que “por melhor que sejam tais alimentos, não são um bom regime” (idem). Sendo assim, julga o autor que “teria sido melhor continuarem comendo carne” (idem). A diferença que a carne faz em uma dieta se dá pelo fato que “a carne é um alimento rico em proteínas” (idem), informação que é contrariada em algumas matérias da própria revista Vida e Saúde. Entretanto, independente de considerar a carne rica ou pobre em proteínas, Nogueira apresenta discussões realizadas no Congresso Brasileiro de Nefrologia (sem ano indicado), no qual “um convidado americano” teria apresentado dados que relacionam o excessivo consumo de proteínas a problemas renais. De acordo com o autor, esse pesquisador teria chegado em duas conclusões principais: “1) temos que comer menos carne e proteínas em geral; 2) temos que comer menos vezes por dia” (idem). Não sabemos se esse pesquisador indicado por Nogueira era ou não adventista, fato é que suas conclusões coincidem com as recomendações adventistas sobre o regime alimentar.

Para explicar a teoria apresentada no congresso, Nogueira toma como exemplo um filtro de água, que depois de um tempo de uso precisa ter a vela substituída - caso não ocorra, ela pode ficar excessivamente suja e até entupir. Nessa linha, “o rim também é um filtro, e também tem uma ‘vela’, chamada *mesângio*. Essa vela tem a capacidade de se limpar sozinha, desde que a gente dê tempo a ela” (idem, p. 16), diz o autor. Ao ingerir muita proteína em um curto período, o rim não teria a capacidade

¹⁴² Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7GM2&lang=pt>. Acesso em: 30/04/2024.

para filtrar todo esse material, que ficaria acumulado no mesângio. Quando mais a gente exige esforço dos rins, “tanto mais rápido vamos envelhecer e morrer” (idem). Por conta de suas investigações no campo da nefrologia, Dr. Brenner, o “convidado americano”, teria adotado a decisão - para ele e sua família - de deixar de comer carne e fazer uma refeição ao dia. Nogueira sugere que essa postura é um tanto excessiva, argumentando que, “particularmente, não sei quanto tempo eles vão agüentar esse regime” (idem). De todo modo, as conclusões encontradas, ainda que sejam “um pouco especulativas”, teriam “fortes indícios de verdade” (idem).

Continuando sua argumentação, Nogueira conta que no congresso foi perguntado acerca dos vegetarianos, e de forma surpreendente, a resposta recebida foi de que “alguns vegetarianos podem estar em situação pior do que alguns carnívoros!” (idem). Isto posto, certamente preocupou os leitores da revista que periodicamente recebiam seus exemplares promovendo de forma irrestrita a dieta vegetariana e sugestões para a substituição das proteínas da carne por proteínas vegetais. Contudo, o autor explica que “o problema é a proteína em si, e não sua origem” (idem), uma vez que o indivíduo deixando de comer carne, mas ingerindo “uma quantidade exagerada de proteína vegetal, o dano renal poderá ser igualmente grande” (idem). Ponderando que o extremo de uma refeição ao dia também não é o ideal, Nogueira conclui que tem “muita lógica” aquilo que “Hellen White” escreveu no século anterior, acerca de se fazer poucas refeições ao dia.

O argumento de Nogueira amarra as duas recomendações, embasada não só nas pesquisas apresentadas, mas também na sua orientação adventista, incluindo a necessidade de não comer de forma excessiva e evitar alimentos entre as refeições. Para ele, “se alguém está pensando em parar de comer carne, faz uma boa coisa”, mas não precisa “ficar extremamente preocupado em como substituir a carne” (idem). De certo modo, ao reivindicar uma diminuição no consumo desse nutriente, podemos colocar esse argumento apresentado por Nogueira na vanguarda do combate à obsessão pelas proteínas, que culmina no século XXI em uma série de produtos com o rótulo “proteico” no nome. Ainda assim, ele não foi o primeiro a reivindicar a necessidade de parcimônia na busca pelo suprimento das proteínas na dieta, uma vez que o Dr. G. K. Abbott, na edição de julho de 1967, dedica um tópico de seu artigo “Alimentação saudável” para alertar sobre o quanto o excesso de proteínas é prejudicial ao organismo.

Segundo Abbott, os alimentos ricos em proteínas seriam a “carne, peixe, ovos, queijo, nozes, ervilha seca, feijões, lentilha”, dos quais o consumo deve prezar pelo equilíbrio, “exceto a carne” (ABBOTT, 1967, p. 19). Para ilustrar seu argumento, o autor menciona que “em certos jardins zoológicos” (sem mencionar as fontes de informação), quando se faz a autópsia dos animais carnívoros mortos, verifica-se que os mesmos teriam morrido por causa de doenças relacionadas aos vasos sanguíneos e aos rins, e “que só os carnívoros morriam” dessas condições (idem). Apesar de seguirem seus instintos naturais, Abbott salienta que aqueles animais carnívoros de vida livre “comem a carne de suas vítimas apanhadas vivas”, o que justificaria o fato de não ficarem doentes, enquanto aqueles aprisionados “comem a carne de animais há muitas horas abatidos, tal qual nós a compramos no açougue” (idem).

Alguns anos antes de Nogueira publicar seu artigo advogando contra o consumo excessivo de proteínas, chegando até mesmo a colocar em xeque o regime vegetariano obstinado em substituir as proteínas da carne, o questionamento de um leitor publicado na seção “O Médico da Família” chamou nossa atenção. A seção, comumente de responsabilidade de Galdino Nunes Vieira, então Supervisor Médico da revista, publicou o tópico “Proteínas Vegetais e Animais” relatando o seguinte:

O missivista nos escreve citando o artigo publicado no mês de março deste ano, sob o título: “A Ciência Contra a Fome”, em que o articulista escreve o seguinte: “Precisamente uma fome de proteínas ameaça a humanidade. Na maior parte dos países em que a alimentação é baseada num único cereal (arroz, milho, trigo), ela carece geralmente de proteínas, e certos ácidos aminados essenciais estão ausentes”. O missivista estranha que Vida e Saúde, que vem defendendo o regime vegetariano com repetidas afirmações de que este regime pode fornecer proteínas vegetais com os aminoácidos essenciais, tenha publicado o artigo que, a seu ver, nega o que escrevemos (VIEIRA, 1972, p. 27).

O supervisor médico da revista diz então que, após examinar bem a artigo citado pelo leitor, percebe que na realidade seu autor “não nega que alimentos vegetais contenham proteínas de valor nutritivo ótimo” (idem), o exemplo apresentado versa justamente sobre populações que “se alimentam com um só cereal”, o que gera “carência de proteínas” e outros aminoácidos essenciais (idem). Essa visão mobilizada tanto pelo autor do artigo citado, quanto por Vieira, Abbott e Nogueira, reforça a importância da diversidade e boa seleção dos alimentos, argumento que está presente na mensagem da saúde adventista de forma mais ampla. É interessante perceber, também, que os leitores não são meros receptáculos passivos a

questionamentos, que absorvem as informações de forma integral, sem um ponto de vista crítico e atento àquilo que está sendo apresentado na revista ao longo dos anos. Vieira encerra sua réplica ao leitor dizendo que agradece à carta enviada, o “que nos dá ensejo de recordar que muitas proteínas de origem vegetal, tais como as da soja, das castanhas, nozes e outras, são proteínas completas que nada devem às da carne, sem, contudo, terem o inconveniente deste” (idem).

Em uma pesquisa antropológica realizada no início dos anos 2000 no Brasil, Ismael Fuckner (2005) mostra que as recomendações acerca da mensagem da saúde adventista e a abstenção das carnes no regime dietético de adeptos ao adventismo não se limitou apenas no plano dos discursos, mas permeou também as práticas alimentares do grupo estudado. Um exemplo é a relação com a carne de porco. Ao entrevistar fiéis integrantes da Igreja Adventista do Marco, em Belém no Pará, Fuckner percebe em seus discursos que eles “consideram que o uso do porco na alimentação é uma transgressão muito grave e a falta de higiene desses animais é apontada como a mais importante razão para a sua exclusão do cardápio desse grupo religioso” (idem, p. 114). Essa e outras pesquisas como a de Furtado (2014) nos revelam algumas dissidências entre discurso e prática, uma vez os adventistas tendem mais a se abster das carnes consideradas imundas, conforme a interpretação bíblica, e não adotam tanto o regime vegetariano, conforme defendido nas páginas de Vida e Saúde e na literatura adventista sobre alimentação de modo geral. Ainda assim, isso não é uma regra. Sendo ele uma recomendação, parte dos fiéis ainda buscam seguir o vegetarianismo ovo-lacto-vegetariano e o vegetarianismo estrito.

Um ponto interessante observado por Fuckner (2005) foi que “o cardápio adventista norte-americano foi recomendado para diversas regiões do mundo, inclusive para o Brasil, onde se tornou variado, abrindo espaço tanto para os ingredientes importados como para as iguarias da culinária regional” (idem, p. 108-109). Com isso, veremos que alguns alimentos conhecidos no Brasil se tornam artifícios para a argumentação sobre as proteínas, sobretudo as castanhas e a soja, antes mesmo desta última se tornar uma potência do agronegócio nacional. Entre as entrevistas feitas pelo pesquisador, um de seus locutores relata a fraqueza que sentiu quando resolveu parar de comer carne, mas que após alguns dias o corpo se acostumou e ele se sentiu muito melhor. Outros pontos abordados são a própria questão do excesso das proteínas, bem como a versatilidade da soja e sua fácil

adaptação em receitas culinárias “carnívoras”. O que corrobora para a evidência de que a mensagem da saúde adventista permeia, mesmo que adaptada, à prática religiosa.

A importância da soja (ou feijão soja) para os adventistas fica evidente pelo fato de que na primeira edição de Vida e Saúde não temos uma matéria específica sobre o regime alimentar vegetariano, tampouco sobre os perigos do consumo de carne, mas temos um artigo intitulado “Feijão Soja - O Alimento-Maravilha”. Por esse motivo, no próximo capítulo vamos analisar o discurso acerca desse alimento considerado tão precioso para a alimentação adventista, bem como a implementação e desenvolvimento da indústria de alimentos Superbom, responsável por transformar essa “rica fonte de proteínas” em diversas opções de “carne vegetal” enlatada, além de outros produtos promovidos pela dieta adventista. Analisamos, ainda, como o discurso sobre alimentação saudável vegetariana foi trabalhado ao longo das décadas, tendo alguns porta-vozes de destaque, como é o caso de Galdino Nunes Vieira.

5. PARA ADQUIRIR SAÚDE E GOZAR FELICIDADE

A frase que intitula este último capítulo aparece como chamada¹⁴³ na revista pela primeira vez em meados da década de 1950, quando Vida e Saúde passa por uma reformulação na diagramação e editorial da revista. Seu chamado é direcionado a todos aqueles que se preocupam com sua saúde e de seus familiares, para que se informem em uma fonte confiável e amiga. A imagem da família feliz, reunida em torno de uma mesa bem posta, diversa em produtos frescos, mas sem exageros, é estampada nas capas, na divulgação de livros, nas matérias sobre alimentação saudável e também nas propagandas da Superbom veiculadas em Vida e Saúde. Compõe assim o tripé ideal para a sustentação do ambiente familiar: alimentação, saúde e felicidade. A gestão do cuidado em torno desses três elementos, como já visto, recai sobre a mulher. E a família tradicional brasileira, dado o contexto em que está inserida, passa a ser orientada pelo editorial de Vida e Saúde pautando-se por suas especificidades - seja ela a dificuldade em substituir os alimentos cárneos ou livrar-se do costume cotidiano de tomar um cafezinho pelas manhãs.

Desse modo, a visualidade do ideal a ser alcançado passa a ser mostrado na revista de forma cada vez mais sistemático, tornando a revista mais atrativa ao público que poderia não se interessar por conteúdos que até então resumiam-se em texto e ilustrações genéricas, muitas vezes estereotipadas ou exageradas. Como analisado por Morgan (1999), a cultura cristã nunca deixou de se amparar na cultura escrita e oral, mas adicionou mais uma “tecnologia moral” ao seu aparato, não somente para conversão, mas também de diálogo com o mundo para além das fronteiras religiosas, que é a imagem. Badaracco (2007), em seu estudo sobre mídia, religião e medicina, também observa que as religiões têm há muito tempo se valido das estratégias de marketing para divulgar suas mensagens e aglutinar semelhantes por meio das revistas e da mídia de massa. Cabe aqui compreender quais foram as estratégias adotadas em Vida e Saúde para abordar o tema da alimentação saudável, de forma atrativa e não necessariamente pautado apenas nas questões nutricionais.

Partindo desse panorama, investigamos como a alimentação saudável foi comunicada e estampada em Vida e Saúde ao longo da segunda metade do século XX. Como o tema da alimentação interagiu com outras demandas que surgiram ao

¹⁴³ Tratava-se de uma espécie de complemento ao slogan, que na época era: “Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene” (vide Tabela II). .

editorial, como as questões de gênero e de saúde, quais foram as alternativas e argumentos escolhidos para substituir os produtos de origem animal ou aproveitar melhor os alimentos à disposição do público brasileiro. Um exemplo é a obesidade, tema esmiuçado no artigo de Bellotti (2021), que não é colocada apenas como um problema de saúde e moral, mas torna-se também uma demanda a ser inserida no planejamento alimentar da família. Se para emagrecer basta a força de vontade, ela deve contar com a boa vontade dos familiares para transformar o estilo de vida não só do indivíduo, mas de todos ao seu redor. E Vida e Saúde está lá para orientar da melhor forma seu público leitor sobre como fazer trocas inteligentes, sem perder de vista o fator nutricional.

Desse modo, percebemos que há também uma preocupação em relação à harmonia do lar e seu papel na alimentação. Sendo ele um espaço de encontro familiar e comensalidade, o ambiente doméstico possui uma “poderosa influência para o bem”, como diz a capa de Vida e Saúde de setembro de 1981. Alegando que é “na infância e juventude se formam os hábitos de alimentação em torno da mesa familiar” (VYHMEISTER, 1981, p. 07), a autora acrescenta que há uma associação entre as influências familiares, dos amigos, do ambiente educacional e cultural e “fatores internos, como nossas atitudes, crenças e valores”, que resultam na formação de “um modelo pessoal, estável e único, quanto à alimentação, que perdura por toda a vida, e dificilmente se modifica” (idem). Por esse motivo, Vida e Saúde estaria à disposição daqueles que buscavam orientações para o planejamento da alimentação mais saudável para toda a família, procurando sempre pincelar os preceitos adventistas sobre alimentação e saúde em seu discurso aparentemente alheio ao universo religioso.

Em relação à Igreja Adventista do Sétimo Dia, ela é marcada por uma dinâmica organizacional bastante centralizada, tendo no topo de sua estrutura a Associação Geral. Contudo, como já observado por outros autores como Schünemann (2002), isso não impediu que a mesma fizesse um exercício de adaptação, tanto em termos discursivos quanto práticos, ao se inserir em contextos espaciais e temporais diversos. A própria Ellen G. White, em seus escritos, aconselhava os missionários adventistas a esse movimento, especialmente no caso de atuação no campo da saúde. Em meio à jornada missionária, deve-se fazer o esforço de conhecer a língua falada em cada local para que, tão logo, possam apresentar a mensagem da saúde e do tempo do

fim. Em suas palavras, “os que se preparam para obra médico-missionária em campos distantes devem ser animados a partir sem demora ao lugar em que esperam trabalhar, e começar a obra entre o povo, aprendendo a língua enquanto trabalham” (WHITE, 1905, p. 101).

Nesse sentido, percebemos um exercício de intercâmbio entre a cultura alimentar adventista e a cultura alimentar brasileira, olhando para a revista *Vida e Saúde* como um espaço de trocas de conhecimentos e saberes. Se por um lado, ela impunha um modelo relativamente rígido de dieta a ser seguida, ela também abriu portas para a divulgação de produtos e alimentos naturais. Em meados da década de 1950, a revista passa a publicar a coluna “Nossa flora medicinal”, que tem o propósito de divulgar plantas e vegetais diversos, seus usos e potenciais terapêuticos. Essa seção foi inclusive retomada, sob o nome “Plantas”, no período recente pelo editorial da revista, o que evidencia seu caráter atual e atrativo ao público leitor. Enquanto uma revista publicada por e para o público brasileiro, naquele contexto de maior autonomia editorial, vemos os “produtos tropicais” ganharem cada vez mais espaço nas páginas da revista, sendo incorporados em receitas culinárias e motivos de capa.

Nosso interesse, portanto, é analisar a construção de um direcionamento no que tange à alimentação saudável em *Vida e Saúde*, que inicialmente parecia um pouco deslocada em seus editoriais nos primeiros anos, mas passa a cada vez mais realizar o exercício de adaptação às demandas brasileiras. Surgem assim as colunas dedicadas às receitas culinárias, à “arte de comer”, aos conselhos sobre economia doméstica e conservação dos alimentos cada vez mais adaptados à realidade brasileira. Além disso, o próprio surgimento da Superbom, a empresa alimentícia dos adventistas no Brasil, mostra-se como um investimento na preocupação em ofertar ao público brasileiro alimentos de qualidade, mas também viabilizar renda para o missionarismo adventista brasileiro se manter, como assim foi com as escolas e centros de saúde.

Partindo disso, este capítulo também pretende trazer uma revisão histórica sobre o discurso acerca da alimentação saudável e seus benefícios na revista *Vida e Saúde*, mobilizando pesquisas já realizadas em outras áreas de estudo sobre o tema da alimentação adventista, para testar nossa tese de que, por meio do periódico, instituiu-se uma dieta adventista especificamente brasileira, valorizando alguns produtos tanto como alimento, mas também pelo seu potencial terapêutico. Vimos no

capítulo anterior como os adventistas do sétimo dia adaptaram o discurso sobre produtos como o café, o açúcar e a carne em um contexto no qual eles são amplamente consumidos e divulgados culturalmente como parte da identidade e da história da alimentação brasileira. Enquanto uma reconhecida fonte de proteínas, a carne poderia ser substituída por outros produtos provenientes da natureza, como é o caso do “feijão soja” e seus derivados, amplamente divulgados na revista desde as primeiras edições, em 1939. Por esse motivo, dedicamos neste capítulo um tópico para apresentar e discutir a promoção da soja, ou “feijão-soja”, nas páginas de Vida e Saúde.

Por meio da análise das fontes, ainda que elas não declarem abertamente sua vinculação à Igreja Adventista do Sétimo Dia, mostraremos como a alimentação saudável, inserida no estilo de vida adventista e promovida nos discursos médico e midiático, foi se consolidando ao longo do século XX como um traço importante do adventismo no Brasil, consolidando-se hoje não só como um dos elementos mais distintivos da identidade cultural adventista, mas também como seu ponto de contato com o mundo para além das fronteiras denominacionais. O estilo de vida saudável conecta o universo adventista à experiência do sujeito em sociedade, interage com outros campos culturais e aproxima aqueles que não necessariamente estão interessados pelo discurso religioso - ao menos não de forma prioritária. Levamos em consideração, obviamente, o distanciamento que há entre discurso e prática, uma vez que nem sempre os conselhos presentes na revista são incorporados ao estilo de vida em sua integridade. Portanto, percebemos por meio do discurso de Vida e Saúde o que a Igreja Adventista do Sétimo Dia visualiza como o ideal a ser seguido pelo seu público brasileiro, do qual faz parte não apenas a membresia da igreja, mas também - e talvez majoritariamente - leitores leigos.

A perda da referência da identidade adventista em relação ao sábado e à mensagem apocalíptica tem sido tema de discussão pelos próprios teóricos adventistas, como é o caso do historiador George Knight (2010) em seu livro “A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?”, no qual ele sugere que, de fato, esses referenciais identitários têm gradativamente se tornando menos simbólica na cultura adventista e em como a sociedade constrói sua imagem do adventismo. Por isso, o estilo de vida saudável e a ênfase na dieta vegetariana ganha cada vez mais espaço no ser adventista, ao menos é o que mostra

as escolhas editoriais do periódico analisado. Desse modo, a alimentação saudável torna-se cada vez mais um traço definidor do sujeito adventista, juntamente aos outros elementos que são a guarda do sábado e o discurso apocalíptico. Ela é o meio pelo qual o adventismo se apresenta ao mundo e é reconhecido por ele na contemporaneidade.

Além dessa discussão, também realizaremos uma análise da implementação, desenvolvimento e estado da arte em relação à fábrica de alimentos adventista, a Superbom, fazendo uma reflexão sobre a produção de alimentos saudáveis pelos adventistas dentro da lógica industrial e ultraprocessada. Muitas propagandas dos produtos da Superbom foram veiculadas na revista Vida e Saúde, de forma a indicar as alternativas mais saudáveis nas prateleiras do mercado alimentício brasileiro aos seus leitores e leitoras. É interessante notar que os produtos da Superbom integram não apenas a dieta adventista, mas vegetariana e vegana de modo mais amplo. Desse modo, nosso recorte temporal pretende avançar um pouco mais adiante, fazendo um comparativo entre as primeiras décadas da revista Vida e Saúde - o período “americanizado” - em contraponto ao período de “abrasileiramento” da revista, a partir da década de 1970, atentando-se às transformações, mas também às permanências entre os períodos.

5.1 O Novo Maná para as donas de casa

Maná, na tradição judaico-cristã, é o alimento milagroso¹⁴⁴ que Deus ofereceu a Moisés e ao povo de Israel na peregrinação pelo deserto em busca da terra prometida, conforme narrado no livro de Êxodo, capítulo 16. O maná é também referenciado no *Nisto Cremos*, uma espécie de manual de condutas adventistas, que o relaciona à guarda do sábado, pautando-se também pelas passagens bíblicas de Êxodo, no qual Deus teria orientado os israelitas a reservem uma quantidade suficiente de maná para servi-los ao longo do dia, mas sem reservas excedentes, estas que estragariam se assim o fizessem. Contudo, conforme explica o manual adventista, no sexto dia “deveriam eles colher em dobro, de modo que houvesse o suficiente para atender as suas necessidades naquele dia e no dia seguinte, o sábado”

¹⁴⁴ “Os israelitas deram àquele alimento o nome de maná. Ele era parecido com uma sementinha branca e tinha gosto de bolo de mel. Moisés disse: O Senhor Deus mandou que fossem guardados dois litros de maná para que, no futuro, os nossos descendentes possam ver o alimento que ele nos deu para comermos no deserto, quando nos tirou do Egito” (Êxodo, 16:31-32).

(NISTO CREMOS, 2018, P. 318). Essa relação entre alimentação, a escatologia adventista e a guarda do sábado como dia de descanso para aguardar o iminente retorno de Cristo à Terra se torna bastante evidente em várias passagens da obra, como também nos escritos de Ellen G. White. No livro Nisto Cremos, outro comentário sobre o maná reforça essa relação, mostrando a longevidade e a necessidade da preparação para a guarda do sétimo dia: “durante quarenta anos, ou mais de dois mil sábados consecutivos, em que os israelitas estiveram no deserto, o milagre do maná os fez recordar esse esquema de seus dias de trabalho e um de descanso” (idem, p. 319)

Desse modo, não é de forma aleatória que a soja aparece como o “novo maná” em Vida e Saúde. O “feijão-soja” foi tema de muitas matérias no periódico adventista ao longo de todo o período de publicação no século XX, desde conteúdos voltados à promoção do alimento e sua riqueza nutricional às receitas culinárias à base do grão “milagroso”. Em agosto de 1952, o artigo assinado pela dietista Maria de Lourdes Melo¹⁴⁵, intitulado “Feijão Soja, o Novo Maná para as Donas de Casa”, demonstra o lugar do produto nas páginas da revista, com frequente promoção e divulgação, considerado um “alimento riquíssimo e ao alcance de todas as classes sociais” (MELO, 1952, p. 09). Assim, essa matéria se destaca não só pela associação entre o grão com o “maná”, termo usado para nomear o alimento milagroso de Deus narrado na Bíblia, como também dialoga com o cenário sócio-econômico do Brasil à época. Apesar de o Brasil ter passado por um cenário relativamente otimista no período do pós-guerra e do fim do Estado Novo (1937-1945) no que tange aos quesitos econômicos, a população ainda assistia uma forte desigualdade social, além de que boa parte ainda estava inserida no meio rural.

Vianna e Villela (2011) analisam que, a nível mundial, o pós-guerra foi marcado pelo início da Guerra Fria e da chamada “escassez de dólares”¹⁴⁶, o que levou o Brasil a tomar medidas políticas e econômicas, abandonando o modelo liberal iniciado no governo de Eurico Gaspar Dutra e traçando caminho para o desenvolvimentismo

¹⁴⁵ Na matéria, a autora é identificada como “Dietista da Secretaria de Saúde e Assistência, Minas Gerais”. Não foram encontradas informações adicionais, tampouco sobre seu vínculo com a IASD.

¹⁴⁶ De acordo com os autores, trata-se da dificuldade financeiras enfrentadas pelos países devastados pela 2ª Guerra Mundial de se reconstruírem, não apenas em termos materiais, fazendo com que os Estados Unidos tivessem um protagonismo em termos econômicos e no fornecimento de bens de consumo à nível mundial entre 1945 e 1949. É interessante destacar que esse período também marca o triunfo da missão adventista Estados Unidos afora, como bem mostrado por Schünemann (2002) em sua tese.

assistido na segunda metade da década de 1950 com a eleição de Juscelino Kubitschek. Entre as deliberações tomadas no período, temos a “adoção de controles cambiais e de importações e a criação de um aparato regulatório em diversas áreas do domínio econômico” (idem, p. 1). Destaca-se ainda o retorno de Getúlio Vargas ao poder, entre 1951 e 1954, numa campanha encabeçada pela defesa da industrialização do país e da ampliação das leis trabalhistas (idem, p. 08), o que fez com que o governo estabelecesse parcerias com os Estados Unidos para trazer investimentos e maquinário industrial ao Brasil (idem).

De todo modo, esse forte investimento na industrialização do país demorou a trazer resultados em termos econômicos, sobretudo às camadas mais pobres da sociedade. Por esse motivo, não era incomum encontrar não apenas em *Vida e Saúde*, mas também em outros periódicos que tratavam sobre economia doméstica, alternativas menos custosas para as despesas familiares com alimentação, higiene, vestuário, etc. Voltando ao texto de Melo, vemos que seu argumento se estrutura justamente pela via econômica, adequando-se ao contexto brasileiro para divulgar os benefícios da soja. A autora começa o texto dizendo que, se “não fora a ascensão vertiginosa nos preços dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, tornando-os inacessíveis mesmo para a classe de médios recursos, o feijão soja não seria lembrado pelo povo brasileiro” (MELO, 1952, p. 09). Assim, a dietista afirma que foi necessário o aumento excessivo dos preços da carne, ovos e leite para que o brasileiro descobrisse e, mais importante do que isso, inserisse a soja como fonte importante de proteína na dieta alimentar.

Ela segue dizendo que seu benefício, bem como seu amplo uso, já é familiar a outras populações, alegando ser “comprovado o poder alimentício do feijão soja pela sobrevivência e ainda mais o superpovoamento da China e do Japão, onde a alimentação é fundamentalmente dessa leguminosa” (idem). Mas teriam sido os norteamericanos aqueles que evidenciaram, “à luz da ciência”, o seu potencial nutricional. No Brasil, ainda carece de sua popularização tanto no consumo quanto no cultivo, uma vez que a produção “quase toda de particulares, não vai chegar nem mesmo para satisfazer a curiosidade de nossas donas de casa” (idem). Ainda assim, a autora garante que há o interesse de “autoridades governamentais” na “produção do feijão soja em nossa terra” (idem). Além disso, no âmbito do seu consumo, incluiria por parte

da Secretaria de Saúde e Assistência a “distribuição de folhetos instrutivos” sobre como “obter o leite e outros produtos do feijão soja na indústria caseira” (idem).

Com uma visão positiva sobre a inserção da soja na cultura alimentar brasileira, Melo afirma ser necessário “paciência, entusiasmo, e porque não dizer patriotismo?” (idem, p. 10), uma vez que se trata de um cultivo que traria benefícios econômicos e nutricionais à população brasileira. Voltando à metáfora bíblica, Melo traça semelhanças entre a passagem narrada em êxodo e os “recantos do Brasil”, como o Norte e Nordeste, nos quais “a seca flagela seus habitantes” (idem), motivando o cultivo e consumo do “miraculoso alimento” que é o feijão soja. Em suas palavras, “basta um momento de reflexão para se avaliar o que representa para o país o êxodo dos flagelados pela seca em busca do alimento!” (idem), se mostrando solidária e a par da situação socioeconômica da população brasileira. A título de conclusão, Melo afirma que a soja possui os mesmos nutrientes de produtos “que o pobre não pode comprar”, como a carne, ovos, leite e seus derivados (idem).

É interessante notar, nessa matéria e em outros conteúdos sobre alimentação em Vida e Saúde, que a função de preparo do alimento é sempre depositada nas mulheres, assim como outras tarefas ligadas ao âmbito familiar e doméstico. Isso não é uma novidade nas revistas brasileiras voltadas ao público feminino, mas um tema já explorado em outros trabalhos como de Swain (2001), Souza (2011), Luca (2012) e Pilla (2016), para citar apenas uma pequena amostra das pesquisas acadêmicas que exploram a intersecção entre mídia impressa e relações de gênero. Em Vida e Saúde, as seções dedicadas às receitas e dicas culinárias ao longo do século XX são diretamente ou indiretamente direcionadas ao público feminino, ou seja, se não está estampado no próprio título, como foi o caso da “Página da Dona de Casa”, é evidente no conteúdo veiculado. Mesmo nos últimos anos pesquisados (final da década de 1990), é possível perceber essa analogia entre a responsabilidade pelo planejamento e gestão da alimentação familiar com o gênero feminino, especialmente pelas imagens selecionadas para ilustrar os conteúdos específicos¹⁴⁷, ainda que haja um

¹⁴⁷ Um exemplo é o concurso “Ganha quem faz”, lançado na década de 1990 junto à seção de receitas culinárias. O concurso consistia em concorrer a uma camiseta da Vida e Saúde mediante o envio de “uma receita original e 100% vegetariana (sem carne, ovos, leite, queijo e produtos refinados)” (ver Vida e Saúde, fevereiro de 1996). As receitas deveriam ser originais e testadas. Junto ao anúncio da campanha, vemos uma jovem sorridente, usando uma camiseta da Vida e Saúde, em frente a diversos alimentos frescos, cereais, uma panela e um pequeno pilão.

esforço em quebrar esses padrões retirando as marcações de gênero dos títulos de seções e matérias.

Logo no primeiro ano de circulação, Vida e Saúde publicou ao menos três matérias sobre a soja: “Feijão Soja - O Alimento-Maravilha”¹⁴⁸ em janeiro, “Mais fatos a respeito do feijão soja” em maio, e “Conselhos práticos sobre o plantio da soja no Brasil” em junho. Esta última se destaca por classificar o feijão soja como “uma das futuras riquezas do Brasil” (Conselhos práticos..., 1939, p. 09). Trata-se de um texto curto e sem autoria identificada¹⁴⁹, mas que visa explicar em linhas gerais como selecionar a variedade da planta (a depender da intenção como produto final - alimentação, forragem, produção de óleo, etc), o preparo do solo e o processo de plantio e colheita. A informação dada logo de início de que “o cultivo da soja está despertando interesse entre os nossos modernos lavradores” era o que de fato acontecia no momento. Apesar da planta ter ingressado no Brasil ainda no século XIX e ter sido cultivada pelos imigrantes japoneses em São Paulo no início do século XX, é na década de 1940 que a cultura começa a aparecer nas estatísticas oficiais de produção brasileiras (BONATO e BONATO, 1987, p. 09).

Conforme mostram os pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Emidío e Ana Lídia Bonato, até meados do século XX a produção de soja estava concentrada nos países orientais, sobretudo China, Japão e Coreia, onde seu consumo também é bastante expressivo, com registros que ultrapassam 2000 a. C. (idem, p. 08-10). Antes do Brasil se consolidar como um dos principais produtores de soja do mundo, os Estados Unidos já haviam despertado o interesse para o seu plantio, sendo que em 1942 eles ultrapassaram a China e se ocuparam o primeiro lugar na produção mundial, posição sustentada por décadas até que na última década, foi superado pela produção brasileira. Dentre as condições favoráveis à cultura da soja no Brasil, os autores destacam a facilidade de adaptação, a possibilidade de total mecanização da produção e as condições favoráveis no que diz respeito ao mercado (demanda e consumo) (idem, p. 10). Na década de 1970, uma mudança importante ocorreu no cenário de produção de soja no Brasil, que foi a

¹⁴⁸ Essa referência à soja como um “alimento maravilhoso” também está presente em outras matérias sobre o tema, se estendendo até o final do século XX e início do XXI, a exemplo do tópico “Feijão Maravilha” que aparece na seção Saúde no Mundo na edição de outubro de 1999 e o artigo “A rainha das leguminosas - Conheça a soja, o feijão maravilhoso” publicado na edição de março de 2000.

¹⁴⁹ Apenas informam ao final do texto que ele foi retirado da edição de março de 1939 do periódico “Sítios e Fazendas”.

criação da variedade doko, adaptada para ser produzida na região do Cerrado¹⁵⁰. Apesar de ser vista como um triunfo por parte das empresas estatais que gerenciam a produção agrícola do Brasil, como a Embrapa e a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), atualmente a produção dessa e outras variedades de soja está fortemente ligada ao aumento do desmatamento e das queimadas, da grilagem de terras e do enfraquecimento da biodiversidade, sobretudo na região da Amazônia e do Cerrado¹⁵¹.

De fato, a soja está impregnada em nossa cultura, seja ela econômica, ambiental, alimentar. Apesar de seu uso ser direcionado majoritariamente para a forragem animal, e atualmente, também como base para produtos ultraprocessados, acreditava-se no início de sua introdução no país que ela poderia ser uma boa alternativa alimentar para diminuir os índices de fome, servindo sobretudo como substitutivo da carne e derivados animais para o fornecimento de proteínas. Em *Vida e Saúde*, observamos a força do argumento de que a soja é a “carne” ao alcance de todas as classes, o que fazia sentido ao contexto e ao poder econômico da maioria da população brasileira nas primeiras décadas de publicação da revista. Posteriormente, destaca-se também sua qualidade superior à carne, esta vista como uma fonte de proteínas de “segunda classe”. Discurso este que também se faz presente nas revistas adventistas estadunidenses desde o século XIX, especialmente em *The Good Health*, sob direção do Dr. Kellogg.

A profetização da soja como um alimento do futuro, seja por oferecer um melhor custo-benefício em relação à carne e derivados animais, seja pelo crescimento do seu plantio visando o fim da fome no mundo, aparece em *Vida e Saúde* recorridas vezes ao longo de suas edições. Referenciada como “alimento maravilha”, “rainha das leguminosas”, sua descoberta é sempre atribuída aos povos orientais, detentores dos saberes e fazeres em torno do grão “milagroso”. Já na primeira edição da revista, o

¹⁵⁰ A variedade doko foi anunciada via Comunicado Técnico da Embrapa em maio de 1981. De acordo com o documento, a variedade “foi selecionada por apresentar resultados superiores às demais cultivares introduzidas na região”. Após apresentar os resultados obtidos em pesquisas ao longo de toda a década de 1970, o comunicado informa nas considerações finais que os investimentos feitos pela Embrapa sobre a soja “são altamente compensadores”, considerando não só as pesquisas feitas em torno da variedade, mas também do “controle de plantas daninhas com o uso combinado de herbicidas e capina mecânica, manejo de pragas e redução de perdas na colheita” (CROCOMO; SPEHAR, 1981). Documento disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/99122/1/comtec-16.pdf>. Acesso em 19/05/2024.

¹⁵¹ Para saber mais, ver o relatório produzido pela Rede Social de Justiça e Direitos Humanos: PITTA, MENDONÇA e STEFANO, 2022.

feijão soja é apresentado aos leitores e leitoras pelo Dr. Perry A. Webber¹⁵². De acordo com o autor, apesar de países como China e Japão fazerem pouco uso de carne e produtos lácteos, se comparado aos países ocidentais, seu regime é equilibrado justamente por conta do consumo da soja de diferentes formas. Diz ele que “as nações orientais, mediante o uso da fonte mais econômica de proteína contida no feijão soja, podem competir com as nações que dependem de mais dispendiosa proteína de fonte animal, e vender seus produtos mais baratos que elas” (WEBBER, 1939, p. 16). Esses produtos, conforme listados por Webber, seriam o leite de soja, o queijo de soja (tofu), a farinha de soja, entre outros alimentos elaborados a partir da soja em grãos. A certeza é que, nas palavras dele, “inegavelmente o feijão soja está destinado a tornar-se artigo universal de alimentação no regime alimentício” (idem, p. 17).

Em março de 1953, Maria de Lourdes Melo, mesma dietista que relacionou a soja ao maná no ano anterior, voltou a escrever sobre o “miraculoso feijão soja através dos tempos” (MELO, 1953, p. 10). A autora inicia seu texto alegando que, apesar de estar em época de colheita do feijão soja, “isso pouco representa porque desconhecemos o valor que o mundo inteiro dá à preciosa leguminosa soja” (idem). “Nós”, nesse caso, são os brasileiros, que inseridos no cenário ocidental, só foram conhecer o “real valor alimentício” do grão após as grandes guerras da primeira metade do século XX, que “nos puseram diante dos olhos um povo antigo, milenário” sobreviveu a diversas intempéries “sustentado quase que exclusivamente pelos nutritivos grãos do feijão soja” (idem), que seria os povos do Oriente, em especial a China, lugar no qual registra os primeiros usos da soja na dieta alimentar.

Melo demonstra inconformismo com a inércia do Brasil em disseminar a produção e consumo de soja, pois para ela, “nós brasileiros ouvimos o mundo inteiro entoar louvores ao feijão soja, mas ainda estamos longe do cântico em conjunto, esperando que algo aconteça pior do que esta desnutrição frusta que vem minguando organicamente a nossa gente, para, então nos despertarmos” (idem). Entoando o coro desenvolvimentista, ela afirma ser urgente o investimento do Estado brasileiro na industrialização relacionada ao plantio e processamento da soja, afinal, uma vez conhecida suas propriedades nutritivas “que o emparelham às carnes, leite, ovos -

¹⁵² Doutor em nutrição pelo *Madison College*. Atuou como missionário adventista no Japão na década de 1930. Conforme o levantamento feito por Bellotti (2020d), ele atuou em pesquisas sobre as propriedades da soja e chegou a fundar uma empresa que produzia e comercializava produtos à base de soja, a *Madison Foods*.

alimentos caros e que o pobre infelizmente não pode consumir, será desumanidade negar à classe menos favorecida um alimento de tão fácil obtenção e de tão grande valor biológico” (idem). Clamando às “autoridades que zelam pela saúde”, ela pede que “acordemos com a realidade dos Estados Unidos”, país que vinha se tornando uma importante potência na industrialização do plantio e usos diversos da soja.

A soja é frequentemente comparada à carne por suas propriedades nutricionais, sobretudo pela alta quantidade de proteína. Essa comparação se torna bastante evidente em Vida e Saúde por meio de matérias encontradas em edições da década de 1960 que se referem à soja como “carne sem ossos”. Em setembro de 1963, a revista veiculou o artigo “Soja - Carne sem Ossos”, assinado por Royalynn Case¹⁵³ e Ida Bergold, que são identificados nele como “Dietistas do Hospital Silvestre”¹⁵⁴. Assim como o artigo de Maria de Lourdes Melo, este também rememora as origens do uso alimentício do feijão soja no Oriente e, segundo dizem, “foram os chineses que deram à soja o nome descritivo de ‘carne sem osso’” (CASE; BERGOLD, 1963, p. 16). Tratando-se de um texto publicado dez anos mais tarde que o de Melo, aqui encontramos uma visão mais otimista sobre a inserção da soja no país, uma vez que, segundo as dietistas, “o alto valor nutritivo da soja fêz com que alcançasse fama e aumentasse em popularidade na última década” (idem).

As autoras também promovem a relação custo-benefício da soja, pois “comparando o custo de um quilo de soja com um de carne, verificar-se-á que é muito menos dispendioso comprar a proteína necessária ao organismo na forma de soja, do que na de carne” (idem). Aqui, é interessante notar que a soja é vista quase que exclusivamente como uma fonte de nutrientes essenciais, no caso, a proteína. Ignorando a dimensão do gosto e da cultura alimentar do contexto em que estão inseridas. Sobre isso, Case e Bergold limitam-se a dizer que a grande questão é o

¹⁵³ Royalynn Case foi uma dietista e missionária adventista estadunidense. De acordo com o Boletim da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, coluna “*From home mission, To mission home*”, ela chegou na cidade do Rio de Janeiro para atuar como missionária no hospital adventista no em 16 de janeiro de 1963. As informações veiculadas sobre a missionária, junto a um retrato seu, foram as seguintes: “*Miss B. Royalynn Case arrived in Rio de Janeiro, Brazil, on January 16, 1963. Miss Case formerly served overseas as Director of Food Service in the Bangkok Sanitarium and Hospital, Thailand, and is now working as dietitian in the Rio de Janeiro Hospital. We extend a hearty welcome to Miss Case as she joins the staff of overseas workers in the South American Division*”. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/SAB/SAB19630701-V39-03.pdf>. Acesso em: 20/05/2024.

¹⁵⁴ Atualmente, Hospital Adventista Silvestre, localizado no Rio de Janeiro-RJ. Instituição pela qual diversos médicos referenciados na revista Vida e Saúde atuaram, além de ser frequentemente promovida nas páginas do periódico reservadas a propagandas diversas.

preparo, afinal, “há muitas pessoas convencidas de que a soja é realmente bom alimento, mas o problema é que não sabem prepará-la numa forma aceitável à família” (idem). Dito isso, elas ocupam-se em orientar o modo correto e mais proveitoso de se preparar a soja, bem como introduzir seus subprodutos, como o leite de soja e o tofu, na dieta alimentar. Como dietistas, além de conscientizar os leitores sobre os benefícios da soja e o seu modo de preparo, também se ocupam em oferecer algumas receitas protagonizadas pela leguminosa: soufflê de soja, croquetes de soja e aveia, patê de soja, croquetes de soja e cevadinha, assado de soja e amendoim, “assado princesa”, leite de soja e biscoitos usando a polpa do leite de soja (idem, p. 17, 23-24).

Outra matéria chamada “Carne sem Osso” foi publicada na edição de novembro de 1968, assinada pelo Dr. J. DeWitt Fox¹⁵⁵. Novamente, localizam sua origem de consumo no oriente, mas dessa vez afirmando que foram os japoneses aqueles que denominaram a soja como “carne sem osso” (DEWITT FOX, 1968, p. 08). Seja na China ou no Japão, o importante para as matérias sobre a soja é referenciar o conhecimento milenar sobre suas propriedades nutricionais e versatilidade de usos na dieta alimentar. O autor segue contando a trajetória da soja ao longo da história até sua chegada aos Estados Unidos, onde teve uma significativa adesão na agricultura e na alimentação nas últimas décadas naquele momento. Nessa altura do texto, algumas linhas são escritas entre colchetes, o que indica que informações acrescentadas pelo editorial da revista, uma vez que a matéria de DeWitt Fox provavelmente foi traduzida de outro periódico não identificado. Essas informações buscam contextualizar a situação da soja no Brasil, dizendo o seguinte:

Aqui no Brasil o soja produz com abundância, especialmente no Sul, verificando-se colheitas cada vez maiores, com considerável exportação para a Europa. Seu consumo aqui tende também a aumentar, graças à campanha em favor de sua vulgarização, empreendida pelo nosso Departamento de Agricultura e pela imprensa, especialmente, dizemo-lo sem envaidecimento, pela Vida e Saúde (idem).

Vemos assim o editorial de Vida e Saúde reivindicar seu posto de pioneiro na divulgação da “palavra da soja” no Brasil, uma vez que ela já estava bastante popularizada entre os adventistas em outros lugares, como nos Estados Unidos. Após

¹⁵⁵ Médico e evangelista, assíduo escritor para as revistas adventistas sobre saúde e bem-estar, como a *Life and Health*, da qual foi editor. Aparece também em Vida e Saúde escrevendo sobre fumo e outros assuntos.

esse acréscimo do editorial, DeWitt Fox segue dizendo que a soja pode “reclamar para si o título de carne vegetal, ou, como dizem os orientais, carne sem osso” (idem, p. 09). Mas curiosamente, o autor afirma que “não deve o soja ser considerado primariamente como substituto da carne, mas antes como alimento proteico para complementar outros alimentos (idem). Ainda assim, ressalta que a soja supera diversos alimentos na quantidade de proteínas, incluindo a própria carne, sobre a qual a relação é duas vezes maior. Por último, DeWitt Fox orienta os leitores para que “conserva os olhos no soja” e oferece algumas dicas de consumo para aquele que “quiser ter, logo de manhã, uma enorme disposição para o trabalho” (idem).

Em Vida e Saúde, quando não equiparam a soja à carne em termos nutricionais, a colocam em uma posição superior, uma fonte de proteína de “primeira classe”. É o caso de artigos como “Um Produto que Está Tornando a Carne Obsoleta!” publicado em março de 1976 e “Proteína texturizada de soja, base da alimentação do futuro” de setembro de 1981. A primeira matéria, assinada por Franklyn Peterson¹⁵⁶, invariavelmente começa mencionando a China e suas descobertas milenares acerca da soja. Reiterando suas qualidades, Peterson informa que “a Natureza acondicionou na soja o dobro da porcentagem de proteína encontrada na carne de boi, três vezes a porcentagem encontrada nos ovos e onze vezes a porcentagem de proteína contida no leite integral”, o que faz dela, na perspectiva nutricional, “um alimento quase perfeito” (PETERSON, 1976, p. 19).

Do ponto de vista da agricultura, é também considerada uma boa alternativa pela sua facilidade de cultivo, segundo Peterson. Utilizando-se do exemplo estadunidense, o autor afirma que no processamento pela indústria, “nenhuma parte dos grãos de soja é perdida” (idem, p. 20). Garantindo que a soja é uma excelente fonte de proteína, Peterson se questiona: “um bife bem espesso é uma boa fonte de proteína, mas quem pode comê-lo com regularidade” (idem). Nesse ponto, a dúvida se direciona à questão de preço, mas pode ser também entendida como um dispêndio ao organismo. Para atrair o público leitor, o texto se utiliza do exemplo de Henry Ford,

¹⁵⁶ Foi encontrado um perfil na Enciclopédia Adventista em nome de Frank Loris Peterson, estadunidense que entre outras funções exercidas na IASD foi educador e autor, mas não foi possível concluir se diz respeito à mesma pessoa. O texto diz: “*Frank L. Peterson, pastor, educator, administrator and author, was one of the denomination’s foremost Black leaders from the 1930s to the 1960s. He was president of Oakwood College for nearly a decade and the first Black Adventist to become a vice president of the General Conference*”. Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=EICH>. Acesso em: 21/04/2024.

empresário e engenheiro fundador da marca de automóveis Ford, o qual “procurava promover a soja como alimento” em suas horas livres, uma vez que “ele oferecia banquetes à elite da sociedade com produtos à base de soja, esperando incentivar assim os comedores de carne a mudar de regime” (idem). Entretanto, sendo ou não verdade, o próprio autor pondera dizendo que Ford foi “mais bem sucedido em iniciar uma revolução industrial, do que em promover uma revolução alimentar” (idem).

Ainda assim, se há um grupo bem-sucedido em promover o regime alimentar vegetariano e a soja como alimento proteico foram os adventistas. Conta Peterson que já na década de 1930 existiam pelo menos duas companhias “bem sucedidas comercialmente neste setor” que foram fundadas pelos adventistas, colocando “à venda 50 imitações de produtos cárneos feitos de soja” (idem). Recorrendo a outra figura conhecida na época, ele narra outra história, essa envolvendo as carnes vegetais: uma dessas companhias adventistas “certa vez convidou Fidel Castro a almoçar numa escola paroquial em Cuba. - Estes foram os melhores pedaços de carne de porco que eu já comi - disse ele limpando a barba. Mas esses ‘pedaços de carne’ feitos de soja jamais estiveram ligados a esse animal” (idem). Se a surpresa de Fidel chegou a nomear alguma indústria alimentícia adventista em Cuba, assim como foi com Getúlio Vargas no Brasil, não saberemos dizer, mas é no mínimo curioso o apelo à essa figura popular e controversa, especialmente na ótica adventista, nas páginas de Vida e Saúde para reafirmar a qualidade dos seus produtos à base de soja.

Peterson segue explicando que a farinha de soja, resultado de um processo de refinamento do grão, torna-se base para esses produtos chamados de carne vegetal, a exemplo do hambúrguer vegetal. Segundo consta, “variando os aditivos de cor e sabor, os cientistas podem confeccionar produtos da proteína da soja com quase a mesma textura, aparência e gosto da carne de galinha ou presunto” (idem, p. 21), e para pontuar ainda mais, diz ele que “tem mais proteína, menos gordura e menos colesterol. E o preço é menor” (idem). Desse modo, todos os fatores indicam para a superioridade da carne vegetal em comparação à “carne real”. Podemos notar, nessas e em outras matérias sobre a soja já analisadas, que o fator econômico¹⁵⁷ foi um

¹⁵⁷ Nesse período, os preços de diversos gêneros alimentícios eram tema recorrente nos jornais brasileiros. Em sua edição de 20 de novembro de 1970, o Correio da Manhã informou sobre o aumento de diversos produtos na cidade do Rio de Janeiro, de acordo com dados fornecidos pelo IBGE, alertando para o fato de que “quase tudo subiu mas a carne é comida para rico”. Consultado em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_08&pagfis=14130. Acesso em: 21/07/2024.

argumento preponderante no contexto em que o conteúdo foi veiculado, assim como o valor nutricional da soja em relação à carne animal. Como veremos, esse investimento em produtos à base vegetal que imitam sua textura, sabor e aparência não parou no século XX, mas se estendeu e ganhou força no século XXI, sobretudo na última década.

A outra matéria sublinhada sobre os produtos à base de soja que buscam imitar a carne animal apresenta a proteína texturizada de soja, conhecida também como PTS e PVT (Proteína Vegetal Texturizada)¹⁵⁸. O texto de J. Artigas Garcia¹⁵⁹, identificado pelo editorial de Vida e Saúde como “Químico, Microbiologista e Dietista”, inicia seu argumento com a seguinte alegação:

É ilusório supor que se pode continuar alimentando a presente expansão populacional do mundo com a atual indústria alimentar; em futuro próximo, teremos que privar-nos dos alimentos animais, que representam uma fonte cara e tóxica - e de possibilidades muito limitadas de proteína - para dedicarmos cada vez mais à proteína vegetal, destinada a ser a base da alimentação humana” (GARCIA, 1981, p. 32).

De fato, hoje a soja está presente em boa parte dos produtos ultraprocessados que encontramos nas prateleiras dos supermercados. Mas antes de a soja se tornar uma superpotência, sob perspectivas positivas e negativas, existia por parte de alguns setores, entre eles os adventistas, a crença genuína de que a soja resolveria os problemas da fome e da desnutrição do mundo. Nessa matéria, Garcia menciona o despertar do “enorme interesse” da indústria mundial em produzir alimentos com alto teor de proteína à base de soja, visando a “solução de nossos problemas alimentares” (idem).

Entretanto, apesar de reconhecer o potencial de aplicação da soja, o autor sugere a “necessidade de revisar as investigações ou o desenvolvimento das aplicações alimentícias dos produtos derivados das proteínas de soja nos últimos 20 anos”, uma vez os produtos inicialmente foram importados e adaptados à dieta ocidental, mas que, de acordo com Garcia, observou-se o movimento contrário, de produtos ocidentais rumo ao oriente, nos últimos anos. Nesse movimento de “intercâmbio de hábitos alimentares” (idem), muitas dúvidas surgiram em torno de sua composição e possíveis efeitos ao organismo. Assim, “apesar dos intensos trabalhos

¹⁵⁸ Em língua inglesa, TVP - *Textured Vegetable Protein*.

¹⁵⁹ José Artigas Garcia, autor do livro *La Dieta Cosmética* (1983). Não foram encontradas outras informações consistentes sobre ele.

de investigação levados a cabo nas últimas décadas, ainda há muito o que aprender” (idem). Entre os problemas apontados por Garcia estaria o “peculiar aroma da soja”, sobre o qual os cientistas já estariam próximos de uma solução, o que abriria “um novo campo para a aplicação da soja na alimentação humana” (idem).

Entre os produtos derivados de soja classificados como “mais promissores” pelo autor está o PVT, que é bastante recomendado nas receitas culinárias vegetarianas publicadas em Vida e Saúde. Explicado como um análogo à carne, Garcia explica em poucas linhas as etapas de processamento dos grãos de soja até que fiquem com “formas e texturas semelhantes às da carne”, que “depois de secos, contêm uns 50% de proteína” (idem, p.33). Sendo assim, o produto preservaria a qualidade nutricional, mas com o benefício de se “evitar o sabor menos agradável da soja e a flatulência que esta produz” (idem). Outro ponto positivo apontado por Garcia é que, devido à textura e sabor - “se bem condimentados”, reconhece o autor; apesar de os adventistas se oporem ao uso de condimentos -, a soja texturizada poderia substituir a carne em “pratos tradicionais de qualquer tipo de cozinha internacional” (idem). Para finalizar sua argumentação, Garcia reforça a superioridade da carne vegetal em relação à carne animal, seja em valor nutricional ou monetário:

Com o tempo, é de se esperar que estes texturizados - substitutos da carne - se vão impondo, não só por suas vantagens dietéticas e seu valor nutritivo superior ao da carne, mas em virtude de esta haver alcançado preços tão proibitivos no futuro, que não poderão ser atingidos pelos bolsos de economia intermediária (idem).

Outro subproduto da soja bastante disseminado na comunidade adventista e, por conseguinte, em Vida e Saúde, é o leite de soja. Na edição de junho de 1966, o Dr. Álvaro Murce¹⁶⁰ discute os benefícios do leite vegetal à base de soja, com ênfase no uso “como fator econômico e de substituição do leite de vaca na criança normal” (MURCE, 1966, p. 06). Naquele contexto, conforme explica o autor, o leite de soja já era conhecido como uma alternativa às pessoas com alergia e intolerância ao leite de

¹⁶⁰ Abaixo do nome do autor, o editorial da revista informa que a matéria foi transcrita de outro periódico, “Tribuna Médica”. Na última página, depois de findado o texto de Murce, há um quadro informando que o autor, “pediatra e um dos mais assíduos colaboradores de Tribuna Médica” havia falecido recentemente em acidente automobilístico. Também de acordo com o editorial, Murce vinha se dedicando ao estudo dos problemas alimentares em crianças e a aplicação do leite de soja como alternativa nutricional. O texto republicado em Vida e Saúde teria sido o último escrito de Murce à Tribuna Médica. Sua missa de sétimo dia foi noticiada pelo Jornal do Brasil em 1º de agosto de 1965 (p. 28), conforme consultado em: https://memoria.bn.gov.br/pdf/030015/per030015_1965_00178.pdf. Acesso em: 22/05/2024.

vaca. Entretanto, Murce procura mostrar, também, a “excelência do seu uso na criação normal ou sadia” (idem). Sua recomendação nesses casos é justificada por dois motivos, citados assim: “1) o fator econômico; 2) as situações de emergência em que vale para substituir o leite de vaca em suas faltas eventuais” (idem). A justificativa seria de que, apesar de o Brasil ser o terceiro maior produtor de leite do mundo, sua produção não supre as necessidades diárias do povo, além de ter um custo maior se comparado ao leite vegetal. Por isso, devido a sua “falta de produção regular à venda”, o autor da matéria ocupa-se em explicar como o leite de soja pode ser “preparado nos domicílios, partindo do grão ou da farinha que se adquirem no comércio” (idem).

De fato, conforme mostram Linné e McCrow-Young (2017, p. 196), os leites vegetais surgem no século XX, não no sentido de descoberta, mas de presença de mercado, como uma alternativa “*free from*”, direcionados ao público com alergias alimentares e com intolerância à lactose, e só depois passam a integrar a interface da causa animal e das restrições alimentares por motivações diversas, entre elas religiosas, como é o caso dos adventistas. Os autores têm uma perspectiva interessante de que “o leite vegetal passou de uma alternativa ao leite de vaca para um leite alternativo, um alimento rico em significado político e simbólico, e parte integrante do ativismo animal” (idem, tradução nossa). Esses leites *plant-based* - derivados de arroz, soja, aveia, amêndoas, etc. - não apenas “incorporam diversas identidades sociais e políticas”, como também “trazem à tona questões relacionadas ao desenvolvimento da tecnologia alimentar, como os avanços científicos no campo da biologia sintética” (idem, p. 196-197, tradução nossa).

Conforme resgatam os autores (idem, p. 197), os usos do leite de soja remontam à Dinastia Han na China do século III a.C., sendo mencionado frequentemente na literatura chinesa ao longo dos séculos desde então. Entretanto, o seu consumo cotidiano não era tão comum, uma vez que possuía alguns problemas relacionados ao sabor e textura, desagradáveis ao paladar. Somente entre os séculos XVIII e XIX é que os chineses descobriram que “o aquecimento prolongado tornava-o mais palatável e digerível” (idem, tradução nossa). Ainda assim, foi na passagem do século XIX para o XX que o leite de soja se tornou popular no mundo ocidental, tornando-se o primeiro leite vegetal a se tornar uma mercadoria global. Linné e McCrow-Young (idem, p. 197-198) afirmam que, no contexto estadunidense da época, o leite de soja começa ser cada vez mais mencionado em pesquisas científicas

relacionadas à nutrição, sobretudo infantil, lançado já em 1909 a primeira fórmula à base de soja para alimentação de crianças.

Ao longo do século XX, inúmeras foram as empresas que imprimiram suas marcas de leite vegetal no mercado global. A primeira foi a Soy Lac, em 1917. Em 1940 em Hong Kong surge também a *VitaSoy*, que segundo os autores (idem, p. 198) foi uma pioneira na inovação das embalagens que podiam ser armazenadas fora da geladeira, tendo em vista que até então os leites vegetais eram comercializados em garrafas semelhantes às de refrigerantes e careciam de refrigeração. Citando a trajetória de John Harvey Kellogg, Linné e McCrow-Young afirmam que a comercialização dos leites vegetais como substitutivos do leite animal é um fenômeno que remonta à década de 1920, quando o “pioneiro dos cereais matinais” e outros adventistas do sétimo dia integraram o leite de soja como “parte do seu estilo de vida vegetariano” (idem, p. 201, tradução nossa). De acordo com os autores, Kellogg e sua esposa, Ella, se ocuparam em escrever “livros e editoriais sobre os benefícios nutricionais dos leites vegetais” (idem, tradução nossa). Nas décadas de 1930 e 1940, os autores destacam a atuação de outro adventista na promoção dos leites vegetais, Harry Miller, à frente do *Soya Lac*, que teria sido o “primeiro leite de soja de grande sucesso nos Estados Unidos” (idem, tradução nossa).

No livro *Historical dictionary of Seventh-Day Adventists*, Gary Land (2005, p. 192-193) apresenta Harry Miller¹⁶¹ (1879-1977) como médico e missionário que atuou longos períodos na China, exercendo diversos cargos de liderança na Igreja Adventista na China e nos seus respectivos empreendimentos. Ao longo da década de 1940, por meio do *International Nutrition Laboratory* criado pelo próprio Miller, o médico investiu fortemente no desenvolvimento do leite de soja e outros produtos, que vieram a integrar o catálogo da *Loma Linda Foods* posteriormente. Curiosamente, no Brasil, a empresa alimentícia adventista Superbom não comercializa nenhuma alternativa de leite vegetal, oferecendo apenas as bebidas solúveis já comentadas no capítulo anterior (à base de cevada e de milho) e os sucos de frutas, pioneiros na marca. Ainda assim, sua principal porta-voz da mensagem da saúde na mídia impressa, Vida e Saúde, segue promovendo os benefícios dos leites vegetais, a

¹⁶¹ Conforme consta na Enciclopédia Adventista, Miller ficou conhecido como “*China Doctor*” por sua extensa atuação como médico e missionário na China, além de ser “reconhecido como o inventor da produção e comercialização em larga escala de leite de soja e produtos proteicos à base de soja em todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos e no Leste Asiático” (tradução nossa). Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=48JQ&highlight=harry|miller>. Acesso em: 22/05/2024.

exemplo da matéria especial “Leite na berlinda”, publicada na edição de fevereiro de 2007. Após apontar diversos problemas e efeitos negativos ao organismo derivados do consumo de leite animal, a revista apresenta um quadro contendo informações e modo de fazer alguns leites alternativos (à base de aveia, gergelim, castanha-do-pará e soja), direcionado àqueles que, após ler a matéria, “resolveu eliminar o leite bovino e seus derivados do cardápio, Vida e Saúde selecionou quatro opções saudáveis e igualmente ricas em nutrientes para substituir, o leite de origem animal” (QUINTAES, 2007, p. 15).

Apesar do leite de soja não figurar no catálogo da Superbom, isso não quer dizer que a empresa ficou alheia às tendências em torno da soja logo nas suas primeiras décadas de existência. Além de ser o principal composto das carnes vegetais produzidas pela marca a partir da década de 1970, a farinha de soja desidratada foi um de seus primeiros produtos alimentícios enlatados a ser comercializados. E Vida e Saúde ficou a cargo de auxiliar na divulgação da “Sojinha” como parte de sua empreitada de promoção da soja como uma alternativa mais nutritiva e saudável à proteína animal. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, algumas propagandas da Sojinha como as que seguem abaixo (FIGURA 19 e 20) foram publicadas na revista, reforçando sua imagem de alimento nutritivo e que despertava interesse até mesmo do paladar infantil.

Na edição de dezembro de 1957 (FIGURA 19), foi veiculado um anúncio que ocupa a última página na íntegra, composto pelos seguintes elementos: duas crianças no centro da cena sorriem olhando uma lata de Sojinha Superbom que flutua em cima de suas cabeças, como se tivesse vindo do céu. À frente das crianças, podemos ver uma mesa com um bolo e uma espécie de mingau, dando a entender que os mesmos foram preparados com o produto à base de soja. Entre as informações contidas no rótulo do produto, podemos ler: “Colégio Adventista Brasileiro” seguido de “Departamento Industrial”, além de endereço, telefone e registro na Secretaria de Alimentação Pública abaixo. Ao lado da embalagem, temos também o selo da marca registrada do CAB. No canto inferior do anúncio, repete-se as informações contidas na lata, acompanhadas da chamada: “Produtos Superbom - Para a Saúde de seus filhos”.

FIGURA 19 E 20 - ANÚNCIOS DA SOJINHA SUPERBOM EM VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, dezembro de 1957 e fevereiro de 1965 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Já no anúncio de 1965 (FIGURA 20), podemos ver alguns elementos que corroboram com a imagem positiva sobre a soja que Vida e Saúde visa promover: faces de um homem, uma mulher e uma criança sorrindo flutuam logo abaixo da chamada, que diz “Um alimento SUPER BOM” - em referência, evidentemente, ao próprio nome da fabricante. Ao lado, vemos o recorte de uma mesa, sobre a qual estão diversos pratos que, de modo sugestivo, podemos entender como sendo feitos à base da “Sojinha” Superbom. Abaixo dessa imagem, temos o seguinte aviso: “Importante: Em todos os alimentos como pão, bolos, sopa, frituras, etc., que levam farinha de trigo, esta pode ser substituída em parte por SOJINHA SUPERBOM na proporção de 20 a 50% com grande vantagem para o valor nutritivo”. No canto inferior direito da página, ocupando uma parte significativa do anúncio, temos a imagem da lata de Sojinha, envolta de ilustrações que referenciam à soja *in natura*, em forma de fava. Na parte de baixo, acrescentam ainda uma imagem de uma criança¹⁶² com um prato branco

¹⁶² A criança é identificada pelo anúncio como sendo Celso Luiz Peixoto Ribas, de Curitiba, um “fã do Sojinha Superbom”. Falecido em 2004, ele foi promotor de justiça do Ministério Público do Paraná e atualmente nomeia uma rua no bairro Campo Comprido, em Curitiba.

à sua frente, e ao lado, uma lata de Sojinha Superbom, na qual ela insere a mão como se estivesse preparando-se para degustar o alimento que, curiosamente, não é feito para ser ingerido sem um preparo antecipado.

Na década de 1990, a Vida e Saúde reformula a seção estilo consultório médico, na qual as pessoas enviam cartas com dúvidas relacionadas à saúde, que são publicadas e respondidas pela revista. Nesse período, a “VS Responde¹⁶³” possui um especialista para cada área de conhecimento, entre eles Psicologia, Pediatria e Nutrição. Esta última, na época, era de responsabilidade de Esther Huerta de Castro¹⁶⁴, que respondia a diversas dúvidas dos leitores relacionadas à alimentação e saúde. Na edição de setembro de 1997, Castro respondeu uma dúvida a respeito dos “refinados de soja”. A pergunta encaminhada por “M. P., Nova Andradina, MS” (CASTRO, 1997, p. 26) era a seguinte: “Li nesta revista que, para se ter um suprimento adequado de minerais, é necessário evitar, entre outros, os alimentos refinados derivados de soja. Quero saber se a proteína de soja está incluída nesses derivados, e se o seu consumo diário pode trazer algum mal à saúde” (idem).

Ainda que seja inviável localizar a matéria na qual a referida informação foi veiculada¹⁶⁵, uma vez que carecem das referências exatas, é possível que tenha relação com os produtos ultraprocessados dos quais a soja é parte integrante, como o óleo de soja, uma vez que a revista se ocupou em diversas ocasiões em contraindicar o uso de frituras no preparo de alimentos. A informação também não foi negada pela nutricionista responsável pela seção, que optou por explicar a composição da soja, os benefícios do seu consumo, citando apenas alguns pontos negativos relacionados, como o cheiro exalado no preparo e os episódios de flatulência que ela pode gerar.

Castro salienta que “o emprego do feijão soja na alimentação humana exige que seja submetido a procedimentos que objetivam inativar fatores antinutricionais presentes, reduzir agentes causadores de flatulência, melhorar o sabor e cheiro” (idem). Porém, esses mesmos procedimentos gerariam o efeito negativo de reduzir

¹⁶³ No ano 2000 o nome da seção foi alterado para “100 Dúvidas”.

¹⁶⁴ Nutricionista que auxiliou na criação do curso de Nutrição no Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP. Contribuiu para o editorial de Vida e Saúde até 2017, ano em que também foi homenageada pelos alunos da universidade, quando nomearam o Centro Acadêmico de Nutrição com seu nome. Consultado em: <https://unasp.br/noticias/unasp-presta-homenagem-pioneira-do-curso-de-nutricao/>. Acesso em: 22/05/2024.

¹⁶⁵ Inclusive, o volume correspondente ao ano de 1998 encontra-se no momento extraviado do acervo da Biblioteca Pública do Paraná.

ou destruir algumas das suas propriedades nutricionais. Por esse motivo, ela afirma ser “primordial que os vegetarianos se alimentem dos brotos do feijão soja, crus ou levementes cozidos ao vapor” (idem). Além disso, Castro ressalta que as proteínas provenientes dos vegetais se complementam, e por conta disso seria “dispensável comer feijão soja ou seus derivados todos os dias” (idem). Vale lembrar que neste mesmo contexto, Vida e Saúde começa a publicar matérias sobre o consumo excessivo de proteínas, sejam elas vegetais ou animais.

Após décadas de promoção do consumo irrestrito da soja em Vida e Saúde, a revista começa a refinar sua análise sobre o alimento. Em março de 1990, a matéria “Soja integral é mais saudável” procura mostrar que há diferenças nutricionais expressivas a depender do modo como ela é preparada e ingerida. Seu autor, Ruy Gripp¹⁶⁶, informa que a soja é conhecida como “carne vegetal”, “carne sem osso”, “leite vegetal”, “leite do pobre”, “alimento milagroso”, entre outros nomes, mas que “apesar de seu notável valor alimentício, ainda não é utilizada suficientemente, como deveria, na dieta alimentar do brasileiro” (GRIPP, 1990, p. 13). Naquela época, como informa o próprio autor, a soja já se consolidava como um dos principais produtos produzidos pela agricultura do país, tendo um significativo volume de exportação. Ainda assim, a soja não teria se constituído como um alimento popular, limitando seu extenso uso na forma de óleo de cozinha e na alimentação animal. Além do lamento pelo baixo consumo da soja pela população brasileira, em contraposição ao crescimento da produção, Gripp segue na contramão de outros conteúdos publicados em Vida e Saúde até então, criticando também os produtos alimentícios ultraprocessados à base de soja que estavam surgindo no mercado:

Ultimamente, vem surgindo no mercado numerosos produtos à base de soja. Entretanto, além do preço elevado, devido aos custos de industrialização e comercialização (o que impede seu uso pelas camadas de menor poder aquisitivo), nem sempre o produto apresenta-se da forma integral, tornando impraticável a utilização plena de todas as suas virtudes nutricionais (idem).

O engenheiro agrônomo explica que os alimentos industrializados passam por processos de refinamento e purificação que separam e eliminam nutrientes importantes presentes no produto *in natura*. Isso aconteceria, por exemplo, com a proteína texturizada de soja, que tem seus componentes reduzidos de forma significativa durante seu processamento. Além disso, destaca-se a questão

¹⁶⁶ Identificado pela matéria como “Engenheiro agrônomo do Banco do Brasil em Manhumirim, MG”.

econômica apontada pelo autor, uma vez que o produto industrializado tem o valor do processamento agregado. Temos, portanto, um duplo problema apontado por Gripp, que refutam justamente os mesmos apontamentos em relação ao consumo de soja pela população até então promovidos pela revista: seu baixo custo e seu alto valor nutritivo.

Além dos problemas apontados nas chamadas “carnes vegetais”, Gripp também relata alguns problemas encontrados na fabricação do leite de soja, que além de bastante trabalhoso, “se executado de forma inadequada, sem um perfeito cozimento, e com os grãos feridos ou quebrados (de molho ou maceração em água fria), pode dar origem a antinutrientes com paladar e odor repugnante, que impede sua aceitação” (idem). Ainda que essas características dificilmente contornadas justifiquem sua falta de adesão, o autor sugere que seu consumo seja feito no modo como chineses e japoneses o fazem, transformando-o em um produto semelhante a um queijo que seria o tofu. Entre os subprodutos derivados da soja, Gripp sugere que a alternativa mais nutritiva e econômica seria a farinha, que diferente da carne e do leite vegetal, exige menos etapas de processamento, além de o sabor e textura serem mais aceitáveis.

Apesar de contrariar os argumentos adventistas em relação às carnes vegetais, Gripp sustenta que a soja é, ainda assim, uma boa alternativa em termos nutricionais e econômicos, sobretudo quando consumida em grãos ou de formas que exigem pouco processamento, como é o caso da farinha. Além disso, o autor destaca pesquisas científicas que indicariam uma “grande influência na saúde humana” (idem, 14), afirmando que, quando consumida de forma integral, evidencia-se “os benefícios do uso da soja para os males referentes à pressão alta, reumatismo da uricemia ou gota, diabetes, estágios de emagrecimento e, principalmente, no combate à arteriosclerose e aos males do coração, quando consumida integral” (idem). A partir da década de 1980, como veremos mais adiante, de fato houve uma empreitada protagonizada sobretudo pelos grandes produtores e indústrias da soja no sentido de reivindicar seus benefícios à saúde, investindo em pesquisas científicas em torno de suas propriedades e usos diversos para justificar o aumento da produção ao redor do mundo.

Voltando ao artigo de Gripp, ele também indica o melhor custo-benefício da soja integral em relação aos alimentos derivados de animais. Citando uma matéria

publicada na revista *Veja* (sem informar quando), de grande circulação nacional, o autor informa que “10kg de soja correspondem a 8,8kg de carne de boi ou frango, 70 litros de leite de vaca, dando para fazer 8kg de carne de soja (PTS ou PVT), ou 8kg de farelo para ração, 80 litros de leite de soja e 2 litros de óleo de cozinha” (idem). Isso levaria à conclusão de que a soja em grãos, quando processada dentro do “próprio lar”, ofereceria “um alimento de alto valor nutritivo e de baixo custo financeiro” (idem, p. 15). Uma interessante reivindicação feita por Gripp sugere que os problemas relacionados às grandes plantações já era uma questão debatida no âmbito social, uma vez que ele pede que “seja empreendida uma campanha destinada a ampliar o plantio (mormente por pequenos produtores) e aumentar o consumo de soja (principalmente através da farinha integral)” (idem). O autor também defende uma ampliação na comercialização do grão cru, da soja torrada e da farinha de soja nos supermercados, o que facilitaria o acesso a esses alimentos.

Em *Vida e Saúde*, o consumo de soja e promoção da saúde caminham juntos, fazendo com que o “alimento milagroso” seja apontado em alguns momentos como capaz de efeitos terapêuticos e até mesmo contraceptivos. Em julho de 1988, o editorial de *Vida e Saúde* publicou um tópico na seção “Panorama Mundial” cujo título dizia: “Soja, Um Contraceptivo?”. De acordo com o texto, a partir de experiências realizadas em guepardos, seria possível sugerir que “uma alimentação à base de soja possui efeitos anticoncepcionais” (Soja..., 1988, p. 06). A explicação seria a de que “esses animais, já raros em liberdade, não se reproduzem em cativeiro. Sua alimentação consiste em carne e proteína de soja” (idem). Ignorando completamente os fatores biológicos envolvidos, bem como a ausência de contato com o habitat natural ou semelhante a ele pelos animais em cativeiro, o texto segue argumentando que “a digestão desta leguminosa auxilia a produção e absorção de peptídeos estrogênicos”, o que causaria o efeito contraceptivo por parte da soja. Apesar de informar que não foram realizadas pesquisas em seres humanos nesse sentido, o texto comemora o fato de que potencialmente teria-se à disposição um “elemento anticoncepcional não sintético e isento de efeitos colaterais” (idem).

Além de contraceptivo, outro benefício proveniente da soja sugerido pelo editorial de *Vida e Saúde* diz respeito à prevenção ao câncer. Na edição de setembro de 1996, a seção “Sala de Espera” veiculou um tópico intitulado “Soja protege a mulher”, no qual afirmam, com base em uma pesquisa realizada pelo Departamento

de Nutrição do King's College de Londres, que “uma dieta rica em soja pode ajudar a proteger as mulheres do câncer de mama” (Soja protege..., 1996, p. 14). A médica responsável pela pesquisa, Helen Wiseman, teria descoberto que a proteína de soja “contém substâncias bioativas chamadas isoflavonóides”, estas que poderiam “bloquear o processo pelo qual o hormônio feminino estrógeno chega a provocar o câncer de mama” (idem). Nesse caso, de fato há pesquisas que investigam a relação entre essa propriedade e a incidência de câncer de mama, mas ainda hoje não há um consenso sobre ela, se é mais benéfica ou maléfica ao organismo. Nesse caso, seria importante considerar não só as propriedades do grão, mas também sua procedência e forma de cultivo, uma vez que já na década de 1970 começaram a penetrar na agricultura a nível mundial os grãos transgênicos, além do aumento do uso de agrotóxicos nas plantações.

Em 2011, a pesquisadora Elaine de Azevedo chamou a atenção para os riscos e controvérsias na construção social da ideia de alimento saudável em torno da soja. Segundo ela, ao longo da história, é possível notar uma significativa transformação dos hábitos alimentares, que antes eram culturalmente diferenciados e passam a ser paulatinamente padronizados, determinados “por parâmetros científicos e pela ótica do sistema moderno de produção de alimentos” (AZEVEDO, 2011, p. 782). Desse modo, estabeleceu-se um sistema dominante pautado pelas tecnologias e pesquisas científicas elaboradas em torno da agricultura relacionados ao uso de agrotóxicos, melhoramento genético e mecanização da produção. Além disso, comenta Azevedo (idem), esse sistema também é pautado na produção em larga escala, seja a nível local ou global, no processo acelerado de industrialização, nas desigualdades nutricionais e econômicas, entre outros fatores, fazendo com que o debate em torno da “tríade alimentação-saúde-doença” se intensifique na mesma proporção que aumentam as incertezas em torno dela.

No que diz respeito ao caso específico da soja, a partir da segunda metade do século XX costumou-se relacionar o seu consumo a diversos benefícios à saúde, sobretudo por conta do *lobby* das grandes empresas produtoras do grão¹⁶⁷. No entanto, diz Azevedo, “existem também controvérsias a esse respeito, pouco conhecidas” (idem, p. 783). Segundo a pesquisadora, as investigações científicas

¹⁶⁷ De acordo com Azevedo (idem, p. 784), no caso do Brasil a promoção da soja se deve muito ao trabalho da Embrapa Soja, que desde os anos 1980 dedicou-se a ampliar seu consumo humano, além dos investimentos já citados anteriormente sobre a melhoria e otimização das plantações.

acerca do “aspecto funcional do grão, com foco para as doenças não transmissíveis” ganharam espaço na década de 1990, fazendo com que a soja ganhasse “status de alimento funcional, com ação preventiva de doenças cardiovasculares” (idem), além de diversas outras patologias, incluindo o câncer de mama citado em Vida e Saúde. Contudo, essas mesmas pesquisas trouxeram à tona algumas controvérsias, contraindicações e interferências na absorção de alguns nutrientes relacionados ao consumo da soja. Sobre o próprio câncer de mama, “enquanto alguns estudos mostram que a soja oferece efeito protetor contra o câncer de mama, outros alertam que os efeitos estrogênicos da isoflavona podem ser perniciosos para as mulheres com propensão a esse tipo de câncer hormônio-dependente” (idem). Estudos estes publicados entre a década de 1990 e os anos 2000. Além disso, nas últimas décadas, a soja permeou o campo da alimentação industrializada de forma nunca antes vista, fazendo com que surgisse o conceito de “soja invisível” (idem), uma vez que ela está presente em diversos produtos sem necessariamente ser anunciada como parte integrante deles.

Não estamos sugerindo que o editorial de Vida e Saúde foi negligente em veicular informações questionáveis sobre pesquisas científicas relacionadas à soja, tendo em vista o comentário de Azevedo de que “o dilema científico sempre vem acompanhado da recomendação: mais estudos devem ser realizados” (idem). Como bem coloca a pesquisadora, “diante da inconclusividade, a indústria de alimentos seleciona os estudos que lhe convém para estimular as vendas e sensibilizar especialistas na área da saúde” (idem). Em relação à Vida e Saúde, é evidente que a revista mobiliza argumentos que reiteram suas recomendações, além de agregarem um caráter científico e racional à sua mensagem da saúde. Como já visto no caso do café, por exemplo, seu editorial e autores selecionam apenas aquelas pesquisas científicas que corroboram com os malefícios de determinado alimento. Além disso, a revista não promove a alimentação saudável de forma isolada, mas integra uma gama de estratégias para promovê-la, da qual também faz parte, no recorte contextual do Brasil, a empresa Superbom - cuja atuação trabalharemos no próximo tópico.

5.2 Alegria e boa disposição com produtos Superbom!

Neste tópico, apresentaremos uma discussão acerca do surgimento e desenvolvimento da empresa alimentícia Superbom, como ela se insere e interage

com a mensagem da saúde e a alimentação saudável defendida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no contexto brasileiro. Também mostraremos como a Vida e Saúde se tornou um importante meio de divulgação dos produtos Superbom, alinhando seu discurso ao consumo de alimentos saudáveis produzidos pela empresa, sempre associando-os à ideia de confiabilidade, satisfação, qualidade, bem-estar e saúde. Características estas que eram bastante evidentes nas imagens e slogans dessas propagandas, como é o caso de “Alegria e boa disposição com produtos Superbom!”, veiculada na edição de junho de 1959.

Para isso, nos valem de alguns estudos já realizados em torno da inserção adventista no Brasil e da sua empresa alimentícia, tais quais Schunemann (2002) e Souza (2018). Seguindo o ideal “por um mundo adventista”, a fundação da Superbom baseia-se na mentalidade de que tudo é possível por meio das obras de Deus e da própria igreja adventista, o que os motiva a investir em seus empreendimentos em educação, saúde e alimentação ao redor do mundo. Em entrevista para o portal *Adventist News Network*, o pastor brasileiro Erton Köhler, que foi presidente da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo dia entre 2006 e 2021¹⁶⁸, declarou que todas as organizações adventistas têm um propósito missionário, tendo a empresa alimentícia dois objetivos em particular: “o primeiro é ajudar na realização da missão, alcançando as pessoas por outros meios diferente do convencional. E o segundo é propagar a crença bíblica e argumentamos sobre a necessidade de uma vida saudável”¹⁶⁹.

A Superbom surge em 1925 como uma fábrica de suco de uva lotada nas instalações do antigo Colégio Adventista Brasileiro (CAB), que também recebeu o nome de Instituto Adventista de Ensino (IAE) e atualmente é chamado Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Mas antes de contar a história da Superbom, cabe explicar o interesse adventista pelo investimento em empresas do ramo alimentício no Brasil e no mundo. Como vimos no primeiro capítulo, o desejo em oferecer produtos alimentícios que estivessem de acordo com a mensagem da saúde

¹⁶⁸ Informações disponíveis em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=1IFC&lang=pt>. Acesso em: 17/05/2024.

¹⁶⁹ O *Adventist News Network* (ANN) é um canal oficial da *General Conference of Seventh-Day Adventists*, noticiando sobre missionarismo em diferentes frentes por todo o mundo. Consultado em: <https://adventist.news/pt/news/no-brasil-industrias-adventistas-focam-no-consumo-saudavel>. Acesso em: 17/05/2024.

adventista remete aos primeiros anos de institucionalização da igreja ainda no século XIX, como exemplo, o trabalho de John Harvey Kellogg no *Battle Creek Sanitarium*.

Conforme explica Souza (2018), a viagem de Ellen G. White para a Austrália em 1891, como desdobramento da Assembléia de Minneapolis (1888), rendeu para aquele território alguns empreendimentos fortemente influenciados pelas orientações missionárias de White, como aconteceu com o *Avondale College*, fundado oficialmente em 1897. De acordo com Gary Land, essa instituição serviu como modelo para outras instituições de educação adventista que vieram a surgir ao redor do mundo, “particularmente ao mostrar as vantagens de uma localização rural, de um programa de estudo e trabalho e de indústrias escolares que proporcionam oportunidades de trabalho estudantil e apoio financeiro para a instituição” (LAND, 2005, p. 30, tradução nossa).

As empresas alimentícias adventistas surgem em um contexto de fortalecimento da mensagem da saúde adventista Estados Unidos afora. Como bem notado por Souza (2018, p. 73), até a década de 1930, as estratégias de divulgação da mensagem da saúde se valiam de métodos mais tradicionais como cartilhas, livretos, conferências e palestras nas quais pastores ofereciam orientações acerca de higiene e saúde - fazendo com que as instituições editoriais tivessem o protagonismo missionário nesse sentido. Contudo, “uma vez que as instituições de educação traziam um ideal de educação integral, isto é, educar o corpo, alma e espírito” (idem), é compreensível que os estudantes e corpo docente do CAB encontrassem alternativas para subsidiar seus estudos, contribuir para a manutenção da instituição e, como idealizado por White, “proporcionar ao aluno uma experiência que trabalhava diversos aspectos da vida humana” (idem). Conforme destaca Souza,

É importante lembrar que a educação, para White, tinha um valor notadamente importante e, incluía a necessidade do ser humano em desenvolver todas as suas capacidades, sejam elas, mentais, espirituais, sociais e físicas. Não esquecendo que a própria mensagem de saúde, possuindo um viés escatológico, seria um importante pilar da denominação. É observando a íntima relação entre educação e alimentação saudável, que se estabelecem os serviços disponíveis no CAB (idem, p. 76).

Desse modo, em 1925 o CAB começa a produzir os sucos de uva (que depois se ampliam para outros produtos) como uma forma de educação integral, de subsistência financeira e de autonomia alimentar. A partir dessa iniciativa, anos depois, a Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia visualiza a

oportunidade de se consolidar uma indústria alimentícia em solo brasileiro e, “a fim de fornecer opções aos recém conversos ao Adventismo, que continuavam com hábitos condenáveis pela denominação, é que se formou a ideia de construir uma indústria de alimentos saudáveis” (idem, p. 83) no Brasil. Sobre isso, conforme relata Souza (idem, p. 73-74), apesar da boa aceitação dos produtos no meio adventista, a Superbom teve algumas dificuldades para se inserir no mercado para além dos limites denominacionais. Entre os problemas identificados pelo autor, destaca-se a carta bastante limitada de opções nos primeiros anos de atuação, tendo por vários anos o suco de uva como seu carro-chefe. Além disso, produtos rotulados como “naturais” ou “mais saudáveis” tendiam a ter menor adesão no mercado, se comparado aos produtos industrializados que vinham surgindo à época.

Sabe-se que até meados da década de 1930 a incipiente fábrica de produtos alimentícios foi nomeada de *Excelsior*. A história contada pelos adventistas sobre o nome Superbom narra que, em 1936, foi oferecido ao então presidente Getúlio Vargas um exemplar do suco de uva para que o mesmo provasse. Ao ser indagado sobre o que achou do produto, ele teria exclamado: É super bom!. Desse modo, “batizou” a empresa¹⁷⁰. Ainda hoje é atribuída grande importância a esse “batismo” da empresa pela figura de autoridade máxima na época, e no caso de Vida e Saúde, muitas vezes se buscava um alinhamento com as políticas médico-higienistas no período em que Vargas estava no poder. Conforme analisado por Bellotti (2020a, p. 494), tratou-se de uma estratégia editorial, uma vez que “ao defender os princípios higiênicos do poder dominante, e da classe médica que possuía autoridade no campo da saúde, os adventistas, uma minoria religiosa, estariam em ‘boa companhia’”, sem se colocar em embates públicos sobre esses temas ou despertar o desagrado do governo varguista.

Desse modo, é comum a revista reproduzir textos de autoria do Serviço Nacional de Educação Sanitária, órgão federal instituído em 1941 por Getúlio Vargas, que de acordo com Souza (2012, p. 57), consolidava o compromisso da administração pública com relação à educação sanitária “na preservação da saúde individual, na economia de recursos na proteção da criança, na alimentação pública e no controle da tuberculose”. Sobre a Superbom, Souza (2018, p. 85) destaca que a passagem da década de 1930 para 1940 foi de forte investimento na marca, que visava diversificar seus produtos e expandir seu alcance de mercado para além dos limites

¹⁷⁰ Consultado em: <https://superbom.com.br/empresa/>. Acesso em: 25/05/2024.

denominacionais. Ainda assim, foi um período de adaptações, o que gerou um debate entre pesquisadores e a própria instituição acerca do ano de abertura da fábrica de alimentos Superbom.

Na tese de Schüneman (2002, p. 261), aparece que em 1944 foi “aberto a fábrica de Alimentos Superbom junto ao Colégio Adventista”, sem explicar que ela já existia de algum modo, ainda que atendesse apenas o público interno. Já Souza (2018, p. 85) entende que a história da Superbom inicia duas décadas antes, em 1925 com o início dos trabalhos de fabricação do suco de uva, e que a data de 1944 representa a sua abertura oficial para o público externo. A mesma perspectiva é defendida na linha do tempo disponível no site oficial da Superbom, que marca o ano de 1944 como o nascimento de uma empresa, afirmando que: “nascemos com o nosso suco de uva e ele deu origem a uma empresa, passando a oferecer outros inúmeros produtos com o mesmo padrão de qualidade”¹⁷¹. O verbete sobre a Superbom disponibilizado na Enciclopédia Adventista marca o ano de 1944 correspondente à criação de um departamento industrial exclusivo para gerir a empresa, ainda que vinculado à instituição de educação¹⁷². Consideramos aqui que o ano de 1925 é o marco do surgimento da Superbom, ainda que não fosse voltada ao público geral naquele momento, sabemos que tanto ela quanto a mensagem da saúde adventista de modo mais amplo tinham ambições de alcançá-lo um dia.

Apesar de sua instituição como empresa autônoma voltada ao público geral interessado em alimentos saudáveis, tanto adventista quanto não adventista, ela continuou vinculada ao Colégio Adventista Brasileiro até 1984, conforme relata Souza (2018, p. 85). Nos primeiros anos de abertura, seus gestores buscaram estratégias de divulgação da marca e ampliação da linha de produtos ofertados, mantendo o caráter de alimento saudável e focando em opções que tivessem maior adesão do público brasileiro (idem, p. 86). Souza relata que uma das estratégias adotadas pela Superbom para a divulgação dos seus produtos foi enviar “sucos de uva para pessoas de destaque e projeção nacional”, sobretudo ligados à política, como o já citado Getúlio Vargas, Dr. Fernando Costa¹⁷³, Dr. Gustavo Capanema¹⁷⁴ e General

¹⁷¹ Consultado em: <https://superbom.com.br/empresa/>. Acesso em: 25/05/2024.

¹⁷² Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=2GQ1&lang=pt>. Acesso em: 25/05/2024.

¹⁷³ Fernando de Sousa Costa (1886-1946), político e agrônomo brasileiro, foi Ministro da Agricultura de Vargas durante o período de 1938 a 1941 e interventor do Estado de São de 1941 a 1945.

¹⁷⁴ Gustavo Capanema Filho (1900-1985), político e advogado brasileiro, foi Ministro da Educação de 1934 a 1945.

Boanerges Lopes¹⁷⁵ (idem). Schünemann (2002, p. 254) marca o período compreendido entre 1938 e 1960 como um momento de expansão e consolidação do adventismo no Brasil, sobretudo por meio dos seus empreendimentos em torno da saúde, da educação e das mídias. O período marca, também, a transição dos cargos de liderança das instituições adventistas, que antes eram ocupados por missionários estadunidenses e passam a ser ocupados por adventistas brasileiros (idem, p. 300). Outra estratégia, a partir da década de 1970, foi colocar os produtos Superbom à venda nos restaurantes vegetarianos adventistas localizados em grandes centros urbanos.

No caso do empreendimento alimentício, a década de 1960 foi marcada pela expansão estrutural e tecnológica da Superbom. Em 1959 já havia sido inaugurada uma filial na cidade de Videira, Santa Catarina, para auxiliar na produção e distribuição (SOUZA, 2018, p. 88), existente até hoje. Em 1962, novos produtos foram lançados, como a geléia e o suco de banana, “buscando atingir o maior número de paladares quanto possível” (idem, p. 89). Além disso, no mesmo ano uma importante inovação foi implementada na fábrica, as autoclaves para fabricação de produtos que demandavam altas temperaturas para sua produção, como a “Vege-sup” (idem). Em 1964, conforme afirma Souza (2018, p. 90), “os efeitos do crescente desenvolvimento da Superbom forçariam a indústria a procurar melhores instalações para maior eficiência na produção, organização e logística”, o que resultou no aprimoramento dos serviços administrativos, a construção de novos prédios para abrigar as instalações da empresa e a adesão de tecnologias para a fabricação das carnes vegetais, lançadas na década de 1970.

As melhorias adquiridas para o desenvolvimento de novos produtos no início da década de 1960 rapidamente trouxeram os resultados esperados. Na edição de outubro de 1963, a revista já divulgava o novo produto Superbom: a Vege-Sup. A propaganda (FIGURA 21) anuncia que ela é “prontinha para servir”, “basta aquecer”. Como mostra Nilson (2022), essa ideia propagandeada em torno dos ultraprocessados do “*ready to eat, ready to heat*” se tornou popular no pós 2ª Guerra Mundial, período no qual surgiram os alimentos ultraprocessados, oferecidos aos soldados que eram enviados aos campos de batalha. O destino dado a essa invenção

¹⁷⁵ Boanerges Lopes de Sousa (1881-1961), general do Exército Brasileiro, ocupou o cargo de Presidente do Conselho Supremo de Justiça Militar da Força Expedicionária Brasileira (FEB) entre 1944 e 1945.

foi o mercado global, transformando “as formas de cozinhar e a própria cultura alimentar” em diversos países, aliando-se “ao marketing de praticidade e inclusive aproveitando-se do movimento de emancipação feminina e sua maior participação no mercado de trabalho” (idem, p. 136) para justificar esses alimentos como a melhor alternativa alimentar.

FIGURA 21 - ANÚNCIO DA “VEGE-SUP” SUPERBOM EM VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, outubro de 1963 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

No Brasil, o transcorrer da década de 1960 para a década de 1970 marca a ultrapassagem da população urbana frente à população rural e o aumento da industrialização do país, que exigia da população novas configurações de estilo de vida e, conseqüentemente, reformulações no modo de se alimentar. Desse modo, Superbom encontrou-se na vanguarda dos alimentos “prontos para comer”, como é o caso da Vege-Sup. Em termos visuais, podemos ver uma mesa com um prato de “vege-sup” servido, uma colher apoiada na borda, acompanhado de uma garrafa na qual ela era comercializada, para facilitar a identificação da embalagem pelo leitor que

eventualmente quisesse adquirir o produto. Ladeando a garrafa no sentido vertical, podemos ler “nutritiva” e “saborosa”, indicando as qualidades essenciais do alimento. No lado esquerdo do anúncio, acima da mesa como se estivesse flutuando, vemos alguns legumes como cenoura, batata, tomate, ervilhas, pimentão e cebola, sugerindo que eles integram a composição da Vege-Sup e reforçando assim seu caráter “natural”.

Ao longo da década de 1960, outras melhorias nas instalações da fábrica foram realizadas. Diante do crescimento da Superbom, que na época já empregava cerca de 130 funcionários, o CAB (que na época já havia alterado seu nome para Instituto Adventista de Ensino) passou o controle administrativo da empresa para a Divisão Sul-Americana (idem, p. 92), ligada diretamente ao Departamento de Alimentos Saudáveis (idem, p. 93). Um dos desafios impostos à Superbom era tornar-se economicamente acessível ao público, uma vez que o custo de processamento dos alimentos era significativo, o que encarecia o produto final. Uma das alternativas foi lançar no mercado brasileiro a Proteína Vegetal Texturizada (PVT), em 1976, que de acordo com uma matéria publicada na Revista Adventista em agosto daquele ano, foi divulgada como um produto econômico, natural e importante “subsídio ao progresso do País” (Superbom lança..., 1976, p. 19). Ainda que não tenha sido inventada pelos adventistas, foi um importante produto na divulgação e implementação do regime abstencionista de carne entre os fiéis de menor poder aquisitivo, que não dispunham de tantos recursos para consumir as carnes vegetais enlatadas, por exemplo, e também para aqueles interessados em aderir à dieta vegetariana de forma geral.

De acordo com Souza (2018, p. 98) e a Enciclopédia Adventista¹⁷⁶, um local importante para a divulgação dos produtos da empresa alimentícia foram os Restaurantes Superbom, cujo primeiro foi lotado na cidade de São Paulo. Inaugurado em 29 de agosto de 1972¹⁷⁷, o restaurante foi divulgado em Vida e Saúde em matéria assinada por Rubens Lessa. Localizado em um local bastante central e de intenso movimento da cidade, a Praça da Sé, ele estaria “alcançando êxito crescente, para a alegria dos que o organizaram e, naturalmente, de todos que prezam nossa mensagem sobre saúde” (LESSA, 1974, p. 16). O autor conta que passou um período

¹⁷⁶ Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=2GQ1&lang=pt>. Acesso em: 25/05/2024.

¹⁷⁷ Conforme divulgado na Revista Adventista, edição de dezembro de 1973, na seção “Informativo nacional”.

de almoço ouvindo as opiniões das pessoas que frequentavam o local “para saborear a melhor alimentação de São Paulo” (idem). De acordo com o então administrador do restaurante, Rubens Segre Ferreira, eram fornecidas cerca de 300 refeições diárias no local, e acrescenta: “não precisamos fazer propaganda. Os próprios fregueses se encarregam disto” (idem), evocando a qualidade da alimentação fornecida pelo estabelecimento.

Outra informação interessante que Ferreira ressalta é a diversidade de público, uma vez que eles receberiam “pessoas de todos os níveis sociais e culturais” (idem). Entre outros depoimentos dos “alegres e simpáticos fregueses”, Lessa destaca o comentário de Rui de Azevedo:

Vocês fizeram aqui um ambiente à moda, como todo mundo exige: civilizado, com muito conforto, Numa época de tanta poluição e de restaurantes de mal gosto, malcheirosos, evidentemente um ambiente como este agrada sobremaneira, principalmente porque tem em vista proporcionar a seus freqüentadores a melhor alimentação possível, saudável em todos os sentidos; além disso, aqui se consegue paz de espírito. Minhas impressões são as melhores. Vocês estão de parabéns (idem).

Nesse trecho, é interessante notarmos a referência que o cliente faz a “vocês”, o que sugere que ele não era adventista, mas que reconheceu o entrevistador como tal. Além disso, notamos a valorização de um ambiente limpo e que oferece comida saudável, evidenciando que essas condições estão sendo clamadas por um público consumidor mais amplo, ainda que careça de oferta em grandes centros urbanos, além de corroborar com o apelo à higiene e pureza do ambiente, tão enfatizado nos escritos adventistas e de Ellen G. White. Outros diversos depoimentos são reportados por Lessa, alguns deles relatando problemas de saúde anteriores, que teriam sido sanados com a visita diária ao Restaurante Superbom, que oferece uma refeição balanceada e livre de carne. Na segunda página da matéria, podemos ver as fotos de alguns entrevistados, e também uma foto que registra um recorte de mesas do estabelecimento com clientes sentados almoçando. Na legenda, lemos que “o ambiente agradável se reflete no estado de espírito dos clientes” (idem, p. 17).

Em um dos relatos, Lessa transcreve a fala elogiosa de Dirceu de Paula Brasil, identificado como um “alto executivo”, que finaliza dizendo: “quero dar meus sinceros parabéns ao *Restaurante ‘Superbom’*. E também a todos os produtos da *Fábrica Superbom*” (idem, grifo do autor). Após observar a dinâmica e organização do espaço, Lessa finaliza afirmando que “as pessoas que se dirigem ao restaurante não recebem

apenas uma excelente alimentação. Em um lugar apropriado, há uma mesa contendo livros e revistas adventistas” (idem). Isso evidencia aquilo que Erton Köhler menciona ao explicar a função das diversas frentes de atuação adventistas, que é o seu propósito missionário. Nesse sentido, o Restaurante Superbom é um exemplo evidente de ferramenta missionária não convencional à serviço da mensagem da saúde adventista. Além da matéria de Lessa, no mesmo ano, a revista também veiculou propagandas do restaurante, cuja chamada dizia “Indo a São Paulo, tome sua nutritiva e saborosa refeição no Restaurante Superbom. Dirigido e mantido pela ORGANIZAÇÃO ADVENTISTA dentro dos padrões dietéticos de sua tradicional mensagem de saúde. Balcão de venda de nossos produtos” (Indo a São Paulo..., 1974, p. 24).

De acordo com o levantamento feito pela Enciclopédia Adventista¹⁷⁸, junto com o início das exportações de produtos para países como Portugal, Alemanha e Angola, a abertura de restaurantes em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte foi a estratégia adotada para a ampliação do mercado consumidor da Superbom. Na década de 1970, são oficialmente lançadas as carnes vegetais enlatadas que imitam em textura, formato e sabor produtos populares feitos de carne animal, como salsichas, hambúrgueres, bifés e almôndegas. Esses produtos ainda são comercializados pela Superbom, que ampliaram suas opções. Atualmente, a empresa fabrica também “atum de plantas”, carne vegetal estilo carne moída, “medalhão ao molho madeira”, “cubinhos ao molho mexicano”, “escalope ao molho caseiro”, entre outras variedades de carne vegetal enlatada¹⁷⁹.

Mais recentemente, nas redes sociais da Superbom, é possível encontrar publicações que fazem a divulgação de uma linha de carnes vegetais congeladas, que se assemelham aos produtos da Fazenda Futuro¹⁸⁰. Entretanto, ao que tudo indica a linha foi descontinuada, pois não se encontra mais no catálogo de produtos do site oficial da Superbom, nem à venda em *marketplaces* de produtos alimentícios vegetarianos e veganos. Em um vídeo publicado no dia 01 de outubro de 2019 no canal oficial da empresa no *Youtube*, eles contam a trajetória de lançamentos de produtos Superbom, marcando no ano 2000 o lançamento da “1ª geração de

¹⁷⁸ Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=2GQ1&lang=pt#fn24>. Acesso em: 25/05/2024.

¹⁷⁹ Consultado em: <https://superbom.com.br/produtos/carnes-vegetais/>. Acesso em: 25/05/2024.

¹⁸⁰ Para saber mais: <https://www.fazendafuturo.io/>. Acesso em: 26/05/2024.

congelados substitutos da carne animal”, disponíveis em 3 apresentações: kibe, salsinha estilo *hot dog* e almôndegas. Em 2018, a empresa lançou a “2ª geração”, que oferecia uma gama maior de opções, entre as quais mortadela, “*steaks*”, empanados, linguiça e frango¹⁸¹. Sobre esta última opção, de acordo com o site oficial, a Superbom foi a primeira empresa a lançar um “frango vegano” no mercado brasileiro¹⁸².

FIGURA 22 - DIVULGAÇÃO DO TROFEO ALIMENTACIÓN RECEBIDO PELA SUPERBOM



Fonte: Vida e Saúde, setembro de 1980 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Voltando à década de 1970, mais precisamente ao ano 1979, a Superbom recebeu seu maior reconhecimento até aquele momento, que foi o *Trofeo Alimentación*. O prêmio foi noticiado pela edição da Revista Adventista de agosto de 1979, que anuncia “No Rio, Superbom ganha prêmio internacional” (No Rio..., 1979, p. 17). De acordo com o texto, na cerimônia ocorrida em 18 de junho de 1979, concorreram 70 empresas de 17 países distintos, entre as quais 10 empresas

¹⁸¹ Consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=l76T4rteMNU>. Acesso em: 26/05/2024.

¹⁸² Consultado em: <https://superbom.com.br/empresa/>. Acesso em: 26/05/2024.

brasileiras foram contempladas com o troféu. Segundo consta, “os critérios para a seleção dessas empresas foram a qualidade dos produtos e os serviços prestados à comunidade” (idem).

Como era de se esperar, a conquista foi amplamente divulgada nos canais de mídia adventista, entre eles a Vida e Saúde, principal porta-voz da mensagem da saúde no Brasil. Na última página da edição de setembro de 1980 (FIGURA 22), vemos a fotografia de uma mesa repleta de produtos Superbom: sucos, cereais, carnes vegetais, mel, cevada, geléias, etc. Ao centro encontra-se o troféu recebido, símbolo do reconhecimento da marca entre as empresas alimentícias da América Latina. Acima da fotografia, lemos: “Mais um motivo para você continuar preferindo Superbom:” e abaixo, “Ganhamos o *Trofeo Alimentación* 1979”. Podemos ler, ainda, a logomarca da empresa ao final do anúncio, acompanhada do slogan: “Tradição em Alimentos Saudáveis”.

A década de 1980 foi marcada por mudanças importantes, sobretudo no âmbito administrativo. A principal delas ocorreu em 1984, quando a Superbom se desvinculou totalmente da instituição de ensino adventista. A principal motivação foi o crescimento acelerado da empresa, fazendo com ela se tornasse muito maior do que o próprio Instituto Adventista de Educação, ainda que dividissem algumas responsabilidades conjuntas. Conforme narrado na Enciclopédia Adventista¹⁸³, já em meados de 1983 começou a se discutir a separação definitiva entre a fábrica de alimentos e a instituição de ensino, tendo em vista o interesse de que a “Superbom pudesse obter maior flexibilidade na realização de transações comerciais e para o crescimento dos negócios”, mas também por uma pressão externa, tendo em vista que uma decisão política havia gerado o desmembramento da fazenda ocupada pelas instituições adventistas, obrigando-as legalmente a se separarem.

Com isso, uma nova fase se inaugura para a Superbom, que agora figurava oficialmente como uma empresa autônoma perante o Estado brasileiro, mas que evidentemente mantinha seu vínculo institucional e missionário com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. É importante dizer que essa ruptura não necessariamente foi positiva para ambos os lados, tendo em vista que o IAE, e especialmente os alunos que trabalhavam na fábrica para custear seus estudos, tiveram que se adaptar a uma

¹⁸³ Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=2GQ1&lang=pt#fn34>. Acesso em: 25/05/2024.

nova realidade. Mas do lado da empresa alimentícia, a queda do número de trabalhadores desencadeou a possibilidade de investimento na modernização de maquinário, e como destaca Souza (2018, p. 111), “a mecanização do processo foi importantíssima do ponto de vista econômico para a Superbom”.

A “emancipação” da Superbom também possibilitou que a empresa executasse algumas ações comerciais robustas como a compra de outras companhias alimentícias. A edição de março de 1985 da Revista Adventista relata que a Superbom adquiriu uma outra empresa de produtos alimentícios saudáveis, a *New Life*. Assim como a Superbom, a *New Life* também possuía inclinação religiosa, e se ocupava em produzir, sobretudo, produtos para alimentação matinal. De acordo com a matéria, ela foi fundada em 1958 pelo pastor Durval Stockler de Lima, e “foi dirigida durante muito tempo por adventistas”, sem, entretanto, informar por quanto tempo e por quem ela foi administrada fora da alçada denominacional. De acordo com o texto, a *New Life* foi criada com a intenção não apenas de “oferecer alimentação adequada, através de complementos alimentares, como também a ensinar princípios básicos de uma alimentação bem balanceada” (Superbom compra..., 1985, p. 33).

Como uma estratégia não tão missionária, mas certamente mercadológica, a administração da Superbom manteve o nome *New Life* para a linha de produtos que já eram comercializados pela marca. A justificativa dada pela matéria publicada na Revista Adventista foi a intenção da Superbom em “absorver o mercado já existente e ampliá-lo através de sua própria rede de distribuição em todo o Brasil” (idem). Outro argumento dado pelo então gerente industrial, René Marquetti, foi de “os produtos *New Life* poderão ser vendidos a preços mais acessíveis”, tendo em vista utilizarem embalagens mais simples, ainda que mantenham a qualidade dos seus produtos (idem). A mesma matéria comenta, ainda, sobre a expansão interna da Superbom, que havia aumentado sua área construída, adquirido novos equipamentos mais modernos para o processamento e lançado novos produtos no mercado, entre eles a soja em grãos e a cevada com malte (idem).

A associação entre a Superbom e a *New Life* durou pouco tempo, isso porque em dezembro de 1987 a Revista Adventista anuncia a desvinculação das marcas. Entretanto, isso não significa que ela saiu da alçada adventista, uma vez que se tornou uma empresa autônoma, respondendo diretamente à Companhia de Alimentos da Divisão Sul-Americana (anterior Departamento de Alimentação da DSA). Seu novo

administrador, Gilson Borda, afirma que a *New Life* seguirá “com os elevados objetivos da Reforma da Saúde” adventista (*New Life* desvincula-se..., 1987, p. 21). A matéria informa que a empresa seguirá com a “linha adventista de produtos saudáveis e nutritivos”, que é dividida entre os produtos para alimentação matinal e o mel e geléia real, carro-chefe da *New Life*. Além disso, uma decisão tomada pela empresa nesse contexto foi a de substituir o açúcar refinado por açúcar mascavo nos produtos que ainda não o utilizava (*idem*).

Apesar de não dispor dos mesmos recursos financeiros da Superbom, tendo em vista o próprio porte da empresa, a *New Life* se utilizou de uma estratégia de divulgação semelhante. Diferentemente da abertura de restaurantes, que exigiria um grande investimento por parte da marca, a *New Life* apostou na publicação de propagandas no principal meio de comunicação adventista sobre saúde e estilo de vida à disposição: a revista *Vida e Saúde*. No ano de 1988, foram lançados anúncios para divulgar a linha de produtos *New Life*. Curiosamente, a partir da segunda metade da década de 1980, a Superbom deixa de anunciar na *Vida e Saúde*¹⁸⁴, o que abre espaço para a conquista de novos clientes para a *New Life*. Em anúncio veiculado na edição de fevereiro de 1988 (FIGURA 23), vemos uma mulher sorridente segurando um prato de cereal que, com a outra mão, é servido de leite vegetal. Na chamada, podemos ler: “*New Life* e Você - Naturalmente juntos”. Abaixo dela, o anúncio informa que “os produtos *New Life* são naturais, simples e saudáveis, como você”, criando assim um clima de intimidade e identificação com o público leitor. Na parte inferior da página, vemos uma fotografia que retrata a “Linha Adventista de Produtos Saudáveis e Nutritivos”, com uma versão de bebida à base de cevada, geléias, farinhas, entre outros.

Em outro anúncio, publicado em julho do mesmo ano (FIGURA 24), vemos em primeiro plano um casal sorridente apoiado em uma árvore, remetendo a um ambiente natural. A chamada novamente evoca a frase “Naturalmente juntos”, podendo se referir tanto à relação entre o jovem casal e a natureza, como também do público leitor com a marca de alimentos saudáveis. Em texto complementar, o anúncio declara que

¹⁸⁴ Uma informação divulgada pela Enciclopédia Adventista que pode explicar essa pausa nas peças de publicidade da Superbom e a própria desvinculação da *New Life* foi a crise financeira enfrentada pela empresa devido ao aumento dos preços de matéria-prima, sobretudo a partir de 1986, que por sua vez foi desencadeado pela crise econômica enfrentada no Brasil na década de 1980, com a alta da inflação e consequente troca de moeda nacional, Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=2GQ1&lang=pt#fn34>. Acesso em: 26/05/2024.

“estar de bem com a vida não é uma fase. É sentir a vida com emoção. E a *New Life* participa dessa aventura com você. Produtos naturais que contribuem para o equilíbrio do corpo e da mente”. Assim como o anúncio publicado em fevereiro, este também insere a imagem da linha de produtos *New Life*. É importante dizer que a Superbom e a *New Life* não eram as únicas indústrias de alimentos vinculadas à Igreja Adventista do Sétimo Dia na América Latina. Já na década de 1973, havia outras três empresas do ramo ligadas à DSA em atuação: a Granix, na Argentina, a Frutigran, no Uruguai e a Superbom Chile, que emprestou apenas o nome e modelo da empresa brasileira, não possuindo vínculo administrativo ou industrial com a mesma.

FIGURA 23 E 24 - ANÚNCIOS DA NEW LIFE NA REVISTA VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, fevereiro e julho de 1988 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Como já comentado, a Superbom se valeu das mídias impressas adventistas, sobretudo da revista Vida e Saúde, para divulgar seus produtos e ganhar visibilidade no mercado brasileiro de alimentos saudáveis, ainda que os colocassem em pauta num contexto onde havia pouca adesão a eles fora do circuito adventista. Por isso, os anúncios da Superbom elaborados para as revistas também eram um exercício de diálogo com o público potencialmente interessado em consumir produtos rotulados

como saudáveis, mas que não necessariamente estavam plenamente familiarizados com a dieta vegetariana e adventista de forma mais ampla. Um exemplo foi a referência ao café (da manhã) em uma propaganda das geléias Superbom na edição de maio de 1956, (FIGURA 25) ao invés do usual “desjejum” adotado pelos adventistas desde os primórdios de sua organização. Na imagem, vemos ilustrações das embalagens de geléia sabor uva, laranja e abacaxi. Ao fundo de cada uma delas, há elementos que remetem ao fruto *in natura* (o cacho de uva na parreira, abacaxi e laranjas inteiras, ainda com suas folhagens). No lado esquerdo do anúncio, estão descritas algumas das qualidades das geléias: saborosas, nutritivas, vitaminosas e superconcentradas. Na parte superior, seguindo para o lado direito, temos o slogan: “Com produtos Superbom, há sempre alegria no lar, ao café, almoço e jantar”.

FIGURA 25 E 26 - PROPAGANDAS DA SUPERBOM EM VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, maio de 1956 e fevereiro de 1954 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Remeter a um universo natural, em sintonia com a mensagem da saúde adventista e com o discurso da revista Vida e Saúde, era um movimento frequente nas propagandas da Superbom, tanto pelos elementos visuais quanto pelo texto. Evidenciar os elementos naturais que fariam parte da composição dos produtos da

marca foi uma estratégia adotada na grande maioria dos anúncios feitos pela Superbom. Outro exemplo foi veiculado na edição de fevereiro de 1954 (FIGURA 26), com foco nos sucos e nas respectivas frutas das quais eles eram feitos: tomate, uva e abacaxi. A ilustração no canto inferior esquerdo auxilia nessa associação entre o produto e um ambiente puro, em contato com a natureza, onde aquele que fornece a matéria prima tem contato direto com a terra que, por intermédio de Deus, dá os frutos necessários para a fabricação dos sucos. A chamada simples, mas certa, reforça a associação entre os produtos Superbom e o alimento saudável, uma vez que afirma: “beba saúde, bebendo Superbom”.

FIGURA 27 - PROPAGANDA DA SUPERBOM EM VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, dezembro de 1958 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

O apelo à imagem de crianças também era frequente, uma vez que elas seriam o que há de mais puro e inocente na natureza humana. Sendo assim, se os produtos eram indicados e bem aceitos pelas crianças, certamente eram de qualidade. Entre os exemplos, temos a propaganda (FIGURA 27) dos sucos Superbom que foi

veiculada nos periódicos adventistas entre o final da década de 1950 e início de 1960. Na imagem, vemos duas crianças brancas alegres, sorrindo para uma mesa repleta de frutas, cujo centro (e foco do olhar das crianças) é ocupado por três garrafas de suco Superbom, correspondendo aos três sabores disponíveis pela marca à época: tomate, uva e abacaxi. Novamente é evocado o slogan “beba saúde, bebendo Superbom”. Em complemento a ele, de forma central no quadro, ocupando o espaço entre os rostos sorridentes das crianças e as garrafas de suco, lemos “isto é bom... por que é puro”. Podemos ver também, no rodapé do anúncio, uma mensagem que diz respeito não somente ao produto divulgado, mas à Superbom como um todo e seu compromisso em oferecer o que há de mais saudável entre os produtos industrializados: “uma indústria a serviço de sua saúde”. Podemos ainda interpretar essa afirmação como um compromisso da empresa com a mensagem da saúde adventista e sua missão em divulgá-la amplamente.

Os anúncios de Superbom também têm espaço para evidenciar relações entre gêneros, como por exemplo, a propaganda divulgada na edição de janeiro de 1958 (FIGURA 28) que retrata um casal bem vestido, à moda dos anos 1950, degustando um saboroso suco Superbom. Sorridente, a mulher segura uma bandeja com três garrafas e um copo servido de suco sabor uva. Outro copo é segurado pelo homem ao seu lado, que também alegre, se prepara para experimentar o delicioso sabor abacaxi. Abaixo, o anúncio sugere o breve diálogo entre eles: “- Que tal? - Excelente!”. Além da cena retratada, em destaque na parte inferior, o anúncio é composto por uma ilustração das garrafas de suco e de frutas frescas. Em complemento ao ilustrado, no rodapé do quadro podemos ver ainda a logomarca e informações técnicas relacionadas à Superbom, além das palavras que sintetizam a essência do anunciado: “PURÍSSIMO E NUTRITIVO”.

Como é de se esperar, o seio familiar também era colocado como um elemento importante na divulgação dos produtos Superbom. Ao folhear as edições de Vida e Saúde, podemos também encontrar anúncios que retratam mães e pais *escolhendo o melhor* para sua família. Em um anúncio publicado em algumas edições do início da década de 1960 (FIGURA 29), o ambiente natural é novamente evocado para associar os produtos Superbom à aura de pureza e saúde. A cena retrata o preparo de um lanche ao ar livre, no qual uma mesa aparece em primeiro plano sendo preparada por uma mulher (a mãe) que, auxiliada por um homem (o pai), coloca diversos produtos

Superbom e frutas frescas a disposição para serem degustados pela família. Ao fundo, vemos três crianças ao lado de um carro, se preparando para curtir a tarde em meio a natureza e desfrutar dos melhores e mais saudáveis alimentos oferecidos pela marca adventista. Na parte inferior do anúncio, há um quadro com os seguintes dizeres: “em casa ou no piquenique, produtos Superbom enriquecem sua refeição!”. Nas laterais, podemos ver ainda dois produtos em destaque: Creme de Amendoim e o *Cremel* (um creme à base de mel).

FIGURAS 28 E 29 - PROPAGANDAS DA SUPERBOM EM VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, janeiro de 1958 e junho de 1962 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Cabe dizer aqui que esse anúncio é nitidamente inspirado pelo ideal de “American way of life” que penetrou na cultura brasileira, sobretudo no contexto pós-guerra, evocando diversos elementos comuns à cultura americana: o piquenique, a pasta de amendoim, os embutidos industrializados servidos à mesa, o carro de passeio que, sem deixar de ser elegante, cabe toda a família. Conforme observado por Schünemann (2002), nesse período as instituições adventistas no Brasil já haviam deixado de ser coordenadas por missionários estrangeiros, mas isso não quer dizer que eles se ausentaram completamente delas. A influência cultural ainda se fazia

presente, seja nos textos ou ilustrações produzidas para as mídias impressas adventistas. Mas como destaca o autor ao analisar o contexto nacional mais amplo, “a cultura brasileira, foi 'americanizada', mas não deixou de ser brasileira.” (idem, p. 267). Por isso, apesar dos elementos serem “americanizados”, com pessoas invariavelmente brancas, isso não impedia que o público leitor da revista Vida e Saúde se identificasse com essas peças de publicidade.

Ao longo dos anos de divulgação em Vida e Saúde, observamos que a Superbom também se preocupava em garantir a pureza de seus produtos em relação ao uso de conservantes e outros aditivos artificiais. Em um anúncio divulgado em julho de 1955 (FIGURA 30), a empresa afirma que “os produtos Superbom são portadores de absoluta garantia quanto à pureza dos produtos empregados e confeccionados com isenção completa de quaisquer ingredientes conservadores, nocivos à saúde”. Junto à mensagem, vemos alguns dos seus principais produtos, como a geléia e o mel de abelhas. Destaque para a rapadura de amendoim o produto Superbom familiar ao paladar brasileiro. Décadas depois, ainda que de forma mais discreta, a empresa continua a garantir a isenção de aditivos.

FIGURAS 30 E 31 - PROPAGANDAS DA SUPERBOM EM VIDA E SAÚDE



Fonte: Vida e Saúde, julho de 1955 e outubro de 1980 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Em outubro de 1980, encontramos um anúncio do suco de tomate temperado Superbom (FIGURA 31), um “coquetel pronto p/ servir”, nome que geralmente remete a preparos com bebidas alcoólicas, e o melhor: fonte de SAÚDE!, uma vez que é preparado sem produtos químicos ou conservantes. Colocando-as lado a lado, podemos observar que Superbom também se preocupa em adaptar-se no quesito publicitário, trazendo propagandas mais enxutas visualmente, destacando o que é conveniente ao produto de acordo com as tendências do período. Destacamos, ainda, a menção ao prêmio recebido no ano anterior no rodapé do anúncio, o *Trofeo Alimentación America 1979*.

Um tema que gerou discussão em torno dos produtos Superbom foram os alimentos enlatados. Em matéria publicada na Revista Adventista em abril de 1978, Joel Zukovski, químico industrial e então gerente de fabricação da Superbom, explica o que pode ter gerado controvérsia sobre o tema no meio adventista e a justificativa pela qual a empresa de alimentos optou por essa alternativa para comercializar diversos de seus produtos. Não é possível saber se essa questão foi levantada por algum leitor da própria revista ou em algum outro contexto no qual o assunto foi discutido, mas é interessante analisarmos as justificativas e os argumentos mobilizados por Zukovski para responder, em nome da Superbom, sobre o uso de enlatados. Ele alega ter sido muitas vezes interrogado sobre os perigos de se usar esse tipo de acondicionamento, para ele “parece existir uma consciência de que o alimento saudável não deve estar em latas, que elas são impróprias ou ainda, que são extremamente perigosas para a saúde” (ZUKOVSKI, 1978, p. 45).

Ainda que essa diferenciação não seja estabelecida pelo autor, cabe salientar que não necessariamente o alimento saudável é sinônimo de alimento fresco, recém colhido ou preparado. Do mesmo modo, nem todo alimento saudável *precisa* ser um alimento fresco. Mas voltando ao artigo de Zukovski, ele faz uma análise bastante restrita à visão adventista sobre o assunto, argumentando que “tal ideia pode ter sido tirada das seguintes citações do Espírito da Profecia” - citando em seguida alguns trechos do livro Conselhos Sobre o Regime Alimentar, cujas passagens atribuídas à Ellen White reproduzidas na matéria orientam para superioridade do recipiente em vidro em relação às latas. Prudentemente, o autor situa o contexto e período no qual White escreve, uma vez que os hábitos e conhecimentos acerca da higiene eram muito mais limitados no século XIX, como também a escritora fala para um público

que produzia alimentos para serem conservados em um ambiente doméstico e não industrial, além de dispor de poucos e precários equipamentos.

De forma bastante técnica, tendo em vista sua formação como químico, Zukovski explica como são fabricadas as latas para conservação de alimentos e como elas são utilizadas em escala industrial, ponderando que no século XIX “a própria tecnologia da lata, então, era diferente e pouco se sabia quanto à resistência que elas deveriam ter para suportar os diversos agentes naturais do próprio alimento a ser conservado” (idem). Mas ao longo do século XX, sobretudo no pós-guerra, os enlatados se consolidaram como um tipo de embalagem comum aos produtos industrializados, demandando alguns cuidados simples, uma vez que “como qualquer outro meio de conservação, não é invulnerável” (idem). Os “dissabores” no uso de enlatados pode ser evitado atentando-se nos seguintes pontos: abaulamentos visíveis, manchas de ferrugem e alteração no aspecto do alimento em seu interior (idem, p. 45-46).

Se no século XIX o vidro era a embalagem segura para o acondicionamento de alimentos, a lata é o símbolo do alimento industrializado do século XX, e Zukovski garante que “com as modernas técnicas de fabricação e o elevado conhecimento sobre deterioração alimentar, é um meio seguro, barato e eficiente na conservação de alimentos” (idem, p. 46). Antes de saber que o plástico seria o século XXI por excelência, o autor faz um alerta: o alimento enlatado é “muito mais seguro que certas embalagens plásticas existentes no mercado” (idem). Em vias de conclusão, Zukovski ressalta que “a lata trouxe ao mundo atual a possibilidade de uma dieta equilibrada, por mais tempo, e uma contribuição para o aumento de vida nesta geração” (idem), isso porque teve um impacto direto na diminuição de mortes por intoxicação alimentar. Desse modo, garante que “seu uso não está em desacordo com o Espírito de Profecia, bem como, não deve ser olhado como um inimigo mortal” (idem).

Alguns temas que ganharam espaço em Vida e Saúde no século XXI começaram a ser debatidos em suas páginas já no final do século XX, como a noção de produtos ultraprocessados, o uso de aditivos e o apelo aos agrotóxicos e transgênicos na produção de alimentos. O cenário de transformações no campo agrícola brasileiro não foi um movimento isolado, tampouco pioneiro, mas integra um grupo maior de mudanças ocorridas a partir de meados da década de 1960 que ficou conhecido como “revolução verde”. Ao contrário do que o nome sugere, cunhado por

William Gown em 1966 em uma conferência nos Estados Unidos, nem todos os agentes ligados diretamente a ela foram beneficiados. Conceitualmente, “revolução verde” é usada para designar essas transformações no cenário agrícola que agregou tecnologias diversas, como por exemplo sementes geneticamente modificadas, mecanização da mão de obra para processamento da produção, uso de adubos e inseticidas químicos para combater as pragas - o que favoreceu as produções, sobretudo nos países até então menos desenvolvidos.

Conforme dito, nem todos os setores prosperaram com a revolução verde. Apesar de ter surgido e recebido forte investimento pelo pretexto de objetivar acabar com a fome no mundo, pelo aumento significativo da produção agrícola de gêneros alimentícios, Octaviano (2010) mostra que, na realidade, inúmeros problemas sociais e ambientais intensificaram-se a partir dela. De acordo com a pesquisadora, “de um lado está a melhoria econômica, do outro persistem os problemas sociais” (idem), como o desemprego nas zonas rurais em consequência da mecanização do trabalho no campo, demandando assim um menor número de trabalhadores. Outra característica da revolução verde no Brasil foram os incentivos estatais para ampliar as fronteiras agrícolas e para a compra de insumos, como sementes geneticamente modificadas, adubos e agrotóxicos. Na década de 1990, esse sistema já se encontrava bem estabelecido e em franco crescimento no país, motivando algumas matérias sobre o tema na revista Vida e Saúde.

Na edição de abril de 1999, a matéria “Revolução Verde” assinada pelo “colaborador especial” Vanderlei Dorneles¹⁸⁵ discute os impactos das transformações no cenário agrícola e suas consequências, alertando para o fato de que “as plantas transgênicas prometem milagres, mas são polêmicas” (DORNELES, 1999, p. 24). No contexto em que ele escreve, o governo brasileiro havia aprovado a Lei de Biossegurança há poucos anos, em 1995, e o país ainda estava iniciando os trabalhos com as sementes geneticamente modificadas, mas já prometiam muitos “benefícios à humanidade no próximo século” (idem). Por isso, Dorneles organiza seu texto entre as vantagens e as controvérsias relacionadas aos transgênicos, a fim de informar de forma integral o leitor da revista Vida e Saúde sobre o tema. Entre os pontos positivos, o autor se vale do exemplo dos Estados Unidos, o primeiro país a cultivar sementes

¹⁸⁵ Jornalista, escritor e pastor adventista, atualmente é redator-chefe associado na Casa Publicadora Brasileira

transgênicas de soja, milho e algodão, afirmando que “elas receberam genes que lhes conferiram maior resistência aos herbicidas e aumentaram sua capacidade de produzirem a toxina Bt, supostamente inofensiva ao ser humano mas letal para as lagartas” (idem). Isso resultou em uma plantação mais lucrativa, tendo em vista que uma menor quantidade da safra foi perdida por conta de pragas nas plantações.

Dorneles explica também como são fabricadas as sementes geneticamente modificadas. Segundo o autor, “a técnica consiste em isolar genes responsáveis por características específicas das plantas e inseri-los nas espécies a serem modificadas” (idem). A partir desse processo, “a transgenia comunica aos alimentos propriedades como maior rigidez e longo prazo de validade, resistência a insetos ou herbicidas, ampliação de determinados nutrientes” (idem). Para facilitar a compreensão do processo por parte do público leitor, a matéria traz ainda uma ilustração contendo o passo a passo da modificação genética de sementes, valendo-se do exemplo do milho. Frente a diversos potenciais benefícios que os alimentos transgênicos poderiam oferecer à humanidade, Dorneles faz uma ressalva afirmando que, ainda que os cientistas garantam “que as plantas geneticamente modificadas não trazem danos à saúde do consumidor” (idem, p. 25), não há um consenso sobre elas nem mesmo no meio científico.

Além de citar a oposição massiva de “ativistas verdes” em relação aos transgênicos, Dorneles comenta também sobre algumas pesquisas científicas que vinham sendo desenvolvidas em torno das controvérsias relacionadas a essas sementes, entre elas, uma em específico publicada na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences*, que alertou para os perigos dessa modificação de genes gerarem ervas daninhas super-resistentes. Um comentário feito pelo então presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência também foi mobilizado pelo autor, que alertou para a insuficiência dos testes feitos para “garantir a utilização segura de plantas transgênicas”, além de se preocupar com o grau de toxicidade para o organismo humano (idem, p. 26). Um último problema apontado na matéria, com base em pesquisas desenvolvidas por ambientalistas e ativistas do *Greenpeace*, indicaram ainda uma grande ameaça à biodiversidade, motivada por essas alterações genéticas (idem).

Especialistas no tema como Cavalli (2001), sugerem que a década de 1990 é marcada por uma “nova revolução verde”, pautada pela “revolução genética, unindo a

biotecnologia e a engenharia genética, promovendo assim significativas transformações na agricultura mundial” (idem, p. 42). Essas mudanças teriam sido motivadas, sobretudo, pela “maior resistência às doenças e às pragas”, mas também visando “o decréscimo no tempo necessário para produzir e distribuir novos cultivares de plantas” focando o aumento da produtividade (idem). Do mesmo modo que a primeira fase da revolução verde, nesse contexto os investimentos nessas transformações se debruçam sobre o pretexto do combate à fome, ainda que ele seja fortemente questionável. Como bem colocado pela pesquisadora, “a luta contra a fome não se reduz ao aumento da oferta de alimentos, mas em fornecer condições à população para adquirir ou autoproduzir o seu sustento, o que remete ao emprego gerador de renda, ao auto-emprego e à reforma agrária” (idem). Para além das controvérsias apontadas pelo artigo publicado em Vida e Saúde, Cavalli também ressalta outros perigos ao organismo humano decorrentes dos alimentos transgênicos, como o surgimento de reações alérgicas e o aumento da resistência a antibióticos.

A ameaça à saúde foi uma preocupação frequente em Vida e Saúde no final dos anos 1990. A edição de agosto de 1997 teve como motivo de capa a matéria especial “Saúde ameaçada”, de autoria de Zinaldo A. Santos. O fio condutor do texto é a seguinte: “alimentos contaminados levam perigo à mesa” (SANTOS, 1997, p. 24), mas quais seriam esses contaminantes? O autor indica que o problema pode ser gerado por diversos fatores, seja a contaminação por bactérias, o consumo do alimento fora do seu prazo de validade, entre outros fatores. Em um quadro organizado, a matéria apresenta diversos tipos de alimentos (como carnes, peixes, ovos, leite, frutas, vegetais, etc.), e seus elementos contaminadores, órgãos afetados e efeitos no organismo humano. Como conselho, Santos sugere que “é preciso ter cuidado na compra do produto e no preparo da receita”, além de ter em vista que “o princípio geral no qual se fundamenta a boa saúde alimentar é a adoção de um regime natural” (idem, p. 26).

De volta ao ano de 1999, outra matéria publicada em Vida e Saúde demonstra essa preocupação com a contaminação dos alimentos naturais, especialmente por agrotóxicos. No texto, o então supervisor médico da revista, Dr. Manfred Krusche, alerta que, apesar de pesquisas indicarem que a melhor alimentação é aquela rica em alimentos naturais, ricos em nutrientes essenciais, “é justamente no cultivo desses

alimentos que se concentra o pesado ataque dos produtos químicos” (KRUSCHE, 1999, p. 24). Até pelo menos a década de 1970, a maior preocupação do editorial em relação aos alimentos naturais era orientar sobre sua correta higienização para consumo seguro, agora, como vemos no final dos anos 1990, multiplicam-se os perigos alimentares e estendem-se ao que há de mais louvável na dieta adventista.

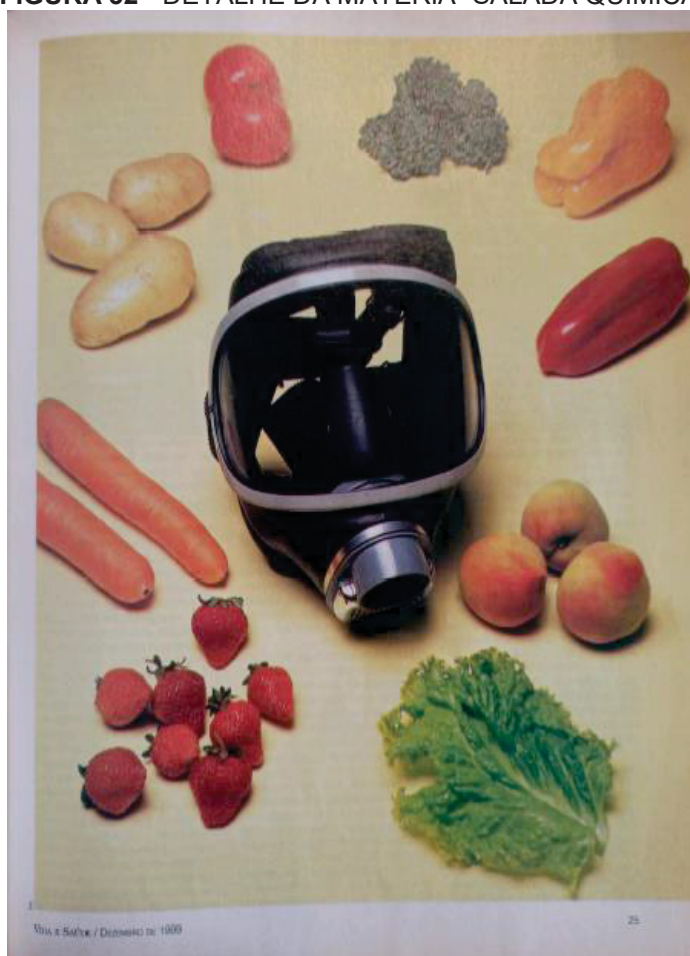
Voltando ao texto de Krusche, o autor explica que com o argumento de que os defensivos químicos na agricultura aumentam a produtividade, o lucro e, conseqüentemente, a oferta de gêneros alimentícios, seu uso tem se intensificado a cada ano, levando “as indústrias químicas a investirem muito dinheiro para desenvolver novos e melhores produtos, com vistas ao aumento da rentabilidade da agricultura” (idem). Entretanto, pouco se discute os riscos e o “efeito prejudicial da combinação de vários desses produtos no organismo humano” (idem). Naquele contexto, algumas pesquisas já estariam indicando os perigos atribuídos ao consumo indireto de produtos químicos a longo prazo, sendo que elas indicam também, para o caso do Brasil, que “há quantidades de elementos tóxicos bem acima das permitidas por lei, nos principais produtos que chegam à mesa do brasileiro” (idem). De acordo com Krusche, o assunto é ainda bastante nebuloso e em disputa:

Naturalmente, os produtores rurais e as indústrias químicas tendem a minimizar os possíveis efeitos dos agrotóxicos sobre a saúde, ao passo que os ambientalistas e alguns segmentos da área da saúde têm outra opinião. Esses suspeitam de que várias moléstias podem ser ocasionadas pelo uso cada vez maior de produtos contaminados (idem, p. 26).

Podemos notar que o discurso adventista tende a compartilhar das opiniões desse segundo grupo, que tende a se preocupar mais com as possíveis conseqüências do uso de agrotóxicos para o organismo humano a longo prazo do que comemorar seus triunfos a curto prazo. A imagem produzida especialmente para ilustrar a matéria de Krusche pelo editorial da revista visa reforçar os argumentos contidos no texto do autor. Creditada à Erlo [Kohler], que integrava o departamento de arte da Casa Publicadora Brasileira, a imagem (FIGURA 14) retrata sob um fundo claro diversos legumes, verduras e frutas espalhadas em torno de uma máscara de gás, enfatizando o potencial nocivo de se consumir aqueles alimentos contaminados por agrotóxicos. Para além dos alertas feitos, a matéria ocupa-se também em fornecer algumas soluções para o público leitor, entre elas os alimentos orgânicos: “começa a surgir a chamada agricultura orgânica que dispensa o uso de produtos químicos em

sua produção” (idem). Apesar de serem mais custosos e de aparência não tão atrativa, Krusche garante que são alternativas mais saudáveis. Outras formas de “driblar” os agrotóxicos caso não seja viável o acesso a alimentos orgânicos são: lavar bem os alimentos antes de consumi-los; descascá-los, principalmente as frutas, uma vez que os químicos se concentram principalmente nelas; dar preferência alimentos que estão em época de cultivo e, quando possível, produzir seus próprios alimentos (idem).

FIGURA 32 - DETALHE DA MATÉRIA “SALADA QUÍMICA”



Fonte: Vida e Saúde, dezembro de 1999 (Acervo: Biblioteca Pública do Paraná)

Voltando a olhar os produtos Superbom, apesar da preocupação em relação aos químicos e a visão otimista com relação às alternativas que vinham surgindo, isso não quer dizer que a marca esteve completamente alheia às contradições entre o discurso sobre saúde promovido pelos adventistas em seus diversos canais e a prática dentro das instalações fabris ao longo tempo. Na página dedicada a sanar dúvidas dos clientes em relação aos alimentos produzidos pela Superbom, o site responde a diversas questões previamente estabelecidas no que diz respeito a

diversos aspectos dos produtos. Sobre o uso de soja transgênica, a empresa garante que “a soja utilizada pela Superbom não é transgênica. Nosso fornecedor é certificado conosco há mais de 30 anos e se compromete, por meios de contrato, o fornecimento de uma soja GMO FREE”¹⁸⁶. Sobre o uso de conservantes artificiais, a empresa explica que as proteínas vegetais enlatadas não possuem conservantes, uma vez que passam pelo processo de esterilização.

Ao explicar a composição do *Vegancheese*, o queijo vegetal da marca, a empresa ressalta que não se trata de um produto similar ao queijo feito de leite animal, é apenas uma inspiração, “oferecendo assim uma textura e sabor único”. Por esse motivo, “como não há ingredientes de origem animal, o aroma *precisa ser* sintético, porém não prejudicial à saúde e também livre de alergênicos”¹⁸⁷ (grifo nosso). Ora, se o alimento não ambiciona reproduzir as características de um queijo em sua totalidade, o uso de um aromatizante idêntico ao natural não se faria necessário. Mas de todo modo, essa tendência em reproduzir características iguais aos produtos de origem animal não se limita ao queijo vegetal, nem mesmo aos produtos da Superbom. E por esse motivo, a empresa se rende às tendências mercadológicas, ainda que se declare firme aos propósitos da reforma da saúde adventista.

Ao passo que Vida e Saúde tece críticas fundamentadas em relação aos alimentos ultraprocessados nas últimas décadas, tema que também ganhou recentemente uma seção própria no editorial do periódico, os próprios alimentos produzidos e comercializados pela Superbom enquadram-se na categoria - ainda que não sejam repletos de ingredientes artificiais e se encaixem inequivocamente na categoria de “alimento saudável”. Analisando o conteúdo de Vida e Saúde, compreendemos que sua mensagem sobre alimentação saudável exigiu de uma adaptação para os moldes da vida moderna, com cada vez menos tempo para preparar as refeições e agregar alimentos frescos às dietas, sendo uma demanda replicada também para a Superbom. Mas indagamos, ainda assim, o que diferencia o produto adventista, para além de sua composição, tendo em vista que se aproveita da mesma rotulagem dos produtos industrializados das grandes cadeias industriais.

¹⁸⁶ Consultado em: <https://superbom.com.br/fale-conosco/ingredientes/>. Acesso em: 28/05/2024. A sigla citada significa *Genetically Modified Organism*, portanto, os produtos da Superbom que levam soja na composição são livres de organismos geneticamente modificados - em outras palavras, livre de transgênicos.

¹⁸⁷ Consultado em: <https://superbom.com.br/fale-conosco/ingredientes/>. Acesso em: 28/05/2024.

Atualmente, pesquisas acadêmicas no campo da saúde e das ciências sociais vêm se debruçando sobre o problema da alimentação industrializada e ultraprocessada. Quem “come mal”, no caso brasileiro, são as camadas mais pobres, não apenas porque não têm tempo e renda para acessar produtos de qualidade, mas também porque os alimentos ultraprocessados recheados de aditivos, saborizantes e conservantes artificiais têm sido cada vez mais atrativos e financeiramente viáveis. Soma-se a isso o marketing em torno de alimentos industriais “saudáveis”, quando na prática, não o são. No campo das dietas com restrições alimentares, especialmente veganas e vegetarianas, observamos uma crescente diversidade de produtos concorrendo entre si nas prateleiras dos supermercados, muitos dos quais reproduzem a lógica carnívora ao invés de valorizar os produtos em suas características e sabores originais.

A própria Superbom tem uma cartela de “carnes vegetais” bastante diversificada, da qual já comentamos, que vai desde atum de plantas, salsichas e bifes vegetais, “medalhão ao molho madeira”, “cubinhos ao molho mexicano”, “escalope ao molho caseiro”, entre outras opções, além dos queijos, maionese e leite vegetais. Um fato interessante, a edição de Vida e Saúde de agosto de 1960 publica uma matéria que anuncia o “alimento do futuro”, que seria uma “carne microbiana” desenvolvida em laboratório com base em levedo de cerveja. Coincidência ou não, assistimos hoje a uma avalanche de produtos da Fazenda Futuro¹⁸⁸, empresa alimentícia brasileira fundada em 2019, que reproduz em sabor, textura e formato produtos cárneos, tendo por base exclusivamente plantas. Ainda que a matéria de Vida e Saúde não identifique a fonte de pesquisa na qual se baseou para propagandear o alimento do futuro, podemos colocar a revista como uma pioneira na divulgação da carne vegetal no Brasil.

Ao analisar o cenário de implementação, desenvolvimento e adaptação ao mercado, concluímos neste momento que a Superbom apresenta-se um duplo desafio: se adaptar às demandas de um mercado cada vez mais competitivo, inovador e tecnológico em torno dos alimentos “*plant based*” e dos usos de aditivos químicos

¹⁸⁸ Com a missão de “mudar a maneira como o mundo come” e um discurso pautado nas tendências de mercado como consciência ambiental e responsabilidade ecológica, a empresa foca em atingir não apenas o público vegano e vegetariano, mas também os chamados “flexitarianos” (que prioriza o consumo de produtos de origem vegetal, mas eventualmente consome carne). Na sua cartela de produtos, encontramos hambúrguer, frango, linguiça, almôndega - todos à base de plantas. Para saber mais: <https://www.fazendafuturo.io/>. Acesso em: 09/07/2023.

para conquistar o paladar brasileiro; e por outro, conciliar os ideais evocados pela mensagem da saúde adventista, focando em um estilo de vida saudável que abarca não só a alimentação, mas outros diversos hábitos e princípios. Observamos o investimento em novos produtos e novas formas de comercialização, como o *e-commerce*, como também a preocupação em destacar que (quase todos) os produtos Superbom não levam qualquer tipo de elementos artificiais em suas composições. Partindo dessas questões, nos dedicamos no próximo e último tópico desta pesquisa a analisar como o regime vegetariano foi promovido em *Vida e Saúde*, *se alimentando* do panorama de transformações e incertezas que marcaram a segunda metade do século XX, e fortalecendo uma identidade adventista na qual a alimentação saudável se torna uma peça cada vez mais central.

5.3 Perseverantes obtêm recompensa

Neste último tópico, vamos analisar o discurso sobre regime vegetariano e alimentação saudável em *Vida e Saúde*, a fim de justificar nossa tese de que estes temas se tornaram elementos centrais da identidade adventista, sendo o traço mais distintivo dela, ao lado da guarda do sábado. Ao longo do século XX, apesar de *Vida e Saúde* empenhar-se em se colocar como uma revista sobre saúde e estilo de vida sem mencionar de forma incisiva sua orientação religiosa. Ainda assim, podemos observar em suas páginas uma inclinação à visão de mundo cristã, mencionando por vezes a importância da fé para a saúde e bem-estar, buscando assim abranger um público mais amplo do que somente adventista, mas que se identificasse ou minimamente simpatizasse com o universo cristão.

Para divulgar a dieta vegetariana que orienta a alimentação saudável adventista, o editorial de *Vida e Saúde* lançou mão de diversos caminhos argumentativos, que vão desde os benefícios da eliminação da carne no regime alimentar, a riqueza nutricional do mundo vegetal, a relação entre alimentação e saúde física e espiritual, a longevidade promovida pela dieta vegetariana até a aconselhamentos sobre como se tornar vegetariano e viver como tal em uma sociedade onde o consumo de carne é amplamente praticado. Assim, o compromisso com a promoção do vegetarianismo foi manifesto em *Vida e Saúde* desde suas primeiras edições. Em 1939, além da série de artigos assinados por Antônio Miranda intitulada “Alimentação - Base da Saúde Física, Pilar da Saúde Moral” (edições de

março, maio e agosto), encontramos também uma explicação sobre “*como o regime influe no caráter do indivíduo e da raça*”. Levando esse título, o artigo de Armando Gauthier¹⁸⁹ se desenrola a partir de discussões que teriam ocorrido no Primeiro Congresso Internacional de Higiene Alimentar.

De antemão, Gauthier observa que “a alimentação cárnea mais ou menos exclusiva é, mais do que a raça, um dos fatores do caráter do indivíduo” (GAUTHIER, 1939, p. 10). Fazendo um comparativo com o mundo animal, o autor afirma que os animais carnívoros tendem a ser mais perigosos, enquanto os herbívoros, mais pacíficos. A mesma relação valeria para povos distintos, por exemplo, alemães e ingleses em comparação aos povos asiáticos, estes últimos que têm uma dieta rica em verduras e grãos. Gauthier recorre ainda à comparação com ratos de laboratório: “enquanto são alimentados com pão e cereais, são quietos e facilmente domesticáveis, ao passo que ficam irritados e mordem logo que passam a ser nutridos com carne” (idem). Vale dizer aqui que ratos são onívoros, portanto, seu comportamento em relação a cada dieta pode ser influenciado também pela suficiente nutrição ou não do organismo, o que daria um maior ou menor passividade em relação ao manejo ao qual eles são submetidos em laboratório.

Ainda assim, Gauthier garante que o mesmo teste foi reproduzido em diversas outras espécies de animais, e o resultado foi o mesmo: o regime cárneo torna os animais agressivos, maus e perigosos. Desse modo, ao fazer um paralelo com os seres humanos, ele conclui que “o regime cárneo age, pois, certamente sobre o caráter pessoal, tornando-nos mais agressivos, mais rudes e mais violentos” (idem, p. 21). Uma vez que o consumo de carne agiria sobre o caráter, para Gauthier, logicamente, ele modifica também a raça. Ainda que não explique com exatidão o que ele entende por isso, podemos entender como “raça humana” de modo amplo. Mesmo que não compartilhe de uma opinião radical sobre essa mudança na raça humana de forma generalizada, Gauthier defende que “do regime dependem, pelo menos indiretamente, o crescimento e a reprodução, e que as qualidades próprias de cada indivíduo, sejam a pouco e pouco modificadas pela ação secular dos regimes” (idem). Sendo assim, o regime vegetariano ofereceria ao organismo maior sobriedade, tornando o caráter “mais dócil, como que o espírito fica mais calmo e ao mesmo tempo mais vivo” (idem). Convém retomar aqui uma passagem de *A Ciência do Bom Viver*,

¹⁸⁹ Não foram encontradas informações sobre o autor.

de Ellen G. White, a qual colocou em discussão no meio adventista a relação entre alimentação e temperamento.

A sobriedade na alimentação é recompensada com vigor mental e moral; é também eficaz no domínio das paixões. O excessivo comer é especialmente prejudicial aos que são de temperamento indolente; estes devem comer frugalmente, e fazer bastante exercício físico. Existem homens e mulheres de excelentes aptidões naturais, que não realizam metade do que poderiam efetuar se exercessem domínio sobre si mesmos quanto a negar-se ao apetite. (WHITE, 2013, p. 216)

Nos escritos de White sobre alimentação, vemos com recorrência referências à ideia de autodomínio e controle do apetite e das paixões. O consumo de carne também é comumente relacionado à devassidão e ao exagero no comer. A implicação das escolhas alimentares e sua incidência na personalidade humana é uma discussão que foi transportada e exaustivamente explorada em *Vida e Saúde*, por isso, é comum a relação entre dieta vegetariana e autocontrole versus regime cárneo e descontrole, seja ele físico, seja ele emocional. Uma vez que a revista se coloca como um manual de saúde e estilo de vida para aqueles alheios aos conhecimentos teóricos e práticos sobre o assunto, cabe a ela instruir de forma didática o público leitor, interessados em aumentar sua qualidade de vida. Entre matérias que discutem os hábitos de higiene, como corrigir a postura, a necessidade de cálcio para o organismo, encontramos na edição de dezembro de 1940 uma nota sobre erros alimentares. No texto, seu autor, identificado apenas pelas iniciais M. F. A., afirma que para além da importância da escolha dos alimentos, pesa também a forma *como* comemos. Nesse sentido, alega que “comer em excesso é talvez um dos mais prejudiciais erros de regime” (M. F. A., 1940, p. 16), sendo “provável que mais doenças sejam motivadas pelo comer em excesso do que por outra causa qualquer” (idem).

A regularidade das refeições, como já mostrado em capítulos anteriores, é um ensinamento caro aos adventistas e possui forte influência do pensamento de Ellen G. White, bem como da reforma da saúde de modo mais amplo. Outro ensinamento propagado no meio adventista e, por conseguinte, em *Vida e Saúde*, é a ideia de que “alimento é remédio”. E este é um dos temas discutidos na edição de julho de 1954. No artigo redigido por Robert McCarrison¹⁹⁰, ele diz ter estudado a fundo a relação entre alimentação e saúde, comentando que antes de descobertas como a de Louis

¹⁹⁰ Identificado pelo editorial da revista como “eminente especialista em nutrição e diretor do Departamento Oficial de Pesquisas Sobre a Alimentação, em Coonor, Índia”.

Pasteur, tinham-se “noções muito rudimentares sôbre as causas das enfermidades” (McCARRISON, 1955, p. 10), além dos problemas de saúde serem atribuídos de forma quase que inquestionável a um castigo divino. Desse modo, o autor recorda que a função do alimento é “manter as fôrças do organismo contra os ataques microbianos” (idem). Mas ao passo que o alimento é força, ele também pode ser a origem das doenças. Isso porque, conforme explica McCarrison, há dois fatos de “importância excepcional” relacionados à alimentação inadequada:

Primeiro, nenhum órgão ou tecido escapa aos efeitos de um alimento incorreto, deficiente em vitaminas, ou em outra qualquer substância necessária para a nutrição normal. Segundo, os sêres alimentados com produtos deficientes estão expostos a invasão de tôda espécie de micróbios (idem).

E por isso, referenciando uma afirmação que é atribuída a Hipócrates, “pai da medicina”, ele diz: “*seja o teu remédio, o teu alimento*”. Ao passo que o alimento pode ser o portador das mazelas, pode também ser o mediador da cura, mediante corretas escolhas. Conforme explica McCarrison, “em regra geral, os animais bem alimentados vivem isentos de enfermidades, ao passo que os submetidos a uma dieta deficiente, sofrem de múltiplas doenças” (idem, p. 11). Ainda assim, vale lembrar que uma boa alimentação não quer dizer alimentos em excesso, mas sim, alimentos nutritivos. Para o autor, “o alimento é a base da saúde” (idem), e assim sendo, “entende-se por dieta bem constituída a cujos elementos principais são o leite, os derivados do leite, qualquer cereal, frutos oleaginosos ou mistura de cereais compatíveis, os vegetais de folhas verdes, legumes verdes e frutas” (idem). Estes seriam os alimentos “protetores” por excelência.

Ainda que se façam ressalvas ao consumo de leite e derivados na dieta adventista, esses alimentos foram de fato indicados em Vida e Saúde, mediante correto acondicionamento e preparo. Nesse quesito, é interessante resgatar novamente as passagens escritas por Ellen G. White, no que diz respeito ao consumo de derivados animais, para a qual ovos, leite e manteiga não devem ser considerados alimentos cárneos:

Desejo dizer, porém, que ao chegar o tempo em que não é mais seguro usar leite, nata, manteiga e ovos, Deus o revelará. Não se devem advogar extremos na reforma de saúde. A questão de usar leite e manteiga e ovos resolverá seu próprio problema. Atualmente não nos preocupamos nesse

sentido. Seja a vossa moderação conhecida a todos os homens (WHITE, 2007, 301).

Assim, segue a regra da moderação, que deve ser seguida para a alimentação como um todo. White garante que Deus guiará a humanidade em relação à alimentação, alertando para o momento no qual não será mais seguro consumir esses alimentos. Ainda que Deus não tenha intercedido por isso, atualmente vemos um movimento em Vida e Saúde no sentido de adotar a cartilha vegana de seleção de alimentos, eliminando quando possível o consumo de qualquer derivado animal, fazendo uma ressalva ao uso do mel. Entretanto, é justo dizer que os adventistas estão caminhando nesse sentido apenas no que diz respeito à alimentação, e não à filosofia vegana em sua totalidade; sendo ainda bastante especistas em relação aos animais e sua tarefa de servir aos humanos, mesmo que não seja como alimento, mas nunca em igualdade com a humanidade no plano de Deus¹⁹¹. Inclusive, essa questão foi em parte discutida em artigo publicado na edição de dezembro de 1944, de autoria de Carlos Gerber¹⁹².

Em “O Sofrimento dos Animais”, Gerber faz uma crítica à “uma das objeções preferidas dos incrédulos”, que seria a seguinte: *“está bem que, por haver pecado, o homem mereça castigo; mas os animais que sofrem não merecem essa sorte; seu sofrimento é, pois, uma injustiça e uma crueldade”* (GERBER, 1944, p. 07, grifo nosso). Para o autor, considerar que o sofrimento está condicionado a um tipo de castigo é encarar a questão de forma leviana. Isso porque, para Gerber, o sofrimento desempenharia uma função, no que diz respeito ao caso animal, uma vez que se trata de uma “lei geral” à qual “todos os seres dotados de sensibilidade” estão submetidos. E completa que esse sistema dispõe de “mais vantagens que inconvenientes” (idem).

A crítica feita pelo autor, que também se sustenta a visão adventista em relação ao sofrimento animal em oposição ao defendido pelo veganismo, estaria dada da seguinte forma: “quanto mais desenvolvido é um organismo, tanto mais perfeito; ou,

¹⁹¹ Na edição de outubro de 2018, a carta de um leitor chama atenção por questionar o emprego do termo “vegano” como sinônimo de “vegetariano”, especialmente na coluna de receitas culinárias. Em resposta ao leitor, o editorial garante que Vida e Saúde segue orientada pelos oito remédios naturais e que o uso da palavra “vegano” nas receitas é exclusivamente por conta do nome de alguns pratos. O editorial também afirma que “há situações em que precisamos usar a palavra para maior clareza ou por que o assunto realmente se refere ao veganismo, o que não significa que estejamos recomendando esse estilo de vida” (Seção Leitores..., 2018, p. 05, grifo nosso).

¹⁹² De acordo com o verbete sobre Salim Japas, consta que os pais de sua esposa (Oliva Ruth Gerber), Carlos Gerber e María Hugo, compunham a primeira geração de adventistas no Uruguai. Consultado em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7GJH>. Acesso em: 30/05/2024.

noutros termos, quanto mais elevado é o lugar que ocupa na *escala biológica*, tanto mais sensível é a dor” (idem, grifo nosso). Vemos aqui a inclinação cientificista na qual muitos argumentos mobilizados pela visão de mundo adventista se apoiam, que por vezes coloca em diálogo o discurso religioso e o científico a fim de confirmar seus posicionamentos. Gerber completa dizendo que “isso equivale a dizer que a capacidade de sofrer aumenta e aperfeiçoa-se à medida que se eleva o nível do organismo biológico” (idem). Por isso, seria um equívoco comparar o sofrimento animal ao sofrimento humano, para o qual “a educação, a instrução e a civilização acrescentaram singularmente a capacidade de sofrer” (idem).

Ora, se esses fatores influem na forma como o organismo processa a dor, então ela é também um fenômeno social. Gerber não chega a essa conclusão de forma espontânea, mas completa sua linha de raciocínio dizendo que “um ser inculto, um selvagem, por exemplo, é muito menos sensível à dor que um ser culto e desenvolvido” (idem). Sem entrar no mérito da problemática visão eugenista do autor, o texto segue exemplificando as diversas situações nas quais os animais demonstram maior resistência, ou insensibilidade à dor, como nos casos em que a lagartixa perde sua cauda e continua vivendo normalmente. Desse modo, para Gerber, “o sofrimento do animal tem, pois, um objetivo, contribuir para o seu desenvolvimento normal e para a marcha natural de seu destino” (idem, p. 20). Enquanto o animal sofre apenas momentaneamente, o ser humano sofreria por tempo proporcional ao tamanho da dor.

Temos aqui, também, um ponto importante a ser ressaltado: o vegetarianismo defendido pelos adventistas não prioriza a lógica de oposição ao sofrimento animal, mas se baseia nos preceitos higienistas firmados pela reforma da saúde e, sobretudo, pelas suas interpretações das recomendações bíblicas em torno da alimentação. Isso não quer dizer que eles ignorem o argumento do sofrimento animal como motivação para não comer carne. Além disso, se alimentar de animais estaria fora dos planos de Deus, uma vez que somente após a queda do Adão e Eva é que os humanos passaram a se alimentar de carne, portanto, só uma vida em pecado recorre ao regime cárneo. Sendo assim, como vimos por meio do texto de Gerber, para além de não compartilharem da cartilha da defesa animal, eles se opõem a ela, justificando pela via do especismo de que os animais sofrem menos do que seus humanos pelo seu nível evolutivo na escala biológica. O autor, em vias de conclusão, fala inclusive que “o boi levado ao matadouro não sofre apreensão alguma” (idem).

Conforme notado pela pesquisadora Natascha Ostos (2021) ao pesquisar as primeiras discussões organizadas sobre o vegetarianismo no Brasil, ela nota que a questão da defesa dos animais de fato não era o argumento central para justificar a abstinência de carne entre seus adeptos, sejam eles religiosos ou não. Os argumentos centravam-se no discurso científico, que buscava compreender a fisiologia humana e racionalizar o discurso sobre alimentação, bem como um forte fundo ético moral, uma vez que sempre existiu “a correlação entre abstenção de carne e a convicção de que matar animais é algo errado” (idem, p. 48). No caso adventista, apesar de rejeitarem a noção de igualdade entre as espécies, o discurso sobre alimentação em Vida e Saúde se manteve firme ao longo dos anos em relação ao potencial tóxico - para o corpo e para a mente - dos alimentos cárneos, colocando como a alternativa mais segura para os seres humanos o regime vegetariano, regado a alimentos frescos e, como visto, complementado por uma série de outras práticas que integram os oito remédios naturais.

A inserção do debate sobre o vegetarianismo no Brasil não foi um trabalho exclusivo da Igreja Adventista, tampouco liderado por ela. Na realidade, se observarmos as primeiras décadas de esforço missionário para o estabelecimento do adventismo no país, ele focou muito mais no trabalho de evangelização e conversão, com ênfase na pregação do Apocalipse, do que na divulgação do estilo de vida adventista. De acordo com Ostos (idem, p. 42), ao analisar o discurso sobre o vegetarianismo nas primeiras décadas do século XX no Brasil, percebe-se que ele “comportava diferentes correntes, nomenclaturas e práticas, cujas definições na documentação são instáveis, variando conforme a perspectiva dos comentadores”. Inclusive, é comum vermos outros termos como naturismo, vegetarianismo e vegetalismo, sendo utilizados para definir um mesmo estilo de vida, que na ótica de Ostos “incluía, além do regime vegetariano, práticas de cuidado com o corpo e contato com a natureza, como: banhos em rios e no mar, exposição ao sol, uso de roupas leves, habitações ventiladas, exercícios físicos, passeios ao ar livre” (idem), tal qual o modelo propagado pela Reforma da Saúde.

Ainda que não mencione os adventistas do sétimo dia, focando sua análise nas fontes impressas disponibilizadas pela Sociedade Vegetariana Brasileira, que inicialmente, em 1913, foi nomeada Sociedade Naturista Brasileira, podemos perceber que os princípios e hábitos norteadores eram muito semelhantes. Desse modo, até a

década de 1940, o discurso médico-higienista em torno dos hábitos alimentares e de um estilo de vida saudável já vinha sendo debatido por meio desses setores sociais interessados em implementar, segundo Ostos, um “projeto de sociedade” que entendia que “o impacto individual do vegetarianismo (físico e moral) deveria desencadear mudanças sociais” (idem). Num contexto de forte influência positivista, que buscava explicar por meio do discurso científico e racionalizado as respostas para as mais diversas questões, “os médicos assumiram o papel de mediadores do conhecimento, assessorando não apenas os pacientes, mas também o Estado e a sociedade na implantação de iniciativas para a melhoria da saúde pública” (idem).

Uma característica observada nestes primeiros defensores que se difere dos hábitos adventistas era que “o vegetarianismo positivista não se preocupava tanto com a nutrição, e sim com as implicações morais da ingestão de carne pelo ser humano” (idem, p. 45). Conforme observado pela pesquisadora, alinhava-se aos argumentos científicos, valores éticos e morais relacionados sobretudo ao consumo de carne, mas também ao de outros produtos como o álcool e o tabaco. Além disso, alinhada à interpretação adventista, os debatedores das sociedades vegetarianas do início do século também acreditavam que os regimes alimentares incidiam sobre o temperamento do indivíduo.

Desse modo, para os vegetarianos da época, a exclusão da carne da dieta estava alinhada com a ciência e os saberes médicos, justificada na organização fisiológica e evolutiva do ser humano. Mas também se baseava em princípios morais, na crença de que o consumo de carne gerava atitudes negativas, perigosas para indivíduos e sociedade. Esses dois fundamentos, científico e moral, também confluíam nos discursos vegetarianos sobre os animais. Sobressaíam as comparações biológicas e comportamentais entre os seres humanos e os bichos, na feição de carnívoros e herbívoros. Defendia-se o direito à vida dos animais, mas mantinham-se as assimetrias que hierarquizavam a humanidade e os demais seres vivos (idem, p. 46).

Relacionar os pensadores positivistas que advogavam pela pauta vegetariana no início do século XX no Brasil e os missionários adventistas reformadores da saúde seria uma empreitada desproporcional ao que buscamos discutir aqui. É possível que alguns integrantes dessas sociedades e associações fossem adventistas ou tivessem contato com o movimento adventista, uma vez que os próprios religiosos também buscavam se integrar à sociedade em algum nível, sobretudo à comunidade médico-científica, ainda que seus objetivos tivessem um caráter missionário. Fato que é o contexto brasileiro já se mostrava propício à discussão que, no final da década de

1930 com seu lançamento, a Vida e Saúde vai se dedicar. Além disso, diversos autores que tinham seus textos publicados na revista, sendo ou não adventistas, frequentavam as mesmas instituições mencionadas por Ostos, como a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Ao longo das primeiras décadas de publicação, a revista Vida e Saúde manteve seu discurso sobre alimentação bastante pautado nos argumentos médico-científicos que apontavam para a toxicidade - para o corpo e para a alma - do regime cárneo, sem preocupar-se tanto em enfatizar o regime vegetariano. Podemos firmar a década de 1960 como um momento de novo fôlego para o vegetarianismo no Brasil, em que ele se tornou uma pauta em debate na sociedade com o movimento contracultural que questionava a lógica consumista estimulada pelo capitalismo em diversos setores da vida, incluindo a alimentação, e que também teve por influência correntes filosóficas e religiosas que compartilhavam da conduta vegetariana em suas práticas, como os budistas, hindus e hare krishnas. Desse modo, percebemos uma grande incidência de matérias especiais sobre o vegetarianismo em Vida e Saúde nesse período, o que pode ser justificado por esse esforço em dialogar com o mundo para além das fronteiras denominacionais que foi intensificada pelo contexto promissor do regime vegetariano no contexto social.

A primeira Sociedade Vegetariana foi fundada em 1847 na Inglaterra, influenciada pelo contato e trocas culturais decorrentes do imperialismo britânico na Índia, o que abriu as portas e influenciou todo o ocidente nos hábitos da abstinência de carne. Em 1959, uma interessante matéria foi publicada em Vida e Saúde, a qual buscava responder a seguinte indagação: “*Porque é o hindu vegetariano?*”. O texto, que teria sido proferido em uma conferência, é atribuído a Swami Abhedananda (1866-1939), discípulo de Sri Ramakrishna e um importante nome da Vedanta, tradição espiritual derivada do hinduísmo. O autor inicia o texto problematizando a ideia de que, se os seres humanos não comerem os animais, serão dominados por eles, bem como a noção de bondade que existiria em matar um animal para comer, para não o deixar viver na miséria e na fome. Esses argumentos, que segundo o autor seriam amplamente disseminados entre aqueles que estão habituados a se alimentar de carne, ignora um elemento primordial dessa relação que são as leis da Natureza, “que regulam a produção, conservação e proporção convenientes de todos os seres do reino animal” (ABHEDANANDA, 1959, p. 04).

Em resposta ao argumento de que aqueles que não comem carne se mostram fracos e indispostos, sem ânimo ou energia para o trabalho, Abhedananda questiona: “tendes ouvido falar dos *siks*, soldados indianos, que são os combatentes mais fortes e aguerridos do exército inglês?” (idem). Em concordância com o discurso adventista sobre o regime vegetariano, o autor afirma que ele “proporciona grande resistência física e orgânica, além da moderação no temperamento” (idem), afirmando ainda que muitas vezes, equivocadamente, “confunde-se temperamento irascível e violento, com coragem e fôrça” (idem). Sendo assim, “a fonte da fôrça está no reino vegetal; não na carne nem no sangue”, e completando o argumento com uma provocação que sugere também o problema da toxicidade do regime cárneo, ele indaga: “se comer carne é condição para adquirir fôrça, por que os que comem carne preferem a carne dos animais herbívoros, em vez da dos carnívoros?” (idem).

Recorrendo a uma inclinação mais amigável em relação aos animais do que vemos no discurso adventista, Abhedananda recorda que os animais têm tanto direito à vida do que os humanos, e que “tôda vez que matamos qualquer animal para alimentação ou por prazer, somos egoístas” (idem, p. 05). Para o autor, é o egoísmo que leva as pessoas a não reconhecerem os direitos dos animais e vê-los como meras fontes de alimento, chegando ao extremo de também ver diversão ao maltratá-los ou privá-los da liberdade. Por isso, o autodomínio só é viável quando se abdica de ser os animais em relação desigual com os humanos, uma vez que “cada alimento diferente que introduzimos no organismo produz determinadas modificações em tôda a economia orgânica, modificações complexas, tanto físicas como mentais” (idem). Essas seriam as razões pelas quais, sabiamente, o indiano optou pelo regime vegetariano.

Observamos que em alguns momentos o editorial de Vida e Saúde busca referenciais mais universais ou então fora da cultura Ocidental para reforçar a validade e a integridade de seus argumentos, abdicando de diferenças culturais e religiosas como o foi nessa matéria sobre os hábitos alimentares hindus. Apesar da revista como um todo estar comprometida com a promoção da mensagem da saúde adventista, um nome que se destaca na defesa do regime vegetariano foi Galdino Nunes Vieira, que atuou em Vida e Saúde como redator e supervisor médico entre as décadas de 1950 a 1970. Vieira foi responsável por inúmeras matérias sobre o tema, consolidando como um verdadeiro mensageiro da saúde no meio adventistas. Durante os anos

1960, ele publicou uma longa série de artigos sobre “Regime Vegetariano e Vitaminas”, além de uma matéria especial dividida em duas partes intitulada “Fundamentando na Fisiologia e na Bioquímica o Regime Vegetariano” (fevereiro e abril de 1967), que serviram como gancho para outros conteúdos produzidos no período sobre vegetarianismo e alimentação saudável.

Em setembro de 1966, Galdino Nunes Vieira se propôs a discutir a relação entre “Regime Vegetariano e Saúde Perfeita”. Seu artigo inicia com uma citação de Ellen G. White, uma “escritora inspirada” que reflete sobre como valorizar a vida e contribuir para a glória de Deus. Partindo disso, Vieira comenta que “é de se admirar que o homem, possuidor de poderosa inteligência, menospreze a influência da alimentação sobre a preservação da saúde” (VIEIRA, 1966, p. 12). A alimentação, conforme defende Vieira, tem grande influência na formação física e mental dos seres humanos, assim, aquele que é “bem alimentado tem ideais nobres e elevadas aspirações” (idem). Rejeitando o consumo de carne, que segundo White causaria danos à lucidez e à inteligência, além de “tornar impuros os tecidos” e as faculdades intelectuais, Vieira é contundente ao dizer que o regime cárneo é dispensável “para a manutenção da fôrça e da saúde” (idem).

Sendo assim, para o autor, o vegetarianismo teria como função “corrigir os erros alimentares” aos quais as pessoas estavam propensas, sobretudo ao apelar ao consumo de alimentos animais. Vieira garante que “desde o século XIX o vegetarianismo vem sendo considerado pelos *investigadores insuspeitos e imparciais* como regime capaz de proporcionar saúde e fôrça física, bem como acuidade mental e firmeza de caráter” (idem, grifo nosso). Como sabemos, nenhuma investigação é imparcial e completamente alheia às influências de seus atores e de sua época, e o século XIX foi um contexto de intensas disputas em torno da reforma da saúde, dos preceitos higienistas e fisiológicos, e do regime alimentar. Mas, para reforçar a validade de seus argumentos, Vieira garante que as informações apresentadas são desprendidas de qualquer inclinação tendenciosa.

Apesar de reconhecer que o vegetarianismo não surgiu naquele contexto, Vieira assentou no século XIX o grande triunfo da dieta, no qual surgiram sociedades e associações vegetarianas, periódicos e conferências sobre o tema, além de agregar um número de adeptos nunca antes visto. Afirmando que no caso da Europa o movimento foi fortemente influenciado pelos escritos de Albert Gleizés, nos Estados

Unidos o vegetarianismo se instalou de forma independente, destacando o trabalho da “Sr.^a E. G. White” e do “Dr. Kellogg”. Conforme narra Vieira, esses personagens fundaram o Sanatório de Battle Creek e, “com base em doutrina evangélica e bíblica, o Dr. Kellogg, não só deu ampla divulgação ao método, como fundou várias fábricas de produtos vegetarianos saudáveis e atóxicos” (idem, p. 13). Este modelo foi replicado em vários lugares do mundo, conforme explica Vieira, ainda que não faça menção à atuação da Igreja Adventista do Sétimo Dia de forma direta.

Conforme já comentado, a revista Vida e Saúde evita mencionar seu vínculo com a IASD, ainda que seu discurso eventualmente revele sua orientação religiosa cristã. Como forma de promover o discurso sobre alimentação saudável e vegetariana, aproveitando para elogiar a conduta adventista sobre esses aspectos da vida, encontramos algumas matérias que associam os adeptos à religião com a longevidade que seria adquirida por meio do regime alimentar vegetariano. Esses conteúdos foram publicados sobretudo a partir da década de 1980, num contexto em que a revista já se encontrava mais consolidada como revista sobre saúde e bem-estar, o que pode justificar a maior confiança em mencionar, ainda que indiretamente, o adventismo. Um exemplo é a matéria Aos 100 anos, vegetariano tem bastante saúde, publicada na edição de setembro de 1981 e assinada por Márcio Dias Guarda¹⁹³.

O texto produzido por Guarda conta a história de Howard Milton Lee, missionário adventista estadunidense que atuou na Coreia na primeira metade do século XX e nasceu em 1880, portanto já centenário à época. Perto de completar 101 anos, Lee é apresentado como alguém que apesar da idade “lê sem óculos, come e dorme bem. Insiste em cuidar da casa e fazer sua própria comida” (GUARDA, 1981, p. 22). O segredo da longevidade de Lee é atribuído especialmente aos “hábitos de vida que adotou”. De acordo com o autor, esse “professor adventista” tinha como costume diário frequentar a biblioteca da Universidade de Loma Linda, para manter-se sempre bem informado. Em relação aos hábitos alimentares, Guarda afirma que o regime ovo-lacto-vegetariano ao qual Lee se orienta “foi adotado por seus pais em 1889, quando ele tinha apenas 9 anos”, contando ainda que a irmã e a mãe de Lee também foram beneficiadas pela dieta, uma vez que ambas alcançaram os 97 anos.

¹⁹³ Pastor adventista, estudou no IAE e atuou na Casa Publicadora Brasileira de 1981 e 2012. Integrou o corpo editorial da revista Vida e Saúde entre 1989 e 1994.

O pai de Lee, segundo consta, só não faleceu com idade avançada pois foi vítima de um acidente em 1914 (idem, p. 23).

Entre as “lições preciosas” fornecidas por Lee, visando “adiar a decadência do organismo”, estariam: a alimentação sadia, a vida metódica, o sentimento de utilidade e o cultivo da sociabilidade, evitando o isolamento. Sobre a alimentação, Guarda reitera que Lee *“foi criado desde os 9 anos de idade no regime ovo-lacto-vegetariano, com baixo teor de gorduras e açúcares, com preferência por cereais integrais e uso abundante de água”* (idem, grifo do autor). Em complemento à matéria, Guarda conta brevemente a história de outro “velho-jovem”, Ernest Lloyd¹⁹⁴, também nascido em 1880 e que trabalhou “na organização adventista” durante 76 anos de sua vida. Seu estilo de vida é definido pelo autor como “sistemático e saudável”, acordando cedo, fazendo três “refeição leves” e mantendo o peso de 59 quilos - um peso equilibrado, uma vez que ele teria baixa estatura (idem). Ainda de acordo com Guarda, Lloyd “é vegetariano desde 1896, quando foi interno no Colégio de Battle Creek, Michigan” (idem).

Outra publicação que evoca os benefícios do estilo de vida saudável promovido pelos adventistas e sua sintomática relação com a longevidade foi veiculada na edição de dezembro de 1994. “Em boa forma aos 94 anos” trata-se de uma entrevista feita por Elizeu C. Lira¹⁹⁵ com Iracema Albuquerque Artese, nascida em 1900 no interior de São Paulo. Um detalhe interessante é que a conversa, que focou na trajetória de vida e nos hábitos alimentares de Artese, ocorreu no Restaurante Vegetariano Verão Natural, que ficava localizado no bairro Higienópolis em São Paulo. Ao ser perguntada há quanto tempo ela é vegetariana, Iracema responde que é “vegetariana desde o berço”, e completa: “desde que me reconheci por gente sigo no vegetarianismo” (LIRA; ARTESE, 1994, p. 12). Além de não mencionar se o estilo de vida foi algo “herdado” da família, a entrevistada justifica que a escolha foi feita por “amor aos

¹⁹⁴ Na matéria, seu nome foi publicado erroneamente como “Enest”. De acordo com o *Center Adventist for Research*, Lloyd nasceu em 1880 em Ontario, no Canadá. Estudou no Battle Creek College entre 1897 e 1901 e atuou como colportor durante dois anos na cidade de Nova York. Se tornou um importante adventista, atuando na editora Pacific Press por 35 anos. Consultado em: <https://www.centerforadventistresearch.org/wp-content/uploads/collections/C0056%20-%20Ernest%20W.%20Lloyd%20Collection.pdf>. Acesso em: 31/06/2024.

¹⁹⁵ Elizeu Correa Lira é pastor adventista, formado em Teologia e Comunicação Social - Jornalismo. Trabalhou como editor e repórter para os periódicos da Casa Publicadora Brasileira e é autor de alguns livros pela editora, como: “Desafios Para Cristãos Moderno” e “Radiografia da Nova Era e Uma Nova Ordem Mundial”. Informações consultadas em: <http://lattes.cnpq.br/0920620255993695>. Acesso em: 01/06/2024.

animais”, uma vez que “ficava aterrorizada ao ver os vizinhos em Itapetininga matarem os animais para comer” (idem).

Ao ser questionada sobre a dificuldade para substituir a carne no regime alimentar, Iracema argumenta que “em Itapetininga tínhamos muitas verduras e legumes no quintal de casa” (idem), o que seria suficiente para sua alimentação ser balanceada, garantindo que se sentia ótima em relação à saúde e que nunca havia ficado doente “porque tinha uma saúde de ferro” (idem). Seguindo na entrevista, Lira pergunta se a entrevistada é ovo-lacto-vegetariana (integra ovos, leite e seus derivados na alimentação) ou vegetariana estrita (elimina todos os derivados animais da alimentação); ela responde dizendo que consome leite, mas tem ciência de que “por idealismo, o melhor é usar apenas alimentos integrais, puros” e que “o mais certo seria o ser humano desmamar” (idem), ainda que falhe nesse quesito. Um ponto destoante em sua fala que a afasta dos princípios adventistas é que, ao ser questionada sobre o consumo de café ou refrigerantes, ela afirma beber café por costume, mas faz uma ressalva cômica: “não é café; é Nescafé, que eu tomo com leite” (idem). Mais curioso ainda é o editorial da revista não ter suprimido a resposta de Iracema em relação ao tema.

Apesar do “deslize” da entrevistada, ela segue sendo um exemplo em relação aos hábitos alimentares, fazendo três refeições ao dia, tendo “um apetite ótimo” ao café da manhã e almoço, optando por alimentos mais leves ao jantar, como sopa ou frutas. Ela também é exemplo no quesito exercícios físicos, afirmando que costuma caminhar bastante apesar da idade avançada. Para completar a entrevista cedida por Iracema, o editorial de Vida e Saúde adicionou ao final um quadro intitulado “Vantagens do vegetarianismo”, baseado em “diversas pesquisas científicas que comprovam que uma dieta vegetariana, acompanhada de um estilo de vida mais natural, propicia longevidade e vantagens na área da saúde aos seus praticantes” (idem). Os benefícios listados pelo quadro, com base no levantamento de diversas investigações científicas, teriam como fonte um artigo de autoria do diretor de pesquisa da Escola de Saúde da Universidade de Loma Linda, na Califórnia¹⁹⁶.

Percebemos assim que por mais que a menção à Igreja Adventista do Sétimo Dia não se faça de forma direta, essas matérias de uma forma ou outra fazem alusão

¹⁹⁶ Inclusive, a cidade de Loma Linda é hoje considerada uma *blue zone*, termo utilizado por cientistas e pesquisadores para identificar lugares do mundo com alto índice de habitantes centenários.

ao universo adventista, uma vez que mencionam suas instituições educacionais e de saúde, suas orientações acerca da alimentação e aludem ainda que parcialmente aos benefícios dos oito remédios naturais. É comum encontrarmos respaldo aos argumentos sobre estilo de vida e alimentação saudável vindo das pesquisas feitas pelos próprios adventistas em suas instituições de ensino, sobretudo a *Loma Linda University*, referência nos estudos em saúde na perspectiva adventista. Longe de questionar a validade de suas investigações, pretendemos apenas evidenciar como se organiza uma estrutura sistematizada para a validação e a comprovação de suas teorias, que utilizam da mídia impressa como meio de divulgação em todo o mundo, incluindo o Brasil com Vida e Saúde.

Como exemplo, temos a entrevista “Alimentação - Conselhos e Advertências” que foi feita por Rubem M. Scheffel¹⁹⁷ e publicada nas edições de setembro e outubro de 1987¹⁹⁸. O entrevistado é John A. Scharffenberg, renomado médico pesquisador na área de saúde pública e professor em *Loma Linda University*, instituição na qual também realizou toda sua formação acadêmica. Ao longo da conversa, o especialista é perguntado sobre diversos aspectos da alimentação, desde o consumo de açúcar, ovos, leites e derivados à relação entre alimentação e doenças. Sobre o consumo de carne, ao qual ele categoricamente se opõe, reforça também que “as pessoas que obtêm grande parte de suas calorias a partir de produtos animais, como carne, muitas vezes negligenciam os alimentos que oferecem proteção ao organismo”, provenientes do reino vegetal. Por esse motivo, “além dos danos produzidos pela própria carne, ela tira o lugar dos alimentos que protegeriam a pessoa contra certas doenças” (SCHEFFEL; SCHARFFENBERG, 1987a, p. 13).

Uma pergunta interessante elaborada na entrevista foi a seguinte: “só os alimentos animais é que oferecem risco de câncer? Não há também alimentos vegetais perigosos?” (idem). Nesse momento, o entrevistado aproveita para orientar sobre o consumo de certos alimentos que, na ótica adventista, ainda que esta não seja explícita, também são reprovados para o consumo, como é o caso das pimentas, consideradas estimulantes. Mas além disso, segundo diz, algumas também carregariam em suas composições patógenos cancerígenos, o que complementa a

¹⁹⁷ Pastor e escritor adventista, autor de livros como: “Doença é Castigo?” e “Com a Eternidade no Coração”.

¹⁹⁸ A entrevista é dividida em duas partes. Em setembro ocupa 4 páginas da edição. E em outubro, mais 3 páginas.

interdição com um argumento científico. Além delas, Scharffenberg também alerta para a possibilidade de algumas castanhas e cereais desenvolverem um fungo quando mal armazenadas. Na segunda parte da entrevista, Scharffenberg é indagado sobre qual seria a dieta ideal. Revelando-se um homem da ciência, mas também um homem de fé, ele responde: “a dieta ideal consiste em frutas, cereais integrais, vegetais, e algum tipo de nozes. Esta é a recomendação feita pela Academia Nacional de Cardiologia, dos Estados Unidos. Na verdade, esta é a dieta prescrita na Bíblia, no livro de Gênesis” (SCHEFFEL; SCHARFFENBERG, 1987b, p. 21).

Em relação à frequência das refeições, ele é categórico em dizer que duas refeições são suficientes, e que os seus próprios filhos foram educados assim. Esse é um hábito que foi bastante defendido pelos adventistas e parte dos reformadores da saúde no século XIX. Um dos problemas apontados pelo entrevistado em relação às refeições é que “a maior parte das pessoas come demais”, o que justificaria existir “tanta gente obesa” (idem), ignorando outros fatores para além da alimentação ao afirmar isso. Sobre o assunto, ele ainda aconselha que “as pessoas obesas poderão tomar suco alguns minutos antes [das refeições], pois isso alivia a fome, e assim elas não comerão tanto quando for servida a refeição” (idem, p. 22). Entre as últimas perguntas feitas por Scheffer, ele pede para que o especialista oriente o público leitor sobre “como comer melhor e mais barato” (idem, p. 23). Sobre o assunto, assim como já visto em outras matérias, o médico reforça o argumento econômico, dizendo que “a dieta vegetariana é muito mais barata do que a dieta cárnea”. Contudo, esse argumento não considera que há diversos tipos de carnes, com preços diversos entre si, e nem mesmo considera que alguns dos itens recomendados pelas dietas vegetarianas, como nozes e castanhas, podem ser igualmente caras.

No ano seguinte, Rubem Scheffel realiza outra entrevista semelhante¹⁹⁹, dessa vez em parceria com César Pagani, intitulada da seguinte forma: “Junta médica afirma: Vegetarianismo é melhor”. A entrevista concedida de forma coletiva por três médicos, Antônio Lovízio (pediatra), Octávio Koch (gastroenterologista) e Manfred Krusche (cardiologista) - ao menos os dois últimos adventistas, ainda que não apresentados como tais. Essa primeira parte da entrevista teve uma ênfase no regime alimentar vegetariano para crianças, citando por diversas vezes investigações e pesquisadores da *Loma Linda University* e divulgando também um congresso que

¹⁹⁹ Também dividida em duas edições (junho e julho de 1988).

estaria previsto para o mês de julho no Instituto Adventista de Ensino. A segunda parte da entrevista foca na relação entre alimentação e doenças, enfatizando os benefícios da alimentação vegetariana para diminuir a incidência de certas doenças e inclusive preveni-las (SCHEFFEL et al, 1988a).

Assim como na entrevista anterior, esta também aproveita para questionar os especialistas sobre o consumo de pimentas, e também de molhos e condimentos. Em resposta aos entrevistadores, os médicos respondem que “os condimentos tais como as pimentas, molhos e outros, são irritantes do trato gastrointestinal, produzindo gastrites e úlceras. Os povos que se utilizam de alimentos fortemente condimentados, têm maior incidência de câncer do aparelho digestivo” (SCHEFFEL et al, 1988b, p. 08). Scheffel e Pagani também perguntam sobre os conservantes em alimentos industrializados, e para nossa surpresa, os entrevistados respondem que “essas substâncias têm a finalidade de destruir os germes e, quanto nos conste, não causam problemas de natureza circulatória” (idem, p. 10). O problema maior, segundo eles, estaria nos alimentos enlatados, uma vez que muitos deles possuiriam alto teor de sódio.

A relação entre adventismo, estilo de vida e longevidade foi trabalhada de forma mais evidente em matérias como “Longevidade Adventista em Pesquisa” (abril de 1982) e “Pesquisa mostra por que adventistas vivem mais” (junho de 1989). Na primeira, Márcio Dias Guarda apresenta os dados levantados em uma investigação realizada nos Estados Unidos, no qual o Instituto Nacional do Câncer “concedeu mais verba para o prosseguimento das pesquisas que procuram determinar as razões pelas quais os adventistas da Califórnia vivem mais e melhor que os demais californianos” (GUARDA, 1982, p. 10). Realizada pelo Instituto de Estudos da Saúde da Escola de Medicina da Universidade de Loma Linda teria recebido uma verba de cerca de 1,7 milhões de dólares para dar seguimento à pesquisa iniciada em 1973 e que procurava compreender como a dieta alimentar e outros hábitos de vida influenciam no surgimento de doenças crônicas e câncer na população (idem).

Na primeira etapa da pesquisa, concluiu-se “que os adventistas do sétimo dia são, em média, 50% menos propensos a morrer da maioria dos tipos de câncer do que o resto das pessoas da Califórnia” (idem, p. 11). Isso se deve pelos hábitos de vida dessa comunidade, que conta com um regime alimentar equilibrado, o hábito de fazer exercícios físicos, entre outros, além dos “fatores educacionais”, uma vez “que

os adventistas demonstram mais interesse pelo estudo da alimentação, higiene, medicina natural e prevenção de saúde” (idem). Guarda também cita uma pesquisa paralela, derivada de um projeto realizado no Departamento de Saúde da UCLA, que teria resultado em um artigo intitulado “Sete Regras Simples Para Vida Mais Longa Apontados Por Uma Pesquisa que Durou 10 Anos”, publicado no jornal *Washington Post*. Envolvendo cerca de sete mil indivíduos, as regras seriam: não fumar, fazer exercícios físicos regularmente, não ingerir álcool, dormir regularmente de 7 a 8 horas por noite, manter um peso adequado, não suprimir o desjejum e não comer entre as refeições (idem).

De acordo com Guarda, a conclusão da pesquisa foi de que “quem seguiu três ou menos destas regras teve vida média 30% menor que os que seguiram seis ou sete regras” (idem). Não por acaso essa pesquisa foi mencionada, uma vez que o próprio autor a relaciona com as reflexões de Ellen G. White acerca dos hábitos de vida saudável e os oito remédios naturais, em parte semelhantes ao orientado pela pesquisa nas suas “sete regras”. Assim, Guarda elenca sete trechos atribuídos à White para demonstrar que as recomendações da pesquisa já haviam sido feitas pelos escritos dela “há aproximadamente cem anos” atrás. Com isso, o autor reitera que “as pesquisas estão demonstrando o acerto de determinados hábitos e princípios de saúde”, ou seja, reforça a assertividade do estilo de vida saudável promovido pelos adventistas do sétimo dia, e conclui com uma pergunta retórica: “Vale a pena adotá-los, não acha?” (idem).

Em junho de 1989, novamente as pesquisas acadêmicas em torno do estilo de vida adventista são pauta em Vida e Saúde. De acordo com seus autores, David Nieman²⁰⁰ e Harley J. Stanton²⁰¹, “conclusões de vários estudos realizados nos últimos 40 anos confirmam a vantagem adventista e apontam as razões por que vivem de 5 a 10 anos mais que as outras pessoas” (NIEMAN; STANTON, 1989, p. 08). Os adventistas do sétimo dia são colocados como “um dos grupos de pessoas mais pesquisados do mundo”, atraindo o interesse de pesquisadores de diversos países e

²⁰⁰ David C. Nieman, professor e pesquisador do Laboratório de Desempenho Humano do Departamento de Biologia da Universidade da *Appalachian State University*, localizada na cidade de Kannapolis, na Carolina do Norte, Estados Unidos. Consultado em: <https://ncrc.appstate.edu/directory/dr-david-c-nieman-drph-facsm>. Acesso em: 02/06/2024.

²⁰¹ Não foram encontradas informações biográficas sobre o autor, apenas uma listagem de artigos publicados por ele para periódicos adventistas no site *The Seventh-Day Adventist Periodical and Obituary Index*.

não somente dos Estados Unidos, que resultaram em mais de 140 pesquisas científicas, segundo os autores da matéria. Mas por que isso? Eles se perguntam. A resposta é que “eles adotam um estilo de vida peculiar que tem sido associado com expressivos níveis de longevidade, bem como tremendas reduções nas médias de mortes por doenças cardiovasculares e câncer, exatamente os males que mais matam os ocidentais” (idem).

Dispondo de diversos gráficos para ilustrar aos leitores os resultados dessas pesquisas, os autores fazer uma interessante ressalva, dizendo: “uma vez que muitos adventistas não seguem totalmente o estilo de vida ensinado pela sua igreja, as diferenças ficam mais evidentes ainda quando os estudos têm por base apenas subgrupos dentro da própria comunidade” (idem). Essa observação compreende, por um lado, que as interdições alimentares e de hábitos de vida em geral são *recomendações*, ainda que bastante enfatizadas no meio adventista; e por outro lado, que elas não são seguidas de forma estrita por toda a comunidade religiosa, seja por dificuldades de adaptação pós-conversão, por limitações financeiras ou interesse próprio. Entendemos também que a relação com a alimentação e com o estilo de vida saudável pregado pelos adventistas interage de diferentes formas com seus adeptos, uma vez que parte da comunidade religiosa é adventista “de berço”, o que facilitaria sua adesão ou ao menos familiaridade aos princípios da saúde; diferentemente para aqueles que nascem em um contexto diverso e se converte ao adventismo posteriormente, necessitando rever e adaptar seus hábitos alimentares e estilo de vida já enraizados.

A pesquisa cruzou informações sobre hábitos alimentares diversos, desde o consumo de carnes, café, vegetais. Ainda que algumas ressalvas sejam feitas ao longo da matéria, como por exemplo a indicação de que algumas pesquisas recentes estariam colocando em dúvida a relação entre o alto consumo de carne e o maior risco de se desenvolver alguns tipos de câncer, os autores são firmes em afirmar que “os adventistas tendem a viver mais, principalmente por concorrerem menos a uma doença cardiovascular ou a um câncer” (idem, p. 11). Além disso, eles ressaltam que “vários fatores contribuem para essa performance mas o que sobressai é o estilo de vida peculiar, que enfatiza a confiança em Deus, um saudável regime ovolactovegetariano e a temperança em todas as coisas” (idem). Aqui, novamente, vemos a menção indireta aos remédios naturais firmados por White, tendo seus

benefícios comprovados por meio de pesquisas científicas. Para finalizar, Nieman e Stanton reforçam a viabilidade do estilo de vida saudável adventista, dizendo que o “mais interessante é que isso pode ser praticado por qualquer pessoa, inclusive você” (idem).

Essa noção de que o estilo de vida adventista é simples de ser aderido e que muitos benefícios serão logrados à saúde a partir de sua adesão é uma tônica presente nestas e em outras matérias observadas em Vida e Saúde. Muitas vezes a revista se utiliza de um exemplo pedagógico para mostrar que os hábitos alimentares saudáveis se adaptam a diferentes realidades, como a entrevista com o boxeador Éder Jofre publicada em janeiro de 1988, aclamado como “campeão vegetariano” (SCHEFFEL, ALMEIDA, 1988, p. 21). A relação entre hábitos alimentares e performance nos esportes também é explorada em “Segredo Dietético dos Vencedores”, na edição de dezembro de 1990. Alguns anos antes, Vida e Saúde contou a história de um açougueiro que após trinta anos atuando no mercado da carne virou vegetariano e “está satisfeito”. Sua principal motivação teria sido os problemas observados quanto à condição e qualidade do produto cárneo, além da crueldade que permeia toda sua cadeia produtiva (HARDINGE, BYRNES, 1980, p. 13). Ao final da entrevista, o Sr. Byrnes garante que ele e a esposa se sentem “mais saudáveis e felizes com nosso novo regime alimentar e damos graças a Deus por isso” (idem, p. 14).

A ideia de que *perseverantes obtêm recompensa* é comumente associada às matérias que discutem o regime vegetariano. Em novembro de 1981, Manfred Krusche questiona a forma como as pessoas percebem a influência das escolhas alimentares nos mais diversos aspectos da vida.

Poucos de nós suspeitam quão longo é o alcance dos hábitos alimentares sobre a nossa vida. Dir-se-ia que um pequeno número apenas estaria tendo o trabalho de parar e analisar o assunto da alimentação e o modo mais correto de usá-la para maior proveito. Nesta questão, vê-se com frequência não ser consultado o bom senso, e sim, o apetite e os costumes da família e da sociedade. Apesar disso, a alimentação é assunto que deve ser estudado, caso desejemos tirar dela o melhor proveito, e ter como recompensa vida mais saudável e feliz (KRUSCHE, 1981, p. 24).

Na visão de Krusche, compartilhada com outros autores que publicaram em Vida e Saúde ao longo dos anos, o estilo de vida saudável é o ideal, mas demasiadamente negligenciado pela população em geral. Ainda assim, o autor reconhece que não se pode “dar orientações fixas, que se adaptem a todas as

pessoas, pois as necessidades de cada um variam muito de pessoa para pessoa” (idem), mas há algumas orientações gerais que podem ser aproveitadas em qualquer contexto. Uma delas seria relacionada ao “uso abusivo de alimento, ou além das necessidades fisiológicas”, que teria um efeito prejudicial, sendo potencializado em alguns contextos como localidades de clima mais quente. Além disso, esse hábito seria “uma das grandes causas de muitas moléstias degenerativas” como a “obesidade, diabetes, dispepsia crônica, distúrbios circulatórios”, entre outras (idem).

O impacto da alimentação abusiva seria percebido não apenas no corpo físico, mas também na parte mental, uma vez que “alimentar-se em grande quantidade impede o bom funcionamento do cérebro”, que ficaria “anuviado, congestionado, pesado e incapaz de se concentrar completamente” (idem). Por isso, via de regra, considera-se uma alimentação ideal aquela “que se baseia nos seguintes grupos: cereais, nozes, frutas e verduras”, além de leite e ovos de boa procedência (idem, p. 25). Alimentos cárneos são classificados como “desaconselhados”, tendo em vista que a carne “nunca foi a dieta natural da raça humana” e que a incidência de “moléstias entre os animais” é crescente, tendo em vista o modelo de criação, abate e processamento dos mesmos (idem). A regularidade das refeições também é evocada por Krusche, uma vez que “tão importante quanto a qualidade é o horário e a quantidade da alimentação” (idem). Ao final do texto, o autor diz que “talvez possam parecer simples demais” as regras esboçadas por ele, “mas a observância regular provará até aos cépticos que vale a pena o esforço perseverante, e *todos os que tiverem domínio-próprio e força moral colherão dividendos em saúde e bem-estar*” (idem, grifo nosso).

Uma vez que novos hábitos alimentares são incorporados ao estilo de vida, é necessário também adaptar-se à vida social e “saber dizer não” sem desagradar. Para auxiliar nesse desafio que é “se dar bem em um mundo acostumado a comer carne” (MELINA, DAVIS, HARRISON, 1997, p. 4), Vida e Saúde publica a matéria sobre comportamento intitulada “Diplomacia vegetariana” na edição de outubro de 1997. Mas antes de partir para a análise dela, trazemos a reflexão feita no texto editorial que abre a revista, de autoria de Francisco Lemos, então editor de Vida e Saúde. Sob o título “Vegetarianismo”, Lemos afirma que “foi-se o tempo em que ser vegetariano era uma questão religiosa ou de esquisitice” (LEMOS, 1997, p. 3). Isso porque setores acadêmicos e científicos têm se debruçado em estudar os aspectos da nutrição e “mostrado o valor para a saúde da dieta sem produtos animais” (idem). Ainda que o

número de adeptos ao vegetarianismo cresça gradativamente, seria necessário ficar atento aos “detalhes de comportamento nas relações com pessoas onívoras”, e é isso que a matéria assinada por Melina, Davis e Harrison busca esmiuçar.

Partindo para a *diplomacia vegetariana*, seus autores iniciam o texto²⁰² de forma comemorativa: “você conseguiu! Finalmente decidiu mergulhar de cabeça e deixar de comer carne para sempre” (MELINA, DAVIS, HARRISON, 1997, p. 4). Contudo, alguns inconvenientes podem emergir a partir dessa decisão e, por isso, os autores reúnem 4 situações adversas às quais vegetarianos podem se deparar, orientando sobre as possíveis formas de lidar com cada uma delas. A primeira sugere a seguinte situação: “uma esposa e mãe se torna vegetariana sem o apoio da família”. Nesse caso, o marido e os filhos se opõem ao vegetarianismo, insistindo na necessidade de carne, aceitando uma ou duas vezes por semana um prato vegetariano. Em formato de quiz, o público leitor pode escolher entre três condutas alternativas. A primeira tenderia a uma resposta mais passiva e agradecida, uma vez que a família aceitaria comer pratos vegetarianos, com a condição que a mãe e esposa seguisse preparando alimentos cárneos mesmo que isso a fizesse sentir-se mal. A segunda alternativa, intitulada “nada de carne na minha casa”, seria dizer que “não suporta ter carne em casa e, se eles quiserem, que vão a um restaurante”. A terceira e última opção, classificada como “expressar desconforto, pedir ajuda”, seria a mais adequada, pois se define por “dizer que você já não se sente bem em preparar carne, e pedir que assumam esta parte do preparo da comida” (idem).

Do mesmo modo que os autores desenvolvem a primeira situação, o fazem com as seguintes: quando você, vegetariano, é “convidado para jantar na casa de outra pessoa”, quando vai a um “restaurante sem opções vegetarianas no cardápio” e na “ceia de Natal”. Em todas elas, sugerem três atitudes distintas que podem ser tomadas, divididas em mais passivas, mais agressivas, e mais equilibradas, esta que seria a opção ideal. A forma intimista e empática com que os autores explicam as situações auxiliam quem lê a se identificar e avaliar melhor as situações adversas que se apresentam ao vegetariano em um “mundo carnívoro”. Como diz os autores, “em nossa sociedade, onde a carne é o centro e a base da maioria dos intercâmbios

²⁰² O editorial da revista informa ao final do texto que a fonte original de publicação foi a revista *Vibrant Life*, periódico adventista em circulação nos Estados Unidos e que possui formato semelhante à Vida e Saúde e é a versão atual da antecedente *Life and Health*. Para saber mais: <https://www.vibrantlife.com/>. Acesso em: 28/07/2024.

sociais onde há comida, o vegetariano pode se sentir um pouco intimidado” (idem, p. 05). Contudo, eles alertam para a ineficácia de se tomar posicionamentos mais radicais ou “tentar impressionar as pessoas com longos sermões sobre o pecado de comer carne”, uma vez que “esperar convencê-las a se tornarem comedoras de tofu resultará no mínimo em desapontamento” (idem). A estratégia mais promissora, segundo os autores, é buscar inspirar as pessoas “com seu exemplo de viver saudável”, organizando uma refeição vegetariana para os amigos ou levando um prato vegetariano para a festa do trabalho (idem).

Ao longo da análise das fontes, pudemos perceber que a alimentação saudável e vegetariana foi uma pauta exaustivamente discutida em *Vida e Saúde*, cujo editorial não mediu esforços para propagandear os benefícios da reforma da saúde de forma integral. E a alimentação saudável foi, desde o início da revista, uma das suas temáticas norteadoras, motivando a produção de matérias sobre os mais diversos temas que se desenrolam a partir dela. Concluímos assim que o discurso sobre vegetarianismo no meio adventista se orienta por duas bases teóricas: a médico-científica (bastante evidente na revista) e a bíblica (menos evidente, mas sempre influenciando as orientações sobre alimentação), que se complementam de forma a respaldar sua visão de mundo. Apesar de *Vida e Saúde* não se declarar como uma revista adventista, ela é norteada por essas mesmas balizas.

Nas duas últimas décadas do século XX, percebemos um encorajamento do editorial de *Vida e Saúde* em revelar sua orientação religiosa, com ênfase na promoção do adventismo e menções a Deus de forma mais explícita, com conteúdos que apontam para a vantagem de seus adeptos em relação à longevidade, à prevenção de doenças e à maior qualidade de vida. Desse modo, a alimentação saudável foi se consolidando ao longo do século XX como um traço bastante distintivo da identidade adventista, além de possibilitar um ponto de contato entre o adventismo com um mundo, e isso se deve muito ao empenho de *Vida e Saúde* em promovê-la em suas páginas como parte de seu trabalho missionário, ao lado dos esforços de outras instituições adventistas como a fábrica de alimentos Superbom.

Conforme apontado por Knight (2010), as últimas décadas marcaram a diminuição da ênfase da mensagem apocalíptica no discurso adventista, o que privilegiou que outras pautas caras à denominação ganhassem força, como é o caso da mensagem da saúde. Como bem observado pelo autor, para quem nasce na

religião, a igreja dá sentido à vida em sociedade (idem, p. 10). Mas como fixar os valores adventistas a um público que não está acostumado aos hábitos de vida recomendados pela religião desde o princípio? O estilo de vida saudável, com ênfase na alimentação, se mostra o meio mais fácil de se conhecer o adventismo, e mesmo que não se torne parte da comunidade, podem ser adotados gradativamente. É importante considerar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com sua estrutura rígida, não está livre de apresentar divergências discursivas, especialmente quando analisamos meios como a mídia impressa, na qual muitos colaboradores não eram declaradamente adventistas e, aqueles que o são, em parte admitem que há um distanciamento entre discurso e prática no que tange aos mais diversos aspectos do chamado “estilo de vida adventista”, que engloba entre outros fatores, a alimentação saudável. Sendo assim, percebemos em Vida e Saúde diversas contradições e zonas em disputa sobre o que é ou não adequado à alimentação saudável.

Esse esforço em divulgar a mensagem da saúde adventista fez com que a alimentação saudável ganhasse espaço no discurso missionário e na mídia impressa ao longo do século XX como um importante pilar da mensagem adventista da saúde. Ao mesmo tempo, também se mostra como a faceta de maior diálogo entre a identidade adventista e o mundo para além das fronteiras denominacionais, sendo lapidada por Vida e Saúde durante o período analisado como o ponto de abertura e contato com um público que não necessariamente é adventista, mas estaria interessado na mensagem da saúde e nos conselhos sobre alimentação saudável. Ainda assim, percebemos que há zonas que não são negociáveis com a “dieta brasileira”, como o consumo do café cotidianamente, a abundância dos doces e dos “lanchinhos” entre as refeições, ou então um churrasco aos domingos.

No caso da fábrica de alimentos, ainda que seu compromisso seja declaradamente missionário, a Superbom não está alheia à dinâmica mercadológica, o que explica seu esforço em adaptar-se às novas demandas do nicho vegano/vegetariano. O mesmo vale para a revista Vida e Saúde, que na última década deu ênfase ao discurso vegano - talvez por serem vistos como um público mais engajado do que os “apenas” vegetarianos, uma vez que o estilo de vida e consumo como um todo é adaptado para a exclusão completa de produtos derivados de animais -, levando a revista a abolir gradativamente também os ovos, leite e seus derivados de seu discurso alimentar - portanto, vegetarianos estritos, distanciando-se do regime

ovo-lacto-vegetariano defendido ao longo do século XX. Nesse caso, os pontos discordantes entre o movimento vegano e o discurso adventista no que tange ao estilo de vida são atenuados, focando exclusivamente nas escolhas alimentares. Sendo assim, podemos perceber que os meios são iguais, o que muda são as motivações de cada um.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é conhecida pela sua mensagem apocalíptica e pela guarda do sábado como dia santo, estas que são suas características mais distintivas no campo religioso. Contudo, percebemos que diferente desses aspectos, o discurso sobre alimentação saudável se constitui como um importante ponto de diálogo com o mundo para além das fronteiras denominacionais. Se essas doutrinas citadas distinguem o adventismo do restante do mundo, é pela alimentação saudável que eles estabelecem uma ponte, não apenas para divulgar sua mensagem, mas por meio da mídia impressa, atualizar e ressignificar sua leitura sobre cuidado com o corpo e o espírito a partir da alimentação saudável, sem perder de vista seus referenciais basilares, que é a interpretação bíblica e os ensinamentos de Ellen G. White.

Neste trabalho, tivemos em perspectiva dois elementos que fazem parte do *ser adventista*: o estilo de vida saudável e a tarefa missionário-proselitista de se pregar a toda gente, por todos os meios, apoiando-se extensivamente nas mídias impressas ao longo do século XX. Pudemos compreender como os adventistas do sétimo dia divulgaram na revista Vida e Saúde sua mensagem da saúde, com ênfase ao tema da alimentação saudável, buscando adaptar-se ao contexto brasileiro no qual se inserem a partir do final do século XIX. Ao longo da análise das fontes, foi possível mapear zonas de tensão e outras de negociações em torno do tema da alimentação. Uma vez que a revista se direciona ao público externo à Igreja, podemos entendê-la ainda como um cartão de visitas para o “universo adventista”, sendo o estilo de vida saudável a primeira de muitas transformações, físicas e espirituais, que a pessoa poderia alcançar ao seguir os conselhos presentes em suas páginas. Ainda assim, ela trabalha promovendo um estilo de vida saudável que pode ser alcançado por qualquer pessoa, mediante esforço individual, independentemente de sua filiação religiosa.

É importante dizer que há um distanciamento entre discurso e prática. Ao analisarmos a revista Vida e Saúde, percebemos que há uma ênfase na dieta vegetariana (principalmente a ovo-lacto-vegetariana, mas em alguns momentos vegetariana estrita), que não diferencia as carnes imundas condenadas na Bíblia daquelas que poderiam eventualmente serem consumidas pelos verdadeiros cristãos. Ao passo que se adaptam a realidade e novos hábitos, constatamos também algumas contradições e inconsistências no discurso de Vida e Saúde. É o caso da fritura, que flutua entre as seções culinárias ora como uma boa alternativa de preparo, ora como

uma técnica contraindicada; e também o açúcar, por vezes recomendada sua total suspensão das dietas alimentares, e em outras, conciliado em doses adequadas. O café é tema de discussão controversa, pois eventualmente é colocado como tão intoxicante como o álcool ou o tabaco, mas diferente desses produtos, o argumento não encontra um respaldo científico tão consensual. Além disso, diferente da carne, a abstinência de café não é uma recomendação embasada por passagens bíblicas, mas sim uma influência direta da reforma da saúde e dos escritos de Ellen G. White no pensamento adventista.

Ao passo que ambicionam atingir um público mais amplo do que apenas adventistas, eles têm plena consciência das divergências teóricas e éticas com outras correntes de pensamento em relação ao vegetarianismo e, sobretudo, ao veganismo. Podemos dizer que o adventismo criou sua própria forma de ser vegetariano, guiado pela lógica religiosa e não necessariamente pela causa animal. Em contrapartida, muitos “clientes” da Superbom desconhecem sua orientação religiosa, que assim como a revista Vida e Saúde, não deixa sua filiação à Igreja Adventista do Sétimo Dia tão evidente. Desse modo, podemos entender a rotulagem vegana adotada nos últimos anos pela mídia impressa e pela indústria alimentícia adventista como uma estratégia mercadológica e de marketing, visando alcançar um público mais amplo e garantir sua subsistência. E, no meio do caminho, quem sabe colher alguns frutos do trabalho missionário que permeia essas instituições.

O que está em jogo para os adventistas em seu discurso sobre alimentação saudável na mídia impressa é a manutenção de uma identidade consolidada nos princípios religiosos estabelecidos desde o século XIX, pautando-se pela confiança inquestionável na bíblia e também nas interpretações da profetisa e escritora Ellen G. White. Entretanto, há um esforço em dialogar com o mundo ao seu redor, fortalecendo os pontos de convergência com a cultura e a sociedade em que estão inseridos, adaptando-se a novas demandas, constituindo formas de resistência, mas também de flexibilidade em sua argumentação sobre alimentação saudável.

Nesse sentido, o discurso sobre alimentação saudável se estabelece como o principal ponto de contato com o mundo, por ser uma prática inerente à existência humana, mas que não se limita aos aspectos fisiológicos, incidindo, sobretudo, nos aspectos sociais, culturais, econômicos de uma determinada realidade. Neste caso analisado, o Brasil. Nesse cenário, percebemos a elaboração de um discurso sobre

alimentação saudável que também neutraliza as diferenças regionais do país, elencando produtos como a soja e o mel para serem amplamente promovidos nas páginas da revista Vida e Saúde, além dos produtos da marca adventista Superbom.

Ainda que o discurso adventista promova por meio dos oito remédios naturais uma certa autonomia do sujeito em relação ao cuidado com o corpo, não perdem de vista a rigidez doutrinária por meio de um discurso alarmista sobre os potenciais intoxicantes de diversos produtos alimentícios, desde o álcool e o fumo, até o café e o açúcar. O corpo humano é visto como um templo de Deus na Terra, por isso deve ser preservado em sua integridade, evitando ao máximo alimentá-lo de forma imprudente, motivado por gula ou pela ignorância. Como bem diria Ellen G. White, *aquilo que corrompe o corpo tende a contaminar a alma*. Por esse motivo, Vida e Saúde se coloca à disposição daqueles que querem adequar seus hábitos alimentares a um estilo de vida mais saudável, em prol de uma vida sã e feliz, sendo ou não adventistas. Além disso, a revista funciona como um lembrete para a comunidade adventista sobre o ideal de comportamento a ser seguido em torno dos hábitos alimentares, ainda que se trate de uma recomendação.

Nos dias atuais, tendo completado seus 85 anos, a Vida e Saúde segue em sua missão de promover um estilo de vida saudável pautado pelos oito remédios naturais. Na edição de junho de 2022, a última disponibilizada no acervo digital da Casa Publicadora Brasileira, a chamada de capa reforça seu compromisso com o tema da alimentação, afirmando que “o remédio está na mesa”, uma vez que “pesquisas mostram cada vez mais que uma alimentação saudável e equilibrada significa saúde para o corpo e a mente” (Vida e Saúde, 2022, p. 01). Por meio de um selo estampado na capa, o editorial também anuncia que a edição faz parte de uma série sobre os oito remédios naturais, aqueles estabelecidos por Ellen G. White e que orientaram o discurso da revista ao longo de suas mais de oito décadas de existência. Vemos, portanto, um contínuo compromisso com a mensagem da saúde adventista, ainda que sua vinculação com a Igreja Adventista do Sétimo Dia não seja apresentada de forma explícita nas páginas de Vida e Saúde.

Cabe dizer também que diversos temas tangentes ao estilo de vida saudável promovido pelos adventistas ficaram de fora, mas precisam ser trabalhados mais a fundo pelo olhar histórico, como a promoção de exercícios físicos e da hidroterapia, bem como o discurso antidrogas e as polêmicas em torno do uso de substâncias

canabinoides em abordagens terapêuticas não convencionais. Também o distanciamento entre discurso e prática em torno dos hábitos alimentares adventistas, que responderia a indagação sobre o quanto a mensagem difundida midiaticamente é absorvida pelo corpo de fiéis adventistas, até que ponto essas recomendações são incorporadas ao seu cotidiano, especialmente no que diz respeito à dieta vegetariana. Esse tipo de resultado só seria possível com uma investigação no campo de recepção, por meio de história oral, por exemplo. Sendo assim, com a presente pesquisa esperamos fornecer subsídios para as próximas pesquisas sobre o tema da alimentação e estilo de vida saudável adventista no Brasil.

FONTES

- ABBOTT, G. K.. Alimentação saudável. In: **Vida e Saúde**, v. 29, n. 07, 1967, p. 19.
- ABHEDANANDA, Swami. Por que é o Hindu Vegetariano?. In: **Vida e Saúde**, v. 21, n. 11, 1959, p. 04-05.
- A carne é dos piores alimentos que se pode ingerir. In: **Vida e Saúde**, v. 19, n. 03, 1957, p. 07.
- ALFRANC, A. R.. A Autointoxicação. In: **Vida e Saúde**, v. 01, n. 03, 1939, p. 11; 23.
- AMUNDSEN, Wesley. A batalha da garrafa. In: **Vida e Saúde**, v. 18, n. 10, 1956, p. 12-13.
- ATKINS, Susan. Tchau, cafezinho!. In: **Vida e Saúde**, v. 57, n. 03, 1995, p. 25-26.
- AURITA, Aurélio. O grave perigo necrofágico. In: **Vida e Saúde**, v. 18, n. 08, 1956, p. 10-11.
- BATES, Joseph. **As aventuras do capitão Joseph Bates**. Trad.: Camila Teixeira, Adventist Pioneer Library, 2017 [1868].
- BERGOLD, Ida. Alimentos Com Açúcar Deviam Conter Advertência. In: **Vida e Saúde**, v. 41, n. 01, 1979, p. 07-09.
- B.N.S.. Açúcar também é remédio. In: **Vida e Saúde**, v. 22, n. 12, 1960, p. 17.
- Boletin de La Division Sudamericana – South American Division Bulletin. Año 39, nº 3, Julio-Septiembre 1963. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/SAB/SAB19630701-V39-03.pdf>. Acesso em: 20/05/2024.
- BORGES, Michelson. “Editorial”. **Vida e Saúde**, v. 81, n. 04, 2019.
- BURACCHI, Gabriel. Coma Doces, Naturalmente. In: **Vida e Saúde**, v. 51, n. 10, 1989, p. 04-05.
- CARDOSO, Ivo Santos. Especialista do Instituto Burnier em Campinas adverte: Cuidado: Esta Carne Pode Matar!. In: **Vida e Saúde**, v. 38, n. 02, 1976, p. 15-16.
- CASE, Royalynn; BERGOLD, Ida. Soja - Carne Sem Ossos. In: **Vida e Saúde**, v. 25, n. 09, 1963, p. 16-17; 23-24.
- CASTRO, Esther Huerta. Refinados de Soja - VS Responde. In: **Vida e Saúde**, v. 59, n. 09, 1996, p. 16.
- CONRADO, Naor G.. Desvantagens da alimentação cárnea. In: **Vida e Saúde**, v. 32, n. 11, 1970, p. 02; 27.
- Conselhos Práticos Sôbre o Plantio da Soja no Brasil. In: **Vida e Saúde**, v. 01, n. 06, 1939, p. 09.
- DEWITT FOX, J. Carne Sem Osso. In: **Vida e Saúde**, v. 30, n. 11, 1968, p. 08-09.

- Dicas & Receitas - Ganha quem faz. In: **Vida e Saúde**, v. 58, n. 02, 1996, p. 32.
- DORNELES, Vanderlei. Revolução verde. In: **Vida e Saúde**, v. 61, n. 04, 1999, p. 24-26.
- El Centinela. Podemos Viver Sem Carne?. In: **Vida e Saúde**, v. 21, n. 04, 1959, p. 10-11.
- É... Parece, mas não é (Propaganda Cevada Superbom). In: **Vida e Saúde**, v. 44, n. 08, 1982, p. 36.
- FÁVERO, Flamínio. O álcool como nosso inimigo. In: **Vida e Saúde**, v. 04, n. 01, 1942, p. 08-09; 17.
- FOX, J. DeWitt Café e úlcera do estômago". In: **Vida e Saúde**, v. 25, n. 07, 1963, p. 12-13;23.
- GARCIA, J. Artigas. Proteína Texturizada de Soja, Base da Alimentação do Futuro. In: **Vida e Saúde**, v. 43, n. 09, 1981, p. 32-33.
- GAUTHIER, Armando. Como o regime influe no caráter do indivíduo e da raça. In: **Vida e Saúde**, v. 01, n. 08, 1939, p. 10; 21.
- GEFFROY, H. Ch.. Alimentos que Matam. In: **Vida e Saúde**, v. 20, n. 11, 1958, p. 16-17.
- GERBER, Carlos. O sofrimento dos animais. In: **Vida e Saúde**, v. 6, n. 12, 1944, p. 11; 20.
- GRANATO, Lourenço. o Mel na Higiene Alimentar. In: **Vida e Saúde**, v. 11, n. 08, 1949, p. 04-05.
- GRIPP, Ruy. Soja integral é mais saudável. In: **Vida e Saúde**, v. 52, n. 03, 1990, p. 12-15.
- GUARDA, Márcio Dias. Aos 100 anos, Vegetariano Tem Bastante Saúde. In: **Vida e Saúde**, v. 43, n. 09, 1981, p. 22-23.
- GUARDA, Márcio Dias. Longevidade Adventista em Pesquisa. In: **Vida e Saúde**, v. 44, n. 04, 1982, p. 10-11.
- HARDINGE, Leslie; BYRNES, Richard. Açougueiro Torna-se Vegetariano, E Está Satisfeito (entrevista). In: **Vida e Saúde**, v. 42, n. 09, 1980, p. 13-14.
- Indo a São Paulo, tome sua nutritiva e saborosa refeição no Restaurante Superbom. In: **Vida e Saúde**, v. 36, n. 02, 1974, p. 24.
- Informativo nacional - Superbom inaugura seu primeiro restaurante vegetariano. In: **Revista Adventista**, v. 69, 1973, n. 12, p. 24.
- IVY, Andrew C.. Úlceras gástricas. In: **Vida e Saúde**, v. 16, n. 04, 1954, p. 14-15; 21.
- KEHL, Renato. Cura de Frutas. In: **Vida e Saúde**, v. 25, n. 05, 1963, p. 20-21.

- KILGO, Edith Flowers. Confissões de uma viciada em cafeína. In: **Vida e Saúde**, v. 43, n. 07, 1981, p. 25-26.
- KRESS, Daniel H.. Por que sou vegetariano?. In: **Vida e Saúde**, v. 18, n. 04, 1956, p. 08-09; 16.
- KRUSCHE, Manfred. O Médico da Família - Mel e Melado. In: **Vida e Saúde**, v. 41, n. 06, 1979, p. 02.
- KRUSCHE, Manfred. Normas alimentares: perseverantes obtêm recompensa. In: **Vida e Saúde**, v. 43, n. 11, 1981, p. 24-25.
- KRUSCHE, Manfred. O Melhor da Vida - A droga do cafezinho. In: **Vida e Saúde**, v. 56, n. 07, 1994, p. 02.
- KRUSCHE, Manfred. Salada química. In: **Vida e Saúde**, v. 61, n. 12, 1999, p. 24-26.
- LEMOES, Floriano de. O regime vegetariano. In: **Vida e Saúde**, v. 02, n. 06, 1940, p. 09-10.
- LEMOES, Francisco. Vegetarianismo (editorial). In: **Vida e Saúde**, v. 58, n. 10, 1996, p. 03.
- LE ROUGE, Jorge. A partir de hoje pense em não envelhecer. In: **Vida e Saúde**, v. 30, n. 06, 1968, p. 14-15.
- LESSA, Rubens. Todos são unânimes: Restaurante vegetariano é Superbom. In: **Vida e Saúde**, v. 36, n. 11, 1974, p. 16-17.
- LESSA, Ivan S.. Cafeína - Arma de Dois Gumes. In: **Vida e Saúde**, v. 39, n. 04, 1977, p. 16-19.
- LIRA, Elizeu C.; ARTESE, Iracema Albuquerque. Em boa forma aos 94 anos (entrevista). In: **Vida e Saúde**, v. 56, n. 12, 1994, p. 12-13.
- McCARRISON, Robert. Alimento é remédio. In: **Vida e Saúde**, v. 16, n. 07, 1954, p. 10-11.
- McFARLAND, Wayne. Alimentação e Saúde. In: **Vida e Saúde**, v. 19, n. 02, 1957, p. 04-05; 14.
- MELINA, Vesanto; DAVIS, Brenda; HARRISON, Victoria. Diplomacia vegetariana. In: **Vida e Saúde**, v. 58, n. 10, 1996, p. 04-05.
- MELO, Maria de Lourdes. Feijão Soja - O Novo Maná para as Donas de Casa. In: **Vida e Saúde**, v. 14, n. 08, 1952, p. 09-10.
- MELO, Maria de Lourdes. Miraculoso feijão soja através dos tempos. In: **Vida e Saúde**, v. 15, n. 03, 1953, p. 10.
- M. F. A. Erros na alimentação. In: **Vida e Saúde**, v. 02, n. 12, 1940, p. 15; 18.
- MILLER, H.. A degenerescência provocada por desequilíbrios alimentares. In: **Vida e Saúde**, v. 10, n. 01, 1948, p. 05-06.

- MIRANDA, Antônio. Conhece-te a ti mesmo. In: **Vida e Saúde**, v. 01, n. 01, 1939a, p. 04-05; 15.
- MIRANDA, Antônio. Alimentação - Base da saúde física, pilar da saúde moral. In: **Vida e Saúde**, v. 01, n. 03, 1939b, p. 03-04; 17.
- MIRANDA, Antônio. O Álcool Tem a Composição Química dos Açúcares, Logo Deve Ser Alimento. In: **Vida e Saúde**, v. 10, n. 03, 1948, p. 06-07; 17.
- MIRANDA, Antônio A. de. O Comentário do Mês: A Semana do Mel. In: **Vida e Saúde**, v. 11, n. 08, 1949, p. 03.
- MONDENARD, Jean Pierre de. Segredos Dietéticos dos Vencedores. In: **Vida e Saúde**, v. 52, n. 12, 1990, p. 04-05.
- MONTENEGRO, Benedito. O câncer gástrico. In: **Vida e Saúde**, v. 04, n. 01, 1942, p. 04.
- MURCE, Álvaro. O Uso do Leite de Soja. In: **Vida e Saúde**, v. 28, n. 06, 1966, p. 06-07.
- Natura. O Valor Alimentício da Carne. In: **Vida e Saúde**, v. 19, n. 11, 1957, p. 10-11; 18.
- NELSON, C. E.. Boas e Más Bebidas. In: **Vida e Saúde**, v. 30, n. 05, 1968, p. 04-05.
- New Life desvincula-se da Superbom. In: **Revista Adventista**, v. 83, n. 12, 1987, p. 21.
- NIEMAN, David; STANTON, Harley J.. Pesquisa mostra por que adventistas vivem mais. In: **Vida e Saúde**, v. 51, n. 06, 1989, p. 08-12.
- NOGUEIRA, Hélnio Judson. É Importante Substituir a Carne?. In: **Vida e Saúde**, v. 46, n. 05, 1984, p. 15-16.
- No Rio, Superbom ganha prêmio internacional. In: **Revista Adventista**, v. 75, 1979, n. 08, p. 17.
- O Lado “Amargo” do Açúcar. In: **Vida e Saúde**, v. 25, n. 04, 1963, p. 09-10.
- O’NEIL, Patrícia M.. Quando Joãozinho Comeu Demais (Para Meninos e Meninas). In: **Vida e Saúde**, v. 09, n. 11, 1947, p. 21-22.
- PAGANI, César Luís. O Lado Amargo do Açúcar. In: **Vida e Saúde**, v. 45, n. 09, 1983, p. 34-35.
- PARENTE, Sueli. Loucos por chocolate. In: **Vida e Saúde**, v. 59, n. 03, 1997, p. 19-20.
- Perguntas sobre cafeína - Novo estilo de vida pode trazer a solução. In: **Vida e Saúde**, v. 47, n. 06, 1985, p. 21-22.
- PETERSON, Franklyn. Um produto que está tornando a carne obsoleta. In: **Vida e Saúde**, v. 38, n. 03, 1976, p. 19-21.

- QUINTAES, Késia Diego. Leite na berlinda. In: **Vida e Saúde**, v. 69, n. 02, 2007, p. 10-15.
- RANDOIN, Lucie. Sete erros alimentares. In: **Vida e Saúde**, v. 23, n. 12, 1961, p. 16-17.
- REIS, Ilka Mendes dos. A mulher e o álcool. In: **Vida e Saúde**, v. 24, n. 10, 1962, p. 08-10.
- REYNOLDS, T. G.. Quem cura os doentes? O médico, os remédios ou as defesas naturais do organismo?. In: **Vida e Saúde**, v. 25, n. 07, 1963, p. 14-16.
- RISLEY, E. H.. A Carne - Alimento de Grande Valor Nutritivo?. In: **Vida e Saúde**, v. 13, n. 04, 1951, p. 14-17.
- SCHEFFEL, Rubem M.; ALMEIDA, Wilson. Éder Jofre - Campeão Vegetariano (entrevista). In: **Vida e Saúde**, v. 50, n. 01, 1988, p. 21-22.
- SCHEFFEL, Rubem M., SCHARFFENBERG, John A.. Alimentação - Conselhos e Advertências - I (entrevista). In: **Vida e Saúde**, v. 49, n. 09, 1987a, p. 10-13.
- SCHEFFEL, Rubem M., SCHARFFENBERG, John A.. Alimentação - Conselhos e Advertências - II (entrevista). In: **Vida e Saúde**, v. 49, n. 10, 1987b, p. 21-23.
- SCHEFFEL, Rubem M. et. al. Junta médica afirma: vegetarianismo é melhor (entrevista). In: **Vida e Saúde**, v. 50, n. 06, 1988a, p. 28-29.
- SCHEFFEL, Rubem M. et. al. Junta médica afirma: vegetarianismo é melhor (entrevista). In: **Vida e Saúde**, v. 50, n. 07, 1988b, p. 08-10.
- Seção Leitores – Vegana ou Vegetariana?. In: **Vida e Saúde**, v. 80, n. 10, 2018, p. 05.
- SERRÃO, Alfredo de Araújo. Mel - Alimento Precioso. In: **Vida e Saúde**, v. 11, n. 08, 1949, p. 12-14.
- SKINNER, Jorge A.. Perturbações da digestão. In: **Vida e Saúde**, v. 9, n. 10, 1947, p. 08-09; 20.
- Soja protege a mulher - Sala de Espera. In: **Vida e Saúde**, v. 58, n. 09, 1996, p. 14.
- Soja: Um Contraceptivo? - Panorama Mundial. In: **Vida e Saúde**, v. 50, n. 07, 1988, p. 06.
- Sport, Jeunesse et Alimentation. A Dispepsia do Café com Leite. In: **Vida e Saúde**, v. 33, n. 06, 1971, p. 12-13; 15.
- Superbom lança PVT no mercado. In: **Revista Adventista**, v. 72, 1976, n. 08, p. 19.
- Superbom compra a *New Life*. In: **Revista Adventista**, v. 81, n. 03, 1985, p. 32-33.
- SWARTOUT, Humberto. Regime Alimentar Defeituoso. In: **Vida e Saúde**, v. 02, n. 03, 1940a, p. 10-11.
- SWARTOUT, Humberto. Regime Alimentar Defeituoso (conclusão). In: **Vida e Saúde**, v. 02, n. 04, 1940b, p. 16-18.

TALLARICO, G.. Alimento do futuro - Carne microbiana com base em lêvedo de cerveja. In: **Vida e Saúde**, v. 22, n. 08, 1960, p. 12-13.

VIDA E SAÚDE. Capa, v. 84, n. 06, 2022, p. 01.

VIEIRA, Galdino Nunes. Regime alimentar vegetariano. In: **Vida e Saúde**, v. 27, n. 07, 1965, p. 14-15;21-22.

VIEIRA, Galdino Nunes. Regime Vegetariano e Saúde Perfeita. In: **Vida e Saúde**, v. 28, n. 09, 1966, p. 12-13.

VIEIRA, Galdino Nunes. O papel do lar na recuperação do alcoólatra. In: **Vida e Saúde**, v. 28, n. 11, 1966, p. 04-05.

VIEIRA, Galdino Nunes. “O regime vegetarianista não é uma novidade nem uma velharia”. **Vida e Saúde**, v. 29, n. 01, p. 14-15, 1967.

VIEIRA, Galdino Nunes. O Médico da Família - Proteínas Vegetais e Animais. In: **Vida e Saúde**, v. 34, n. 09, 1972, p. 27.

VYHMEISTER, Irma B. Mesa Familiar: Poderosa Influência Para o Bem. In: **Vida e Saúde**, v. 43, n. 09, p. 07-08, 1981.

WALDVOGEL, Luiz. “Nosso programa”. **Vida e Saúde**, v. 01, n. 01, p. 03, 1939.

WEBBER, Perry A.. Feijão Soja - o Alimento-maravilha. In: **Vida e Saúde**, v. 01, n. 01, 1939, p. 16-17.

WIDMER, E. A.. Carne de Porco - Ciência Confirma a Bíblia. In: **Vida e Saúde**, v. 50, n. 11, 1988, p. 32-34.

WHITE, Ellen G.. “Duty to Know Ourselves”. **The Health Reformer**, v. 01, n. 01, 1866, p. 02-03.

WHITE, Ellen G.. **Conselhos sobre Regime Alimentar**. Ellen G. White Estate, Inc., 2007.

WHITE, Ellen G.. **Mensagens Escolhidas (vol. 1)**. Ellen G. White Estate, Inc., 2013.

WHITE, Ellen G.. **A Ciência do Bom Viver**. Ellen G. White Estate, Inc., 2013 [1905].

You and Your Health. Galeno: influência por 45 gerações (O Progresso da Ciência). In: **Vida e Saúde**, v. 34, n. 01, 1972, p. 02; 21.

ZUKOVSKI, Joel. Alimentos enlatados. In: **Revista Adventista**, v. 74, 1978, n. 04, p. 45-46.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira; NARVAI, Paulo Capel. Políticas de saúde bucal no Brasil e seu impacto sobre as desigualdades em saúde. **Rev. Saúde Pública** (São Paulo), v. 44, n. 2, p. 360-365, 2010.

AZEVEDO, E.. Riscos e controvérsias na construção social do conceito de alimento saudável: o caso da soja. **Rev. Saúde Pública**, n. 45, , v. 4, 781-788, 2011.

AZEVEDO, E.. Vegetarianismo. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde** (UERJ), v. 8, p. 275-288, 2013.

BACH, L. F. C.. **Sexualidade, beleza e maternidade: o modelo cristão de mulher nos anos 1980 a partir da revista Vida e Saúde**. Monografia (Bacharelado em História - Memória e Imagem). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 64 f., 2016.

BACH, L. F. C.. Cultura, identidade e mídia adventista. **Revista Vernáculo** (UFPR), n. 50, p. 86-99, 2. sem./2022.

BACH, L. F. C.. Reforma da saúde, alimentação e o cuidado de si no Adventismo. **Mandrágora**, n. 30, v.1, 237–260, 2024.

BACH, L. F. C.. **“Um roteiro seguro e certo, a elevar as almas jovens”: educação afetiva e sexual na revista Mocidade (1958-1994)**. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 216 f., 2020.

BADARACCO, Claire Hoertz. **Prescribing Faith: Medicine, Media, and Religion in American Culture**. Waco-TX: Baylor University Press, 2007.

BARRETO, Ivan Farias. Tabaco: a construção das políticas de controle sobre seu consumo no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n.3, p.797-815, jul./set. 2018.

BELLOTTI, K. K.. **“Delas é o reino dos céus”: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950-2000)**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010.

BELLOTTI, K. K.. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões & Debates** (UFPR), v. 55, pp. 13-42, 2011.

BELLOTTI, K. K.. Por uma história cultural das religiões e das mídias. In: SILVA, Eliane Moura, et al (Orgs.). **História, narrativas e religiões: diálogos sob o olhar da cultura**. Recife: EDUPE/Autografia, 2018, p. 19-51.

BELLOTTI, K. K.. “Um médico em forma de revista”: Aspectos constitutivos da revista adventista Vida e Saúde (1939-2019). **Estudos de Religião**, v. 34, n. 2, 489-519, maio-ago. 2020a.

BELLOTTI, Karina Kosicki. “A saúde é um dever cristão”: a imprensa adventista e a questão da saúde nos Estados Unidos (1860s-1890s). In: FONSECA, André Dione; MARIN, Jérri Roberto (Orgs.). **História, imprensa e religião**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020b, p. 163-194.

BELLOTTI, K. K.. "Popularizar o estilo de vida saudável" – Os oito remédios naturais na revista Vida e Saúde. In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (Intercom), 2020c. Disponível em: <https://www.portallintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2355-1.pdf>. Acesso em: 12/06/2023.

BELLOTTI, K.K. **"Saúde é um dever cristão": SAÚDE E RELIGIÃO NA COMUNICAÇÃO ADVENTISTA IMPRESSA E DIGITAL**. Relatório de estágio pós doutoral - Departamento de Sociologia, UFSCar, 2020d, 336p.

BELLOTTI, Karina Kosicki. "Combatamos a obesidade!" Religião, corpo e saúde na mídia impressa adventista. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 241-262, 2021.

BELLOTTI, Karina Kosicki. "Oito décadas de saúde para diferentes gerações" – Aspectos históricos da revista "Vida e Saúde" no Brasil (1939-2019). In: CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de; BELLOTTI, Karina Kosicki (Orgs.) **O Adventismo no Brasil**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2023, p. 349-396.

BÍBLIA SAGRADA. Com enciclopédia bíblica ilustrada. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BONATO, Emídio Rizzo; BONATO, Ana Lúcia Variani. **A Soja no Brasil: história e estatística**. EMBRAPA-CNPSo, 1987.

BRAGA, Isabel Drumond. Em busca do novo Éden no século XX: os portugueses e a fundação de colônias naturistas no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 659-678, jul.-set. 2018.

CAMARGO, M.C.R., TOLEDO, M.C.F.. Teor de cafeína em cafés brasileiros. **Food Science and Technology**, v. 18, n. 4, 1998. Acesso em: <https://doi.org/10.1590/S0101-20611998000400012>.

CAMPELO, Karla Josnaina Soares. **A influência da religião na formação dos hábitos alimentares: estudo do adventismo do sétimo dia**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 80 p., 2015.

CAMPOS, Raquel Discini de. Floriano Lemos no Correio da Manhã, 1906-1965. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, p.1333-1352, nov. 2013.

CARNEIRO, H. S.. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CARNEIRO, H. S.. Comida e Sociedade: Significados sociais na História da Alimentação. **História: Questões & Debates**, Curitiba (UFPR), n. 42, p. 71-80, 2005.

Carvalho, C. E.. As origens e a gênese do Plano Collor. **Nova Economia** (UFMG), v. 16, n. 1, p. 101–134, 2006.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de**

governança 239 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) COPPE/UFRJ, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Global Editora, 2011.

CAVALLI, Suzi Barletto. Segurança alimentar: a abordagem dos alimentos transgênicos. **Revista de Nutrição**, Campinas, n. 14 (supl.), p. 41-46, 2001.

CEOLIN, P.; DALAZEM, L.; LARANJEIRA, L. DE M.; ALVARENGA, M. Avaliação do estado nutricional e hábitos alimentares de pré-escolares e escolares da escola modelo do Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP. **RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 2, n. 12, 28 jan. 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. 2. ed. Algés: DIFEL, 2002a.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002b.

CROCOMO, Celso; SPEHAR, Carlos R.. **Nova variedade de soja para os cerrados**. EMBRAPA, Comunicado Técnico 16/81. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/99122/1/comtec-16.pdf>.. Acesso em: 19/05/2024.

CUNHA, M. N.. Religiosidade Midiática em tempos de cultura gospel. **Tempo e Presença Digital** (Online), v. 4, p. 01, 2009.

CUNHA, M. N.. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. In: **Rev Famecos (Online)**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio- agosto 2016.

DALLAM, Marie W.. Introduction: Religion, Food, and Eating. In: ZELLER, Benjamin E.. et al. **Religion, food, and eating in North America**. Nova York: Columbia University Press, 2014, p. XVII-XXXII.

DOUGLASS, Herbert E.. **A Mensageira do Senhor – O ministério profético de Ellen G. White**. 1. ed. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

FERREIRA, G. M. F.; STAUT, T. C. de P.; ARAÚJO, S. P. de; OLIVEIRA, N. C. de; PORTES, L. A. Estilo de vida entre brasileiros Adventistas do Sétimo Dia. **Life Style**, [S. I.], v. 1, n. 1, p. 17–25, 2011.

FINCH, Martha L.. Foreword. In: ZELLER, Benjamin E.. et al. **Religion, food, and eating in North America**. Nova York: Columbia University Press, 2014, p. xi-xiii.

FOLLIS, Rodrigo. Turismo religioso, adventismo e lugares de memória. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 38-65, jan./abr. 2018.

FOLLIS, R. CUNHA, M. N.. Motivações adventistas para o uso da mídia. **Acta Científica** (UNASP), v. 1, n. 18, pp. 59-72, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros**: Curso no Collège de France (1982-1983). 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade VI: As confissões da carne**. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar**: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FUCKNER, Ismael. Comidas do céu, comidas da terra: as dimensões simbólicas da culinária adventista. **Humanitas**, v. 21, n. 1/2, 2005, p. 107-130.

FURTADO, Kevin W. Kossar. **Representações escatológico-sabático-dietéticas de jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014.

GILL, Rosalind. "Análise do discurso". BAUER, Martin W., GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008, p. 244-270.

GRIFFITH, R. Marie. "Don't Eat That": Denial, Indulgence, and Exclusion in Christian Diet Culture. In: _____. **Born Again Bodies: Flesh and Spirit in American Christianity**. University of California Press, 2004, pp. 206-238.

GREENBLATT, Stephen. **Ascensão e queda de Adão e Eva**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GUSTAFSSON, B. E.; QUENSEL, C. E.; LANKE, L. S.; LUNDQUIST, C.; GRAHNÉN, H.; BONOW, B. E.; KRASSE, B. The Vipeholm dental caries study: the effect of different levels of carbohydrate intake on caries activity in 436 individuals observed for five years. **Acta Odontol Scand**, v. 11, p. 332-364, 1954.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JULIA, Dominique. História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1976, pp. 106-131.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru-SP: Edusc, 2001.

KNIGHT, George R.. **Uma Igreja Mundial - Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia**. 1ª ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KNIGHT, George. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo**: estamos apagando nossa relevância?. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileiro, 2010.

LAND, Gary. **Historical dictionary of Seventh-Day Adventists**. Lanham-MD: Scarecrow Press, Inc., 2005.

LEVENSTEIN, Harvey A.. Dietética contra gastronomia: tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos. In: FLANDRIN, Jean-Louis. MONTANARI, Massimo (Orgs.). **História da alimentação**. 10ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2020, p. 825-840.

LEVINE, Harry Gene. The Alcohol Problem in America: From Temperance to Alcoholism. **British Journal of Addiction**, n. 79, p. 109-119, 1984.

LINNÉ, Tobias; MCCROW-YOUNG, Ally. Plant milk: from obscurity to visions of a post-dairy society. In: COHEN, Mathilde; OTOMO, Yoriko (Orgs.). **Making Milk: The Past, Present, and Future of Our Primary Food**. 2. ed. Londres: Bloomsbury Academic, 2017.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.) **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 111-153.

LUCA, T. R. de. Mulheres em revista. In: PEDRO, J. M.; PINSKY, C.. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012, v. 1, pp. 447-468.

MACIEL, M. E.. Uma cozinha à brasileira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 25-39, jan./jun. 2004.

MARTINS, Ana Luiza. **História do Café**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MATA, Sérgio da. Introdução. In: _____. **História & Religião**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, pp. 11-20.

MATHEWS, Gordon. **Cultura global e identidade individual**. Bauru-SP: Edusc, 2002.

MAZZINI, Innocenzo. A alimentação e a medicina no mundo antigo. In: FLANDRIN, Jean-Louis. MONTANARI, Massimo (Orgs.). **História da alimentação**. 10ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2020. p. 254-265.

MENESES, U. T. B.; CARNEIRO, H. S.. A História da Alimentação: balizas historiográficas. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 05, p. 09-91, jan./dez. 1997.

MONTANARI, M. Os ocidentais e os outros. Modelos alimentares e identidades culturais. FLANDRIN, Jean-Louis.; MONTANARI, M. (Orgs.). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 238-242.

MOREIRA, S. A.. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura** (UNICAMP), v. 62, n. 04, p. 23-26, 2010.

MORGAN, David. **Protestants and pictures. Religion, visual culture, and de Age of American Mass Production**. New York: Oxford University Press, 1999.

MORGAN, David. Mídia, Milênio, Nacionalidade: Cultura impressa evangélica nos primórdios da nação norte-americana. In: ALMEIDA, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura (Orgs.). **Missão e Pregação: a comunicação religiosa entre a História da igreja e a História das Religiões**. São Paulo: Fap Fapesp, 2014, pp. 233-258.

MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NILSON, Eduardo Augusto Fernandes. Alimentos ultraprocessados e seus riscos à cultura alimentar e à saúde. **Rev. de Alim. Cult. Américas** - RACA. v. 3, n. 2, p. 133-146, ago./dez, 2022.

NOGUEIRA, Anne. Padrões alimentares, saúde e sustentabilidade na comunidade adventista. Dissertação (Mestrado em Cdadania Ambiental e Participação) – Universidade Aberta (UAb), Porto, 86 f., 2014.

OCTAVIANO, Carolina. Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde. **ComCiência**, Campinas, n. 120, 2010.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. **A Obra e a Mensagem - Representações Simbólicas e Organização Burocrática na Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 1972.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, pp. 157-179, 2004.

OLIVEIRA, Mariana Matos. **A trajetória cultural de Flaminio Fávero e suas contribuições socioeducacionais**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho De. “Carnivorismo é uma civilização”: vegetarianismo brasileiro e discursos sobre os animais, 1902-1940. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 28, supl., p.37-57, dez. 2021.

PACHECO, S. S. Q. M.. **Alimentação e religião: A influência da orientação religiosa na formação de hábitos alimentares de Adventistas do Sétimo Dia**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, 2001.

PEREZ-RAMOS, Juan. Vida e obra de Renato Ferraz Kehl. **Boletim** - Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 39, n. 97, p. 300-301, dez. 2019.

PILLA, M. C. B. A.. Labores, quitutes e panelas: em busca do lar ideal. **cadernos pagu**, v. 30, p. 329-343, jan.-jun. 2008.

PILLA, M. C. B. A.. Mente sã em corpo são: exercícios, alimento e saúde nas páginas do Anuário das Senhoras durante o Estado Novo Brasileiro (1937-1945). **Revista Portuguesa de História** (Coimbra), v. 47, p. 381-397, 2016.

PILLA, M. C. B. A.. Dominando a própria carne: gula, temperança e boas maneiras à mesa nos manuais de civilidade (séculos XVI a XX). **Diálogos**, v.22, n.1, p. 218 - 228, 2018.

PITTA, Fábio; MENDONÇA, Maria Luisa; STEFANO, Daniela. **Desmatamento, grilagem de terras e financeirização**: Impactos da expansão do monocultivo da soja no Brasil. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2022. Disponível em: <https://www.social.org.br/images/pdf/2022/relatorio2022.pdf>. Acesso em: 19/05/2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUELLIER, Florent. **Gula: história de um pecado capital**. São Paulo: Senac, 2011.

RAPPORT, Jeremy. “Join us! Come, eat!”: vegetarianism in the formative period of the Seventh-Day Adventists and the Unity School of Christianity. In: ZELLER, Benjamin E.. et al. **Religion, food, and eating in North America**. Nova York: Columbia University Press, 2014, p. 23-41.

REBOLLO, Regina André. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. **Scientiae Studia** (USP), v. 4, p. 45-81, 2006.

RUIZ, Castro. Prólogo: a leitura crítica do presente. BARROS II, João R. **Poder pastoral e cuidado de si em Foucault**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020, p. 08-10.

SALES, E. V.. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. **Cadernos de História** (UFPE) , v. 07, n. 07, p. 167-203, 2010.

SANTOS, C. R. A.. **Alimentar o Paraná Província**: a formação da estrutura agro-alimentar. Tese (Livre-Docência) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, 232 f., 1992.

SANTOS, C. R. A.. Por uma História da Alimentação. **História: Questões & Debates** (UFPR), v. 14, n. 26/27, p. 154-171, jan./dez. 1997.

SANTOS, C. R. A.. Alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. **História: Questões & Debates** (UFPR), n. 42, p. 11-31, jan./jun. 2005.

SANTOS, C. R. A.. A comida como lugar de História: as dimensões do gosto. **História: Questões & Debates** (UFPR), n. 54, p. 103-124, jan./jun. 2011.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Domesticidade e identidades de gênero na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 60). **cadernos pagu**. n. 36, p. 257-282, janeiro-junho 2011.

SCHÜNEMANN, Haller E. S.. **“O Tempo do Fim”: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião), Centro de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2002.

SHRYOCK, Richard H. “Sylvester Graham and the Popular Health Movement, 1830-1870.” **The Mississippi Valley Historical Review**, vol. 18, no. 2, 1931, p. 172–83.

SILVA, Ângelo Vieira da. Apocalipse 20: uma breve história da doutrina milenarista. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 15, n. 1, p. 06–23, 2020.

SILVA, Eliane Moura. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. **Revista de Ciências Humanas** (UFV), v. 11, n. 2, pp. 225-234, 2011.

SILVA, Paula Pinto e. **Farinha, feijão e carne seca**: um tripé culinário no Brasil colonial. São Paulo: Editora Senac, 2005.

SOLER, Jean. As razões da Bíblia: regras alimentares hebraicas. In: FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo (Orgs.). **História da Alimentação**. 10 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2020, p. 82-91.

SOUSA, Antonio Junio Alves de. **Mídia e religião: o uso dos meios de comunicação na Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 75 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências das Religiões), Faculdade Unida de Vitória, 2017.

SOUSA, Miguel Sangar de Oliveira. **Determinantes sociais da saúde e os oito remédios naturais: estudo piloto sobre as determinações sociais de hábitos saudáveis em adventistas do sétimo dia**. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física – Promoção em Saúde e Lazer), Universidade Federal do Amazonas, 2022.

SOUZA, Cleyton Ribeiro. **A filosofia por trás da Superbom**: uma história do Adventismo. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2018.

SOUZA, Érica Mello de. **Educação sanitária**: orientações e práticas federais desde o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária ao Serviço Nacional de Educação Sanitária (1920-1940). 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas "femininas". **São Paulo em Perspectiva**, n. 15, v. 3, p. 67-81, 2001.

TEIXEIRA, Eliane Teruel Gouveia. **Promoção da saúde em mídia televisiva: programa Vida e Saúde em pauta**. 100 f. Dissertação (mestrado em Promoção da Saúde), Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2023.

VIANNA, Sérgio Besserman; VILLELA, André. O pós-guerra (1945-1955). In: GIAMBIAGI, Fabio, et. al. (Orgs.). **Economia brasileira contemporânea (1945-2010)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 01-24.

WHORTON, James C.. **Crusaders for Fitness: The History of American Health Reformers**. Princeton-NJ: Princeton University Press, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura y sociedad. 1780-1950. De Coleridge a Orwell**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Palabras clave: un vocabulario de la cultura y la sociedad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOORTMANN, K. A comida, a família e a construção do gênero feminino. **Série Antropologia** (UnB), n. 50, p. 01-43, 1985.

YOUNG, James Harvey. The pig that fell into the privy: Upton Sinclair's "The Jungle" and the meat inspection amendments of 1906. **Bulletin of the History of Medicine**, v. 59, n. 4, 1985, pp. 467–80.

ANEXO I

Tabela I: Corpo editorial da revista Vida e Saúde

NOME	CARGO EXERCIDO	PERÍODO	OBSERVAÇÕES
Luiz Waldvogel	Redação	01/1939 - 05/1949	
	Redactor-chefe	06/1949 - 06/1965	Breve licença entre o final de 1952 e início de 1953 (substituído por Rafael de Azambuja Butler).
Dr. Antônio Miranda (Antônio A. de Miranda)	Redação	01/1939 - ??/1941	Consta até a última edição disponível de 1941 (julho)
		02/1948-05/1949	
	Redactor-responsável	06/1949 - 11/1950	Mudança na nomenclatura do cargo
	Redactor-associado	12/1950 - 1954/55	Sai entre maio de 1954 e julho de 1955
Emílio Doehnert	Gerência	01/1939 - 08/1942	
Domingos Peixoto da Silva	Propriedade	??/1942 - 05/1949	A partir da edição de fevereiro ou março
	Director-proprietário	06/1949 - ??/1951	Mudança na nomenclatura do cargo. Saída em março ou abril de 1951.
Galdino Nunes Vieira	Redação	??/1942 - 05/1949	A partir da edição de fevereiro ou março
	Redactor-associado	06/1949 - 1956/57	Mudança na nomenclatura do cargo. Sai em dezembro de 1956 ou janeiro de 1957.
	Supervisor Médico	??/1961 - 02/1973	Retorna entre abril e outubro de 1961, no lugar de Geraldo Leitzke. Breve licença entre maio e junho de 1965.
Benedito Montenegro	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Flamínio Fávero	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
A. C. Pacheco e Silva	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Samuel B. Pessoa	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
F. A. de Moura Campos	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Milton Estanislau do Amaral	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Jaime R. Pereira	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Mário Totta	Colaborador	06/1942 - 12/1947	

Farias Guimarães	Colaborador	06/1942 - 02/1949	
Orozimbo Corrêia Neto	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Rolando Capriglione	Colaborador	1942-1945 ou 1946	
Ulisses Gouveia da Costa	Colaborador	1942-1946	
Eugênio M. Ribeiro	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Otaviano Gaiarsa	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Artur Vasconcelos	Colaborador	06/1942 - 1954/55	Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Rafael de Azambuja Butler	Redator	1943 ou 1944 - 09/1947	
	Redator-chefe interino	??/1952 - ??/1953	- Substitui temporariamente Luiz Waldvogel entre o final de 1952 e início de 1953.
	Redator-responsável	1954/55 - 11/1968	Início entre maio de 1954 e julho de 1955. Algumas edições identificado apenas como "redator".
Alceu Colaço	Colaborador	1943/44 - 1954/55	Início entre 1943 e 1944. Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Armin Niemeyer	Colaborador	1943/44 - 1954/55	Início entre 1943 e 1944. Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Carlos Franco da Costa	Colaborador	1943/44 - 1954/55	Início entre 1943 e 1944. Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Friedrich Müller	Colaborador	1943/44 - 1954/55	Início entre 1943 e 1944. Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
João Gargione	Colaborador	1943/44 - 1954/55	Início entre 1943 e 1944. Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Mário Mourão	Colaborador	1943/44 - 1954/55	Início entre 1943 e 1944. Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.
Octávio Espírito Santo	Redator-responsável	12/1950 - 1954/55	Sai entre maio de 1954 e julho de 1955
B. E. Schünemann	Director-Gerente	??/1951 - 1954/55	- Início em março ou abril de 1951, no lugar de D. Peixoto da Silva.
	Gerente	1954/55 - 03/1977	- Mudança na nomenclatura do cargo. Substituído por Wilson Sarli.
Gideon de Oliveira	Colaborador	??/1951 - 1954/55	Início em março ou abril de 1951. Saída entre 1954 e 1955, quando os colaboradores deixam de ser listados.

Geraldo Leitzke	Supervisor Médico	01/1959 - ??/1961	Identificado como "Diretor clínico da Casa de Saúde Liberdade, S. Paulo". Sai entre abril e setembro de 1961.
		05/1965 - 06/1965	Ocupa temporariamente o lugar de Galdino Nunes Vieira
Carlos A. Trezza	Redator-chefe	07/1965 - 03/1973	Entra no lugar de Luiz Waldvogel.
		03/1977 - 02/1978	Em algumas edições, aparece como "Redator-chefe e Redator". substituído por Rubens S. Lessa.
	Redator -chefe e Redator Responsável	01/1976 - 02/1977	Assume por 1 ano as duas funções após a saída de Naor G. Conrado (10/1975) e Arnaldo B. Christianini (12/1975).
Henrique C. Kaercher (H. C. Kaercher)	Ilustrações e Diagramação	??/1969 - 12/1971	Inicia entre abril e setembro de 1969.
	Depto. Arte	01/1972 - 12/1972	Mudança na nomenclatura do cargo.
	Chefe Depto. Arte	01/1973 - 12/1977	Mudança na nomenclatura do cargo devido a ampliação do departamento de arte. Substituído por Erlo Köhler.
Naor G. Conrado	Redator responsável	01/1970 - 10/1975	
Erlo Köhler (Erlo G. Koehler)	Diagramação	01/1973 - 12/1977	
	Chefe Depto. Arte	01/1978 - 05/1978	Assume o cargo de Henrique C. Kaercher.
	Direção de Arte	06/1978 - 06/1983	Mudança na nomenclatura do cargo. Passa a integrar a Direção de Arte com Wilson F. Almeida.
	Chefe de Arte (CPB)	??/1991 - 05/1996	Inicia em maio ou junho de 1991. Entra no lugar de Urias P. Chagas. Substituído por Wilson de Almeida.
Arnaldo B. Christianini	Diretor de Redação	04/1973 - 10/1975	Entra no lugar de Carlos. A. Trezza.
	Diretor de Redação e Redator Responsável	11/1975 - 12/1975	Assume também o cargo de Redator Responsável provisoriamente.
Francisco Marques	Diagramação	11/1973 - 04/1978	
Wilson de Almeida (Wilson F. Almeida)	Diagramação	02/1977 - 05/1978	Não aparece relacionado na edição de 05/1977.
	Direção de Arte	06/1978 - 12/1980	Passa a integrar a Direção de Arte com Erlo G. Koehler
	Editor Associado	1986/87 - 04/1988	Inicia entre janeiro de 1986 e janeiro de 1987.
	Editor	02/1989 - 02/1994	Mudança de cargo.
	Conselho Editorial	03/1994 - 06/1995	Conselho deixa de ser informado no editorial.

	Editor de Arte (CPB)	06/1996 -	Entra no lugar de Erlo Köhler. Em algumas edições de 1999 e 2000 é listado como parte da equipe VS.
Urias P. Chagas	Diagramação	02/1977	Aparece somente nesta edição.
		06/1977 - 09/1977	
	Chefe de Arte	04/1989 - ??/1991	Entra no lugar de Paulo S. Gusmão. Sai entre abril e maio de 1991. Substituído por Erlo Köhler.
Wilson Sarli	Gerente Geral	04/1977 - 02/1985	Entra no lugar de Bernardo E. Schünemann. Substituído por Carlos M. Borda.
	Diretor Geral (CPB)	08/1995 - 11/2000	Entra no lugar de Carlos M. Borda. Substituído por José Carlos de Lima.
Almir A. Fonseca	Redator	10/1977	Aparece somente nesta edição.
	Redator Responsável	12/1977 - ??/1986	
Decio Stach (Décio G. Stach)	Diagramação	01/1978 - 05/1978	
		10/1978 - 11/1978	
Edilmar Corte-Real	Diagramação	01/1978 - 09/1978	
Rubens S. Lessa	Redator-Chefe	03/1978 -	Entra no lugar de Carlos A. Trezza.
	Conselho Editorial	03/1994 - 01/1995	Cargos concomitantes.
Manoel A. Silva	Diagramação	06/1978 - 09/1978	
Eli S. Campos (Eli Silveira Campos)	Diagramação	11/1978 - 06/1980	
		09/1981 e 11/1981	Substitui Paulo S. Gusmão nestas edições.
		02/1982 - 12/1982	Entra no lugar de Paulo S. Gusmão. Substituído por César L. Pagani.
		11/1990 - 05/1995	Entra no lugar de Maria J. Bienemann. Substituído nas edições de 10/1991 a 12/1991 por Vilma Piergentile.
Manfred Krusche	Supervisão Médica	05/1979 - 12/1980	
		1986/87 -	Volta ao cargo entre janeiro de 1986 e janeiro de 1987. Não aparece nas edições 07 e 08 de 1997.
Paulo S. Gusmão (Paulo Sartori Gusmão)	Diagramação	07/1980 - 10/1980	Entra no lugar de Eli S. Campos. Substituído entre 11/1980 e 01/1981 por Maria J. Bienemann.
		02/1981 - 03/1982	Substituído por Eli S. Campos.
	Chefe de Arte	04/1987 - 03/1989	Entra no lugar de Rogério S. Vieira. Substituído por Urias P. Chagas.

Maria J. Bienemann (M. J. Bienemann)	Diagramação	11/1980 - 12/1980	Entra no lugar de Paulo J. Gusmão. Primeira mulher a ocupar um cargo no editorial de Vida e Saúde.
	Diagramadora	01/1981	Mudança na nomenclatura do cargo. Aparece somente nessa edição em 1981, substituída por Paulo S. Gusmão.
	Diagramação	09/1990 - 10/1990	
César L. Pagani	Direção de Arte	01/1981 - 05/1981	Entra no lugar de Wilson F. Almeida. Integra a Direção de Arte com Erlo G. Koehler.
	Diagramação	01/1983 - 08/1983	Entra no lugar de Eli S. Campos.
	Programação Visual	09/1983 - 01/1988	Mudança na nomenclatura do cargo. Substituído por Cláudio Sampaio na edição de maio de 1987.
	Colaborador Especial	02/1989 - 08/1990	
Rogério Sorvillo Vieira	Direção de Arte	06/1981 - 01/1987	Entra no lugar de César L. Pagani. Divide o cargo com Erlo Koehler até 06/1983.
	Chefe de Arte	02/1987 - 03/1987	Mudança na nomenclatura do cargo.
Carlos M. Borda	Gerente Geral (CPB)	03/1985 - 06/1995	Entra no lugar de Wilson Sarli.
Rubem M. Scheffel	Editor	1986/87 - 01/1989	Inicia entre janeiro de 1986 e janeiro de 1987.
Pedro José Machado	Gerente de Vendas (CPB)	02/1987 - 07/1995	
José Carlos de Lima	Chefe de Expedição (CPB)	02/1987 - 10/1994	Substituído por Divonzir Ferelli.
	Gerente de Vendas (CPB)	08/1995 - 12/1995	Substituído por David Deana.
	Gerente de Produção (CPB)	08/1996 -	Substituído por Reisner Martins.
	Diretor Geral (CPB)	12/2000 -	Entra no lugar de Wilson Sarli.
Cláudio S. dos Santos (Cláudio Sampaio)	Programador Visual	02/1988 - 12/1988	Entra no lugar de César L. Pagani. Substituído por Davi Gangi na edição de outubro de 1988.
	Diagramação	08/1989	Aparece apenas nessa edição, substituindo Herlem X. de Campos.
		10/1990	Aparece apenas nessa edição, substituindo Herlem X. de Campos.
Carlos A. Almeida (Carlos Alberto de Almeida)	Diagramador	01/1989 - 09/1989	Entra no lugar de Cláudio S. dos Santos.
Márcio Dias Guarda	Editor	02/1989 - 02/1994	Substituído por Paulo Pinheiro.
Paulo Pinheiro	Editor	02/1989 - 08/1989	

Herlem X. de Campos	Diagramação	07/1989 - 09/1990	Atua inicialmente junto com Carlos Alberto de Almeida. Segunda mulher a aparecer no editorial da revista.
Jobson Barbosa	Diagramação	11/1990 - 12/1990	Atua junto com Eli S. Campos.
Jobson Santos	Diagramação	06/1992 - 02/1993	
	Diagramador Assistente	02/1997	Aparece apenas nessas edições pontuadas.
	Diagramador/Programador Visual/Designer	08/1997	
		02/1999	
		08/1999	
		10/1999	
		01/2000 -	Atua junto com Davi Gangi.
Zinaldo Azevedo Santos	Colaborador Especial	01/1991 - 06/1991	
	Editor Associado	01/1997 - 06/1997	Entra no lugar de Francisco Lemos. Substituído pelo mesmo.
	Editor	07/1997 -	Passa a ocupar o cargo de Marcos de Benedicto.
Vilma Piergentile	Diagramação	10/1991 - 12/1991	Entra temporariamente no lugar de Eli S. Campos.
Flávio Kopitar	Diagramador	03/1992	Aparece apenas nessa edição, substituindo temporariamente Eli S. Campos.
Francisco Lemos	Colaborador Especial	11/1992 - 02/1994	Mudança de cargo.
	Conselho Editorial	03/1994 - 06/1995	
	Editor Associado	07/1995 - 12/1996	Substituído temporariamente por Zinaldo A. Santos.
		07/1997 -	
Davi Gangi	Diagramador	03/1993 - 12/1994	Atua junto com Eli S. Campos.
	Programador Visual	06/1995 -	
Paulo Pinheiro	Editor	03/1994 - 12/1996	Entra no lugar de Márcio Dias Guarda. Substituído por Marcos de Benedicto.
Marcos de Benedicto	Conselho Editorial	03/1994 - 06/1995	Conselho deixa de ser informado no editorial.
	Editor	01/1997 - 06/1997	Entra no lugar de Paulo Pinheiro.
Sueli N. Ferreira	Conselho Editorial	03/1994 - 06/1995	Única mulher a integrar o Conselho Editorial da revista. Conselho deixa de ser informado no editorial.
Elizeu C. Lira	Conselho Editorial	03/1994 - 06/1995	Conselho deixa de ser informado no editorial.

Divonzir Ferelli	Chefe de Expedição (CPB)	11/1994 - 03/1996	Entra no lugar de José Carlos de Lima.
Levi Gruber	Diagramador	01/1995 - 05/1995	Entra temporariamente no lugar de Davi Gangi.
Edinor Max Gruber	Diretor Geral (CPB)	07/1995	Aparece apenas nessa edição. Transição entre Carlos M. Borda e Wilson Sarli.
David Deana Carmo	Gerente de Vendas (CPB)	01/1996 - 11/2000	Substituído por Helio Carnassale.
Eder Fernando Modro	Chefe de Expedição (CPB)	04/1996 -	Entra no lugar de Divonzir Ferelli.
André R. Rodrigues (André Rodrigues de Souza/André Rodrigues)	Diagramador Assistente	01/1997 - 08/1997	Substituído por Jobson Santos na edição de 02/1997.
Vera L. Santos	Diagramadora Assistente	01/1997 - 02/1997	
Darlene Arruda	Secretária	01/1997 -	Substituída entre 09/1997 e 11/1997 por Rosemara Francos Santos.
Vanderlei Dornelles	Colaborador Especial	07/1997 -	
Rosemara Franco Santos	Secretária	09/1997 - 11/1997	Entra temporariamente no lugar de Darlene Arruda.
Sandra Patrícia Ferreira	Programadora Visual	04/1999	Atua apenas nessa edição junto com Davi Gangi na Diagramação.
Mário Paulo Martinelli	Gerente de Marketing (CPB)	07/1999 -	
Marco A. Bussacarini	Supervisão Médica	04/2000 -	Atua junto com Dr. Manfred Krusche.
Reisner Martins	Gerente de Produção (CPB)	12/2000 -	Entra no lugar de José Carlos de Lima.
Helio Carnassale	Gerente de Vendas (CPB)	12/2000 -	Entra no lugar de David Deana Carmo.

Fonte: A autora (2024).

ANEXO II

TABELA II - Dados sobre as edições de 1939 à 2000

ANO	MÊS	Nº DE PÁGINAS	Nº SEÇÕES	Nº ARTIGOS LIVRES	TIRAGEM	SLOGAN
1939	janeiro	24	4	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	fevereiro	24	3	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	março	24	3	14	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	24	3	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	24	3	14	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	24	3	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	setembro	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	novembro	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	24	3	13	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	3,5	10,75	-	
1940	janeiro	24	4	12	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	fevereiro	-	-	-	-	-
	março	24	3	13	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	20	4	6	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	setembro	20	4	7	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene

	outubro	20	4	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	novembro	20	4	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	20	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		22,18	3,90	9,90	-	
1941	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	24	4	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	24	4	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	-	-	-	-	
	julho	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		24	4	9		
1942	janeiro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	24	4	13	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	4	14	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	24	4	13	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	setembro	24	4	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene

	dezembro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	4,3	10,6	-	
1943	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		0	0	0	-	
1944	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	24	5	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	5	8	-	
1945	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	-	-	-	-	

	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		0	0	0	-	
1946	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	24	6	11		Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril					
	maio	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	4	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	24	6	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	24	6	15	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	setembro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	5,25	11,12	-	
1947	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	-	-	-	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	6	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	6	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	24	6	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	24	5	12	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene

	setembro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	novembro	24	5	12	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	5,33	10,11	-	
1948	janeiro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	fevereiro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	março	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	24	5	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	setembro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	24	5	7	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	5	9,09	-	
1949	janeiro	24	6	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	fevereiro	24	6	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	março	24	6	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	24	6	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	6	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	6	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	24	6	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene

	agosto	24	6	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	setembro	24	6	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	24	5	8	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	novembro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		24	5,81	9	-	
1950	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	5	14	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	5	10,4	-	
1951	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	março	-	-	-	-	
	abril	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	-	-	-	-	
	junho	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	24	5	13	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene

	novembro	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		24	5	10,66	-	
1952	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	24	5	19	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	-	-	-	-	
	maio	24	5	12		Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	-	-	-	-	
	julho	24	6	15	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	setembro	24	5	14	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	novembro	24	5	15	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		24	5,14	13,57	-	
1953	janeiro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	24	4	16	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	abril	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	24	5	14	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	junho	-	-	-	-	
	julho	24	5	12	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	outubro	24	5	16	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	novembro	24	5	18	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	dezembro	24	5	15	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene

MÉDIA ANUAL		24	4,77	13,55	-	
1954	janeiro	24	5	18	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	fevereiro	24	5	18	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	março	-	-	-	-	
	abril	24	4	13	-	Revista mensal ilustrada, sobre saúde e higiene
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		24	4,66	16,33	-	
1955	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	24	7	12	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	agosto	24	9	12	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	setembro	24	9	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	outubro	24	8	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	24	8	9	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	8,2	10,8	-	
1956	janeiro	24	8	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	fevereiro	24	9	9	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	março	24	9	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene

	abril	24	6	12	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	maio	24	9	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	junho	24	7	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	julho	24	9	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	agosto	24	7	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	setembro	24	9	9	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	outubro	24	10	12	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	novembro	24	8	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	dezembro	24	10	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	8,41	10,41	-	
1957	janeiro	24	11	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	fevereiro	24	10	13	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	março	24	10	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	abril	24	10	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	maio	24	9	9	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	junho	24	10	8	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	julho	-	-	-	-	
	agosto	24	5	8	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	setembro	24	5	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	outubro	24	8	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	novembro	24	6	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	dezembro	28	9	13	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24,36	8,45	10,36	-	
1958	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	24	5	9	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	março	24	7	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene

	abril	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	maio	-	-	-	-	
	junho	24	3	12	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	julho	24	7	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	agosto	24	7	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	24	7	14	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	novembro	24	4	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	dezembro	24	7	8	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	5,77	10,55	-	
1959	janeiro	24	7	8	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	24	4	8	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	abril	24	6	7	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	maio	24	6	9	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	junho	24	5	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	julho	24	4	7	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	agosto	24	7	9	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	setembro	24	8	10	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	outubro	24	3	16	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	novembro	24	6	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	dezembro	24	5	13	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24	5,54	9,91	-	
1960	janeiro	24	8	13	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	fevereiro	24	8	11	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene
	março	24	3	13	-	Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene

	abril	24	6	9	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
	maio	24	6	12	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
	junho	24	8	9	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
	julho	24	6	12	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
	agosto	24	3	10	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
	setembro	24	4	11	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
	outubro	28	5	11	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	28	6	12	-	Revista mensal ilustrada sôbre saúde e higiene
MÉDIA ANUAL		24,72	5,72	11,18	-	
1961	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	28	4	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	9	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	28	10	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	28	4	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	6,75	10,5	-	
1962	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro					
	março	28	4	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	6	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	maio	-	-	-	-	

	junho	28	5	15	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	28	7	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	7	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	6	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		28	5,83	10,83	-	
1963	janeiro	28	5	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	5	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	março	-	-	-	-	
	abril	28	5	13	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	7	13	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	5	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	5	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	5	14	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	7	13	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	5	16	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	5	13	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	6	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	5,45	12,72	-	
1964	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	

	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		0	0	0	-	
1965	janeiro	28	5	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	7	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	8	13	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	5	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	9	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	6	14	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	5	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	9	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	7	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	6	16	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	9	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	7	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	6,91	11,5	-	
1966	janeiro	28	9	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	10	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	8	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	7	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz

	agosto	28	6	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	9	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	9	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	7	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	6	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	7,91	11	-	
1967	janeiro	28	9	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	9	13	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	8	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	5	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	11	8	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	10	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	6	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	28	8	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	6	14	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	11	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	8,27	11,45	-	
1968	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	28	11	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	11	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	11	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz

	agosto	28	13	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	-	-	-	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	8	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	4	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	9,42	9,85	-	
1969	janeiro	28	7	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	7	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	abril	-	-	-	-	
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	6	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	28	8	8	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	7,33	9,5	-	
1970	janeiro	28	10	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	7	12	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	10	8	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	9	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	9	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	8	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	9	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	5	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz

	setembro	28	9	8	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	6	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	9	9	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	5	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	8	9,75	-	
1971	janeiro	28	7	11	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	7	10	-	Revista mensal em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	7	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	7	9	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	maio	-	-	-	-	
	junho	28	7	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	8	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	5	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	7	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	8	9	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	6	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	8	8	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	7	9,72	-	
1972	janeiro	28	7	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	8	8	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	7	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	7	9	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	6	8	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	6	8	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	9	8	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	8	6	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	4	10	-	Revista em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	5	10	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	3	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	5	5	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz

MÉDIA ANUAL		28	6,25	8,41	-	
1973	janeiro	28	6	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	6	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	6	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	6	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	7	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	4	11	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	5	10	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	6	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	6	10	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	6	10	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	5,75	8,66	-	
1974	janeiro	28	6	10	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	6	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	7	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	-	-	-	-	
	maio	28	6	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	5	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	6	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	4	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	5	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	5	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz

	dezembro	28	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	5,63	8,09	-	
1975	janeiro	28	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	7	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	7	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	7	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	6	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	6	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	7	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	6	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	28	7	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	6,41	7,58	-	
1976	janeiro	28	3	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	4	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	4	5	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	28	4	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	28	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	28	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	28	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	28	5	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz

	novembro	28	5	4	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	28	5	4	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		28	4,16	6,33	-	
1977	janeiro	28	5	5	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	28	3	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	março	28	5	5	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	28	5	5	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	maio	28	4	5	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	32	3	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	32	3	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	32	5	5	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	32	3	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	32	4	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		30,33	4	5,91	-	
1978	janeiro	32	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	março	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	32	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	maio	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	32	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	32	4	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz

	outubro	32	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	32	5	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	32	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		32	4,08	6,58	-	
1979	janeiro	32	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	32	4	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	32	4	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	maio	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	32	4	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	setembro	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	32	4	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	32	6	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		32	4,63	7,09	-	
1980	janeiro	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	fevereiro	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	março	32	5	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	abril	32	5	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	maio	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	junho	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	julho	32	5	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	agosto	32	5	7	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz

	setembro	32	5	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	outubro	32	5	6	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	novembro	32	5	8	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
	dezembro	36	5	9	-	Revista ilustrada em prol de uma vida sã e feliz
MÉDIA ANUAL		32,33	5	7,58	-	
1981	janeiro	36	5	6	-	
	fevereiro	36	5	6	-	
	março	36	5	6	-	Número especial para os associados da Golden Cross
	abril	36	5	6	-	
	maio	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	junho	36	4	8	-	Número especial para os associados da Golden Cross
	julho	36	5	7	-	A Revista Mensal da Família
	agosto	36	5	10	-	A Revista Mensal da Família
	setembro	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	outubro	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	novembro	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	dezembro	36	5	9	-	Número especial para os associados da Golden Cross
MÉDIA ANUAL		36	4,91	7,58	-	
1982	janeiro	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	fevereiro	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	março	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	abril	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	maio	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	junho	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	julho	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	agosto	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	setembro	36	4	9	-	Número especial para os associados da Golden Cross
	outubro	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	novembro	36	5	7	-	A Revista Mensal da Família

	dezembro	36	4	9	-	Número especial para os associados da Golden Cross
MÉDIA ANUAL		36	4,83	8,41	-	
1983	janeiro	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	fevereiro	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	março	36	5	10	-	A Revista Mensal da Família
	abril	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	maio	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	junho	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	julho	36	5	9	-	Número especial para os associados da Golden Cross
	agosto	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	setembro	36	5	10	-	Número especial para os associados da Golden Cross
	outubro	36	5	10	-	A Revista Mensal da Família
	novembro	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	dezembro	36	6	7	-	A Revista Mensal da Família
MÉDIA ANUAL		36	5,08	9	-	
1984	janeiro	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	fevereiro	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	março	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	abril	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	maio	36	5	8	-	A Revista Mensal da Família
	junho	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	julho	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	agosto	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	setembro	36	5	9	-	A Revista Mensal da Família
	outubro	36	5	8	-	
	novembro	36	5	9	-	
	dezembro	36	5	8	-	
MÉDIA ANUAL		36	5	8,5	-	
1985	janeiro	36	5	8	-	
	fevereiro	36	5	8	-	
	março	36	5	9	-	
	abril	36	5	8	-	

	maio	36	5	8	-	
	junho	36	5	9	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	36	5	9	-	
	outubro	36	5	9	-	
	novembro	36	5	8	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		36	5	8,44	-	
1986	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	
	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		0	0	0	-	
1987	janeiro	36	6	7	125.000	
	fevereiro	36	6	8	125.000	
	março	36	6	6	125.000	
	abril	36	6	9	125.000	
	maio	36	6	9	125.000	
	junho	36	6	8	125.000	
	julho	36	6	8	125.000	
	agosto	36	6	8	125.000	
	setembro	36	6	8	140.000	
	outubro	36	6	9	145.000	
	novembro	36	6	8	145.000	
	dezembro	36	6	10	145.000	

MÉDIA ANUAL		36	6	8,16	131.250	
1988	janeiro	36	7	7	130.000	Ano 50 Vida e Saúde
	fevereiro	36	7	7	125.000	Ano 50 Vida e Saúde
	março	36	7	6	145.000	Ano 50 Vida e Saúde
	abril	36	7	6	120.000	Ano 50 Vida e Saúde
	maio	36	7	7	105.000	Ano 50 Vida e Saúde
	junho	36	7	6	100.000	Ano 50 Vida e Saúde
	julho	36	6	8	100.000	Ano 50 Vida e Saúde
	agosto	36	7	7	100.000	Ano 50 Vida e Saúde
	setembro	36	Faltando sumário			Ano 50 Vida e Saúde
	outubro	36	0	9	95.000	Edição Especial - Vegetarianismo. Duas edições.
	novembro	36	7	7	100.000	Ano 50 Vida e Saúde
	dezembro	36	7	6	100.000	Ano 50 Vida e Saúde
MÉDIA ANUAL		36	6,27	6,9	110.909	
1989	janeiro	36	7	7	100.000	
	fevereiro	36	6	6	88.000	
	março	36	7	7	82.000	
	abril	36	8	4	80.000	
	maio	36	5	6	100.000	
	junho	36	6	5	80.000	
	julho	36	8	8	80.000	
	agosto	36	8	8	80.000	
	setembro	36	7	7	80.000	
	outubro	36	8	7	80.000	
	novembro	36	8	7	80.000	
	dezembro	36	6	7	100.000	
MÉDIA ANUAL		36	7	6,58	85.833	
1990	janeiro	36	6	9	110.000	Revista Mensal
	fevereiro	36	6	8	110.000	Revista Mensal
	março	36	7	8	110.000	Revista Mensal
	abril	36	7	5	110.000	Revista Mensal
	maio	36	8	7	110.000	Revista Mensal
	junho	36	7	5	110.000	Revista Mensal

	julho	36	7	7	100.000	Revista Mensal
	agosto	36	6	8	100.000	Revista Mensal
	setembro	36	7	8	100.000	Revista Mensal
	outubro	36	5	8	100.000	Revista Mensal
	novembro	36	7	8	100.000	Revista Mensal
	dezembro	36	7	6	100.000	Revista Mensal
MÉDIA ANUAL		36	6,66	7,25	105.000	
1991	janeiro	32	8	8	100.000	Revista Mensal
	fevereiro	32	8	5	100.000	Revista Mensal
	março	36	7	5	100.000	Revista Mensal
	abril	36	8	8	100.000	Revista Mensal
	maio	-	-	-	-	
	junho	36	7	7	100.000	Revista Mensal
	julho	36	6	8	100.000	Revista Mensal
	agosto	36	8	7	100.000	Revista Mensal
	setembro	32	7	8	100.000	Revista Mensal
	outubro	36	6	6	100.000	Revista Mensal
	novembro	36	7	9	85.000	Revista Mensal
	dezembro	36	7	7	85.000	Revista Mensal
MÉDIA ANUAL		34,91	7,18	7,09	97.273	
1992	janeiro	36	7	8	85.000	Revista Mensal
	fevereiro	36	7	8	82.000	Revista Mensal
	março	32	7	8	82.000	Revista Mensal
	abril	36	8	8	75.000	Revista Mensal
	maio	36	8	7	75.000	Revista Mensal
	junho	32	9	5	75.000	Revista Mensal
	julho	36	8	9	75.000	Revista Mensal
	agosto	36	10	7	65.000	Revista Mensal
	setembro	36	9	8	60.000	Revista Mensal
	outubro	36	9	5	60.000	Revista Mensal
	novembro	36	8	7	60.000	Revista Mensal
	dezembro	36	9	7	56.000	Revista Mensal
MÉDIA ANUAL		35,33	8,25	7,25	70.833	
1993	janeiro	36	9	6	56.000	Revista Mensal

	fevereiro	36	8	5	56.000	Revista Mensal
	março	36	9	7	56.000	Revista Mensal
	abril	36	9	8	56.000	Revista Mensal
	maio	36	10	8	56.000	Revista Mensal
	junho	36	9	5	56.000	Revista Mensal
	julho	36	9	6	56.000	Revista Mensal
	agosto	36	9	8	56.000	Revista Mensal
	setembro	36	9	8	56.000	Revista Mensal
	outubro	36	6	7	56.000	Revista Mensal
	novembro	36	8	7	56.000	Revista Mensal
	dezembro	36	8	8	56.000	Revista Mensal
	MÉDIA ANUAL	36	8,58	6,91	56.000	
1994	janeiro	36	8	8	56.000	Revista Mensal
	fevereiro	36	8	7	56.000	Revista Mensal
	março	36	8	8	56.000	Revista Mensal
	abril	36	8	9	65.000	Revista Mensal
	maio	36	8	9	65.000	Revista Mensal
	junho	36	7	9	56.000	Revista Mensal
	julho	36	8	9	56.000	Revista Mensal
	agosto	36	8	8	65.000	Revista Mensal
	setembro	36	8	9	65.000	Revista Mensal
	outubro	36	8	10	60.000	Revista Mensal
	novembro	36	8	11	60.000	Revista Mensal
	dezembro	36	8	11	60.000	Revista Mensal
	MÉDIA ANUAL	36	7,91	9	60.000	
1995	janeiro	36	9	9	60.000	Revista Mensal
	fevereiro	36	9	8	56.000	Revista Mensal
	março	36	9	9	56.000	Revista Mensal
	abril	36	9	9	70.000	Revista Mensal
	maio	36	8	9	56.000	Revista Mensal
	junho	36	9	11	70.000	Revista Mensal
	julho	36	9	9	70.000	Revista Mensal
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	36	9	10	82.000	Revista Mensal

	outubro	36	9	10	82.000	Revista Mensal
	novembro	36	9	10	82.000	Revista Mensal
	dezembro	36	10	9	82.000	Revista Mensal
MÉDIA ANUAL		36	9	9,36	69.636	
1996	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	36	9	10	80.000	Revista Mensal
	março	36	9	11	80.000	Revista Mensal
	abril	36	9	11	80.000	Revista Mensal
	maio	36	9	9	80.000	Revista Mensal
	junho	36	9	10	80.000	Revista Mensal
	julho	36	9	11	80.000	Revista Mensal
	agosto	36	9	9	65.000	Revista Mensal
	setembro	36	9	10	-	Revista Mensal
	outubro	36	9	11	68.000	Revista Mensal
	novembro	36	9	11	68.000	Revista Mensal
	dezembro	36	10	9	65.000	Revista Mensal
MÉDIA ANUAL		36	9,09	10,18	74.600	
1997	janeiro	36	9	8	68.000	A revista para quem quer viver bem
	fevereiro	36	9	8	68.000	Boas idéias para você viver bem
	março	36	9	9	68.000	Boas idéias para você viver bem
	abril	36	9	9	68.000	Boas idéias para você viver bem
	maio	36	9	9	68.000	Boas idéias para você viver bem
	junho	36	9	9	68.000	Boas idéias para você viver bem
	julho	36	9	8	68.000	Boas idéias para você viver bem
	agosto	36	8	9	68.000	Boas idéias para você viver bem
	setembro	36	9	8	68.000	Boas idéias para você viver bem
	outubro	36	9	8	68.000	Boas idéias para você viver bem
	novembro	36	9	8	53.000	Boas idéias para você viver bem
	dezembro	36	9	8	53.000	Boas idéias para você viver bem
MÉDIA ANUAL		36	8,91	8,41	65.500	
1998	janeiro	-	-	-	-	
	fevereiro	-	-	-	-	
	março	-	-	-	-	
	abril	-	-	-	-	

	maio	-	-	-	-	
	junho	-	-	-	-	
	julho	-	-	-	-	
	agosto	-	-	-	-	
	setembro	-	-	-	-	
	outubro	-	-	-	-	
	novembro	-	-	-	-	
	dezembro	-	-	-	-	
MÉDIA ANUAL		0	0	0	-	
1999	janeiro	36	9	7	50.000	Boas idéias para você viver bem
	fevereiro	36	9	7	50.000	Boas idéias para você viver bem
	março	36	9	8	50.000	Boas idéias para você viver bem
	abril	36	9	7	50.000	Boas idéias para você viver bem
	maio	36	10	7	50.000	Boas idéias para você viver bem
	junho	36	10	6	50.000	Boas idéias para você viver bem
	julho	36	10	6	35.000	Boas idéias para você viver bem
	agosto	36	10	7	50.000	Boas idéias para você viver bem
	setembro	36	11	5	35.000	Boas idéias para você viver bem
	outubro	36	11	5	35.000	Boas idéias para você viver bem
	novembro	36	11	5	35.000	Boas idéias para você viver bem
	dezembro	36	11	5	35.000	Boas idéias para você viver bem
MÉDIA ANUAL		36	10	6,25	43.750	
2000	janeiro	36	12	4	34.000	Boas idéias para você viver bem
	fevereiro	52	13	5	45.000	Boas idéias para você viver bem
	março	52	13	4	45.000	Boas idéias para você viver bem
	abril	52	13	5	65.000	Boas idéias para você viver bem
	maio	52	-	-	-	
	junho	52	-	-	-	
	julho	52	-	-	-	
	agosto	52	-	-	-	
	setembro	52	-	-	-	
	outubro	52	-	-	-	
	novembro	52	-	-	-	
	dezembro	52	13	6	65.000	Boas idéias para você viver bem

MÉDIA ANUAL	50,66	12,8	4,8	50.800	

Fonte: A autora (2024).

ANEXO III

Ficha de batismo:

*ATENÇÃO - Para evitar duplicidade, verifique no ACMS se o/a candidato/a é membro.

1ª via - Associação/Missão

		FICHA DE REGISTRO DE CANDIDATO	
PREENCHA A FICHA COM LETRA DE FORMA E NÃO DEIXE CAMPOS SEM RESPOSTA			
☐ Batismo		☐ Voto especial - Anexar a ficha de "Pedido de Batismo por Voto Especial" aprovado pela Comissão Diretiva do Campo local.	
☐ Rebatismo*		Foi consultada a igreja/grupo ou o pastor onde o/a candidato/a foi removido/a? ☐ S ☐ N Data da remoção:	
☐ Profissão de fé*		Motivo: _____ Igreja/grupo e localidade onde foi membro: _____	
Nomes (sem abreviações)		Sobrenomes (sem abreviações)	
Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino	Data de nascimento	Cidade, UF, país de nascimento	
Nome da mãe		Nome do pai	
Endereço residencial completo			
Bairro	Cidade, UF, país da residência		CEP
Telefone ()	E-mail		Doc. Identificação / Órgão Emissor / UF
Instrutor/a bíblico/a (preencher o nome completo de até dois instrutores bíblicos)		Estado civil ☐ Solteiro ☐ Divorciado ☐ Viúvo ☐ Casado ☐ Outro	
1. Como você conheceu a IASD? (marque só uma opção) ☐ Acampamento/retiro ☐ Internet ☐ ADRA ☐ Livros/literatura ☐ Amigos/conhecidos ☐ Missão Calebe ☐ Desbravadores/Avent ☐ Mutirão de Natal ☐ Educação Adventista ☐ Pequeno Grupo ☐ Escola Sabatina ☐ Quebrando o Silêncio ☐ Evangelismo público ☐ Rádio ☐ Família/parentes ☐ TV ☐ Instituição de saúde ☐ Outro		2. Como você estudou a Bíblia? (marque só uma opção) ☐ Classe Bíblica ASA ☐ Estudo Bíblico individual ☐ Classe Bíblica Calebe/Jovens ☐ Estudo Bíblico on-line ☐ Classe Bíblica da igreja ☐ Evangelismo público ☐ Classe Bíblica Desbr/Avent ☐ Ouvi sermões na igreja ☐ Classe Bíblica Educação ☐ Pequeno Grupo ☐ Classe Bíblica ES ☐ Estudei pouco a Bíblia ☐ Escola Bíblica Novo Tempo ☐ Não estudei a Bíblia ☐ Escola Cristã de Férias ☐ Outro	
		Data casamento civil: Religião anterior Qual foi o fator decisivo para você ser batizado/a? (marque só uma opção) ☐ Amigos ☐ Missão Calebe ☐ Convicção pessoal ☐ Pequeno Grupo ☐ Desbravadores/Avent ☐ Programa Reencontro ☐ Educação Adventista ☐ Rádio ☐ Escola Sabatina ☐ Semana de Oração ☐ Evangelismo público ☐ TV ☐ Família/parentes ☐ Outro ☐ Internet	
DECLARAÇÃO DE FÉ	☐ S ☐ N	1. Aceita a Bíblia toda como a inspirada Palavra de Deus?	☐ S ☐ N
	☐ S ☐ N	2. Aceita o ensino bíblico da trindade de que Deus é uma unidade de três pessoas coeternas: Pai, Filho e Espírito Santo?	☐ S ☐ N
	☐ S ☐ N	3. Aceita a morte de Jesus Cristo como o sacrifício que perdoa e apaga os pecados, e acredita que é salvo pela graça, mediante a fé?	☐ S ☐ N
	☐ S ☐ N	4. Aceita Jesus Cristo como o seu único Salvador pessoal e o Senhor da sua vida?	☐ S ☐ N
	☐ S ☐ N	5. Decide deixar tudo o que prejudica a sua saúde e a de outras pessoas, evitando o consumo de alimentos impróprios, o uso, a fabricação e a comercialização de bebidas alcoólicas, tabaco, café, drogas ilícitas, porque reconhece que o corpo é o templo do Espírito Santo?	☐ S ☐ N
	☐ S ☐ N	6. Aceita pôr em prática todas as crenças e princípios bíblicos fundamentais, incluindo a modestia cristã no vestir-se, no uso de adornos e na aparência pessoal, abstendo-se de frequentar lugares impróprios, assim como ensina a Igreja Adventista do Sétimo Dia?	☐ S ☐ N
		7. Aceita devolver fiel e voluntariamente o dízimo e a oferta, de acordo com o ensinamento bíblico?	☐ S ☐ N
		8. Decide obedecer a todos os mandamentos de Deus, inclusive o do sábado?	☐ S ☐ N
		9. Crê e aceita que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente dos últimos dias de acordo com a profecia bíblica, e deseja ser aceito como membro da congregação local da Igreja Adventista mundial?	☐ S ☐ N
		10. Aceita o ensinamento bíblico dos dons espirituais e crê que o dom de profecia manifestado no ministério de Ellen G. White é uma característica distintiva da igreja remanescente?	☐ S ☐ N
		11. Aceita o ensinamento bíblico do batismo por imersão e voluntariamente decide ser batizado?	☐ S ☐ N
		12. Aceita que Jesus Cristo é o seu intercessor no Santuário Celestial e que Ele lhe oferece Sua graça e Seu poder para viver uma vida centrada Nele?	☐ S ☐ N
		13. Aceita preparar-se como discípulo e se dispõe a disciplinar pessoas para a breve vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, participando ativamente da pregação do evangelho?	☐ S ☐ N
Quem disciplinarei: _____			
CREIO E ACEITO AS CRENÇAS FUNDAMENTAIS, NORMAS E PRINCÍPIOS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, INCLUSIVE A DISCIPLINA ECLESIASTICA, EXPRESSOS NO "MANUAL DA IGREJA", E DESEJO SER MEMBRO DESTA CONGREGAÇÃO LOCAL DA IGREJA ADVENTISTA MUNDIAL.			
COM A MINHA ASSINATURA DOU CONSENTIMENTO EXPRESSO PARA QUE A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA TRATE MEUS DADOS PESSOAIS DE ACORDO COM A LEI, ESPECIFICAMENTE NO CUMPRIMENTO DE SUAS FINALIDADES INSTITUCIONAIS. A POLÍTICA DE PRIVACIDADE ESTÁ PUBLICADA NO SITE: http://adv.st/privacidade			
Menor de 16 anos (até dos responsáveis, se necessário) Nome responsável: _____		Doc. Identificação / Órgão Emissor / UF: _____	
Assinatura responsável: _____		Assinatura candidato/a: _____	

Preencher a parte abaixo depois de o/a candidato/a ter sido recebido/a como membro pela igreja/grupo organizado. Esta ficha só será válida com as três assinaturas: candidato/a, pastor oficiante e secretário/a da igreja/grupo organizado onde será membro.

CERIMÔNIA	Data da cerimônia	Local, cidade/UF da cerimônia	
	Nome completo do pastor oficiante		
			Assinatura pastor oficiante
	Nome da igreja/grupo que o/a recebeu como membro	Cidade/UF da igreja/grupo organizado	
	Data e voto da Reunião Regular/Administrativa	Nome secretário/a da igreja/grupo organizado	
	Data: _____ Voto: _____		Assinatura secretário/a da igreja/grupo organizado

Esta via deve ser destruída pela Secretaria do Campo ao finalizar o ano corrente, confirmando primeiro se os dados do membro e a cópia desta ficha digitalizada da foram inseridos corretamente no ACMS.